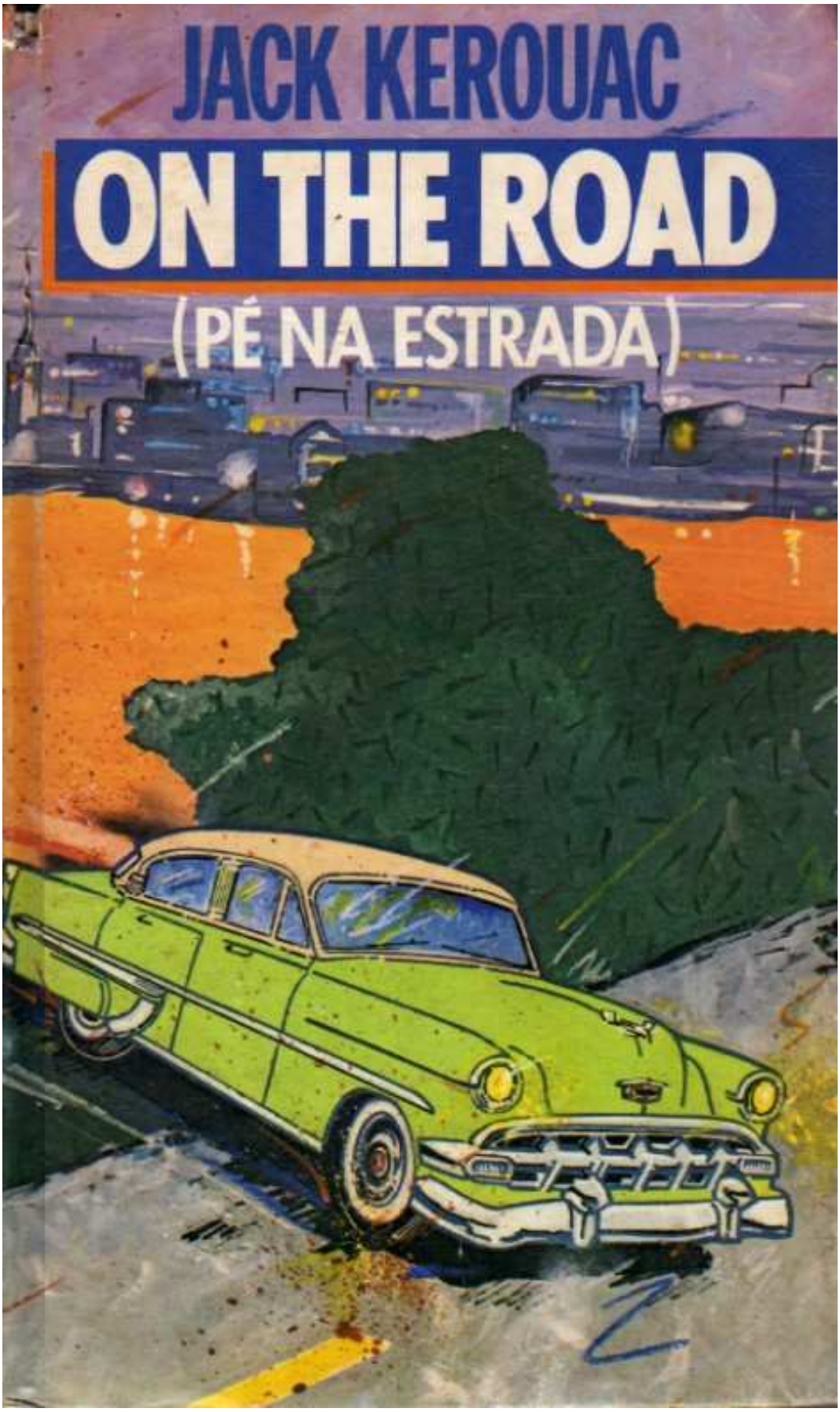
JACK KEROUAC

ON THE ROAD

(PÉ NA ESTRADA)



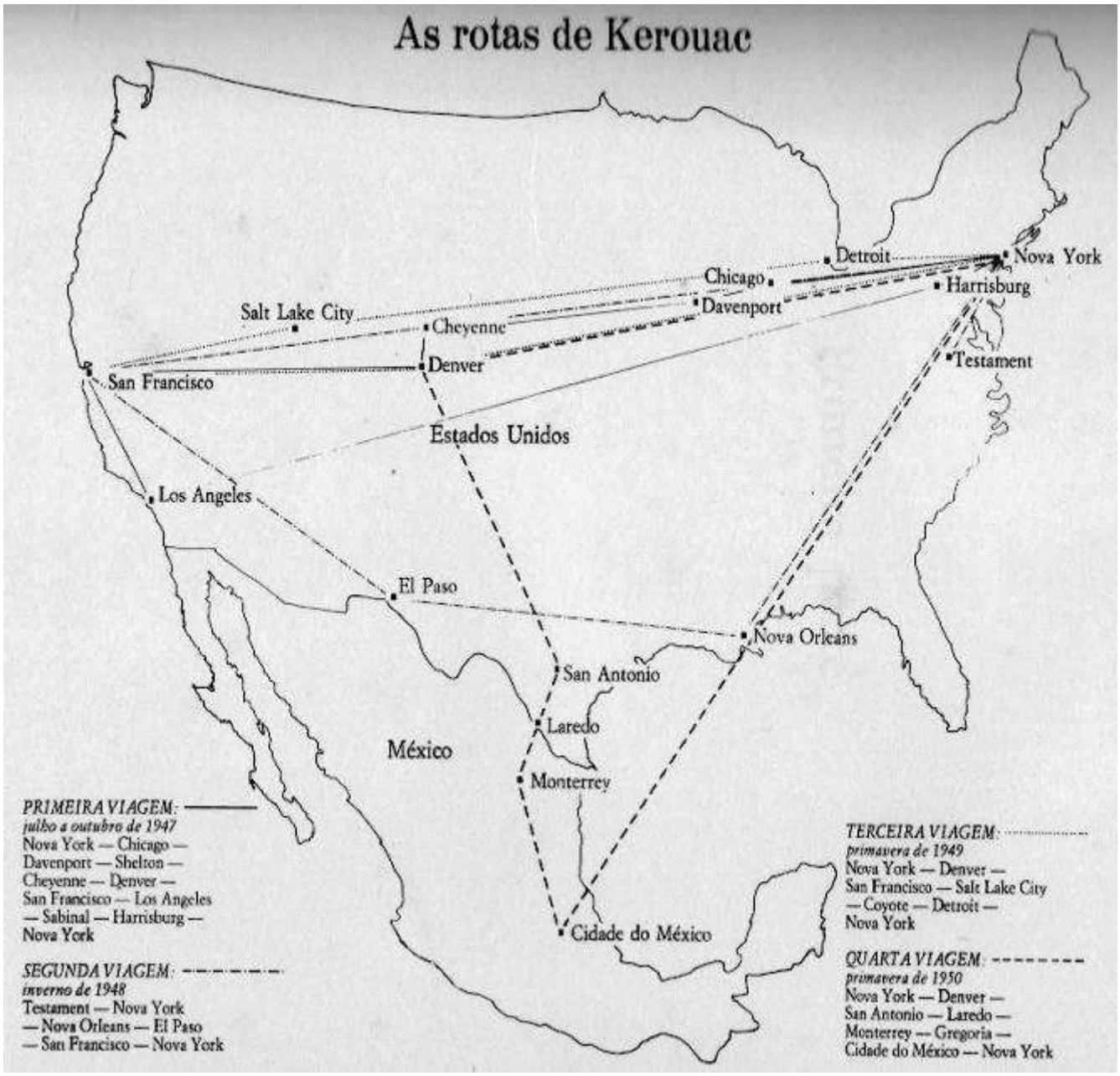
On The Road
Pé na Estrada

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource

Jack Kerouac

On The Road
Pé na Estrada

CÍRCULO DO LIVRO



Primeira Parte

1

Encontrei Dean pela primeira vez pouco depois que minha mulher e eu nos separamos. Eu tinha acabado de me livrar de uma doença séria, da qual nem vale a pena falar, exceto que teve algo a ver com a maldita separação e com o meu sentimento de que tudo estava morto. Com a vinda de Dean Moriarty começa a parte de minha vida que pode ser chamada de vida na estrada. Antes disso, eu tinha sonhado muitas vezes em ir para o oeste conhecer o país, mas eram apenas planos vagos, e eu nunca partia de verdade. Dean é o cara perfeito para a estrada, simplesmente porque nasceu na estrada quando seus pais estavam passando por Salt Lake City em 1926, a caminho de Los Angeles, num calhambeque caindo aos pedaços. As primeiras notícias sobre ele chegaram através de Chad King, que havia me mostrado algumas de suas cartas escritas num reformatório do Novo México. Fiquei ligadíssimo nas cartas, por causa do jeito ingênuo e singelo com que elas pediam a Chad para lhe ensinar tudo sobre Nietzsche e todos os demais assuntos filosóficos que Chad conhecia. Certa vez Carlo e eu falamos a respeito das cartas e nos perguntamos se iríamos algum dia conhecer o estranho Dean Moriarty. Tudo isso foi há muito tempo, quando Dean não era do jeito que ele é hoje — quando era um delinqüente juvenil envolto em mistério. De repente, ficamos sabendo que Dean tinha se mandado do reformatório e estava vindo para Nova York; soubemos também que ele tinha acabado de casar com uma garota chamada Marylou.

Um dia, eu vagabundeava pelo campus, quando Chad e Tim Gray me disseram que Dean estava hospedado numa daquelas espeluncas sem água quente no East Harlem, o Harlem espanhol. Tinha chegado a Nova York pela primeira vez na noite anterior, com sua gostosa gata, a linda Marylou; eles saltaram do ônibus Greyhound na 50th Street, dobraram a esquina procurando um lugar onde comer e deram de cara com a Hector’s — e desde então a cafeteria Hector’s se transformou num grande símbolo de Nova York para Dean. Eles gastaram seu dinheiro em bombas de creme e em bolos cristalizados enormes e deliciosos. O tempo inteiro Dean estava dizendo para Marylou coisas do tipo: — Agora,

garota, aqui estamos nós em Nova York, e mesmo que eu não tenha contado tudo o que passava pela minha cabeça quando a gente atravessou Missouri, principalmente na hora em que passamos pelo reformatório de Booneville, que me lembrou do meu problema na prisão, temos mais é que esquecer todos os detalhes ainda obscuros da nossa transa e, de uma vez por todas, começar a pensar em planos específicos de trabalho... —, e assim por diante, do jeito que ele falava naquele tempo.

Fui à tal espelunca com a rapaziada, e Dean abriu a porta de cueca. Marylou estava saltando do sofá, Dean tinha expulsado o ocupante do apartamento para a cozinha, provavelmente para que fizesse café, enquanto ele continuava se dedicando a questões amorosas, já que, para ele, o sexo era a primeira e única coisa sagrada e realmente importante na vida, ainda que, para sobreviver, ele tivesse que suar, blasfemar e tudo o mais. Dava para sacar isso na maneira com que ele parava balançando a cabeça, sempre olhando para baixo, assentindo como um boxeador novato que recebe instruções, para fazer você pensar que ele estava escutando cada palavra, cuspindo milhões de “sims” e “claros” o tempo inteiro. A primeira impressão que tive de Dean foi a de um Gene Autry mais moço — maneiro, esguio, olhos azuis, com um sotaque típico de Oklahoma —, um herói de suíças do lado nevado do oeste. Na verdade ele andara trabalhando num rancho, o de Ed Hall, no Colorado, antes de casar com Marylou e se mandar para o leste. Marylou era uma loira linda, com imensos cabelos encaracolados num mar de trancas douradas. E ela ficava ali sentada, na beira do sofá, com as mãos apoiadas sobre as coxas e seus olhos caipiras azul-esfumaçados fixos numa expressão assustada porque, no fim das contas, ali estava ela, num cinzento e diabólico apartamento de Nova York, justamente como ouvira falar lá no oeste, e apenas aguardava, longilínea e magricela como uma daquelas mulheres surrealistas das pinturas de Modigliani num quarto sem graça. Só que, além de gostosa, era profundamente estúpida, e capaz de fazer coisas horríveis. Aquela noite todos nós bebemos cerveja e jogamos braço-de-ferro e conversamos até o amanhecer e, de manhã, enquanto fumávamos baganas dos cinzeiros na luz cinzenta de um dia nublado, Dean se levantou nervosamente,

caminhou em círculos, compenetrado, e decidiu que a melhor coisa a fazer era mandar Marylou preparar o café e varrer o chão: — É o seguinte, garota: temos que ir ao que interessa, porque, no que vacilou, a gente fica flutuando e nossos planos jamais se concretizarão. — Aí, eu caí fora.

Durante a semana seguinte, Dean tentou persuadir Chad King, insistindo para que ele o ensinasse a escrever de qualquer jeito. Chad disse que eu era escritor, e que ele deveria me procurar se quisesse algum conselho. Nesse meio tempo, já havia arranjado um emprego num estacionamento, brigou com Marylou num apartamento em Hoboken — só Deus sabe como foram parar lá — , e ela ficou tão furiosa e tão profundamente vingativa que o denunciou à polícia, inventando uma acusação completamente falsa, confusa e histérica — e Dean teve que se mandar de Hoboken. Portanto, já não tinha onde viver. Foi direto a Paterson, Nova Jersey, onde eu estava morando com minha tia, e certa noite, enquanto eu estudava, ouvi uma batida na porta, e lá estava Dean, curvando-se cerimoniosamente, balançando a cabeça no *hall* escuro e dizendo: — Alô! Tá se lembrando de mim — Dean Moriarty? Vim pedir-lhe que me ensine a escrever.

— E onde anda Marylou? — perguntei, e Dean disse que ela aparentemente tinha juntado uns poucos dólares e se mandara para Denver — "a piranha!" E então saímos para tomar umas cervejas, já que não podíamos conversar como queríamos na frente de minha tia, que estava sentada na sala lendo seu jornal. Ela deu uma única olhada para Dean, e concluiu que ele era doido.

No bar eu disse: — Porra, cara, sei muito bem que você não me procurou porque quer virar escritor, e, afinal de contas, o que posso dizer sobre isso, a não ser que você tem que mergulhar nessa história com a mesma energia com que um viciado se droga? — E ele disse: — Sim, é claro, entendo exatamente o que você quer dizer, e também já tinha pensado nesses problemas, mas o caso é que eu realmente quero concretizar todos os meus anseios, só que, como qualquer outra realização íntima, eles parecem depender, de alguma forma, da dicotomia de Schopenhauer que, por sua vez... — e assim por diante, dessa maneira tão ininteligível para mim quanto para ele. Naqueles dias, ele realmente não sabia o

que estava falando; para dizer a verdade, era apenas um jovem marginal deslumbrado com a maravilhosa possibilidade de se tornar um verdadeiro intelectual, e gostava de falar com sonoridade, usando, de modo confuso, as palavras que ouvira da boca de “verdadeiros intelectuais”; mas, de qualquer maneira, ele não era tão ingênuo assim, sabe como é? Precisou de apenas alguns meses junto com Carlo Marx para ficar completamente *por dentro* da gíria e de todos os demais baratos. Mas nós transávamos em outros níveis de loucura, e concordei que ele ficasse na minha casa até arranjar um emprego, e mais tarde combinamos que algum dia iríamos juntos para o oeste. Era no inverno de 1947.

Certa noite, quando Dean jantava na minha casa — já estava trabalhando num estacionamento em Nova York —, ele se inclinou sobre meus ombros enquanto eu datilografava loucamente e disse: — Vamos lá, cara, as garotas não vão esperar. Vamos, rápido.

Eu disse: — Calma, homem, a gente cai fora assim que eu terminar este capítulo —, e esse foi um dos melhores capítulos do livro. Então me vesti e fomos direto para Nova York encontrar umas garotas.

Enquanto o ônibus rodava pelo insólito vazio fosforescente do túnel Lincoln, íamos encostados um no outro, gritando e gesticulando e falando com enorme excitação — e eu comecei a ficar contagiado pela louca energia de Dean. Ele simplesmente era um garotão apaixonado pela vida, e, mesmo sendo um vigarista, trapaceava só porque tinha uma vontade enorme de viver e se envolver com pessoas que, de outra forma, não lhe dariam a mínima atenção.

Ele estava me enrolando e eu sabia (casa, comida, roupa lavada, “como escrever”, etc.) e ele sabia que eu sabia (essa, na verdade, seria a base do nosso relacionamento), mas eu não me importava, e nós seguíamos juntos numa boa — sem carências, sem aborrecimentos, andávamos saltitantes um em volta do outro, como novos amigos apaixonados. Comecei a aprender com ele, tanto quanto ele provavelmente aprendeu comigo. Quanto ao meu trabalho, ele dizia: — Vá em frente, pois tudo o que você faz é bom demais. — En quanto eu redigia minhas histórias, ele observava por cima de meus ombros e berrava: — Uau, cara, tanta coisa a fazer tanta coisa a escrever! Como ao menos *começar* a pôr tudo isso no

papel, sem desvios repressivos, sem tantos grilos, essas inibições literárias e temores gramaticais...?

— É isso aí, homem, assim é que se fala. — E eu podia perceber uma espécie de iluminação sagrada que emanava de sua inspiração e de suas visões, que ele descrevia torrencialmente, a ponto de as pessoas nos ônibus se virarem para ver quem era aquele maluco. No oeste, ele tinha passado um terço de sua vida nas mesas de bilhar, um terço na cadeia e um terço na biblioteca pública. Fora visto correndo com ansiedade por ruas geladas, com a cabeça descoberta, carregando livros em direção ao bilhar ou trepando em árvores para penetrar nos sótãos de seus camaradas, onde passava os dias lendo ou se escondendo da polícia. Fomos a Nova York — os detalhes, já esqueci, eram duas garotas negras —, mas não havia garotas lá; tínhamos marcado um encontro para jantar e elas não apareceram. Fomos até o estacionamento onde Dean tinha algumas coisas a fazer — mudar de roupa no barraco dos fundos e se ajeitar um pouco em frente a um espelho rachado, coisas assim, e logo caímos fora. E foi nessa noite que Dean conheceu Carlo Marx. Algo verdadeiramente extraordinário aconteceu quando Dean conheceu Carlo Marx. Duas cabeças iluminadas como eram, eles se ligaram no primeiro olhar. Um par luminoso de olhos penetrantes relampejou ao cruzar com dois outros olhos penetrantes e luminosos — o santo trapaceiro de cuca brilhante, e o angustiado poeta vagabundo com idéias sombrias, que é Carlo Marx. Daquele momento em diante quase não vi mais Dean, e fiquei um pouco triste também. As energias deles se fundiram com uma precisão exata, e eu era somente uma cópia malfeita, incapaz de acompanhar o ritmo deles. Começou então o louco redemoinho de tudo o que ainda estava por vir; este redemoinho acabaria misturando meus amigos e o pouco que restava da família numa gigantesca nuvem de poeira sobre a Noite Americana. Carlo falava a Dean sobre o velho Buli Lee, Elmer Hassel e Jane: Lee, que plantava maconha no Texas, Hassel na ilha de Riker, Jane, que vagara pelo Times Square em plena viagem de benzedrina, com sua menininha nos braços, e acabara em Bellevue. E Dean falou para Carlo sobre desconhecidos do oeste como Tommy Snark, o craque manco das mesas de bilhar, viciado no baralho e veado abençoado. Falou também sobre

Roy Johnson, Big Ed Dunkel, seus amigos de infância, seus companheiros de rua, suas inumeráveis garotas e orgias e fotos pornográficas, seus heróis, heroínas, aventuras. Eles percorriam as ruas juntos, sacando tudo com aquele jeito que tinham nesses primeiros anos, e que mais tarde se tornaria mais amargurado, penetrante e vazio. Mas, nessa época, eles dançavam pelas ruas como piões frenéticos, e eu me arrastava na mesma direção como tenho feito toda a minha vida, sempre rastejando atrás de pessoas que me interessam, porque, para mim, pessoas mesmo são os loucos, os que estão loucos para viver, loucos para falar, loucos para serem salvos, que querem tudo ao mesmo tempo, aqueles que nunca bocejam e jamais dizem coisas comuns, mas queimam, queimam, queimam como fabulosos fogos de artifício, explodindo como constelações em cujo centro fervilhante — *pop* — pode-se ver um brilho azul e intenso até que todos "aaaaaaah!" Como é mesmo que eles chamavam esses garotos na Alemanha de Goethe? Desejando ardorosamente aprender a escrever tão bem quanto Carlo, Dean, como é fácil imaginar, começou a envolvê-lo com aquela alma insinuante e amorosa que só mesmo um verdadeiro vagabundo poderia ter. — Carlo, agora deixe que *eu* fale — o que *eu* tenho a dizer é o seguinte... — Não os vi por umas duas semanas, durante as quais eles selaram sua amizade numa proporção tão intensa quanto seu diálogo delirante de todos os instantes.

Chegou então a primavera, época ideal para cair na estrada, e todos, naquele bando disperso, começaram a preparar-se para algum tipo de viagem. Eu estava ocupadíssimo com minha novela, mas quando ela já estava pela metade, depois de uma viagem ao sul com minha tia para visitar meu irmão Rocco, senti que estava pronto para tomar o rumo do oeste pela primeiríssima vez na vida.

Dean já tinha caído fora. Carlo e eu fomos levá-lo à estação de Greyhound, na 34th Street. No andar superior, havia um lugar onde se podiam tirar fotos baratas. Carlo, sem os óculos, lançou um olhar sinistro para a câmera. Dean posou de perfil e olhou para o lado com um ar acanhado. Tirei uma foto frontal, que me fez ficar parecido com um italiano de trinta anos, capaz de matar qualquer um que falasse mal de sua mãe. Essa foto, Carlo e Dean cortaram-na

cuidadosamente ao meio, usando uma lâmina de barbear, e cada um guardou a metade em sua carteira. Para sua grande viagem de volta a Denver, Dean decidiu vestir um terno careta, típico do oeste; estava encerrada sua primeira tentativa de golpe em Nova York. Digo tentativa porque, na verdade, ele trabalhou como um cão naquele estacionamento. O mais fantástico garagista do mundo, ele é capaz de dar marcha a ré a sessenta quilômetros por hora num corredor exíguo e estreito, parar rente à parede, saltar do carro, correr entre os pára-choques, pular para dentro de outro, manobrá-lo a oitenta quilômetros por hora num espaço minúsculo, bater a porta com tanta força que o carro ainda balança, enquanto ele sai voando em direção à cabina de controle como um atleta na pista, alcança um novo *ticket* para um recém-chegado, e, enquanto o motorista ainda está saindo do carro, pula literalmente sobre ele, liga o motor com a porta entreaberta, e sai cantando os pneus em direção ao lugar disponível mais próximo, manobra outra vez, trava bruscamente, salta fora, inicia nova corrida entre os pára-choques, trabalhando assim oito horas por noite sem parar, no *rush* dos fins de tarde ou nas horas de pique na saída dos teatros, vestindo calças velhas, sujas de graxa, uma jaqueta rota, forrada de pele, e sapatos gastos, com a sola descosturada. Mas agora, para a viagem de volta, ele comprou um terno novo, azul com listras rajadas, com colete e tudo — apenas onze dólares na Third Avenue, e ainda um relógio e uma corrente de relógio, e uma máquina de escrever portátil com a qual pretendia começar a escrever numa pensão qualquer de Denver, assim que arranjasse um emprego por lá. Fizemos uma refeição de despedida, feijão com salsichas no Riker's da Seventh Avenue, e logo depois Dean partiu no ônibus em cujo letreiro se lia "Chicago", e rodou através da escuridão. Lá se ia o cara que tinha mexido com nossas cabeças. Prometi partir na mesma direção, assim que a primavera desabrochasse e os campos se cobrissem de flores. E foi exatamente assim que minha experiência na estrada realmente começou, e as coisas que estavam por vir são fantásticas demais para que eu as omita.

Sim, eu queria conhecer Dean mais intimamente, não apenas porque eu era um escritor e precisava de novas experiências, ou porque minha vida de vagabundagem pelo campus tinha completado seu ciclo e já não significava mais

nada, mas porque, de alguma forma, apesar de nossa profunda diferença de caráter, ele me fazia lembrar um irmão há muito esquecido; a simples visão de seu rosto ossudo e sofrido, de seu pescoço forte, musculoso e suado, evocava recordações da minha infância, naqueles depósitos de lixo sombrios e nas margens e poças do rio Passaic, em Paterson. Suas roupas de trabalho imundas assentavam nele tão graciosamente, que mesmo num alfaiate da moda seria impossível conseguir traje melhor — era só tomá-lo emprestado ao Alfaiate Orgânico da Felicidade Natural, como fazia Dean acintosamente. Em sua maneira vibrante de falar, eu podia escutar novamente as vozes de velhos amigos e irmãos reunidos sob as pontes, ao redor das motocicletas, entre os varais da vizinhança, nos sonolentos degraus de fim de tarde, quando garotos tocavam violão, enquanto seus irmãos mais velhos trabalhavam nos moinhos. Todos os meus outros amigos íntimos eram "intelectuais" — Chad, o antropólogo nietzschiano, Carlo Marx, com seus olhos arregalados e sua pesarosa conversa surrealista em voz baixa, Old Buli Lee, e sua crítica cáustica, corrosiva e arrastada contra tudo e contra todos —, ou então eram criminosos foragidos, como Helmer Hassel, com aquele sarcasmo esmagador, que se repetia em Jane Lee, atirada em seu sofá oriental e desprezando solenemente o *New York.* Mas a inteligência de Dean era muito mais brilhante, formal e completa, sem nada dessa intelectualidade tediosa. E sua "criminalidade" não era algo desprezível ou enfadonho, mas uma vibrante explosão de alegria americana, era o oeste, o vento do oeste, um cântico às planícies, algo novo, há muito profetizado, vindo de longe (ele só roubava carros para passeios festivos). Além disso, todos os meus amigos nova-yorkinos estavam numa fase ruim, envoltos nesse pesadelo sem nexo que é combater o sistema o tempo inteiro citando suas enfadonhas razões literárias, psicanalíticas ou políticas, enquanto Dean se limitava a viver nessa mesma sociedade, faminto de pão e amor; de qualquer maneira, ele estava cagando para tudo isso, "desde que eu descole uma gata mansa e linda com aquele lugar delicioso entre as pernas, homem", ou "contanto que eu arranje o que comer, malandro, percebe? Tou com *fome*, tou *morrendo* de fome, vamos

comer, agora, *já!”* —, e lá íamos nós *comer*, no primeiro lugar que surgisse, como diz o Eclesiastes: “Eis aqui teu lugar ao sol”.

Um parente do sol do oeste, Dean. Embora minha tia me avisasse que ele fatalmente me traria problemas, eu podia ouvir um novo chamado e vislumbrava um horizonte mais amplo, no qual acreditava com todo o fervor de minha juventude, e não seriam pequenos contratempos, ou mesmo a posterior rejeição de Dean, que mais tarde me abandonaria em sarjetas famintas e camas enfermas, o que me impediria de partir. Afinal, o que me importava? Eu era um jovem escritor, e tudo o que queria era cair fora.

Em algum lugar ao longo da estrada, eu sabia que haveria garotas, visões e muito mais; na estrada, em algum lugar, a pérola me seria ofertada.

2

Em julho de 1947, depois de economizar cinqüenta dólares de meu velho seguro de veterano, eu estava pronto para ir à costa oeste. Meu amigo Remi Boncoeur havia escrito uma carta de San Francisco, dizendo que eu deveria ir para embarcar com ele num navio que daria a volta ao mundo. Ele jurava que conseguiria me arranjar um emprego na casa de máquinas. Respondi-lhe que já estaria satisfeito com qualquer velho cargueiro, contanto que pudesse curtir um longo cruzeiro pelo Pacífico e voltasse com grana suficiente para me sustentar na casa de minha tia enquanto terminasse meu livro. Ele falou que possuía uma cabana em Mill City, e que lá eu teria todo o tempo do mundo par a. escrever, enquanto a gente aguardasse a encheção de saco burocrática de antes da viagem. Ele estava vivendo com uma garota chamada Lee Ann; disse que ela era uma cozinheira maravilhosa, e que tudo iria dar certo. Remi era um velho colega de escola preparatória, um francês criado em Paris, e era realmente muito louco — nessa época, eu não imaginava até que ponto! Portanto, ele aguardava minha chegada para dentro de dez dias. Minha tia estava inteiramente de acordo com minha viagem para o oeste; ela achava que isso me faria bem, eu havia

trabalhado duro durante o inverno, e ficara demais dentro de casa; ela não reclamou nem mesmo quando eu lhe disse que teria que pegar carona. Tudo o que ela esperava era que eu voltasse inteiro. E assim, certa manhã, deixando meu grosso manuscrito incompleto sobre a escrivaninha, e dobrando pela última vez meus confortáveis lençóis caseiros, parti com meu saco de viagem, no qual poucas coisas fundamentais haviam sido arrumadas, caindo fora em direção ao oceano Pacífico com cinqüenta dólares no bolso.

Eu divagara muito tempo olhando para mapas dos Estados Unidos durante meses, em Paterson, e até lera livros sobre os pioneiros, e esses nomes instigantes como Platte e Cimarron e tudo o mais, e, no mapa rodoviário, havia uma longa linha vermelha chamada Rota 6, que conduzia da ponta do cabo Cod direto a Ely, em Nevada, e daí mergulhava em direção a Los Angeles. Simplesmente vou ficar na 6 o tempo inteiro até chegar a Ely, disse a mim mesmo, e confiantemente dei no pé. Para pegar a Rota 6, eu deveria subir até Bear Mountain. Sonhando com as curtições de Chicago, Denver e finalmente de San Fran, peguei o metrô da Seventh Avenue até o fim da linha, na 242nd Street, e lá tomei o tróleibus para Yonkers; do centro de Yonkers, um novo tróleibus me conduziu até os limites da cidade, na margem leste do rio Hudson. Se você jogar uma rosa na misteriosa nascente do rio Hudson, em Adirondacks, imagine todos os lugares pelos quais ela viajará, antes de desaparecer no mar para sempre — pense no sublime vale do Hudson! Meu polegar apontava montanha acima. Cinco caronas esparsas me conduziram à ambicionada ponta de Bear Mountain, onde a Rota 6 penetra em curva, depois de deixar a Nova Inglaterra. Começou a chover torrencialmente assim que fui deixado ali. Era uma zona montanhosa. Depois de cruzar o rio, a Rota 6 fazia um enorme retorno e desaparecia na imensidão. Não só não havia tráfego, como também chovia a cântaros, e eu não tinha onde me abrigar. Tive que correr para debaixo de alguns pinheiros, o que não chegou a ser uma idéia genial; comecei a chorar, praguejar e esmurrar minha própria cabeça por ser tão estúpido. Estava a uns sessenta quilômetros ao norte de Nova York, e, durante todo o caminho, preocupava-me o fato de, naquele meu primeiro grande dia, estar avançando apenas para o norte, ao invés de seguir para o oeste dos meus

sonhos. Agora, ali estava eu, encalhado justamente no limite mais setentrional daquela viagem obsessiva. Corri uns quinhentos metros até um posto de gasolina abandonado, construído num elegante estilo inglês, e parei sob um telhado gotejante. Muito acima de minha cabeça, a hirsuta e imponente Bear Mountain enviava trovões que gelavam minha alma. Tudo o que eu podia distinguir eram árvores nebulosas e a sombria vastidão que se elevava aos céus. — Que porra estou fazendo aqui em cima? — xinguei, implorando por Chicago. — Justamente agora eles estão numa boa, curtindo os maiores baratos, e eu não estou lá, quando vou chegar? — essas coisas. Milagrosamente, um carro parou no posto abandonado; o homem e as duas mulheres que estavam dentro queriam consultar um mapa. Aproximei-me no ato e gesticulei na chuva; eles se questionaram; claro que eu parecia um maníaco, com meu cabelo todo molhado e os sapatos encharcados. Meus sapatos, que perfeito idiota sou eu, eram sandálias mexicanas de corda trançada, absolutamente impróprias para a cruel noite chuvosa da América, para a noite voraz da estrada. Eles me deixaram entrar e me levaram *de volta* para Newburgh, o que aceitei como uma alternativa melhor do que ficar detido a noite inteira na desolada Bear Mountain. — Além disso — disse o homem —, praticamente não há tráfego pela 6. Se você realmente quer ir para Chicago, seria melhor pegar o Túnel Holland em Nova York, e seguir em direção a Pittsburgh — e eu sabia que ele estava certo. Era meu sonho que ia por água abaixo, a idéia idiota de que seria simplesmente maravilhoso seguir uma única e grande linha vermelha através da América, ao invés de tentar várias estradas e rotas.

Em Newburgh tinha parado de chover. Caminhei até o rio, e tive que voltar para Nova York num ônibus junto com uma delegação de professores primários que retornavam de um fim de semana nas montanhas — lereré, lereré, blá, blá, blá, e eu simplesmente puto comigo mesmo, lamentando todo o dinheiro que tinha gasto, e louco para pegar o rumo oeste, o que, na verdade, tinha tentado fazer durante o dia e a noite inteiros, viajando para cima e para baixo, para o norte e para o sul, como algo que não consegue dar a partida. Jurei que no dia seguinte estaria em Chicago, e tive certeza absoluta disso, tanto que decidi pegar

um ônibus até lá, mesmo que isso significasse gastar quase todo o meu dinheiro, mas não queria nem saber, contanto que estivesse em Chicago no dia seguinte.

3

Foi uma viagem ordinária, com bebês chorões e sol escaldante, e caipiras que embarcavam cada vez que o ônibus parava em tudo quanto é cidade da Pensilvânia, até que atingimos as planícies de Ohio, e então realmente as rodas rodaram, direto até Ashtabula e rasgando Indiana noite adentro. Minha chegada a Chicago ocorreu pouco depois da aurora, arranjei um quarto na ACM e caí na cama com uns poucos trocados no bolso. Curti Chi depois de um reconfortante dia de sono.

O vento que vinha do lago Michigan, *bop-jazz* no Loop, longas caminhadas ao redor de South Halsted e North Clark e, na madrugada silenciosa, uma longa jornada pela selva de pedra, quando uma radiopatrulha me seguiu como suspeito. Nessa época, 1947, o *bop* enlouquecia a América. Os rapazes no Loop seguiam soprando, mas com um ar melancólico, porque o *bop* atravessava um momento indeciso entre o período ornitológico de Charlie Parker e a nova era, que começou com Miles Davis. E, enquanto eu ouvia aquele som noturno que o *bop* representava para todos nós, pensei nos meus amigos espalhados de um canto a outro da nação, e em como todos eles viviam frenéticos e velozes, dentro dos limites de um único e imenso quintal. Na tarde seguinte, segui para o oeste pela primeira vez em minha vida. Era um lindo dia ensolarado, perfeito para cair na estrada. Fugindo da impossível complexidade do tráfego de Chicago, peguei um ônibus até Joliet, Illinois, tangenciei a penitenciária de Joliet, escapei em direção à periferia da cidade depois de uma caminhada por suas minúsculas ruas frondosas, e deixei que meu dedo apontasse o caminho. De ônibus — todo o percurso de Nova York até Joliet, e eu tinha gasto mais da metade de minha grana.

A primeira carona foi num caminhão carregado de dinamite, com bandeira vermelha e tudo, uns cinqüenta quilômetros pela esverdeada amplitude do Illinois, sendo que o caminhoneiro apontou o lugar onde a Rota 6, onde a gente estava, se juntava com a Rota 66, antes de ambas mergulharem nas inacreditáveis distâncias do oeste. Por volta das três da tarde, depois de uma torta de maçã e um sorvete num bar de beira de estrada, uma mulher parou seu pequeno cupê para mim. Corri atrás do carro num arrepio de intensa satisfação. Mas era apenas uma mulher de meia-idade, que até podia ser minha mãe, e tudo o que queria era alguém para ajudá-la a dirigir até Iowa. Iowa! Que jóia! Não ficava muito longe de Denver, e assim que eu chegasse a Denver poderia descansar. Ela dirigiu as primeiras e poucas horas, chegando a parar sei lá onde, para visitarmos uma velha igreja qualquer como se fôssemos turistas, e só depois peguei a direção; mesmo não sendo um grande motorista, dirigi numa ótima, cruzando o restante do Illinois até Davenport, Iowa, via Rock Island. E foi então que vislumbrei pela primeira vez meu querido rio Mississipi, raso sob a bruma do verão, quase seco, exalando o odor de sua fertilidade, que cheira como o próprio corpo vivo da América, lavada por ele. Rock Island, trilhos de trem, barracos, o insignificante centro da cidade e, do outro lado da ponte, Davenport, o mesmo clima, o mesmo cheiro de serragem sob o sol abafado do meio-oeste. E então a mulher teve que seguir por- outra estrada até sua cidade natal em Iowa, e eu saltei fora.

O sol se punha, eu andava, tinha bebido umas cervejas geladas, ia em direção aos arrabaldes da cidade, foi uma longa caminhada. Os homens voltavam do trabalho para casa, usavam chapéus de ferroviários, chapéus de beisebol, todos os tipos de chapéus, como depois do expediente em qualquer cidade de qualquer lugar. Um deles me deu uma carona até o topo de uma colina, e me deixou numa vasta encruzilhada, isolada na beira da pradaria. Que lugar esplêndido! Os únicos carros que passavam eram carros de fazendeiros, eles me lançavam olhares desconfiados e zuniam no descampado, o gado ia para casa. Nem ao menos um caminhão. Somente uns poucos carros, sibilantes. Um garotão passou com sua caranga envenenada e o cachecol esvoaçante. O sol se pôs completamente, e eu estava lá, de pé, envolto pelas sombras púrpura. Fiquei

realmente com medo. Não havia uma única luz nos campos de Iowa, em um minuto eu não seria visto por mais ninguém. Felizmente, um sujeito que voltava a Davenport me deu uma carona até o centro da cidade. Só que ali estava eu, de volta ao ponto de partida.

Fui sentar na rodoviária e refletir sobre minha situação. Devorei outra torta de maçã e mais um sorvete — na verdade, esses foram praticamente os únicos alimentos que comi em minha viagem através do país, embora sejam deliciosos, além de nutritivos, é claro. Decidi arriscar. Peguei um ônibus no centro de Davenport, depois de passar meia hora paquerando a garçonete no bar da rodoviária, e retornei aos limites da cidade, mas dessa vez para a proximidade dos postos de gasolina. Ali, os grandes caminhões roncavam, *vrumm*, e em dois minutos um deles parou aos solavancos para me apanhar. Corri, exultante. E que caminhoneiro, homem! Um motorista enorme, maciço e robusto, com olhos esbugalhados e uma voz rouca e arranhada, daqueles que batem a porta com violência e pisam fundo, fazendo a máquina rodar sem dar a menor bola para mim. E, assim, pude descansar meu espírito fatigado, já que um dos maiores tormentos de se viajar de carona é ter de falar com incontáveis pessoas, distraí-las até que elas percebam que não cometeram um erro ao apanhar você, e isso resulta num esforço enorme, se o percurso é longo e você não está a fim de dormir em hotéis. O cara simplesmente berrava, mais alto do que o ronco do motor, e tudo o que eu tinha a fazer era gritar uma resposta, e assim relaxamos. Ele deixou aquele monstrengo rolar até Iowa City sem esforço aparente, sempre berrando histórias engraçadíssimas, contando como burlava a lei em cada cidade que possuía limites de velocidade estritos, repetindo milhares de vezes: “Esses porcos de merda nunca conseguiram me estrepar”. Quando rodávamos pelas proximidades de Iowa City, ele ligou a sinaleira e diminuiu a velocidade, para que eu saltasse, o que fiz, carregando minha mochila; ao perceber o sinal, o outro caminhão parou para me recolher, e assim, num piscar de olhos, lá estava eu mais uma vez numa espaçosa cabina elevada, preparadíssimo para avançar centenas de quilômetros noite adentro, e sentindo-me maravilhosamente bem. Esse novo caminhoneiro era tão louco quanto o primeiro e gritava tanto quanto aquele, e

tudo o que eu tinha a fazer era me aconchegar e deixar rolar. Agora, sim, podia ver a silhueta de Denver agigantando-se à minha frente, como uma Terra Prometida, lá fora entre as estrelas, através das pradarias do Iowa e pelas planícies do Nebraska, e tive uma visão grandiosa de San Francisco mais adiante, duas noturnas pedras preciosas. Ele fincou o pé na tábua, contando histórias por algumas horas, até que numa cidade do Iowa, onde anos mais tarde Dean e eu fomos detidos sob suspeita de estarmos dirigindo um Cadillac roubado, ele dormiu no assento por algumas horas. E eu também dormi, mas antes dei um pequeno passeio ao longo de solitárias paredes de tijolos, iluminadas por uma única lâmpada, admirando a pradaria que brotava ao final de cada estreita esquina, e o cheiro do milho misturado ao orvalho da noite.

Ele acordou num sobressalto. Lá fomos nós e, uma hora depois, entre o milharal esverdeado, surgiu à nossa frente a névoa cinzenta que recobre Des Moines. Ali ele quis tomar seu café da manhã e diminuir o ritmo, então decidi entrar direto em Des Moines, que ficava a uns seis quilômetros; peguei uma carona com dois caras da universidade local, e foi bastante estranho sentar numa caranga confortável e nova em folha e ouvi-los falar sobre seus exames, enquanto deslizávamos suavemente para dentro da cidade. Decidi dormir o dia inteiro. Fui à ACM batalhar um quarto, não havia nenhum, por instinto perambulei até os trilhos de trem — e há milhões em Des Moines; — acabei despencando numa velha pensão sombria e vulgar, junto à oficina das locomotivas, e passei o dia inteiro dormindo numa grande cama branca, dura e limpa, com rachaduras sujas cavadas na parede, bem ao lado do meu travesseiro, e surradas cortinas amarelas que emolduravam a cinzenta paisagem ferroviária. Acordei com o sol rubro do fim de tarde; foi um dos momentos mais impressionantes de minha vida, o mais bizarro, pois simplesmente já não sabia mais quem era — estava a milhares de quilômetros de minha casa, temeroso e desgastado pela viagem, num quarto de hotel barato nunca antes avistado, ouvindo o silvo das locomotivas e o ranger das velhas madeiras do hotel, e passos anônimos que ressoavam no andar de cima, e todos aqueles sons melancólicos, e por quinze misteriosos segundos realmente já não sabia quem era. Não me apavorei; simplesmente eu me sentia

como se fosse outra pessoa, um estranho a mim mesmo, e toda a minha existência fora apenas uma vida mal-assombrada, a vida vazia de um fantasma. Eu estava no coração da América, meio caminho andado entre o leste da minha mocidade e o oeste de meus sonhos futuristas, e é provável que tenha sido exatamente por isso que tudo se passou assim, naquele entardecer dourado e insólito.

Mas já era tempo de cortar as lamentações e cair fora, então apanhei minha mochila, disse adeus ao velho recepcionista sentado ao. lado de sua escarradeira, e fui comer. Devorei outra torta de maçã com sorvete — estavam ficando cada vez melhores à medida que eu avançava dentro de Iowa, a torta crescia e o sorvete ficava ainda mais saboroso. Naquela tarde em Des Moines, para onde quer que olhasse, via inúmeros bandos de garotas lindíssimas — elas voltavam para suas casas depois das aulas —, agora eu não tinha tempo para pensamentos desse tipo, mas jurei que cairia na farra assim que chegasse a Denver. Denver! Carlo Marx já estava lá, Dean, também; e, claro, Chad King e Tim Gray, já que era a cidade natal deles; e também Marylou, e eu tinha ouvido falar de uma turma muito louca que incluía Ray Rawlins e Babe Rawlins, sua linda irmã loira; e as irmãs Bettencourt, duas garçonetes que Dean conhecia; e até Roland Major, um antigo colega com o qual eu me correspondia nos tempos da universidade, andava por lá também. Transpirando alegria antecipada, aguardava ansioso pelo meu reencontro com eles. Por isso, passei direto por aquelas lindas gatinhas: as garotas mais gostosas do mundo moram em Des Moines. Um cara com uma espécie de caixa de ferramentas sobre rodas, um caminhão recheado com todos os tipos imagináveis de ferramentas, que ele dirigia de pé como um leiteiro moderno, deu-me uma carona até o topo de uma colina, onde peguei imediatamente outra carona de um fazendeiro e seu filho, que iam para Adel, em Iowa. Nessa cidade, sob um olmo enorme nas proximidades de um posto de gasolina, fiz amizade com outro caroneiro, um nova-yorkino típico, irlandês que havia passado a maior parte de sua vida profissional dirigindo um caminhão dos Correios e Telégrafos, e que agora partia para uma vida nova ao lado de uma garota de Denver. Acho que ele estava fugindo de alguma coisa em Nova York,

da lei provavelmente. Ele era o beberrão típico, com um narigão vermelho, moço, uns trinta anos, e normalmente logo teria me enchido o saco, caso eu já não estivesse preparado para qualquer espécie de amizade humana. Ele vestia um suéter surrado e calças largas, e não possuía nada que lembrasse uma mochila — apenas uma pasta de dentes e alguns lenços. Ele disse que a gente devia pedir carona juntos. Eu teria dito não, já que ele parecia péssima companhia para a estrada. Mas como estávamos ali encalhados, pegamos carona com um homem taciturno até Stuart, em Iowa, cidade na qual realmente atolamos. Paramos em frente ao guichê da estação ferroviária, esperando pelo tráfego que ia para o oeste até o sol se pôr, umas boas cinco horas, matando tempo, primeiro falando sobre nós mesmos, em seguida ele me contou umas sacanagens, depois ficamos apenas chutando seixos e dizendo todo tipo de bobagem. Aquilo nos encheu o saco. Peguei umas moedas e comprei cerveja; fomos a um velho *saloon* em Stuart e bebemos algumas. Lá, ele ficou tão bêbado quanto costumava ficar em sua caminhada noturna pela Ninth Avenue, voltando para casa, e berrou alegremente ao meu ouvido os sonhos sórdidos de sua vida. Até que gostei dele; não porque fosse um cara legal, como provaria mais tarde, mas porque se entusiasmava com tudo. Retornamos à estrada em meio à escuridão, e logicamente poucos carros passaram, e nenhum parou. Isso se prolongou até as três da manhã. Gastamos um tempo enorme tentando dormir num banco duro e frio da estação ferroviária, mas o telégrafo tilintou loucamente a noite inteira, os enormes trens de carga fizeram ruídos estrondosos, e a gente não conseguiu relaxar. O pior é que nem ao menos sabíamos saltar para dentro dos trens em movimento, nunca havíamos feito isso antes, também não imaginávamos se eles estavam indo para o leste ou para o oeste, nem tínhamos como descobrir, e tampouco entramos num acordo se seria melhor saltar num vagão aberto, num fechado ou num vagão refrigerado; portanto, descartamos esse plano. E assim, quando o ônibus para Omaha passou, pouco antes do amanhecer, entramos nele e nos misturamos aos passageiros adormecidos. Paguei minha passagem, e a dele também. Chamava-se Eddie. De alguma forma, ele me fazia lembrar o sujeito casado com minha prima do Bronx. Acho que foi por isso que me liguei nele. Afinal, era como se eu estivesse junto

com um velho amigo, um cara simpático e sorridente, com o qual eu podia ficar dizendo bobagens horas a fio.

Chegamos em Council Bluffs ao amanhecer; consegui abrir um olho. Durante o inverno inteiro, eu estivera lendo sobre as grandes festas que detinham os vagões, ali, antes de eles partirem em direção às trilhas do Oregon e de Santa Fé, isso no tempo dos pioneiros, é claro; porque agora a cidade não passava de um subúrbio elegante, com chalés engraçadinhos construídos em duas ou três variações do mesmo estilo, alinhados sob o céu pálido de um amanhecer opaco. E então Omaha, e aí, meu Deus, vi o primeiro *cowboy* de minha vida, caminhando ao longo das paredes gélidas dos armazéns frigoríficos que vendem carne por atacado, com um chapéu descomunal e botas texanas; se não fosse pelo traje, pareceria um típico picareta da costa leste, recostado a um muro banhado pelo amanhecer. Saltamos do ônibus e deslizamos até o topo da colina, a extensa colina formada ao longo de milênios pelo poderoso rio Missouri, junto ao qual Omaha foi construída, e logo chegamos à zona rural, já com os polegares de prontidão. Pegamos uma carona curta com um fazendeiro rico, também descomunalmente enchapelado, e ele disse que o vale do Platte era tão soberbo quanto o vale do Nilo, no Egito, e assim que ele disse isso, avistei árvores exuberantes que serpenteavam ao longo do curso sinuoso do Platte, envoltas por esplêndidos campos verde jantes, e por pouco não acabei concordando com ele. Então, quando já estávamos em pé em outra encruzilhada solitária e o céu começava a ficar nublado, outro *cowboy*, este com um metro e noventa de altura e com um chapéu bem mais modesto, aproximou-se, perguntando se um de nós sabia dirigir. Claro que Eddie sabia; ele tinha carteira de motorista, e eu, não. O *cowboy* tinha dois carros, e desejava levá-los de volta para Montana. A mulher o aguardava em Grand Island, e ele queria alguém que dirigisse um dos carros até lá, quando então ela assumiria o volante. Daí em diante, eles iriam para o norte, e esse seria o limite de nossa carona com ele. Mas isso representava uns bons duzentos quilômetros para dentro do Nebraska e, lógico, embarcamos nessa. Eddie ia sozinho, o *cowboy* e eu o seguíamos, só que, assim que saímos dos

limites da cidade, Eddie tascou pé na tábua, cento e quarenta quilômetros por hora, com um desembaraço fantástico.

— Puta merda! O que esse cara está fazendo? — gritou o *cowboy*, e saiu atrás dele, voando. Legal, de repente era como se fosse uma corrida. Cheguei a pensar que Eddie estava pensando em se mandar com o carro — e, pelo que sei dele, era exatamente isso o que ele pretendia fazer. Mas o *cowboy* colou nele e tocou a mão na buzina. Eddie diminuiu um pouco. O *cowboy* buzinou novamente, para que ele parasse no acostamento. — Porra, garoto, desse jeito você vai gastar meus pneus. Será que não dá pra ir com mais calma?

— É sério mesmo? Eu estava realmente a cento e quarenta? — disse Eddie com uma cara de santo. — Nem percebi, essa estrada é tão suave...

— Trate de dirigir mais devagar, senão a gente não chega inteiro em Grand Island.

— Pode crer. — E nós reiniciamos a jornada. Eddie se acalmou, e deve ter ficado até um pouco sonolento. E assim, rodamos cerca de duzentos quilômetros através do Nebraska, sempre acompanhando o Platte tortuoso, com seus exuberantes campos gramados.

Durante a Depressão — disse-me o *cowboy* —, eu costumava saltar nos trens de carga pelo menos uma vez por mês. Naquele tempo, havia centenas de homens nos vagões abertos, e até mesmo em cima dos vagões de carga, e não eram apenas os vagabundos, havia gente de todo tipo — estavam todos desempregados —, iam de um lugar pro outro, a maioria sem rumo definido. Era assim por todo o oeste. Naquela época, os guarda-freios não nos incomodavam jamais. Não sei como é hoje. Nebraska, que lugarzinho inútil! Na metade dos anos 30, isso aqui não passava de uma enorme nuvem de poeira, que se estendia tão longe quanto os olhos pudessem ver. Respirar era impossível. O chão era preto. Eu estava aqui, naqueles dias mesquinhos. Por mim, poderiam devolver Nebraska para os índios. Odeio esse lugar mais do que qualquer outra região do mundo. Atualmente, moro em Missoula. É o paraíso terrestre, vá lá e confira. — Quando ele cansou de falar, adormeci. Para dizer a verdade, o papo dele até que era interessante.

Paramos na estrada para comer. O *cowboy* foi consertar um estepe, e Eddie e eu nos sentamos numa espécie de bar-restaurante caseiro. Ouvi uma gargalhada espalhafatosa, a maior gargalhada do mundo, e aí entrou um habitante típico do Nebraska, um fazendeiro vestido de couro cru da cabeça aos pés, acompanhado por seu bando de rapazes; a zoeira que eles faziam ecoava pelas planícies, recobrindo inteiramente aquele mundo descolorido onde eles viviam. Quando ele ria, todo mundo ria junto. Ele parecia não ter a menor preocupação na vida, e tratava todo mundo com o maior respeito. Disse para mim mesmo: uau, escute só a risada desse cara! O oeste é isso aí, e eis-me aqui em pleno oeste. Seus passos retumbavam dentro do bar enquanto ele chamava por Maw; ela fazia a torta de cereja mais deliciosa do Nebraska, e é claro que eu já havia devorado uma, depois de cobri-la com uma montanha de sorvete. — Maw, arranje-me o que comer antes que eu comece a devorar a mim mesmo cru, ou cometa alguma besteira semelhante. — Ele se atirou num banco, às gargalhadas. — E cubra tudo com feijão, ah, ah, ah! — Era o verdadeiro espírito do oeste, sentado justamente ali a meu lado. Oh, realmente eu queria conhecer sua vida nua e crua, descobrir o que ele estiver a fazendo todos aqueles anos, além de gozar e gargalhar. Uau, que energia, disse com meus botões, e aí o *cowboy* voltou e nos mandamos para.Grand Island.

Chegamos lá num piscar de olhos. Ele encontrou sua mulher, e os dois se mandaram para seu destino, aonde quer que ele fosse, e Eddie e eu retornamos à estrada. Pegamos uma carona com dois garotões — uns vaqueiros, caipiras adolescentes que dirigiam um calhambeque todo remendado —, e eles nos deixaram mais adiante em algum lugar, sob uma garoa fina. Aí, um velho que não disse palavra — e só Deus sabe por que ele nos apanhou — nos levou até Shelton. Então Eddie prostrou-se na estrada, sem ânimo, em frente a um grupo de pequenos índios *omahas*, mirrados, com os olhos fixos e vazios, acocorados, sem ter para onde ir ou o que fazer. Os trilhos do trem passavam do outro lado da estrada, junto a uma caixa-d'água onde se lia: SHELTON. — Puta que o pariu — disse Eddie, surpreendido. — Já estive nessa merda de cidade antes. Foi há um tempão atrás, durante a guerra, era de noite, tarde da noite, todos dormiam; saí do

trem para fumar, e ali estávamos nós em meio a nada, na mais completa escuridão, e eu olhei para o alto e vi esse nome SHELTON escrito nesta caixa-d'água. íamos para o Pacífico, todo mundo roncava, aquele bando de bundas-moles; nós paramos apenas por alguns instantes, para abastecer ou algo assim, e logo seguimos adiante. Puta merda, e agora aqui estou eu em.Shelton outra vez! Odeio esse lugar desde sempre! — E ali estávamos nós, encalhados em Shelton. Por algum motivo, como em Davenport, em Iowa, todos os carros que passavam eram carros de fazendeiros ou, de vez em quando, um carro de turistas, o que é ainda pior, pois neles viajam velhos que dirigem enquanto suas esposas consultam mapas e apontam pontos turísticos, ou então, recostadas em bancos reclináveis, olham para tudo com aquela cara de desconfiança.

A garoa aumentou, e Eddie ficou gelado; ele vestia pouquíssima roupa. Peguei uma camisa de flanela xadrez no meu saco de viagem, e ele a vestiu. Sentiu-se um pouco melhor. Eu já estava resfriado. Comprei umas pastilhas para a garganta numa minúscula loja indígena. Fui a um ínfimo posto de correio, de dois metros por quatro, e enviei um postal barato para minha tia. Retornamos à estrada opaca. Ali, bem à nossa frente, na caixa-d'água, estava escrito: SHELTON. O ônibus para Rock Island passou zunindo por nós. Pudemos ver as caras dos passageiros do Pullman, num relance súbito. O trem assobiou pelas planícies, seguindo também na direção dos nossos desejos. Então, começou a chover mais forte.

Um sujeito alto e esguio, com um chapéu de porte médio, parou seu carro no lado oposto da estrada e caminhou em nossa direção; parecia o xerife. Silenciosamente, preparamos nossas desculpas. Ele se aproximou vagarosamente. — Ei, rapazes, vocês estão indo para algum lugar específico, ou estão apenas curtindo a estrada? — Não entendemos bem a pergunta. Era digna de se pensar em casa.

— Por quê?

— O negócio é o seguinte: tenho um pequeno parque de diversões a poucos quilômetros daqui e estou precisando de garotos que estejam a fim de trabalhar e ganhar um dinheiro fácil. Temos uma concessão para a roleta, e outra

para o jogo de argolas —, sabe como é, aquelas que você atira e ganha o objeto no qual ela se encaixa. Vocês estão dispostos a trabalhar para mim? Pago trinta por cento de cada bolada...

— Mais cama e comida?

— Cama, sim, comida, não. Vocês terão que comer na cidade. Vamos viajar um pouco por aí. — Refletimos por uns instantes. Estávamos um pouco intimidados, não sabíamos bem o que responder, mas, para dizer a verdade, eu não estava nem um pouco interessado naquela história de parque de diversões. Estava louco para chegar a Denver e encontrar a rapaziada.

Disse: — Não sei, cara. Estou a fim de cair fora o mais rápido possível, e acho que não vai dar tempo. — Eddie repetiu praticamente a mesma coisa, o velho gesticulou displicentemente, perambulou de volta para seu carro e se manejou. E foi isso. Nós rimos por uns instantes, e ficamos imaginando como seria aquela transação. Tive visões de uma noite sombria, e poeirenta, esparramada sobre, as planícies, e as caras das famílias do Nebraska desfilando à minha frente, com crianças rosadas que olham para tudo com espanto e admiração, e eu sei que me sentiria o maior calhorda do mundo se tivesse que lograr-los naqueles malditos caça-níqueis. Rodas-gigantes que giram na escuridão da planície e, pelo amor de Deus, a música entristecida dos carrosséis que ecoa pelas montanhas, e eu ansioso para chegar logo a meu destino, tendo de dormir numa cama de aniagem em algum vagão dourado.

Eddie acabou se revelando um companheiro um tanto velhaco para a estrada. Uma geringonça antiga, engraçada, cruzou por nós.. Era dirigida por um velho, e fora fabricada com uma espécie de metal que lembrava o alumínio, acho; mais parecia uma caixa metálica sobre rodas – pretendia ser um *trailer*, sem dúvida; mas um *trailer* estranho e maluco, feito em casa no Nebraska. Ia tão devagar que parou. Corremos até lá a mil por hora; o velho disse que só podia levar um de nós. Sem uma palavra sequer, Eddie se jogou para dentro da caixa metálica e sumiu lentamente de vista — e, ainda por cima, com minha camisa de flanela xadrez. Porra, que dia de sorte, joguei um beijo de despedida para a camisa, de qualquer maneira ela tinha apenas um valor sentimental. Voltei à

esperar em Shelton, aquela cidade de merda, por um longo, longo tempo, muitas horas mesmo, e temi que a noite chegasse repentinamente, mas, na verdade, apesar de já estar um pouco escuro, ainda era cedo. Denver, Denver, como, quando, de que maneira eu finalmente chegaria em Denver?

Já estava quase desistindo de ficar na estrada, e planejava uma chegada ao café mais próximo, quando um carro quase novo, dirigido por um rapagão, parou para mim. Corri como um louco.

— Para onde você está indo?

— Para Denver.

— Bem, posso levá-lo por duzentos quilômetros.

— Grande, cara, grande! Você acaba de me salvar a vida.

— Eu também costumava pegar carona, por isso sempre dou uma força pra rapaziada, quando posso.

— Eu faria o mesmo, se tivesse um carro.

E nós continuamos conversando, ele me falou sobre sua vida, que não era das mais interessantes, e eu adormeci um pouco, só acordando nos arredores de Gothenburg, onde ele me deixou.

4

A mais incrível carona de minha vida estava prestes a surgir; um caminhão que tinha uma plataforma de madeira atrás e cinco ou seis caras esparramados por cima; os motoristas, dois jovens agricultores loiros do Minnesota, estavam recolhendo toda e qualquer alma solitária que encontrassem por aquela estrada — formavam a mais simpática, sorridente e jovial dupla caipira que se pode imaginar, os dois de macacão, camiseta e nada mais, ambos ágeis e com pulsos grossos, e um amplo sorriso de “cuméquitá?” resplandecendo para todos os que cruzassem pelo caminho deles. Eu corri, perguntei: — Tem lugar pra mais um? — Eles disseram: — Claro, suba, tem lugar pra todo mundo.

Eu mal subira na caçamba quando o caminhão arrancou zunindo; cambaleei, um caroneiro me agarrou, e eu me sentei. Alguém me passou uma garrafa com uma bebida forte como veneno, o último gole dela. Tomei um bom trago no ar selvagem, lírico e chuvoso do Nebraska. — Iuúpii, lá vamos nós! — gritou um garoto com um chapéu de beisebol, e eles fizeram o caminhão disparar a cento e vinte quilômetros por hora, e ultrapassavam todo mundo na estrada. — A gente está neste caminhão de merda desde Des Moines. Esses caras não param jamais. Às vezes, a gente tem que gritar durante horas para que eles nos deixem dar uma mijada. Senão, a gente é obrigado a mijar no vento, e aí tem que se segurar, meu irmão, se segurar mesmo.

Olhei para a tripulação. Havia dois jovens lavradores de Dakota do Norte, com bonés de beisebol vermelhos — que é o chapéu-protótipo de todos os jovens agricultores de Dakota do Norte —, e eles iam em direção às colheitas; o velho deles os deixara cair na estrada durante o verão inteiro. Havia dois garotos urbanos de Columbus, em Ohio; jogavam futebol no time da escola, mascavam chicletes, pestanejavam, cantarolavam com os cabelos ao vento, e disseram que estavam aproveitando o verão para viajar de carona pelos Estados Unidos. — A gente está indo para Los Angeles — berraram.

— O que vão fazer lá?

— Porra, a gente não tem a menor idéia. Que diferença faz?

Havia ainda um sujeito alto e magro, com um olhar furtivo. — De onde você é? — perguntei. Eu estava deitado junto a ele na plataforma; não havia cercas de proteção nem nada, era impossível sentar sem ser cuspido fora. Ele se virou vagarosamente, abriu a boca e disse: — Mon-ta-na.

Finalmente, ali estava também Mississipi Gene e seu fardo. Mississipi Gene era um cara moreno e mirrado, que saltava nos trens de carga por todos os cantos do país; um vagabundo de trinta anos, mas com aparência muito mais jovem — na verdade, era quase impossível dizer com certeza sua idade real. Sentava-se sobre as tábuas corridas da caçamba, com as pernas cruzadas, um olhar sereno e distante perdido na imensidão das planícies, sem dizer uma só

palavra durante *centenas de* quilômetros, até que, finalmente, em determinado momento, virou-se para mim e perguntou: — Para onde *você* está indo?...

— Denver — eu disse.

Tenho uma irmã lá, mas faz muitos anos que não a vejo. — Sua fala era pausada e melodiosa. Era um sujeito paciente. Seu fardo era um alto garoto loiro de dezesseis anos, igualmente envolto em trapos, quer dizer, ambos vestiam roupas surradas de andarilhos, escurecidas pela fuligem das locomotivas, pela imundície dos vagões de carga, por incontáveis noites sob as estrelas. O garoto loiro também era do tipo silencioso, e parecia estar fugindo de alguma Coisa; a julgar pela maneira como umedecia os lábios, com um ar preocupado, sempre olhando para- a frente; é provável que seu problema fosse com os homens da lei. Montana Slim falava com os outros ocasionalmente, sempre com um sorriso insinuante e sarcástico. Eles não lhe davam bola. Slim era todo insinuações. Eu estava apreensivo com seu largo sorriso calhorda, que ele escancarava à sua frente e deixava suspenso ali, como se fosse meio abobado.

— Tem algum dinheiro aí?

— Porra, não tenho. Talvez só o suficiente para um trago de uísque até chegar a Denver. E você?

— Sei onde conseguir.

— Onde?

— Em qualquer lugar. Sempre dá para. arrochar alguém num beco qualquer, não é?

— É verdade.

— Não vacilo muito quando estou mesmo a fim de arranjar um trocado. Rumo a Montana, para ver meu velho. Vou saltar desta barca em Cheyenne e dar um jeito de subir até lá. Estes dois estão indo para Los Angeles.

— Sem escala?

— É isso aí, direto e sem escala. Se você está a fim de ir para L.A., acaba de conseguir uma carona.

Cogitei essa possibilidade. A idéia de voar através do Nebraska e do Wyoming noite adentro, amanhecer no ar abafado do deserto de Utah, ver as

cores do fim de tarde esparramando-se no deserto de Nevada, e chegar a Los Angeles num prazo bastante previsível, quase me fez mudar de planos. Mas eu tinha que ir para Denver. Por Isso, também teria de saltar em Cheyenne, e dali pagar uma carona para o sul, uns cento e cinqüenta quilômetros mais ou menos. Fiquei contente quando os dois colonos de Minnesota, que eram donos do caminhão, decidiram dar uma parada em North Platte para comer. Queria saber qual era a deles. Saltaram da cabina e sorriram para todos nós: — Hora de dar uma mijadinha — disse um. — Hora de comer — disse o outro. Só que eles eram os únicos na festa com dinheiro suficiente para comprar comida. Todo mundo se arrastou atrás deles para dentro de um restaurante, dirigido por um bando de mulheres, e nos sentamos entre hambúrgueres e xícaras fumegantes de café, enquanto eles devoravam enormes pratos-feitos como se tivessem retornado à cozinha de sua mãe. Eram irmãos, transportavam máquinas agrícolas de Los Angeles para Minnesota e faziam um bom dinheiro com isso. Por isso, em sua viagem para a costa, quando estavam sem carga, davam carona a todos os que iam encontrando pela estrada. Já tinham feito umas cinco viagens, era trabalho pesado. Mas eles gostavam de tudo, jamais desmanchavam aquele sorriso luminoso. Tentei puxar conversa, era uma idéia estúpida de minha parte querer fazer amizade com os capitães do nosso navio — e as únicas respostas que recebi foram dois sorrisos ensolarados, adornados por largos dentes radiantes, criados a milho.

Todos os seguiram ao restaurante, menos os dois jovens vagabundos, Gene e seu garoto. Quando retornamos, eles ainda estavam sentados no caminhão, solitários e soturnos. A noite estava caindo. Os dois garotos do caminhão fumavam; decidi aproveitar a chance para comprar uma garrafa de uísque e me manter aquecido no gélido e ventoso ar noturno. Eles sorriram quando lhes falei sobre isso. — Vá em frente, não perca tempo.

— Na volta dou uns goles para vocês — tranqüilizei-os.

— Oh, não. A gente não bebe jamais. Vá firme.

Montana Slim e os dois atletas escolares perambularam comigo pelas ruas de North Platte, até que encontrei um boteco qualquer. Eles contribuíram com

um pouco, Slim outro pouco, e eu pude comprar quase um litro. Homens altos e taciturnos nos observavam passar, plantados em frente a pequenos edifícios de fachada postiça; na rua principal se alinhavam uns chalés retilíneos e empertigados. Para além de cada rua melancólica, descortinavam-se vistas imensas das planícies. Senti algo estranho no ar de North Platte, e não sabia bem o que era. Em cinco minutos eu saberia. Voltamos para o caminhão e caímos fora. Escureceu num instante. Todos tomaram um trago e, de repente, olhei para os lados, os campos verdejantes das fazendas do Platte começaram a desaparecer, e no lugar surgiram achatados e amplos desertos de areia e arbustos ressequidos, que se esparramavam tão longe quanto os olhos pudessem alcançar. Fiquei estarrecido.

— Que porra é isso, homem? — perguntei a Slim.

— Este é o começo das pradarias, garoto. Me passe outro trago.

— Iuuúpii! — gritaram os colegiais. — Tchau, Columbus! O que Sparkie e os garotos diriam se estivessem aqui! Uau!

Os motoristas tinham se revezado, e o irmão mais moço acelerava o caminhão até a velocidade máxima. A estrada mudou também: calombos na pista, acostamentos estreitos com valões de um metro e meio de fundura de ambos os lados, e o caminhão corcoveava de um lado para o outro da estrada — milagrosamente, apenas quando não havia nenhum carro vindo na direção oposta —, e eu pensei que iríamos acabar dando um salto mortal. Mas eles eram exímios motoristas. E sabiam fazer aquele caminhão se desviar dos calombos do Nebraska — calombos que se prolongavam até o Colorado. Então, percebi que finalmente eu já estava em Colorado, ainda não oficialmente, mas podia pressentir Denver a apenas algumas centenas de quilômetros a sudoeste dali. Gritei de tanta felicidade. A garrafa circulava. O céu se povoou de magníficas estrelas resplandecentes. As distantes colinas arenosas se obscureceram. Sentia-me veloz como uma flecha, capaz de vencer todas as distâncias.

De repente, Mississipi Gene se virou para mim interrompendo seu transe contemplativo de pernas cruzadas, moveu os lábios, se aproximou e disse: — Essas planícies me fazem lembrar o Texas.

— Você é do Texas?

— Não, senhor, sou de Green-vell, Muzz-sippy. — E foi bem assim que ele falou.

— E o menino, de onde é?

— Ele se meteu em encrencas lá no Mississipi, então me ofereci para ajudá-lo. Jamais rodou sozinho por aí. Tomo conta dele da melhor forma que posso. É apenas uma criança. — Embora Gene fosse branco, havia nele algo da sabedoria de um velho negro experiente, e algo que lembrava demais Elmer Hassel, o viciado de Nova York, mas era como se fosse um Hassel das estradas de ferro, um épico Hassel andarilho, que cruzasse e tornasse a cruzar a nação anualmente, curtindo o sul no inverno, imigrando para o norte no verão, apenas porque não havia nenhum lugar onde pudesse permanecer sem cair no tédio, e também porque não havia lugar algum para ir senão todos os lugares, rodando sempre sob as estrelas, especialmente as estrelas do oeste.

— Estive em Ogden algumas vezes. Se você quiser ir até lá, tenho alguns amigos com quem a gente pode se juntar.

— De Cheyenne, estou indo para Denver.

— Porra, siga direto de uma vez. Não é todo dia que a gente pega uma carona como esta.

Ali estava mais uma proposta tentadora. O que havia de tão bom em Ogden?

— O que é Ogden? — perguntei.

— É o lugar onde a maioria dos rapazes passa, e sempre se encontram; você é capaz de achar qualquer um lá.

Na juventude, eu estivera em alto-mar em companhia de um sujeito alto e esquelético de Louisiana, chamado Big Slim Hazard, William Holmes Hazard, um vagabundo por opção. Quando criança, tinha visto um vagabundo se aproximar para pedir um pedaço de torta à sua mãe, e ela o deu, e quando o vagabundo sumiu na estrada, o garoto, ainda pequeno, perguntou: — Mãe, quem era esse homem? — Ora, um vagabundo. — Mama, quando crescer também quero ser vagabundo. — Não diga bobagens, menino. Um Hazard não nasceu

para isso. — Mas ele jamais esqueceu aquele dia, e quando cresceu, depois de jogar futebol durante uma curta temporada na LSU, se tornou, de fato, um vagabundo. Big Slim e eu passamos muitas noites contando histórias e cuspindo pedaços de tabaco mascado em sacos de papel. Havia reminiscências tão indubitáveis de Big Slim Hazard nos devaneios de Mississipi Gene, que resolvi perguntar: — Nunca cruzou com um cara chamado Big Slim Hazard por aí?

E ele respondeu: — Aquele sujeito alto, com uma risada sonora?

— É, parece ele. Nasceu em Ruston, Louisiana.

— É isso aí! Às vezes o chamavam de Louisiana Slim. Sim, senhor, é claro que conheço Big Slim.

— Ele trabalhava nos poços de petróleo do leste do Texas?

— No leste do Texas, está certo. E agora lida com gado em alguma fazenda por aí.

E era exatamente isso; mas ainda não conseguia acreditar que Gene realmente conhecesse Slim, que durante anos eu estivera procurando.

— E ele também já trabalhou nos rebocadores em Nova York?

— Bem, sobre isso nada sei.

— Vai ver que você só o conheceu no oeste.

— Certo! Na verdade, jamais estive em Nova York.

— Puxa vida, estou surpreso que você o conheça. Este país é enorme. No entanto, tinha certeza de que você deveria conhecê-lo.

Acredite, conheço Big Slim bastante bem. Sempre generoso com sua grana, quando tem alguma. Quer dizer, um cara valente, também. Vi Slim desmontar um guarda nos arredores de Cheyenne, com um único soco. — Isso soava a Big Slim; ele estava sempre cortando os ares com esse soco definitivo. Parecia Jack Dempsey, mas um Jack Dempsey jovem e alcoólatra.

— É demais! — gritei, envolto pela brisa, e tomei outro trago, e agora realmente estava me sentindo maravilhosamente bem. Cada gole era enxugado sob o vento esvoaçante de um caminhão sem capota, enxugado de seus efeitos maléficos enquanto o efeito bom afundava em meu estômago. — Cheyenne, lá vou eu! — cantarolei. — Ei, Denver, prepare-se para receber este garoto!

Montana Slim se virou para mim, apontou para meus sapatos e comentou: — Você não acha que isso aí dava um bom adubo? — sem um traço de riso, é claro, e a rapaziada ouviu e gargalhou. Eram os sapatos mais ridículos de toda a América. Trouxe-os comigo especificamente porque não queria que meus pés suassem na estrada abafada e, a não ser pela chuva em Bear Mountain, eles demonstraram ser os melhores sapatos possíveis para minha viagem. Assim, também ri com eles. O sapato já estava roto e desgastado, soltava tiras coloridas como um abacaxi maduro, e desnudava meus dedos. Bem, bebemos mais um gole e gargalhamos. Como num sonho, passamos por minúsculas cidades de beira de estrada cintilando na escuridão, e por longas filas de mãos camponesas ociosas e *cowboys* noturnos. Eles nos observavam passar num rápido meneio de cabeça, e nós os víamos comprimindo suas coxas através da escuridão espessa do outro lado da cidade — formávamos uma equipe muito louca.

Muitos homens estavam na região naquela estação do ano — era a época das colheitas. Os garotos de Dakota ficaram irrequietos. — Acho que vamos saltar na próxima parada para mijar, parece que tem um monte de trabalho por aqui.

— O negócio é ir seguindo para o norte quando a colheita for acabando nesta região — aconselhou Montana Slim —, e continuar colhendo até chegar ao Canadá. — Os garotos concordaram sem muito entusiasmo, mas não os impressionou muito esse conselho.

Enquanto isso, o jovem fugitivo loiro continuava sentado daquele mesmo jeito; vez por outra, Gene abandonava seu transe budista por cima das esvoaçantes planícies sombrias, e sussurrava afetuosamente ao ouvido do garoto. O menino assentia. Gene estava combatendo sua melancolia e seus temores. Eu me perguntava onde eles iriam se meter, e o que fariam. Não tinham nem cigarros. Eu esbanjava meu maço com eles. Estava apaixonado por eles. Eram agradáveis e encantadores. Jamais pediam, mas eu continuava oferecendo. Montana Slim tinha seus próprios cigarros, mas nunca passava o maço. Zunimos através de outra cidade de beira de estrada, cruzamos mais uma fila de homens altos e esguios que vestiam *jeans*, agrupados sob a luz pálida como mariposas no

deserto, e reingressamos na escuridão absoluta; as estrelas sobre nossas cabeças eram puras e reluzentes, por causa do ar progressivamente rarefeito à medida que nos elevávamos para o topo do platô do oeste, quase meio metro por quilômetro — pelo menos, é o que eles diziam —, e em momento algum havia árvores escondendo as estrelas na linha do horizonte. E cheguei a ver uma vaca mal-humorada, com a cara branca parada à beira da estrada, enquanto deslizávamos para longe. Era como viajar de trem, absolutamente seguro e estável.

De vez em quando, passávamos por uma cidade, reduzíamos a velocidade e Montana Slim dizia: — Ah, hora de fazer xixi —, mas os caras de Minnesota não paravam e nós cruzávamos direto. — Porra, tenho que mijar — disse Slim.

— Dê uma chegadinha ali no canto — sugeriu alguém.

— Bem, eu vou mesmo — disse ele, e lentamente, enquanto nós todos observávamos, dirigiu-se de cócoras para a parte de trás da caçamba, equilibrando-se o melhor que podia, até que suas pernas bambolearam. Alguém bateu na janela da cabina para chamar a atenção dos irmãos. Seus sorrisos amplos reluziram quando eles se viraram. E no instante em que Slim estava pronto para entrar em ação, cauteloso como tinha sido até então, eles começaram a ziguezaguear o caminhão a uns cento e vinte quilômetros por hora. Ele caiu por um momento, e nós vimos o esguicho de uma baleia dançar no ar, ele se esforçou e conseguiu se acocorar outra vez. Eles gingavam o caminhão. *Brumm,* finalmente ele caiu de lado e se molhou todo. Sob o ronco do motor, podíamos ouvi-lo praguejar debilmente, como o lamento distante de um homem ao longe, através das colinas. — Merda... merda... — Ele nem percebera que havíamos feito aquilo propositadamente; apenas se esforçava, com uma careta digna de Jó. Quando havia acabado, literalmente, estava totalmente molhado, e tinha agora que traçar sua trêmula trajetória de retorno, com a cara mais lastimável do mundo, e todos gargalhavam, inclusive os caras de Minnesota, na cabina, menos o tristonho garoto loiro. Estendi-lhe a garrafa, para que se refizesse.

— Que merda — disse —, eles estavam fazendo isso de propósito?

— Certamente.

— Porra, eu nem imaginava! Em Nebraska não tive tanta dificuldade para fazer a mesma coisa.

Subitamente, chegamos à cidade de Ogallala, e ali nossos camaradas da cabine gritaram: — Hora de fazer xixi —, repletos de imensa satisfação. Slim parou taciturnamente ao lado do caminhão, lamentando a oportunidade que havia perdido. Os dois garotos de Dakota deram adeus para todos, e eu imaginei que eles começariam a colheita ali mesmo. Nós os vimos desaparecer dentro da noite, em direção às cabanas na periferia da cidade, onde luzes cintilavam e os vigilantes noturnos de *jeans* decidiam quem seria contratado. Eu tinha de comprar mais cigarros. Gene e o garoto loiro me seguiram, para esticar as pernas. Dirigi-me ao lugar mais inverossímil do mundo, uma espécie de bar solitário das planícies, construído para os garotos locais e meninas adolescentes. Eles estavam dançando, uns poucos, ao som de uma vitrola automática. Quando entramos, houve um silêncio constrangedor. Gene e o Loiro apenas deram uma parada, sem olhar para ninguém; tudo o que desejavam eram cigarros. Mas havia também umas garotas bonitas por ali. E uma delas pôs os olhos no Loiro, ele nem notou, e se notasse não teria ligado, a tal ponto estava triste e distante.

Comprei um maço para cada um deles, que me agradeceram. O caminhão estava pronto para partir. Era quase meia-noite agora, e fazia frio. Gene, que já havia cruzado o país mais vezes do que poderia contar nos dedos dos pés e das mãos, explicou que o melhor que tínhamos a fazer era entrarmos sob uma grande lona, caso contrário iríamos congelar, e assim, ainda contando com o resto da garrafa, nos conservamos aquecidos, enquanto o ar uivava, cada vez mais gélido, em nossos ouvidos. Quanto mais subíamos as High Plains, mais radiantes ficavam as estrelas. Agora, já estávamos no Wyoming. Deitado de costas, eu olhava fixamente para o esplêndido firmamento, deliciando-me com aqueles momentos, pensando em como ficara distante a desolada Bear Mountain, e excitadíssimo só de pensar no que me aguardava lá adiante, em Denver — o que quer que fosse. Mississipi Gene começou a cantarolar uma canção. Cantava com a voz calma e melodiosa, com um sotaque caipira, e era uma canção simples, apenas: — “Tenho uma garota que vibra, ela é uma adolescente gostosa, a coisa

mais vibrante que você já viu"; — repetia esse refrão e misturava outras frases no meio, falando que estivera muito longe e gostaria de voltar para ela, mas tinha-a perdido para sempre. Eu disse: — Gene, que canção maravilhosa!

— É a mais linda que conheço — ele respondeu com um sorriso.

— Espero que você chegue aonde pretende, e seja feliz lá.

— De um jeito ou de outro, sempre acabo me dando bem.

Montana Slim estava adormecido. Acordou e me disse: — Ei, Moreno, que tal você e eu curtirmos Cheyenne juntos esta noite, antes de você se mandar para Denver?

— Claro, claro. — Eu estava bêbado o suficiente para encarar qualquer coisa.

Enquanto o caminhão penetrava nos subúrbios de Cheyenne, podíamos perceber as luzes avermelhadas das antenas da estação de rádio local, e repentinamente lá estávamos nós, aos solavancos, entre uma verdadeira multidão, que se esparramava por ambos os lados da rua, lotando as calçadas. — Raios, é o Festival do Oeste Selvagem — disse Slim. Multidões de executivos barrigudos, com chapéus enormes e botas texanas, e com suas pesadas esposas vestidas de *cowboy*, percorriam as calçadas de madeira da velha Cheyenne, barulhentos e afobados. Lá longe, reluzia a luz viscosa dos bulevares do centro novo de Cheyenne, mas a celebração concentrava-se na parte velha. Estouravam tiros de festim. Os *saloons* estavam abarrotados até a calçada. Eu estava surpreso, mas ao mesmo tempo percebia que aquilo tudo era profundamente ridículo: em minha primeira investida no oeste, estava vendo a que estratagemas absurdos eles recorriam para manter viva sua orgulhosa tradição. Tivemos de saltar do caminhão e nos despedir de todos. Os garotos de Minnesota não estavam interessados em curtir o ambiente. Foi triste vê-los partir; percebi que jamais voltaria a rever qualquer um deles, mas a estrada era assim mesmo.

— Vocês vão ficar gelados até o eu esta noite — avisei —, e torrados, no deserto, amanhã à tarde.

— Por mim tudo bem, contanto que a gente se livre desta noite gelada — disse Gene. E o caminhão arrancou, abrindo caminho entre a multidão, sem que

ninguém prestasse atenção na excentricidade dos garotos sob a lona, observando a cidade como se fossem bebês sob as cobertas. Observei-os desaparecer dentro da noite.

5

Montana Slim e eu começamos a percorrer os bares. Eu tinha uns sete dólares, cinco dos quais desperdicei estupidamente naquela noite. Primeiro, circulamos entre todos aqueles turistas fantasiados de *cowboy*, fazendeiros e executivos de petróleo, pelos bares, pelas calçadas, pelos umbrais, e aí sacudi Slim por uns instantes. Ele perambulava pela rua um pouco aturdido de tanto uísque e de tanta cerveja; era aquele tipo de bêbado cujos olhos ficam vidrados, e em instantes começa a contar histórias íntimas para alguém completamente desconhecido. Entrei num boteco que vendia *chili*, e a garçonete era mexicana e gostosa. Comi, e logo em seguida escrevi um pequeno bilhete amoroso no verso da conta. O boteco estava às moscas, todos estavam bebendo em algum outro lugar. Eu lhe disse que virasse a conta. Ela leu e riu. Era um pequeno poema a respeito de como eu gostaria que ela viesse passar a noite comigo.

— Seria ótimo, *chiquito*. Mas tenho um encontro com meu namorado.

— Não daria para se livrar dele?

— Não, não posso — respondeu, entristecida, e eu adorei o jeito como ela falou. — Outra hora qualquer eu apareço — e ela respondeu: — Quando quiser, garoto. — Mesmo assim, fiquei matando o tempo por ali, sorvendo outra xícara de café só para ficar olhando para ela. Seu namorado entrou com ar rabugento, e quis saber a que horas ela largaria o serviço. Ela começou a fazer tudo afobadamente, para cerrar logo as portas. Tive de cair fora. Sorri para ela ao partir. Na rua, o ambiente continuava tão selvagem quanto sempre, com a diferença de que aqueles gordos arrotadores estavam ficando ainda mais bêbados e barulhentos. Até que era engraçado. Havia uns caciques índios vagando por ali,

com enormes enfeites na cabeça e um ar solene em rostos enrubescidos pela bebida. Vi Slim cambaleando pelas redondezas e me juntei a ele.

Ele disse: — Acabei de escrever um postal para meu pai, em Montana. Será que você conseguiria encontrar uma caixa postal onde enfiá-lo? — Era uma estranha solicitação; ele me entregou o postal e cambaleou entre as portas de vaivém do *saloon.* Peguei o cartão, dirigi-me à caixa postal e dei uma olhadela rápida: "Querido pai, quarta-feira estarei Em casa. Tudo bem comigo, e espero que com vocês também. Richard". Isso me deu uma nova impressão a seu respeito; como ele era afetuoso e cortês com seu velho! Voltei ao bar e reencontrei-o. Arranjamos duas garotas, uma linda jovem loira e uma morena gorda. Elas eram burras e chatas, mas a gente queria ganhá-las mesmo assim. Arrastamos as garotas a um *night club* insignificante, que já estava fechando, e lá eu gastei nada mais nada menos do que dois dólares em uísque para elas, e cerveja para nós. Eu estava ficando bêbado, e nem ligava. Tudo estava bem. Todos os meus anseios e intenções se dirigiam àquela pequena loira. Queria penetrá-la com toda a minha energia. Eu a abracei, e quis dizer isso a ela. O *night. club* fechou, e nós perambulamos por raquíticas ruas poeirentas. Olhei para o céu, puras e maravilhosas estrelas, ainda cintilavam. As garotas queriam ir até 3 rodoviária, e assim fomos nós todos, só que aparentemente elas pretendiam encontrar um marinheiro .qualquer que estava esperando por elas, um primo da gorda, e o marinheiro tinha alguns amigos com ele; eu disse para a loira: — Qual é a sua? — Ela disse que queria ir para casa, no Colorado, bem no limite sul de Cheyenne. — Eu a levo de ônibus — falei.

Não, o ônibus pára na estrada, e eu tenho que caminhar sozinha por aquela pradaria de merda. Passei a tarde inteira olhando para esta bosta, e não estou a fim de caminhar por ela hoje à noite.

— Ei, escute, a gente pode curtir uma bela caminhada entre as flores da pradaria.

— Não tem flor nenhuma lá – ela respondeu. — Quero mesmo é ir para Nova York. Estou de saco cheio disso aqui. Nunca há lugar algum para ir, a não ser Cheyenne, e em Cheyenne não tem nada para se fazer.

— Também não há nada para se fazer em Nova York.

— Besteira! — disse ela, franzindo os lábios.

A rodoviária estava abarrotada. Gente de todo tipo esperava os ônibus ou simplesmente estava parada ali; havia vários índios, que observavam tudo com olhares impassíveis. A garota desvencilhou-se de minha conversa fiada e se juntou ao marinheiro e à turma dele. Slim estava cochilando num banco; sentei-me ali. Os pisos das estações rodoviárias são exatamente iguais no país inteiro, sempre recobertos de baganas e catarros, e eles provocam uma melancolia profunda que só mesmo as rodoviárias poderiam possuir. Por uns instantes, não houve diferença entre estar ali ou em Newark, a não ser pela extraordinária imensidão lá fora, que eu tanto amava. Lamentava ter rompido a pureza de toda a minha viagem, sem economizar nem um centavo, desperdiçando o tempo feito um bestalhão enrabichado por aquela garota estúpida, e gastando minha grana toda. Isso me fez ficar furioso. Eu não dormia há muitas horas, cansei de me atormentar e de blasfemar, e fui direto dormir, ajeitando-me num banco com meu saco de lona como travesseiro, e dormindo até as oito horas da manhã ao som de murmúrios oníricos e ruídos distantes da estação, entre centenas de pessoas que passavam.

Acordei com uma tremenda dor de cabeça. Slim tinha se mandado — para Montana, acho. Saí à rua. E ali, no ar azulado, vi ao longe, pela primeira vez, os enormes cumes nevados das montanhas Rochosas. Respirei profundamente. Tinha de chegar a Denver de uma vez por todas. Mas primeiro tomei meu desjejum, bastante modesto: torradas, café e um ovo. O Festival do Velho Oeste prosseguia; havia um rodeio, e a baderna e a agitação estavam para começar outra vez. Deixei tudo para trás. Queria encontrar a rapaziada em Denver. Cruzei uma passarela sobre a estrada de ferro, e cheguei a um monte de barracos onde duas estradas se bifurcavam, sendo que ambas conduziam a Denver. Peguei a que ficava mais próxima das montanhas, assim poderia olhar para elas enquanto seguia meu rumo. Ganhei uma carona instantânea com um moço de Connecticut, que viajava num calhambeque, pintando; era filho de um editor do leste. Ele falava e falava; eu estava enjoado do porre da véspera e da altitude. Em

determinado momento, quase tive de pôr a cabeça para fora da janela. Mas, quando ele me largou em Longmont, no Colorado, eu já estava me sentindo bem melhor, e até começava a lhe contar a respeito de minhas viagens. Ele me desejou boa sorte.

Era lindo em Longmont. Sob uma gigantesca árvore velha, via-se um leito de grama verde que pertencia a um posto de gasolina. Perguntei ao servente se podia dormir ali, ele disse “claro que sim”, então estiquei uma camisa de flanela, deitei minha cabeça sobre ela, com um cotovelo por cima, e, por alguns instantes, com um olho a espiar a neve no topo das montanhas Rochosas sob o sol cálido, caí no sono por duas horas deliciosas. O único desconforto foi uma fortuita formiga do Colorado. Aqui estou eu no Colorado!, pensava o tempo inteiro. Maravilha! Estou conseguindo. E, depois de um sono reconfortante repleto de sonhos recobertos por teias de aranha sobre minha vida passada no leste, levantei-me, lavei-me no banheiro dos homens do posto de gasolina e me arranquei em largas passadas, renovado e em plena forma. Comprei um *milk shake* espesso e saboroso, num bar de beira de estrada, só para jogar algo gelado em meu estômago aquecido e atormentado.

Casualmente, uma gostosíssima garota do Colorado bateu aquele *shake* para mim; ela era toda sorrisos também; eu me senti gratificado, aquilo me refez dos excessos da noite passada. Disse a mim mesmo: Uau! Denver deve ser ótima. Retornei à estrada calorenta e zarpei num carro novo em folha, dirigido por um jovem executivo de Denver, um cara de uns trinta e cinco anos. Ele ia a cento e vinte por hora. Eu formigava inteiro; contava os minutos e subtraía os quilômetros. Bem em frente, por trás dos trigais esvoaçantes que reluziam sob as neves distantes do Estes, eu finalmente veria Denver. Imaginei-me num bar qualquer da cidade, naquela noite, com a turma inteira; aos olhos deles, eu pareceria misterioso e maltrapilho, como um profeta que cruzasse a terra inteira para trazer a palavra enigmática, e a única palavra que eu teria a dizer era: “Uau!” Aquele cara e eu mantivemos uma longa e ardente conversação a respeito dos nossos respectivos projetos de vida, e, antes que eu pudesse perceber, já estávamos passando pelos mercados que vendem frutas por atacado

nos arredores de Denver; viam-se chaminés, fumaça, vias férreas, prédios avermelhados, de tijolos à vista, e os edifícios de concreto do centro da cidade, afastados e cinzentos; ali estava eu em Denver. Ele me deixou na Larimer Street. Eu me arrastei por ali com o maior e o mais malicioso sorriso de satisfação do mundo, perambulando entre velhos vagabundos e *cowboys* obsoletos da Larimer Street.

6

Naqueles dias, eu não conhecia Dean tão bem quanto agora, por isso a primeira coisa que fiz foi procurar Chad King. Telefonei para a casa dele, falei com sua mãe — ela disse: — Alô, Sal, o que você está fazendo em Denver? — Chad era um garoto magro e loiro, com uma cara esquisita De bruxo-cientista, que parecia apropriada para um sujeito interessado em antropologia e índios pré-históricos. Seu nariz se projetava suave, quase docemente, sob a chama dourada de seus cabelos; ele possuía a graça e a beleza de um desembaraçado habitante do oeste, que joga um pouco de futebol e sempre dançou em motéis de beira de estrada. Quando ele falava, um trêmulo som metálico ecoava: — O que eu sempre gostei nos índios das planícies, Sal, é a maneira como eles ficam terrivelmente envergonhados, depois de ostentarem seus inúmeros escalpos. Na *Vida no oeste selvagem,* de Ruxton, há um índio que fica completamente vermelho de vergonha por possuir muitos escalpos e correr como um louco pelas planícies, para se vangloriar de suas proezas. Porra, isso me encanta.

A mãe de Chad o localizou na sonolenta tarde de Denver, trabalhando sobre as cestas confeccionadas pelos índios, no museu local. Liguei, ele veio e me apanhou no seu velho Ford cupê, o mesmo que usava para viajar pelas montanhas, onde escavava à procura de objetos indígenas. Ele entrou na rodoviária vestindo *jeans,* e com um sorriso de orelha a orelha. Eu estava sentado sobre meu saco de viagem, no chão, conversando justamente com o mesmo marinheiro que estiver a comigo na rodoviária de Cheyenne,

perguntando para ele o que havia acontecido com a loira. Ele estava de saco tão cheio, que nem me respondeu. Chad e eu entramos em seu pequeno cupê, e a primeira coisa que ele tinha a fazer era arranjar uns mapas na prefeitura. Depois, queria rever um velho professor, e por aí afora, enquanto tudo o que eu desejava era beber algumas cervejas. E, no fundo de minha mente. Tinha um desejo ardoroso, saber por onde andava Dean, e o que ele estava fazendo. Por alguma razão indefinida, Chad tinha decidido não ser mais amigo de Dean, e nem sequer sabia onde ele morava.

— Carlo Marx está na cidade?

Sim. — Mas Chad também já não falava mais com ele. Isso significava o início do afastamento de Chad King de nossa turma. Eu deveria tirar uma soneca na casa dele, aquela tarde. Havia notícia de que Tim Gray tinha um apartamento esperando por mim na Colfax Avenue, e que Roland Major já estava lá, aguardando que me juntasse a ele. Percebi uma espécie de conspiração no ar, e essa conspiração punha em confronto duas facções da gangue: Chad King e Tim Gray e Roland Major, junto com os Rawlins, dispostos a ignorar Dean Moriarty e Carlo Marx. Eu estava estilhaçado bem no meio desse curioso confronto.

Era uma guerra com conotações sociais. Dean era filho de um bêbado, um dos vagabundos mais trôpegos da Larimer Street, e ele próprio, na verdade, tinha crescido na Larimer e nas imediações. Estava habituado a defender seu pai em juízo, depondo nos tribunais aos seis anos de idade para vê-lo em liberdade. Costumava esmolar em frente aos becos da Larimer, e entregava sorrateiramente o dinheiro ao pai, que o aguardava entre garrafas quebradas, esparramado ao lado de um velho companheiro. Então, quando cresceu, Dean começou a freqüentar os salões de bilhar de Glenarm; bateu o recorde de carros roubados em Denver, e foi parar num reformatório. Dos onze aos dezessete anos, esteve geralmente em reformatórios. Sua especialidade era roubar carros, paquerar as garotas que saíam do colégio no fim da tarde, levá-las para as montanhas, transar com elas e voltar para dormir em alguma banheira disponível de um hotel da cidade. Seu pai, que fora um funileiro respeitado e trabalhador, tinha se transformado num viciado em vinho, o que é ainda pior do que um alcoólatra de

uísque, e se limitava a viajar nos trens de carga, indo para o Texas durante o inverno e retornando a Denver no verão. Dean tinha irmãos pelo lado de sua mãe, já falecida — ela morreu quando ele era pequeno —, mas eles não gostavam dele. Seus únicos amigos eram os caras do bilhar. Dean, que possuía a energia vibrante de uma nova espécie de santo americano, e Carlo — junto com toda a turma do bilhar — eram os monstros do *underground* daquela temporada em Denver, e, bem de acordo com essa reputação, Carlo tinha um apartamento num subsolo da Grant Street, onde nós nos encontramos e varamos noites até o amanhecer — Carlo, Dean, eu, Tom Snark, Ed Dunkel e Roy Johnson. Mais tarde, novas informações a respeito desses outros.

Em minha primeira tarde em Denver, dormi no quarto de Chad King, enquanto sua mãe prosseguia com as tarefas domésticas lá embaixo e Chad trabalhava na biblioteca. Era uma tarde abafada nas High Plains, em julho. Eu não teria conseguido dormir, se não fosse por uma invenção do pai de Chad. Ele era um homem bondoso e gentil, já com seus setenta anos, velho e frágil, magro e enrugado, sempre contando histórias, com lenta e pausada satisfação; e boas histórias também, a respeito de sua infância nas planícies de Dakota do Norte, no século passado, quando montava pôneis em pêlo e perseguia coiotes com um porrete, por passatempo. Mais tarde, tornou-se professor nas escolas rurais do enclave de Qklahoma, e finalmente um homem de negócios com muitas propriedades em Denver. Possuía ainda seu velho escritório em cima de uma garagem qualquer, ali pela redondeza — a escrivaninha de tampo móvel ainda estava lá, junto com incontáveis papéis empoeirados, que registravam seu antigo entusiasmo e seu enriquecimento. Ele tinha inventado um tipo especial de ar-condicionado. Instalou um ventilador comum no batente de uma janela e, de alguma forma, fez correr água fria através de uma serpentina bem em frente às lâminas giratórias. O resultado era perfeito — numa área de um metro ao redor do ventilador —, a água se transformava em vapor naquele dia pachorrento, enquanto a parte térrea da casa continuava tão quente quanto sempre. Mas eu estava dormindo na cama de Chad, justamente embaixo do ventilador, com um grande busto de Goethe a observar-me, e caí no sono confortavelmente, para

acordar apenas vinte minutos depois, morrendo de frio. Puxei um cobertor, e ainda assim senti frio. Fiquei tão gelado que não pude mais dormir, então desci. O velho perguntou-me se sua invenção funcionava. Respondi que funcionava até demais. Gostei do velho. Ele era carregado de recordações. — Certa vez, inventei um removedor de manchas que foi plagiado pelas grandes companhias do leste. Há alguns anos que tento reaver a patente. Se ao menos eu tivesse dinheiro para contratar um advogado decente... — Mas era tarde demais para contratar um advogado decente; e ele permanecia sentado com seu desalento. À noite, houve um jantar extraordinário: a mãe de Chad preparou carne de veado que o tio dele tinha caçado nas montanhas. Mas por onde andava Dean?

7

Os dez dias seguintes foram, como disse W. C. Fields: “repletos de perigo iminente”, e loucos. Fui morar com Roland Major no apartamento realmente luxuoso que pertencia aos pais de Tim Gray. Cada um tinha seu próprio quarto, e havia ainda uma *kitchenette* com comida na geladeira, e uma imensa sala de estar onde Major se sentava com seu *chambre* de seda, criando seus mais recentes contos à moda de Hemingway — um colérico, corado e robusto inimigo de tudo e todos, que, no entanto, possuía o sorriso mais charmoso e sincero do mundo quando a vida verdadeira se encontrava com ele suavemente, durante a noite. Ele se sentava à sua escrivaninha e eu saltitava ao redor, sobre o tapete grosso e fofo, vestindo somente minhas calças de algodão. Ele tinha acabado de escrever uma história sobre um cara que chega a Denver pela primeira vez. Seu nome é Phil. Seu companheiro de viagem é um sujeito calado e misterioso, chamado Sam. Phil sai para curtir Denver, e dá de cara com um bando de artistas pretensiosos. Retorna ao quarto de hotel. Diz lugubremente: — Sam, eles estão por aqui, também. — E Sam está apenas olhando pela janela, com melancolia: — Sim — diz ele —, eu sei. — A questão era que Sam não precisava sair à rua para saber disso. Artistas pretensiosos, pseudo-intelectuais e *poseurs,* estavam

espalhados por toda a América, sugando seu sangue. Major e eu éramos grandes amigos; ele me julgava a coisa mais distante possível de um artista pretensioso. Major adorava bons vinhos, exatamente como Hemingway. Relembrava sua recente viagem à França: — Ah, Sal, se você pudesse sentar comigo em frente a uma garrafa gelada de Poignon Dix-Neuf em pleno país basco, descobriria que existem outras coisas além de trens de carga.

— Eu sei disso. Mas o negócio é que eu amo os trens de carga, adoro o som de seus nomes: Missouri Pacif Great Northern, Rock Island Line. Por Deus, Major, se eu pudesse contar tudo o que aconteceu comigo quando vim de carona até aqui!

Os Rawlins moravam alguns quarteirões mais adiante. Eram uma família encantadora — a mãe relativamente jovem, proprietária em sociedade de um hotel decadente e mal-assombrado, com cinco filhos e duas filhas. O filho rebelde era Ray Rawlins, amigo de infância de Tim Gray. Ray veio me buscar estrepitosamente, e a simpatia foi mútua já no primeiro olhar. Caímos fora, e fomos beber pelos bares de Colfax. Uma das irmãs de Ray era uma loira linda chamada Babe — tenista, gatinha surfista do oeste. Era a garota de Tim Gray. E Major, que estava apenas passando por Denver — e fazia-o em alto estilo, naquele apartamento chique —, estava saindo com Betty, a irmã de Tim Gray. Eu era o único cara sem garota. Perguntava a todo mundo: — Por onde anda Dean? — Eles me davam sorridentes respostas negativas.

Então, finalmente aconteceu. O telefone tocou, e era Carlo Marx. Deu o endereço de seu apartamento subterrâneo. Eu perguntei: — O que você está fazendo em Denver? Quer dizer, o que você está *fazendo?* O que está acontecendo?

— Oh, espere só até eu contar.

Voei a seu encontro. Ele estava trabalhando à noite nas lojas de departamentos May; o louco do Ray Rawlins tinha ligado para lá, de um bar qualquer, fazendo os porteiros correrem atrás dele com a notícia de que alguém havia morrido. Carlo imediatamente pensou que quem tinha morrido era eu. Aí,

Rawlins disse pelo telefone: — Sal está em Denver —, e ditou meu endereço e o número do meu telefone.

— E Dean, onde está?

— Deixe-me contar: Dean está em Denver. — E ele me disse que Dean estava transando duas garotas ao mesmo tempo; elas eram Marylou, sua primeira esposa, que o aguardava num quarto de hotel, e Camille, que ficava esperando por ele num outro quarto de hotel. — Entre uma e outra, ele corre ao meu encontro para tratarmos dos negócios inacabados.

— E que negócios são esses?

— Dean e eu embarcamos juntos numa viagem incrível. Estamos tentando nos comunicar sobre absolutamente tudo o que passa pela nossa cabeça, com a mais completa sinceridade. Tivemos que tomar benzedrina. Sentamos sobre a cama, com as pernas cruzadas, frente a frente. Finalmente, expliquei a Dean que ele é capaz de fazer tudo o que quiser, tornar-se o prefeito de Denver, casar com uma milionária ou se transformar no maior poeta desde Rimbaud. Mas ele continua correndo pelas ruas para curtir aquelas malucas corridas de autorama. Eu vou junto. Ele grita e pula, excitado. Você sabe, Sal, Dean continua ligado nessas coisas. — Marx meditou sobre o assunto, e disse do fundo da alma: — Hmmm.

— E qual é o programa? — perguntei. A vida de Dean era repleta de programas.

O programa é o seguinte: eu saí do trabalho faz meia hora. Neste exato instante, Dean está comendo Marylou no hotel, o que me dá tempo pra me vestir e me arrumar. Ele foge pontualmente de Marylou e corre até Camille — claro que nenhuma das duas nem sequer imagina o que está acontecendo —, daí, dá uma trepada rápida com ela, o que me dá tempo para encontrá-lo à uma e meia. Então, ele sai comigo — não sem antes ter que implorar para Camille, que já está começando a me odiar —, e a gente vem aqui conversar até as seis horas da manhã. Geralmente, ficamos até mais tarde, mas a coisa está se tornando terrivelmente complicada, e ele está prensado pelo tempo. Às seis horas da manhã, retorna aos braços de Marylou — e amanhã ele vai passar o dia inteiro

correndo em função dos papéis necessários para o divórcio deles. É só o que Marylou quer, mas enquanto a coisa não se concretiza, ela insiste em trepar. Ela diz que o ama — e Camille também.

Então, Carlo me contou como Dean tinha conhecido Camille. Roy Johnson, o cara do bilhar, encontrou a garota num bar e a levou para um hotel; com o orgulho a embaralhar suas idéias, decidiu convidar a turma toda para aparecer e conhecê-la. Sentaram-se todos ao redor, conversando com Camille. Dean nada fez, além de ficar olhando pela janela. Então, quando todos estavam indo embora, Dean simplesmente olhou para Camille, apontou para seu próprio pulso e mostrou o número 4 com os dedos (querendo dizer que estaria de volta às quatro horas), e se mandou. Às três, a porta estava trancada para Roy Johnson. Às quatro, foi aberta para Dean. Eu estava louco para encontrar logo aquele maluco. Além do mais, ele tinha prometido me deixar bem encaminhado, conhecia todas as garotas de Denver.

Carlo e eu percorremos ruelas na noite de Denver. O ar estava tão agradável, as estrelas, tão lindas, e as promessas de cada beco pavimentado, tão grandiosas, que eu pensava tratar-se de um sonho. Chegamos à pensão onde Dean estava dando uns apertos em Camille. Era um velho prédio de tijolos à vista, circundado por garagens de madeira e velhas árvores fincadas atrás das cercas. Subimos escadas acarpetadas. Carlo bateu na porta, e então voou para se esconder, não queria que Camille o visse. Eu parei em frente à porta. Dean atendeu, nu em pêlo. Vi uma morena sobre a cama e uma linda coxa lustrosa recoberta por uma seda preta. Ela me olhou com serena perplexidade.

— Uau, Sa-a-al! — disse Dean. — Bem, agora — ah — humm — sim, é claro, quer dizer que você chegou — seu filho da puta, finalmente decidiu cair nessa velha estrada! Bem, agora, olhe só — a gente tem que — sim, sim, imediatamente — nós devemos, nós realmente devemos... Oh, Camille — e ele se enroscou nela. — Aqui está Sal, meu velho companheiro de Nova Yor-r-k, esta é a primeira noite dele em Denver, e é absolutamente necessário que eu dê uma saída com ele e lhe arranje uma garota.

— Mas a que horas você vai voltar?

— Agora são — olhou para seu relógio — exatamente uma e catorze. Devo estar de volta exatamente às três e catorze em ponto, para nossa hora de delírio conjunto, delírio verdadeiramente encantador, querida, e aí, como você sabe, como já lhe contei e a gente concordou, tenho que visitar aquele advogado pilantra e consultá-lo a respeito daqueles papéis — justamente no meio da noite, por mais estranho que possa parecer, conforme já expliquei mi-nu-ci-o-sa-men-te — isso era uma desculpa para encontrar-se com Carlo, que permanecia escondido. — Portanto, neste exato minuto, devo me vestir, enfiar as calças e cair na vida, quer dizer, na vida do mundo exterior, pelas ruas e o que mais acontecer. Como já estamos combinados, agora são uma e quinze, e o tempo está correndo, correndo.

— Legal, tudo bem, Dean, mas por favor volte às três.

— Exatamente como garanti, querida, mas lembre-se que não é às três, mas três e catorze. Estamos combinados na mais maravilhosa profundeza de nossas almas, querida? — E se jogou sobre ela, cobrindo-a de beijos várias vezes. Pendurado na parede, via-se um belo nu de Dean, com seu pau enorme e tudo, um desenho feito por Camille. Eu estava atônito. Tudo era tão louco!

Mergulhamos na noite; Carlo se juntou a nós num beco, e penetramos na mais estranha, estreita e tortuosa ruela urbana que jamais vi, profundamente encravada no coração do bairro mexicano de Denver. Falávamos aos berros na quietude adormecida. — Sal — disse Dean —, tenho a garota perfeita esperando por você neste exato instante — se é que ela já saiu do trabalho. — Olhou para seu relógio. — Uma garçonete, Rita Bettencourt, boa menina, meio encucada por conta de algumas dificuldades sexuais em que tentei dar um jeito, mas acho que você saberá manejá-la melhor, seu grande filho da puta! Portanto, vamos logo. Vamos levar umas cervejas. Não — elas devem ter algumas lá, e porra! — disse ele, socando a palma da mão. — Fiquei de comer a irmã dela hoje à noite.

— O quê? — disse Carlo. — Pensei que a gente ia conversar.

— Vamos, vamos, mais tarde.

— Oh, essa depressão de Denver — suspirou Carlo aos céus.

— Ele não é o cara mais puro e singelo do mundo? — disse Dean,

esmurrando-me as costelas. — Olhe pra ele. *Olhe* só pra ele. — E Carlos reiniciou sua dança desengonçada pelas ruas da vida, como eu já o vira fazer tantas vezes por todos os cantos de Nova York. E tudo o que consegui dizer foi: — Afinal de contas, o que a gente está fazendo em Denver?

— Amanhã, Sal, saberei exatamente onde conseguir trabalho para você — disse Dean, mudando para um tom mais responsável. — Por isso, vou ligar assim que Marylou me der uma folga, entrarei naquele apartamento de vocês, darei um alô para Major e levarei você num tróleibus (merda, não tenho carro) até os mercados de Camargo, onde você começará a trabalhar e, já na sexta-feira, receberá o cheque de pagamento. Nós estamos totalmente duros; faz semanas que não tenho tempo para trabalhar. Mas na noite de sexta-feira, sem dúvida alguma, nós três — o velho trio Carlo, Dean e Sal — vamos curtir as corridas de autorama e, para isso, posso conseguir carona com um cara que conheço, e que mora no centro... — e assim por diante, dentro da noite.

Chegamos à casa onde as irmãs garçonetes moravam. A que me cabia ainda estava trabalhando. A irmã que Dean queria estava lá. Sentamos no sofá dela. Eu tinha ficado de telefonar para Ray Rawlins por volta daquela hora. Liguei. Ele veio num instante. Chegando à porta, tirou a camisa e a camiseta, e começou a abraçar Mary Bettencourt, da qual era absolutamente desconhecido. Garrafas rolavam pelo chão. De repente, eram três horas da manhã. Dean saiu voando para seus momentos de delírio junto a Camille. Estaria de volta a tempo. A outra irmã apareceu. Agora realmente precisávamos de um carro; já estávamos fazendo barulho demais. Ray Rawlins telefonou para um amigo que tinha carro. Ele veio. Nós nos amontoamos lá dentro; Carlo tentava conduzir sua conversação programada com Dean no banco de trás. Mas tudo era confuso demais. — Vamos todos para o meu apartamento! — gritei. E fomos. No instante em que o carro estacionou ali na frente, saltei fora e plantei uma bananeira. Todas as minhas chaves caíram, e jamais voltei a encontrá-las. Corremos aos gritos para dentro do prédio. Vestido em seu *chambre* de seda, Roland Major lá estava parado na porta, barrando nossa entrada.

— Não vou permitir festinhas desse tipo no apartamento de Tim Gray!

— O quê? — gritamos todos. Houve confusão. Rawlins rolava pela grama com uma das garçonetes. Major não queria mesmo nos deixar entrar. Prometemos telefonar para Tim Gray, para confirmar a festa e convidá-lo também. Mas, ao invés disso, corremos de volta para os botecos do centro de Denver. De repente, vi-me sozinho na rua, sem dinheiro nenhum. Meu último dólar se fora.

Caminhei oito quilômetros pela Colfax até minha confortável cama no apartamento. Major teve de me deixar entrar. Eu me perguntava se, naquele instante, Carlo e Dean estariam dialogando, de coração a coração. Mais tarde, eu teria a resposta. As noites de Denver são amenas, dormi feito um tronco.

8

Então, todo mundo começou a planejar uma fantástica caminhada pelas montanhas. Isso começou pela manhã, junto com um telefonema que confundiu tudo — meu velho companheiro da estrada, Eddie, deu um tiro no escuro e resolveu me telefonar; ele se lembrava de alguns nomes que eu tinha mencionado. Finalmente, teria a oportunidade de recuperar minha camisa. Eddie estava com sua garota, numa casa fora de Colfax. Ele queria saber se eu sabia onde ele podia arranjar trabalho, e eu lhe disse para aparecer, deduzindo que Dean saberia. Dean chegou, afobado, enquanto Major e eu tomávamos um desjejum rápido. Ele não queria nem sentar. — Tenho mil coisas para fazer, na verdade mal tenho tempo de levar você pra Camargo, mas vamos lá, homem.

— Vamos esperar Eddie, meu amigo da estrada.

Major se divertia com nossa apressada atribulação. Ele tinha vindo a Denver para escrever descansadamente. Tratava Dean com um profundo respeito. Dean nem ligava. Major falava assim com Dean: — Moriarty, que história é essa que escutei, que você anda dormindo com três garotas ao mesmo tempo? — Dean se ajeitou no tapete e disse: — É, é isso mesmo —, e consultou seu relógio, enquanto Major fungava. Eu me sentia envergonhado por estar

saindo com Dean assim tão apressadamente. Major insistia em julgá-lo um estúpido mentecapto. Evidentemente, ele não o era, e eu queria dar um jeito de provar isso a todo mundo.

Encontramos Eddie. Dean também não prestou atenção nele, e lá fomos nós de tróleibus, em pleno meio-dia calorento de Denver, procurando trabalho. Essa idéia me horrorizava. Eddie falava e falava, como sempre. Encontramos um sujeito no mercado que concordou em contratar nós dois; o trabalho começava às quatro da manhã e se prolongava até as seis da tarde. O homem disse: — Gosto de rapazes que gostam de trabalhar.

— Você acaba de encontrar o homem certo — garantiu Eddie, mas eu já não estava tão seguro quanto a mim. — Simplesmente não dormirei nunca — decidi. Havia tantas outras coisas interessantes para fazer!

Eddie apareceu na manhã seguinte, mas eu, não. Afinal, eu tinha uma cama, e Major recheara de comida a geladeira, e em troca dela eu cozinhava e lavava os pratos. A essa altura, já estava envolvido em tudo. Uma noite aconteceu uma festança na casa dos Rawlins. A mãe deles estava viajando. Ray Rawlins convidou todo mundo que conhecia, avisando para que trouxessem uísque; em seguida, correu sua caderneta atrás dos números das garotas, obrigando-me a fazer a maior parte das chamadas; um bando inteiro de garotas apareceu. Liguei para Carlo para saber o que Dean estava fazendo. Dean iria às três da manhã para a casa de Carlo, depois da festa. Fui para lá.

O apartamento subterrâneo de Carlo ficava na Grand Street, numa velha pensão com tijolos à vista, próxima a uma igreja. Nós nos enfiamos num beco, descemos uns degraus de pedra, abrimos uma tosca porta de madeira e penetramos numa espécie de porão, até chegarmos a uma porta de madeira compensada. Parecia o quarto de um santo russo; a vela acesa, a cama, paredes de pedras úmidas e uma espécie de ícone maluco que ele próprio havia feito. Recitou seus poemas para mim. Um se intitulava “A depressão de Denver”. Certa manhã, Carlo acordou e escutou “pombos vulgares” grasnando do lado de fora de seu cubículo, viu “tristes rouxinóis” encurvando os galhos, que lhe fizeram lembrar a mãe. Um manto cinzento encobriu a cidade. As montanhas, as

magníficas Rochosas, que se podia ver de qualquer lugar, a oeste da cidade eram feitas de *papier-maché.* O universo inteiro estava demente, absurdo e extremamente estranho. Ele descrevia Dean como “o menino do arco-íris”, perturbado e atormentado em sua agonizante pria-pice. Referia-se a ele como o “Eddie Édipo”, forçado a raspar chicletes das vidraças.

Ele meditava em seu porão, debruçado sobre o enorme diário no qual registrava tudo o que acontecia — tudo o que Dean fazia e dizia.

Dean apareceu na hora marcada. — Tudo certo — anunciou. — Vou me divorciar de Marylou, casar-me com Camille e viver com ela em San Francisco. Mas apenas depois que você e eu, querido Carlo, formos ao Texas dar uma sacada no velho gatuno Old Buli Lee, que jamais encontrei, mas de quem vocês dois já me falaram tanto que... Só então irei para San Fran.

Aí eles puseram mãos à obra. Sentaram-se sobre a cama com as pernas cruzadas e olharam firme um para o outro. Eu me joguei numa cadeira próxima e observei a cena inteira. Começaram com um pensamento abstrato, discutiram sobre ele; mencionaram outra idéia abstrata que havia sido esquecida no decorrer dos acontecimentos; Dean se desculpou mas prometeu que poderia relembrar a cena, até com ilustrações, se preciso.

Carlo disse: — E justamente quando passávamos por Wazee, eu queria dizer o que tinha achado de seu acesso de loucura por causa do autorama, e nesse exato instante, lembra, você apontou para aquele velho vagabundo com as calças frouxas e disse que ele era igual a seu pai?

— Sim, sim, claro que me lembro; e não apenas isso, mas também que foi o começo de uma viagem realmente muito louca, que eu precisava contar, e havia esquecido, mas agora você acaba de relembrar... — e duas novas questões haviam nascido. Eles as analisaram com atenção. Então Carlo perguntou se Dean estava sendo honesto, especificamente, se ele estava sendo honesto consigo mesmo, no fundo de sua alma.

— Por que você levantou essa questão outra vez?

— É o último detalhe que quero saber...

— Mas, você está escutando, caro Sal? Você está sentado aí. Vamos

perguntar ao Sal. O que ele tem a dizer?

E eu disse: — Este último detalhe é inatingível, Carlo. Ninguém jamais consegue atingir esse último detalhe. Mas continuamos vivendo na esperança de alcançá-lo de uma vez por todas.

— Não, não, não. Você está dizendo uma bobagem completa, idéias românticas e refinadas de Wolfe — contestou Carlo.

E Dean disse: — De forma alguma foi isso o que quis dizer. Mas nós devemos deixar Sal ter suas próprias idéias. E, na verdade, você não acha, Carlo, há uma certa dignidade na maneira como ele está sentado ali, apenas nos curtindo, esse maluco, cruzou o país inteiro — o velho Sal não quer falar, não vai dizer nada.

— Não é isso — protestei. — Simplesmente não sei o que vocês estão pretendendo, e aonde querem chegar. Só sei que isso é demais para qualquer um.

— Você só diz coisas pessimistas.

— Então que porra é essa que vocês estão querendo fazer?

— Diga para ele.

— Não, diga você.

— Não há nada a ser dito — eu disse, e ri. Estava com o chapéu de Carlo. Puxei-o sobre meus olhos. — Quero dormir — falei.

— Pobre Sal, sempre quer dormir. — Eu me mantive calado. Eles recomeçaram. — Quando você pediu emprestado aquele troco para completar a conta daquela galinha assada. . .

— Não, cara, foi pro *chili.* O Texas Star, lembra?

— Eu estava confundindo com a terça-feira. Quando você me pediu emprestado aquele dinheiro, você disse, escute bem, você disse: “Carlo, esta é a última vez que me aproveitarei de você”, como se quisesse insinuar que eu tinha concordado que já era hora de parar com esse abuso.

— Não, não, não, não quis dizer nada disso — agora escute aqui, meu caro amigo, vamos rememorar, se é que você consegue, aquela noite em que Marylou estava chorando lá no quarto, e, ao me virar para você, revelando meu ar de sinceridade postiça, que sabíamos ser fingido, mas que tinha suas razões, quer

dizer, através dessa representação eu demonstrei que... mas espere aí, não é nada disso.

Claro que não é nada disso. Acontece que você esqueceu o que ia dizer. Mas eu vou parar de acusá-lo. Sim, isso é o que eu tenho a dizer... — e mais e mais, noite afora, prosseguiram falando desse jeito. Na aurora, eu os espiei. Estavam tentando elucidar o último assunto da manhã. — Quando eu lhe disse que tinha que dormir *por causa* da Marylou, quer dizer, porque precisava estar com ela às dez da manhã, não usei nenhum tom de voz ditatorial para contestar seus argumentos a respeito da inutilidade de dormir, mas apenas, *unicamente,* veja se percebe, pelo mero fato de que simplesmente, sem sombra de dúvida, absolutamente, incontestavelmente, tenho que dormir agora, e é o seguinte: meus olhos estão se fechando, estão vermelhos, doídos, cansados, gastos.

— Ah, menino — suspirou Carlo.

— Temos que ir dormir agora mesmo. Vamos desligar a máquina.

— É impossível desligar a máquina — gritou Carlo, com o tom de voz mais alto possível. Os primeiros pássaros cantarolavam.

— Agora, quando eu levantar minha mão — disse Dean —, vamos parar de falar, já que, sem dúvida alguma, compreendemos que estamos simplesmente parando de falar, para simplesmente irmos dormir.

— Você não pode parar a máquina assim.

— Parem as máquinas — eu disse. Eles olharam para mim.

— Ele estava acordado o tempo inteiro, escutando tudo. O que você estava pensando disso tudo, Sal? — Respondi que, para mim, eles eram uma dupla de maníacos extraordinários, e que tinha passado a noite inteira ouvindo-os, feito um homem observando o mecanismo de um relógio que, apesar de estar no topo do passo Berthoud, é constituído de peças tão minúsculas quanto as do relógio mais delicado do mundo. Eles sorriram. Apontei meu dedo para eles e alertei: — Se vocês continuarem assim, ambos enlouquecerão. Mas enquanto continuarem, mantenham-me a par de tudo.

Caí fora e peguei um tróleibus até meu apartamento, e as montanhas de *papier-maché* de Carlo Marx se tornavam cada vez mais rubras à medida que o sol nascia, enorme, nas planícies do leste.

9

Ao entardecer, eu estava envolvido naquela caminhada pelas montanhas e, por cinco dias, não vi Dean e Carlo. Babe Rawlins podia usar o carro de seu patrão durante os fins de semana. Levamos paletós, que penduramos ao lado da janela do carro, e nos largamos para Central City. Ray Rawlins dirigia, com Tim Gray estirado lá atrás, Babe na frente. Foi a minha primeira visão do interior das Rochosas. Central City é uma velha cidade mineira que já foi chamada a Mais Rica Milha Quadrada do Mundo, o lugar onde uma montanha de prata foi descoberta pelos velhos e ávidos garimpeiros que percorriam as colinas. Eles enriqueceram da noite para o dia, e construíram um lindo teatro lírico entre os barracos erguidos num declive escarpado. Lillian Russell se apresentara ali, e as estrelas da ópera européia também. Desde então, Central City se tornara uma cidade fantasma, até que os caras da Câmara de Comércio, esses sujeitos enérgicos do novo oeste, decidiram reviver o lugar, reformaram o teatro, e todas as estrelas de verão do Metropolitan vieram representar ali. Eram férias inesquecíveis para todo mundo. Vinham turistas de todos os lugares, até mesmo estrelas de Hollywood. Rodamos montanha acima, e encontramos as ruas estreitas repletas de turistas pedantes. Lembrei-me de Sam, o personagem de Major, e Major tinha razão. O próprio Major estava lá, lançando seu vasto sorriso social para todos, murmurando sinceros “ohhs” e “ahhs” para tudo. — Sal — gritou ele, agarrando-me pelo braço —, olhe só esta velha cidade. Imagine como era há uns cem — que nada, apenas há uns oitenta, sessenta anos —, tiveram até um teatro aqui.

— *Yeah* — disse eu, imitando um de seus personagens —, mas *eles* estavam aqui.

— Os sacanas! — blasfemou. Mas logo caiu fora para se divertir, com Betty Gray a tiracolo.

Babe Rawlins era uma loira arrojada. Conhecia um velho barraco de mineiro nos arredores da cidade, onde nós, os rapazes, poderíamos dormir durante o fim de semana; tudo o que tínhamos a fazer era limpá-lo. Podíamos também promover festanças enormes lá. Era uma velha cabana coberta por uns três centímetros de poeira; tinha varanda e um poço nos fundos. Tim Gray e Ray Rawlins arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra, um trabalho de vulto que lhes tomou a tarde inteira e ainda parte da noite. Mas eles tinham um engradado de cerveja, e tudo estava bem.

Quanto a mim, fora convidado para ir à ópera aquela tarde, de braço dado com Babe. Vesti o terno de Tim. Apenas alguns dias antes eu chegara a Denver como um vagabundo; agora, estava impecavelmente trajado, e com uma loira linda e elegante pelo braço, cumprimentando autoridades e conversando, sob candelabros, no saguão. Imaginei o que Mississipi Gene diria, se pudesse me ver.

A ópera era *Fidélio.* — Que desânimo! — bradou o barítono, erguendo-se de uma masmorra sob os gemidos de uma pedra. Vibrei com aquilo. Era justamente assim que eu encarava a vida. Eu estava tão interessado na ópera, que por instantes esqueci as circunstâncias de minha vida doida, perdendo-me na lúgubre e fantástica sonoridade de Beethoven e na preciosa coloração de Rembrandt que se desprendia de seu enredo.

— Bem, Sal, o que você achou da montagem deste ano? — Denver D. Doll me perguntou na rua, orgulhosamente. Ele era filiado a uma associação que promovia óperas.

— Que desânimo, que desânimo! — disse eu. — Verdadeiramente extraordinário.

— Agora, o próximo passo é conhecer os integrantes do elenco — prosseguiu ele com sua entonação oficial, mas, no decorrer dos acontecimentos, felizmente se esqueceu disso, e sumiu.

Babe e eu retornamos ao barraco. Tirei aqueles panos e fui me juntar aos rapazes na limpeza. Era um trabalho enorme. Roland Major sentou-se no centro da sala da frente, que já estava limpa, recusando-se a nos ajudar. Na mesinha à sua frente, havia uma garrafa de cerveja e seu copo. Enquanto dávamos duro com baldes d'água e vassouras, ele rememorava: — Ah, se ao menos algum dia você pudesse me acompanhar e beber um Cinzano, ouvindo os músicos de Bandol, então realmente iria viver. E há ainda os verões na Normandia, os tamancos, o velho e delicioso Calvados. Vamos lá, Sam — sussurrava a um companheiro invisível. — Tire o vinho do gelo, e veja se ficou fresco o suficiente enquanto estivemos pescando. — Influência direta de Hemingway, sem dúvida.

Chamávamos as garotas que cruzavam pela rua. — Vamos lá, ajudem-nos a limpar este troço. Estão todas convidadas para nossa festa hoje à noite. — Elas aderiam à causa. Repentinamente, havia uma verdadeira multidão trabalhando para nós. Por fim, os cantores do coral — garotos, a maioria — apareceram, e puseram mãos à obra. O sol se pôs. Findo nosso dia de trabalho, Tim, Rawlins e eu decidimos nos arrumar para a grande noite. Cruzamos a cidade até a pensão onde as estrelas da ópera estavam hospedadas. Podíamos ouvir através da noite o início da *performance* noturna. — Beleza — disse Rawlins. — Agarrem umas toalhas e barbeadores, e vamos nos arrumar um pouco. — Pegamos também escovas de cabelo, perfumes, loções de barba, e entramos carregados no banheiro. Tomamos banho cantarolando. — Não é incrível? — seguia dizendo Tim Gray. — Usar o banheiro, as toalhas, as loções de barba e os barbeadores elétricos das estrelas da ópera?

Era uma noite magnífica. Central City fica a três mil metros de altura; primeiro, você fica embriagado pela altitude, depois cansa, e então a agitação toma conta de sua alma. Nós nos aproximamos das luzes ao redor do teatro, numa rua escura e estreita, e então demos uma brusca guinada à esquerda, e chegamos aos velhos *saloons* com suas portas de vaivém. A maior parte dos turistas estava na ópera. Demos a largada com algumas cervejas extras. Havia

até um pianista. Da porta de serviço, descortinava-se uma linda vista das escarpas montanhosas ao luar. Soltei um urro. A noite estava iniciada.

Corremos de volta para nosso barraco de mineiro. Tudo estava sendo preparado para a grande festa. As garotas, Babe e Betty, prepararam um aperitivo, feijão e salsichas *frankfurt,* e nós dançamos e mergulhamos na cerveja com fervor. Finda a ópera, multidões de garotas amontoaram-se no nosso pedaço. Rawlins, Tim e eu lambemos os beiços. Nós as abraçávamos e dançávamos. Não havia música, apenas dança. O lugar lotou inteiramente. As pessoas começaram a trazer garrafas. Saíamos para nos abastecer nos bares e voltávamos voando. A noite se tornava mais e mais desvairada. Desejava que Dean e Carlo estivessem ali — aí percebi que estariam deslocados e infelizes. Eles eram exatamente como o homem melancólico que geme na masmorra, erguendo-se dos subterrâneos, os sórdidos *hipsters* da América, uma inovadora geração *beat,* com a qual eu estava me ligando lentamente.

Os garotos do coro reapareceram. Começaram a cantar *Sweet Adeline.* Cantavam também frases como “Me passe a cerveja” e “O que você está fazendo com essa cara amarrada?”, e profundos e longos acordes de “Fi-dé-lio”. “Oh, Deus, que desânimo!”, cantarolei. As garotas eram demais. Elas saíam para o pátio e se roçavam com a gente. Havia camas nos demais quartos, os que permaneciam sujos e empoeirados. Eu estava sentado num deles com uma garota, e conversava com ela quando, subitamente, houve uma grande invasão dos jovens que trabalhavam de lanterninhas no teatro; eles se agarravam nas garotas e as beijavam sem preliminares. Adolescentes, bêbados, com cabelos revoltos, excitados — arruinaram nossa festa. Em cinco minutos, toda e qualquer garota tinha se ido, uma notável festa de confraternização devastada por ruídos de garrafas de cerveja e berros.

Ray, Tim e eu decidimos correr os bares. Major tinha se mandado, Babe e Betty, também. Cambaleamos pela noite. A multidão dos espectadores do teatro se acumulava nos bares, lotados até o teto. Major gritava acima das cabeças. Denver D. Doll, impaciente, de óculos, apertava todas as mãos, dizendo: — Boa noite, como vai *você?* — Quando a meia-noite chegou, ele já dizia: — Boa

tarde, como vai? — Em determinado momento, eu o vi afastando-se com uma autoridade. Em seguida, retornou em companhia de uma mulher de meia-idade; no minuto seguinte, estava conversando com um jovem casal de lanterninhas, no meio da rua. Um minuto depois, já estava apertando minha mão sem me reconhecer, dizendo: — Feliz Natal, meu garoto. — Ele não estava bêbado de álcool, apenas embriagado daquilo que realmente gostava: multidões fervilhantes. Todos o conheciam. — Feliz Ano-Novo! — anunciava, e às vezes "Feliz Natal". Disse isso a noite inteira. No Natal, ele desejava feliz Páscoa.

No bar, havia um tenor respeitadíssimo; Denver D. Doll tinha insistido para que eu o conhecesse, o que eu estava tentando evitar; seu nome era D'Annunzio ou coisa parecida. A esposa estava com ele. Sentavam-se à mesa, carrancudos. No bar havia também uma espécie de turista argentino. Rawlins deu um encontrão nele para poder instalar-se. Ele se virou e rosnou. Rawlins me estendeu seu copo e, com um único soco, derrubou-o sobre o corrimão de bronze. O homem ficou momentaneamente fora de si. Houve gritos. Tim e eu escoltamos Rawlins para a rua. A confusão era tamanha, que o xerife não pôde nem mesmo abrir caminho através da multidão para encontrar a vítima. Ninguém podia identificar Rawlins. Fomos para outros bares. Major, cambaleante, subiu por uma rua escura. — Porra, qual é o problema? Alguma briga? É só me chamar. — Gargalhadas retumbavam, vindas de todos os lados. Eu me perguntava o que o Espírito das Montanhas estaria pensando, e olhei para cima e vi pinheiros ao luar, fantasmas de velhos mineiros, e fiquei assombrado. Em todo o sombrio lado leste da cordilheira, reinava o silêncio e o sussurro do vento, exceto na ravina onde berrávamos; do outro lado da cordilheira, viam-se o grande talude ocidental e o imenso platô que se prolongava até Steamboat Springs, baixando depois em direção ao deserto do leste do Colorado e para o deserto de Utah; tudo agora envolto pela escuridão, enquanto gritávamos e enlouquecíamos em nosso retiro montanhoso, americanos loucos e bêbados numa terra majestosa. Estávamos no topo da América, e tudo o que podíamos fazer era gritar, acho eu — através da noite, em direção ao leste, sobre as planícies onde provavelmente, em algum lugar, um velho de cabelos brancos

estava caminhando com o Verbo em nossa direção, e chegaria a qualquer momento e nos faria calar.

Rawlins insistiu em retornar ao bar onde havia brigado. Tim e eu não gostamos da idéia, mas fomos atrás. Ele se dirigiu a D'Annunzio, o tenor, e jogou um copo de uísque com gelo na cara dele. Nós o arrastamos para fora. Um barítono do coral se juntou a nós, e fomos para um botequim no centro de Central City. Ali, Ray chamou a garçonete de piranha. Um grupo de homens mal-encarados circulava pelo bar; eles odiavam turistas. Um deles disse: — É melhor vocês darem o fora daqui antes que eu conte até dez. — A gente deu. Cambaleamos de volta para o barraco e fomos dormir.

Pela manhã, acordei e me virei na cama; uma enorme nuvem de poeira se desprendeu do colchão. Eu me espreguicei na janela; tudo estava em desordem. Tim Gray também estava na cama. Espirramos e tossimos. Nosso café da manhã consistiu em cerveja choca. Babe voltou de seu hotel, e arrumamos nossas coisas para partir.

Tudo parecia estar em colapso. Quando nos dirigíamos para o carro, Babe escorregou e caiu de cara no chão. Pobre garota, estava fatigada. Seu irmão, Tim e eu a ajudamos. Entramos no carro; Major e Betty se juntaram a nós. Começou a triste viagem de volta a Denver.

Subitamente, descemos a montanha e vislumbramos o extenso mar das planícies de Denver, rubras como se recém-saídas do forno. Começamos a cantar. Eu estava ansioso para me mandar para San Francisco.

10

Naquela noite, encontrei Carlo e, para meu espanto, ele contou que tinha estado em Central City com Dean.

— O que vocês fizeram lá?

— Oh, a gente curtiu os bares, e Dean roubou um carro e a gente despencou serra abaixo, fazendo as curvas a cento e cinqüenta quilômetros por

hora.

— Porra, não vi vocês lá.

— A gente não sabia que você estava lá.

— Bem, cara, estou indo para San Francisco.

— Dean preparou Rita para você esta noite.

— Bem, se é assim, abro mão de tudo. — Eu não tinha nem um tostão. Mandei uma carta aérea para minha tia, pedindo cinqüenta dólares e garantindo que aquela seria a última grana que iria pedir, a partir de então, e, tão logo eu pegasse aquele barco, ela começaria a receber dinheiro meu.

Então, fui encontrar-me com Rita Bettencourt e a levei outra vez ao apartamento. Depois de uma longa conversa na escuridão da sala de estar, consegui levá-la para o meu quarto. Era uma garota legal, simples e sincera, só que terrivelmente grilada com sexo. Disse a ela que sexo era bonito. E queria lhe provar isso. Ela me deu chance de provar, mas fui impaciente demais e acabei não provando nada. Ela suspirava no escuro. — O que você espera da vida? — perguntei; eu vivia perguntando isso às garotas.

— Não sei — respondeu. — Apenas servir as mesas e esperar que tudo dê certo. — Ela choramingou. Pus minha mão em sua boca e lhe disse que não choramingasse. Tentei explicar a ela meu entusiasmo pela vida e as coisas que poderíamos fazer juntos; dizia isso, mas pensava em deixar Denver dentro de dois dias. Ela se virou, deprimida. Ficamos deitados de costas, olhando para o forro e refletindo sobre o que Deus deveria estar pensando quando fez a vida tão triste assim. Planejamos vagamente um encontro em Frisco.

Meus momentos em Denver estavam chegando ao fim, pude sentir isso quando a acompanhava a pé até sua casa; na volta, estiquei-me na grama em frente a uma velha igreja, junto a uns vagabundos, e a conversa deles me fez desejar voltar à estrada. De vez em quando, um deles se levantava e abordava um transeunte para pedir esmola. Falavam a respeito das colheitas que estavam se deslocando para o norte. O papo era caloroso e gentil. Fiquei com vontade de ver Rita novamente e lhe dizer uma porção de coisas, e realmente fazer amor dessa vez, e tranqüilizar seus temores com relação aos homens. Garotas e

rapazes da América têm curtido momentos realmente tristes quando estão juntos; a artificialidade os força a se submeterem imediatamente ao sexo, sem os devidos diálogos preliminares. Nada de galanteios — um profundo diálogo de almas, pois a vida é sagrada e cada momento é precioso. Ouvi sons da locomotiva de Denver a Rio Grande ecoar nas montanhas. Quis seguir ainda mais longe atrás de minha estrela.

Major e eu sentamo-nos tristonhos, conversando pela madrugada. — Você já leu *As verdes colinas da África?* É o melhor de Hemingway. — Desejamos sorte um ao outro. Nós nos encontraríamos em San Francisco. Vi Rawlins sob uma árvore sombria na calçada: — Tchau, Ray. Quando a gente se vê de novo? — Fui procurar Carlo e Dean — não consegui encontrá-los em lugar nenhum. Tim Gray ergueu as mãos para o céu e disse: — Quer dizer que você está caindo fora, Yo? — A gente se chamava de Yo. — Pois é — eu disse. Vadiei por Denver durante os dias que se seguiram. Para mim, era como se cada vagabundo da Larimer Street fosse o pai de Dean Moriarty, o velho Dean Moriarty, o Funileiro. Fui ao Windsor Hotel, onde pai e filho tinham morado e onde, certa noite, Dean fora terrivelmente despertado por um aleijado sem pernas, que usava um carrinho com rodas, que dividia o quarto com eles. Ele veio deslizando sobre o chão, em cima de suas rodas horrorosas, para tentar tocar o garoto. Vi a anã que vendia jornal na esquina da Curtis com a 15th. Perambulei pelos cabarés deprimentes da Curtis Street; garotos em *jeans* e camisas vermelhas; cascas de amendoim, marquises de cinema, estandes de tiro ao alvo. Além das cintilâncias da rua via-se a escuridão, e para além da escuridão, o oeste. Eu tinha de ir.

Ao amanhecer, encontrei Carlo. Li partes de seu vasto diário, dormi lá, e na manhã cinzenta e chuvosa, o alto Ed Dunkel, quase dois metros, apareceu com Roy Johnson, um garoto bonitão, e Tom Snark, o craque manco do bilhar. Eles se sentaram por ali e, com sorrisos desconcertados, escutaram Carlo Marx ler sua louca poesia apocalíptica. Eu me afundei na cadeira, arrasado. — Oh, sim, os pássaros de Denver — bradou Carlo. Saímos em fila e fomos até um daqueles típicos becos sem saída de Denver, entre incineradores que fumegavam lentamente. — Eu costumava brincar de rolar argola bem aqui neste beco —

dissera-me Chad. Eu queria tê-lo visto fazer isso; queria ter conhecido Denver dez anos antes, quando todos eles eram crianças, numa ensolarada manhã primaveril com as cerejeiras das Rochosas em flor, rolando suas argolas em becos ruidosos e promissores — a turma inteira. E Dean, sujo e esfarrapado, vagando solitário num transe absorto.

Roy Johnson e eu caminhamos na garoa; fui à casa da namorada de Eddie recuperar minha camisa de flanela xadrez, aquela de Shelton, Nebraska. Ela estava lá, cheia de nós, toda a imensa tristeza de uma camisa. Roy Johnson disse que iria me encontrar em Frisco. Todos estavam indo para Frisco. Descobri que meu dinheiro tinha chegado. O sol apareceu, e Tim Gray pegou um tróleibus comigo até a rodoviária. Comprei uma passagem para San Fran, gastando metade da grana, e embarquei às duas da tarde. Tim Gray me acenava enquanto o ônibus rodava, deixando para trás as lendárias e animadas ruas de Denver. — Meu Deus, terei de voltar um dia para ver o que vai acontecer! — prometi. Num telefonema de último instante, Dean me disse que ele e Carlo talvez se juntassem a mim na costa; pensei a respeito e concluí que, durante a passagem por Denver, não tinha conversado com Dean mais que cinco minutos.

11

Eu estava duas semanas atrasado ao encontro com Remi Boncceur. A viagem de ônibus de Denver a Frisco foi monótona, a não ser por minha alma cada vez mais irrequieta, à medida que nos aproximávamos de Frisco. Cheyenne de novo, dessa vez ao entardecer, e depois para o oeste por cima da serra; cruzamos a cordilheira à meia-noite em Creston, chegamos em Salt Lake City na aurora — uma cidade de extintores de incêndio, o lugar menos provável onde Dean poderia ter nascido; daí para Nevada, sob o sol escaldante, Reno ao cair da noite, suas cintilantes ruas chinesas; e então por sobre a Sierra Nevada, pinheiros, estrelas, albergues nas montanhas que sugeriam romances em Frisco — uma garotinha no banco de trás perguntou para a mãe com a voz chorosa: —

Mamãe, quando chegaremos em casa, lá em Truckee? — E então Truckee mesmo, a familiar Truckee, e aí descemos as montanhas em direção às planícies de Sacramento. De repente, percebi estar na Califórnia. Cálido e próspero ar tropical soprava entre palmeiras — ar que se podia beijar —, e as próprias palmeiras. Então, ao longo do célebre rio Sacramento por uma *super-freeway*, até as montanhas outra vez; para cima e para baixo e, subitamente, a vasta amplitude da baía (era justamente antes do amanhecer) com as sonolentas luzes de Frisco a tremeluzir em suas águas. Sobre a ponte da baía de Oakland, dormi profundamente pela primeira vez desde Denver; fui sacudido rudemente na estação rodoviária da esquina da Market com a Forth, o que me fez lembrar que estava a cinco mil e duzentos quilômetros da casa de minha tia em Paterson, Nova Jersey. Saí como um fantasma desbotado, e ali estava ela, Frisco — longas e desoladas ruas, com os fios do bonde envoltos por completo na névoa pálida. Perambulei alguns quarteirões. Vagabundos esquisitos (esquina da Mission com a Third) me pediram moedas ao amanhecer. Ouvi música que vinha de algum lugar. — Malandro, vou curtir tudo isso mais tarde. Mas agora preciso encontrar Remi Boncceur. Mill City, onde Remi vivia, era um conjunto de barracos num vale, barracos que faziam parte de um conjunto habitacional para trabalhadores de um estaleiro naval, construído durante a guerra; ficava num *canyon* e num *canyon* profundo, abundantemente arborizado em todas as encostas. Havia lojas especializadas, e barbearias e alfaiatarias para as pessoas do estaleiro. Era, pelo menos é isso o que eles diziam, a única comunidade na América onde brancos e negros viviam juntos voluntariamente; e era isso mesmo, um lugar tão louco e festivo como aquele jamais voltei a ver. Na porta da cabana de Remi, vi a nota que ele havia pendurado ali três semanas antes:

"Sal Paradise! [em letras enormes, maiúsculas] Se não houver ninguém em casa, entre pela janela.

Assinado,
Remi Boncceur".

A essa altura, a nota estava cinzenta e desgastada pelo tempo.

Pulei a janela e ali estava ele, dormindo com sua garota, Lee Ann — numa cama que roubara de um navio mercante, conforme me contou mais tarde; imagine o engenheiro de bordo de um navio mercante saindo sorrateiramente com uma cama no meio da noite, sobrecarregado e se esforçando nos remos até atingir a praia. Isso é pouco para definir Remi Boncceur.

A razão pela qual vou contar tudo o que se passou em San Fran é porque essas coisas se relacionam com o resto que aconteceu até o fim da linha. Remi Boncceur e eu nos conhecemos na faculdade muitos anos antes; mas o que realmente nos ligou foi minha ex-mulher. Remi a conheceu primeiro. Ele foi ao meu quarto no dormitório certa noite e disse: — Paradise, levante-se, o velho maestro veio ver você. — Eu me levantei e deixei cair umas moedas no chão enquanto vestia minha calça. Eram quatro da tarde; eu dormia o tempo todo na faculdade. — Está bem, está bem, não espalhe todo o seu ouro por aí. Encontrei a garota mais encantadora do mundo, e vou ao Covil do Leão com ela hoje à noite. — E ele me arrastou para conhecê-la. Uma semana mais tarde, ela estava comigo. Remi era um francês elegante, alto e moreno (parecia um comerciante do mercado negro de Marselha aos vinte anos); como era francês, falava com sotaque de *jazz* americano; seu inglês era perfeito, seu francês era perfeito também. Ele gostava de se vestir elegantemente, um pouco no estilo colegial, e saía com loiras extravagantes e gastava muito dinheiro. Não que ele nunca tenha me culpado por ter-me mandado com sua garota; algo sempre nos uniu; aquele cara sempre me foi leal e sempre demonstrou carinho, só Deus sabe por quê.

Quando o encontrei em Mill City, naquela manhã, ele tinha entrado numa fase ruim e desgastante que sempre pinta para a rapaziada por volta dos vinte anos. Ele estava matando tempo à espera de um navio, e para sobreviver tinha um emprego como guarda especial dos barracos espalhados pelo *canyon.* Sua garota Lee Ann era desbocada, e o repreendia diariamente. Eles passavam a semana inteira economizando cada tostão, e aos sábados saíam para gastar cinqüenta dólares em três horas. Remi andava de cuecas pelo barraco, com um louco boné do exército na cabeça. Lee Ann usava rolos no cabelo. Trajados assim, eles gritavam um com o outro a semana inteira. Nunca vi tanta discussão

desde que nasci. Mas, no sábado à noite, sorrindo delicadamente um para o outro, caíam fora como se fossem um casal bem-sucedido de personagens hollywoodianas, e iam para a cidade.

Remi acordou e me viu entrando pela janela. Sua enorme gargalhada, uma das maiores gargalhadas do mundo, ressoou nos meus ouvidos. — Aaaaah, Paradise, entrando pela janela, está seguindo as instruções ao pé da letra. Por onde você andou, está duas semanas atrasado! — Ele me deu um tapa nas costas, um soco nas costelas de Lee Ann, encostou-se na parede, chorando de tanto rir, dando porradas na mesa, tão fortes que toda Mill City podia escutá-las, e aquele magnífico e longo "Aaaaah" ecoava pelo *canyon.* — Paradise — gritou —, o primeiro, único e indispensável Paradise!

Eu tinha acabado de passar pela pequena vila de pescadores de Sausalito, e a primeira coisa que disse foi: — Deve haver um monte de italianos em Sausalito.

— Deve haver um monte de italianos em Sausalito! — gritou ele com toda a força de seus pulmões. — Aaaaah! — estremeceu, caiu sobre a cama, quase rolou no chão. — Você ouviu o que Paradise disse? Deve haver um monte de italianos em Sausalito? Aaaaah, aaaah! Uh! Uau! — Ficava vermelho como uma beterraba, quando gargalhava. — Ah, você me mata, Paradise. Você é o cara mais engraçado do mundo, e agora está aqui, finalmente chegou até aqui, ele entrou pela janela, você viu, Lee Ann, ele seguiu as instruções e entrou pela janela. Aaah! Uuh!

O estranho era que, ao lado de Remi, morava um negro chamado sr. Snow, cuja risada, juro por Deus, era indubitavelmente, sem a menor sombra de dúvida, a maior risada do mundo. Esse sr. Snow começava a rir na mesa do jantar, quando sua velha esposa dizia algo corriqueiro; ele se levantava, aparentemente sufocado, escorava-se na parede, olhava para cima para tomar fôlego, e recomeçava; cambaleava porta afora, apoiado na parede dos vizinhos, bêbado de tanto rir, avançava trôpego entre as sombras de Mill City, erguendo seu ruidoso chamado triunfante ao deus diabólico que devia tê-lo incitado a agir assim. Não sei se jamais chegava a terminar seu jantar. Existe a possibilidade de que, sem

saber, Remi estivesse assimilando o jeito de ser daquele homem surpreendente, o sr. Snow. E mesmo que Remi estivesse tendo problemas no trabalho, e uma terrível vida sentimental ao lado de uma mulher com a língua afiada, pelo menos tinha aprendido a rir melhor do que quase qualquer pessoa no mundo, e percebi o quanto nos divertiríamos em Frisco.

Combinamos o seguinte: Remi dormiria com Lee Ann na cama do lado de lá do quarto, e eu dormiria no canto perto da janela. Eu não deveria tocar em Lee Ann Remi logo fez um discurso a esse respeito: — Não quero encontrar vocês dois se transando, quando pensarem que não estou vendo. Vocês não podem ensinar uma nova melodia ao velho maestro. Esse é um ditado criado por mim. — Olhei para Lee Ann. Era um pedaço de mulher, um ser da cor do mel, mas em seus olhos havia ódio por nós dois. Sua ambição era casar-se com um homem rico. Ela viera de uma pequena cidade no Oregon. Lamentava o dia em que havia se metido com Remi. Num de seus fins de semana de ostentação monumental, ele gastou cem dólares com ela, fazendo-a pensar ter encontrado um herdeiro. Mas, ao invés disso, estava encalhada naquele barraco, e, sem qualquer outra opção, tinha de permanecer ali. Ela tinha um emprego em Frisco, era obrigada a pegar o ônibus Greyhound no entroncamento todos os dias, e ia para a cidade. Jamais perdoou Remi por causa disso.

Eu deveria ficar no barraco e escrever um original brilhante para um estúdio de Hollywood. Remi voaria para Hollywood num foguete, com aquele abacaxi debaixo do braço, e faria de todos nós homens ricos; Lee Ann iria junto; ele iria apresentá-la ao pai de um amigo seu, que era um diretor famoso e amigo íntimo de W. C. Fields. Assim, passei a primeira semana no barraco de Mill City, escrevendo furiosamente um conto sombrio a respeito de Nova York, que eu imaginava iria satisfazer um diretor de Hollywood, mas o problema daquele conto é que estava saindo triste demais. Remi mal conseguia lê-lo, mas mesmo assim o levou para Hollywood algumas semanas mais tarde. Lee Ann estava de baixo astral, e nos odiava demais para se dar ao trabalho de ler. Passei incontáveis horas chuvosas tomando café e rabiscando. Finalmente, disse a Remi que não ia dar certo; eu queria um emprego; tinha de depender deles até para o

cigarro. Uma sombra de decepção perpassou pelo semblante de Remi — ele sempre ficava desapontado com as coisas mais engraçadas. Tinha um coração de ouro.

Ele me arranjou o mesmo tipo de emprego que tinha, o de guarda dos barracos. Passei pela rotina de praxe e, para minha surpresa, os filhos da puta me admitiram. Fiz o juramento para o chefe de polícia local, ganhei uma insígnia, um porrete, e agora era um vigilante especial. Imaginei o que Dean, Carlo e Old Buli Lee diriam a respeito disso. Tinha de usar calças azul-marinho com uma jaqueta preta e um boné de tira; durante as duas primeiras semanas, tive de vestir as calças de Remi; como ele era muito alto e estava com a barriga enorme, por comer vorazmente de tanto tédio, fiquei nadando dentro das roupas e, como Charlie Chaplin, saí para minha primeira noite de trabalho. Remi me emprestou sua lanterna e sua 32 automática.

— Onde você arranjou essa pistola? — perguntei.

— Quando eu estava indo para a costa no último verão, saltei do trem em North Platte, Nebraska, para esticar as pernas, e o que vi na vitrina foi esta maravilhosa pistolinha, que tratei de comprar imediatamente, mal tendo tempo de voltar e pegar o trem.

E eu tentei lhe contar o que North Platte significava para mim, pois lá eu comprara uísque com os rapazes; ele me deu tapas nas costas e disse que eu era o cara mais engraçado do mundo.

Com a lanterna para iluminar meu caminho, escalei as paredes íngremes do *canyon* que ficava ao sul, saí lá em cima na estrada, onde havia um fluxo de carros deslizando para Frisco durante a noite, despenquei para o lado de lá, quase caindo, e fui dar direto numa baixada, na ravina onde havia uma pequena casa de fazenda, à beira de um riacho, e onde toda santa noite o mesmo cachorro latia para mim. Então, seguia-se uma rápida caminhada por uma empoeirada estrada reluzente, sob as árvores sombrias da Califórnia — uma estrada como a que aparece na *Marca do Zorro*, uma estrada como todas as que se podem ver nos *westerns* classe B. Eu costumava sacar a pistola e brincar de *cowboy* na escuridão. Daí, escalava outro morro, e lá estava o quartel. Esse quartel era o

alojamento, temporário para trabalhadores da construção civil que iam para o exterior. Os caras ficavam lá, esperando seus respectivos navios. A maioria deles ia para Okinawa. A maioria estava fugindo de alguma coisa — geralmente da lei. Eram grupos de caras rudes vindos do Alabama, malandros de Nova York, todos os tipos de gente vindos dos mais variados lugares. E, sabendo muito bem como seria horrível trabalhar um ano inteiro em Okinawa, eles se embriagavam. A função dos guardas especiais era fazer com que eles não pusessem os barracos abaixo. O nosso quartel-general ficava no prédio principal, que não passava de um casebre de madeira com escritórios separados por divisórias internas. Ali nos sentávamos sobre a escrivaninha de tampo móvel, tirando as pistolas da cintura e bocejando, e os velhos policiais contavam suas histórias.

Eram um bando de homens horríveis, homens de alma policial, todos, exceto Remi e eu. Remi só queria um emprego para sobreviver, e eu também, mas aqueles caras queriam prender as pessoas e receber elogios do chefe de polícia da cidade. Diziam até que, se alguém não fizesse pelo menos uma prisão por mês, seria demitido. Eu engolia em seco ante a sinistra possibilidade de ter de prender alguém. E o que aconteceu, na verdade, foi que acabei ficando tão bêbado quanto qualquer um naqueles barracões, na noite em que estourou a grande confusão.

Nessa noite, o horário tinha sido arranjado de tal forma que terminei totalmente sozinho durante seis horas — o único tira na área; todo mundo nos barracões parecia ter escolhido justamente aquela noite para se embebedar. Isso porque o navio deles partiria pela manhã; bebiam como marinheiros na madrugada, antes de a âncora ser içada. Eu estava sentado no escritório, com os pés sobre a escrivaninha, lendo aventuras no *Blue book* passadas no Oregon e no norte do país, quando repentinamente me dei conta de que havia um febril sussurro de atividade na noite, usualmente calma. Saí à rua. Luzes cintilavam em praticamente cada uma daquelas malditas cabanas. Homens gritavam, garrafas eram quebradas. Não havia escolha para mim: era foder ou sair de cima. Peguei a lanterna, dirigi-me à mais barulhenta de todas as portas e bati. Alguém abriu uma fresta mínima.

— O que *você* quer?

Eu disse: — Estou fazendo a ronda nestes barracos esta noite, e vocês, rapazes, deveriam ficar o mais quietos possível — ou uma advertência estúpida desse tipo. Bateram a porta na minha cara. Permaneci olhando fixo para a madeira, bem na ponta do meu nariz. Era como num filme de *cowboy;* tinha chegado a hora de me afirmar. Bati outra vez. Então, eles escancararam a porta. — Escutem — disse —, não quero ficar enchendo o saco de vocês, rapazes, mas vou perder meu emprego se vocês fizerem barulho demais.

— Quem é você?

— Sou um guarda daqui.

— Nunca o vi antes.

— Bem, está aqui minha insígnia.

— O que está fazendo com essa pistola enfiada no rabo?

— Não é minha — desculpei-me. — Pedi emprestada.

— Pelo amor de Deus, tome um gole disso aqui — disse um deles. Não vi nada de mau nisso. Tomei dois.

Disse: — Tudo bem, garotos? Vocês vão ficar calados, rapazes? Senão, terei problemas, vocês já sabem.

— Tudo bem, moleque — eles disseram. — Vá fazer suas rondas. Volte para tomar mais um trago, se quiser.

E assim fui de porta em porta, e logo fiquei tão bêbado quanto qualquer um deles. Ao amanhecer, minha tarefa era hastear a bandeira americana num mastro de dezoito metros, e nessa manhã eu a coloquei de cabeça para baixo, e fui para casa dormir. Quando retornei, à noite, os guardas regulares estavam sentados no escritório, carrancudos.

— E então, moleque, por que toda aquela barulheira por aqui ontem à noite? Houve reclamações do pessoal que mora naquelas casas fora do *canyon.*

— Não sei — disse.— Parece bem calmo agora.

— Todo o contingente se foi. Você deveria ter mantido a ordem por aqui na noite passada — o chefe está furioso com você. E outra coisa — sabe que pode ser preso por colocar a bandeira americana de cabeça para baixo num

mastro oficial?

— De cabeça para baixo? — Fiquei apavorado; claro que não tinha me dado conta. Fazia aquilo mecanicamente todas as manhãs.

— Sim, senhor — disse um rato gordo que havia passado vinte e dois anos como guarda em Alcatraz. — Você pode ser preso por fazer uma coisa dessas. — Os outros assentiram, taciturnos. Estavam sempre com o rabo sentado em alguma cadeira; tinham orgulho daquele emprego. Manuseavam suas armas, e falavam sobre elas. Estavam loucos para atirar em alguém. Em Remi e em mim.

O tira que havia sido guarda em Alcatraz era barrigudo e tinha uns sessenta anos; já estava aposentado, mas não conseguia se manter longe da atmosfera que havia nutrido sua alma ressequida toda a vida. Todas as noites, ele ia para o trabalho dirigindo seu Ford 1935, batia o ponto na hora exata, e se sentava na escrivaninha. Labutava arduamente para completar o simples formulário que tínhamos de preencher todas as noites — rondas, horário, o que havia acontecido e assim por diante. Então, ele se recostava e contava histórias: — Você tinha que estar aqui há dois meses atrás, quando eu e Sledge — esse era outro rato, mais jovem, cujo sonho era ser Texas Ranger, mas que era obrigado a se contentar com sua sina atual — prendemos um bêbado no Barraco G. Menino, você devia ter visto o sangue espirrar. Hoje à noite vou levar você até lá e mostrar as manchas na parede. A gente o fazia voar contra as paredes. Primeiro, Sledge o encheu de porrada, depois eu, daí ele se acalmou e nos acompanhou, calado. Esse cara jurou que iria nos matar assim que saísse da prisão — ele pegou trinta dias. Já se passaram sessenta, e ele ainda não apareceu. — E esse era o ponto alto da história. Eles o haviam amedrontado tanto, que o cara ficou atemorizado demais para voltar a tentar matá-los.

O velho tira prosseguia, recordando prazerosamente os horrores de Alcatraz. — Costumávamos fazê-los marchar para tomar o café da manhã, como se fossem um pelotão do exército. Não havia um só homem fora do compasso. Tudo funcionava como um relógio. Você devia ter visto. Fui guarda lá durante vinte e dois anos. Nunca tive nenhum problema. Aqueles garotos sabiam que não estávamos para brincadeiras. Uma porção de caras ficam frouxos quando

estão guardando prisioneiros, e são geralmente eles os que têm problemas. Agora, veja só seu caso — pelo que tenho observado a seu respeito, você me parece um pouco *tolerante* demais com os homens. — Ele ergueu seu cachimbo e lançou um olhar penetrante em minha direção. — Eles se aproveitam disso, você sabe.

Eu sabia disso. Disse a ele que não havia nascido para ser tira.

— Sim, mas esse é o trabalho para o qual você se *candidatou.* Se você não se decidir de uma vez por todas, nunca será nada na vida. Este é seu dever. Você fez um juramento. Não pode fazer concessões em assuntos assim. A lei e a ordem têm que ser mantidas.

Eu não sabia o que dizer; ele tinha razão; tudo o que eu pretendia era fazer uma retirada estratégica, mergulhar na noite e desaparecer em algum lugar, sumir e descobrir o que todos estavam fazendo espalhados pelo país.

O outro tira, Sledge, era alto, musculoso, com o cabelo preto cortado à escovinha e um tique nervoso no pescoço — como um boxeador que está sempre socando uma mão contra a outra. Ele se vestia como um Texas Ranger mais velho. Usava o revólver bem abaixo da cintura, com um cinto de munições pendurado, e carregava uma espécie de chicote pequeno e pedaços de couro pendurados por todos os lados, como uma câmara de tortura ambulante: sapatos reluzentes, jaqueta comprida, chapéu armado, tudo, menos as botas. Estava sempre dando demonstrações de força — agarrava-me pelas axilas e me erguia do chão. Do ponto de vista da força, eu poderia jogá-lo ao solo com o mesmo golpe; mas eu nunca lhe disse nada, por medo que ele me desafiasse para um corpo-a-corpo. Uma briga com um cara daqueles terminaria em tiroteio. E eu tinha certeza de que ele atirava melhor; nunca usara uma pistola na vida. Até carregar uma me atemorizava. Ele queria desesperadamente prender pessoas. Certa noite, estávamos sozinhos na guarda, e ele chegou bufando de raiva.

— Disse a uns caras lá nos barracos que ficassem quietos, e eles continuam fazendo barulho. Já avisei duas vezes. Sempre dou duas chances. Três, jamais. Você vem comigo, e nós vamos prendê-los.

— Bem, deixe-me dar-lhes uma terceira chance — eu disse. — Vou falar

com eles.

— Não, senhor, nunca dou mais do que duas chances para um homem. — Suspirei. Lá fomos nós. Fomos ao quarto inferior, e Sledge abriu a porta e mandou todo mundo ficar em fila indiana. Foi constrangedor. Todos nós ficamos vermelhos. Essa é a história da América. Todo mundo faz o que pensa que deve fazer. Portanto, o que há de mau com um grupo de homens que fala alto e bebe à noite? Mas Sledge queria provar algo. Fez questão de me levar junto, no caso de eles o atacarem. Talvez eles já tivessem feito isso antes. Eram irmãos, todos do Alabama. Caminhamos de volta ao posto, Sledge na frente e eu atrás.

Um dos garotos disse para mim: — Diga a esse bunda-mole que maneire com a gente. Podemos ser demitidos, e nunca mais iremos para Okinawa.

No posto, eu disse a Sledge que esquecesse tudo. Ele falou, para que todos escutassem, enrubescendo: — Eu não dou mais que duas chances, para ninguém.

— Que porra! — disse o cara do Alabama —, para você não faz diferença, mas a gente pode perder o emprego. — Sledge não disse nada e preencheu o formulário de prisão. Só prendeu um deles; chamou a radiopatrulha na cidade. Eles vieram e o arrastaram. Os outros irmãos caíram fora num piscar de olhos. — O que a mãe vai dizer disso? — comentaram. Um deles se virou para mim: — Diga a esse texano filho da puta que, se meu irmão não sair da cadeia até amanhã de noite, vamos enchê-lo de porrada. — Contei isso a Sledge de maneira neutra, e ele não disse nada. O irmão foi solto sem problemas, e nada aconteceu. O contingente embarcou; um novo grupo de loucos chegou. Não fosse por Remi Boncceur, eu não teria ficado nem duas horas naquele emprego.

Mas Remi Boncceur e eu ficávamos sozinhos na guarda durante muitas noites, e então tudo reluzia. Fazíamos nossa primeira ronda do dia sossegadamente; Remi experimentava todas as portas para ver se elas estavam trancadas, sempre na expectativa de encontrar uma aberta. Ele dizia: — Há anos alimento o plano de transformar um cachorro num superladrão, que invadiria os quartos desses caras e arrancaria os dólares dos bolsos deles. Teria que treiná-lo para pegar apenas notas verdes; faria com que ele cheirasse dinheiro o dia inteiro. Se houvesse alguma maneira humanamente possível, eu o treinaria para

pegar só notas de vinte dólares. — Remi estava cheio de planos loucos; falou naquele cachorro durante semanas. Somente uma vez ele encontrou uma porta destrancada. Não gostei da idéia, por isso continuei perambulando pelo corredor. Remi abriu-a furtivamente. Deu de cara com o supervisor dos barracos. Remi odiava a cara daquele homem. Ele me perguntara: — Como é mesmo o nome daquele escritor russo de que você está sempre falando — aquele que forrava os sapatos com jornais, e andava com uma cartola encontrada numa lata de lixo? — Isso era um exagero baseado no que eu havia lhe contado sobre Dostoiévski. — Ah, é isso aí... é isso *aí*... Dostióffski. Um sujeito com uma cara como a do supervisor só pode ter um nome — é Dostióffski. — A única porta destrancada que ele jamais encontrou pertencia justamente a Dostióffski. D. estava dormindo quando ouviu alguém xeretando em sua maçaneta. Levantou-se, de pijama. Foi até a porta, parecendo duas vezes mais feio do que normalmente era. Quando Remi abriu, deparou com uma cara suada e desfigurada pelo ódio e por uma fúria obtusa.

— O que significa isso?

— Eu estava só experimentando esta porta. Pensei que era o... ah... o quarto de limpeza. Estava procurando um esfregão.

— O que você quer dizer com “estava procurando um esfregão”?

Eu me aproximei e disse: — Um dos homens vomitou no corredor, lá em cima. A gente tem que limpar.

— Este não é o quarto de limpeza. Este é *meu* quarto. Outro incidente como esse, e vocês serão investigados e expulsos daqui! Entenderam bem?

— Um cara vomitou lá em cima — repeti.

O quarto de limpeza fica no fim do corredor, lá embaixo. — E apontou para o local, esperando que fôssemos até lá e pegássemos um pano, o que fizemos, e o levamos como idiotas para cima.

Eu disse: — Porra, Remi, você está sempre nos metendo em encrenca. Por que você não se controla? Por que tem que ficar roubando o tempo inteiro?

— É que o mundo me deve algumas coisinhas, apenas isso. Você não pode ensinar novas melodias a um velho maestro. Continue falando assim que eu vou começar a chamá-lo Dostióffski.

Remi era como um garotinho. Em algum momento de seu passado, nos seus dias solitários de escola, na França, haviam tirado tudo dele; seus pais adotivos apenas o metiam em internatos e o deixavam lá; ele era intimidado e expulso de um colégio após o outro; caminhava pelas estradas francesas à noite, inventando blasfêmias com seu inocente suprimento de palavras. Estava de volta, disposto a recuperar tudo o que perdera; mas não havia limite para sua perda; essa cisma iria se arrastar ao infinito.

O refeitório dos barracões era nossa despensa. Olhávamos ao redor para conferir se ninguém estava nos observando, especialmente para ver se nenhum dos nossos amigos tiras estava espreitando por ali, para nos dar um flagra; então, eu me agachava, Remi colocava um pé em cada um dos meus ombros, e lá se ia para cima. Abria a janela, que nunca estava trancada, já que ao entardecer ele tomava todas as providências, e se enfiava por ela, aterrissando justamente em cima da mesa da padaria. Eu era um pouco mais ágil, e apenas saltava e engatinhava lá para dentro. íamos então para o balcão do bar. Ali, realizando um sonho de infância, eu abria o *freezer* e enfiava minha mão até o pulso, catando picolés de chocolate, que saía lambendo. Daí pegávamos as caixas de sorvete e as enchíamos, cobríamos tudo com cobertura de chocolate e às vezes de morangos também, e então rondávamos pelas cozinhas, abrindo geladeiras para ver o que podíamos carregar nos bolsos. Freqüentemente, eu cortava um naco de carne assada e o enrolava num guardanapo. — Você sabe o que o presidente Truman disse? — comentava Remi. — Devemos reduzir o custo de vida.

Uma noite, aguardei longo tempo enquanto ele enchia uma caixa enorme com um monte de guloseimas. Mas não conseguimos passá-la pela janela. Remi teve de desencaixotar tudo e colocar todas as coisas de volta em seus lugares. Mais tarde, nessa noite, quando saímos da guarda e eu estava sozinho na base, algo estranho aconteceu. Eu estava dando uma volta pela trilha do *canyon*, esperando encontrar um veado (Remi tinha visto veados por ali, aquela terra

ainda era selvagem mesmo, em 1947), quando ouvi um barulho assustador na escuridão. Algo arfava e bufava. Pensei que um rinoceronte estava avançando contra mim no escuro. Saquei a pistola. Uma figura alta apareceu nas trevas do *canyon;* tinha uma cabeça enorme. De repente dei-me conta de que era Remi, com uma imensa caixa de mantimentos no ombro. Ele arfava e gemia por causa do peso enorme da caixa. Em algum lugar, ele havia encontrado a chave do refeitório, e pilhou tudo o que podia, escapando pela porta da frente. Eu disse: — Remi, pensei que você estava em casa, que porra está fazendo?

E ele respondeu: — Paradise, já lhe disse um milhão de vezes que segundo o presidente Truman devemos reduzir o custo de vida. — E eu o ouvi bufar e arfar na escuridão. Já descrevi aquela terrível trilha até nosso barraco, morro acima e vale abaixo. Ele escondeu os mantimentos no capim alto e retornou até onde eu estava: — Sal, não consigo fazer isso sozinho. Vou dividir tudo em duas caixas, e você vai me ajudar.

— Mas eu estou de guarda!

— Não faz mal. Eu vigio enquanto você não puder. As coisas estão ficando pretas por aqui. A gente tem que fazer isso da melhor maneira possível, é tudo o que importa. — Ele esfregou o rosto. — Uff! Já lhe disse e repito, Sal, somos camaradas, e estamos metidos nisso juntos. Simplesmente não há duas maneiras de encarar essa história. Os Dostióffskis , os tiras, as Lee Anns, todos os maus espíritos deste mundo estão a fim de nossa cabeça. Depende da gente impedir que eles nos imponham ordens. Eles têm algo mais do que apenas um braço imundo saindo das mangas. Lembre-se disso, você não pode ensinar uma nova melodia ao velho maestro.

Finalmente, perguntei: — Afinal, o que a gente vai ter que fazer para embarcar num navio e cair fora? — Nós andávamos fazendo essas coisas havia dez semanas, eu estava ganhando cinqüenta mangos por semana e enviava uma média de quarenta para minha tia. Nesse tempo todo, só havia passado uma única noite em San Francisco. Minha vida se tornara uma enrascada, naquela cabana, com as brigas de Remi e Lee Ann, e as noites naqueles barracos.

Remi sumiu na escuridão para pegar outra caixa. Eu me arrastei com ele por aquela velha estrada do Zorro. Fizemos uma pilha de mantimentos, de um quilômetro de altura, na mesa da cozinha de Lee Ann. Ela acordou e esfregou os olhos.

— Você sabe o que o presidente Truman disse? — Ela estava encantada. Subitamente, comecei a perceber que todo mundo na América é ladrão de nascença. Eu mesmo estava ficando contagiado. Comecei até a testar as portas. Os outros tiras estavam ficando desconfiados da gente, um instinto infalível os fazia pressentir o que passava por nossas cabeças. Anos de experiência tinham lhes ensinado a desconfiar de tipos como Remi e eu.

Durante o dia, Remi e eu saímos com a pistola e tentamos caçar umas codornas, nas colinas. Cacarejando, Remi conseguiu chegar a um metro dos pássaros, e disparou a 32. Errou. Sua tremenda gargalhada ecoou pelas florestas da Califórnia e pela América. — Chegou a hora de você e eu visitarmos o Rei Banana.

Era um sábado; nós nos arrumamos e descemos para a estação de ônibus do entroncamento. Fomos até San Francisco e perambulamos pelas ruas. A imensa gargalhada de Remi ressoava por todos os lugares onde passávamos. — Você precisa escrever uma história sobre o Rei Banana — ele me aconselhou. — Não tente trapacear seu velho mestre, escrevendo sobre outro assunto qualquer. O Rei Banana é o nosso prato. Lá está o Rei Banana. — O Rei Banana era um velho que vendia bananas numa esquina. Eu estava de saco cheio daquele papo-furado. Mas Remi ficava me dando socos nas costelas, e até me puxava pelo colarinho. — Se escrever sobre o Rei Banana, você estará escrevendo sobre algo genuinamente humano. — Eu lhe falei que estava cagando para o tal Rei Banana. — Enquanto você não estiver preparado para perceber a importância fundamental do Rei Banana, não saberá absolutamente nada sobre as coisas genuinamente humanas deste mundo — disse Remi enfaticamente.

Havia um velho cargueiro enferrujado, flutuando na baía, que servia como baliza para os demais barcos. Remi estava a fim de remar até lá, e assim, certa tarde, Lee Ann preparou um lanche e nós alugamos um barco. Remi trouxe umas

ferramentas. Lee Ann tirou toda a roupa e esticou-se ao sol sobre a ponte de comando. Eu a observava do tombadilho. Remi foi direto para a casa das máquinas, entre as caldeiras lá embaixo, onde ratos disparavam por todos os cantos, e começou a martelar e a malhar, em busca de revestimentos de cobre que não havia ali. Sentei-me na arruinada Cantina dos oficiais. Era um navio muito antigo, lindamente decorado, com ornamentos de madeira e baús embutidos. Um fantasma da San Francisco de Jack London. Fiquei na mesa de refeições ensolarada, delirando. Ratos ziguezagueavam pela despensa. Certa vez, um capitão de olhos azuis jantara ali.

Acompanhei Remi nas entranhas lá embaixo. Ele arrancava tudo o que estava meio solto. — Nada, absolutamente nada. Pensei que haveria cobre, pensei que encontraria pelo menos uma chave inglesa ou duas. Este navio foi saqueado por uma turba de ladrões. — O barco estava encalhado na baía havia anos. O cobre tinha sido roubado por uma mão que já não era mais mão.

Disse a Remi: — Eu adoraria dormir neste velho navio uma noite qualquer, quando a neblina o recobrisse, seus ferros rangessem e a gente pudesse ouvir o uivo das balizas, ao longe.

Ele ficou perplexo; sua admiração por mim duplicou. — Sal, eu lhe pago cinco dólares se você tiver peito para fazer isso. Não percebe que essa coisa pode estar assombrada pelos fantasmas de velhos capitães? Não só lhe pago cinco dólares como também o trarei de barco até aqui, prepararei um lanche, darei cobertores e uma vela.

— Combinado! — falei. Remi correu para contar a Lee Ann. Eu queria saltar de um mastro e aterrissar dentro daquela mulher, mas mantive minha promessa a Remi. Desviei os olhos dela!

Nesse meio tempo, comecei a ir a Frisco mais freqüentemente. Tentei tudo o que está nos manuais para transar com uma garota. Passei até uma noite inteira com uma menina num banco de parque, fiquei lá até amanhecer, e nada. Era uma loira de Minnesota. Havia também um monte de bichas na cidade. Fui a San Fran com minha arma várias vezes. E quando um veado se aproximava de mim num mictório de bar, eu puxava a arma e dizia: — Hem? Hem? O que foi que

você disse? — Ele saltava fora. Jamais entendi por que fazia aquilo; eu conhecia bichas pelo país inteiro. Era apenas a solidão de San Francisco, e o fato de eu possuir uma arma. Tinha de mostrá-la a alguém. Passei por uma joalheria, e tive um impulso repentino de dar um tiro na vitrina, pegar os mais lindos anéis e braceletes, dá-los para Lee Ann. Daí, a gente poderia fugir para Nevada. Estava chegando a hora de deixar Frisco, ou eu acabaria maluco.

Escrevi longas cartas para Dean e Carlo, que estavam agora na cabana de Old Buli, num pântano do Texas. Eles disseram que estariam prontos para me encontrar assim que isso e aquilo estivesse acertado. Nesse meio tempo, tudo começou a desmoronar entre mim, Remi e Lee Ann. Chegaram as chuvas de setembro, e com elas o baixo astral. Remi e Lee Ann tinham voado para Hollywood com meu roteiro original babaca, e nada havia acontecido. O famoso diretor estava bêbado, e não lhes deu a menor bola; eles vagabundearam por sua casa na praia de Malibu; começaram a discutir na frente dos convidados, e pegaram o avião de volta.

A gota d'água foi no hipódromo. Remi juntou todo o seu dinheiro, uns cem dólares, enfiou-me dentro de algumas de suas roupas, pegou Lee Ann pelo braço, e lá fomos nós para o hipódromo de Golden Gate, perto de Richmond, do outro lado da baía. Para mostrar de que tamanho é o coração desse cara, basta dizer que ele enfiou a metade das nossas comidas roubadas num gigantesco saco marrom de papel, e as levou para uma viúva, que conhecia num conjunto habitacional em Richmond bastante parecido com o nosso, fervilhante sob o sol da Califórnia. Nós fomos junto. Tristes crianças esfarrapadas rondavam por ali. A mulher agradeceu a Remi. Era irmã de um marinheiro que ele conhecera vagamente. — Não há de quê, sra. Carter! — disse Remi, no seu mais elegante e educado tom de voz. — No lugar de onde isso veio, há muito mais.

Seguimos para o hipódromo. Ele fez apostas inacreditáveis de vinte dólares para ganhar logo, e antes da sétima prova estava quebrado. Com nossos dois últimos dólares comestíveis, fez uma última aposta e perdeu. Tivemos de voltar para San Francisco de carona. Lá estava eu na estrada outra vez. Um burguês nos deu carona em seu carro flame-jante. Sentei-me na frente junto a

ele. Remi estava tentando contar uma história de que havia perdido sua carteira na tribuna de honra do hipódromo. — A verdade — disse eu — é que nós perdemos todo o nosso dinheiro nas apostas, e para evitar mais mordidas desse hipódromo, de agora em diante só faremos nossas apostas com o *bookmaker*, não é, Remi? — Remi ficou completamente vermelho. O cara finalmente acabou admitindo que era um cartola do hipódromo de Golden Gate. Deixou-nos em frente ao finíssimo Palace Hotel; nós o vimos desaparecer entre os candelabros, com os bolsos cheios de dinheiro e a cabeça erguida.

— Argh! Uuuh! — uivou Remi pelas ruas noturnas de Frisco. — Paradise arranja carona com o cara que manda no hipódromo, e *jura* que vai mudar para os *bookmakers.* Lee Ann! Lee Ann! — Ele a golpeou e esmurrou. — Positivamente, é o cara mais engraçado do mundo. Deve haver um monte de italianos em Sausalito. Aaah-rarará! — Ele se enroscou num poste para rir.

Começou a chover naquela noite, enquanto Lee Ann nos lançava olhares furiosos. Não havia um só centavo em casa. A chuva tamborilava no telhado. — Vai durar uma semana — disse Remi. Ele havia tirado seu belo terno; estava mais uma vez com seus *shorts* miseráveis, o boné do exército e a camiseta. Seus enormes e melancólicos olhos castanhos encaravam as tábuas do assoalho. A pistola repousava sobre a mesa. Podíamos ouvir o sr. Snow morrendo de rir, em algum lugar, dentro da noite chuvosa.

— Fico de saco tão cheio desse filho da puta! — blasfemou Lee Ann.

Ela estava no ponto para começar a criar problemas. Começou a alfinetar Remi. Ele estava ocupado examinando seu pequeno livro preto, no qual registrava os nomes das pessoas, a maioria marinheiros, que deviam grana para ele. Ao lado dos nomes, ele escrevia palavrões em letra vermelha. Eu temia o dia em que eu acabaria entrando para aquele livro. Ultimamente, eu estava enviando tanto dinheiro para minha tia, que só comprava quatro ou cinco dólares de mantimentos para a casa por semana. E, seguindo o que dissera o presidente Truman, eu acrescentava uns dólares a mais à conta. Mas Remi achava que a divisão não estava sendo justa; por isso começou a pendurar as contas, longas tiras de notas com os preços e os produtos especificados, na parede do banheiro,

para que eu as visse e me tocasse. Lee Ann estava convencida de que Remi devia estar escondendo dinheiro dela, e que eu também o fazia, naturalmente. Ela ameaçou abandoná-lo.

Remi lambeu os beiços. — Onde você pensa que vai?

— Jimmy.

— *Jimmy?* O caixa do hipódromo? Você escutou isso, Sal? Lee Ann quer se mandar daqui e pôr a coleira num caixa de hipódromo. Não esqueça de levar sua vassoura, querida, os cavalos vão comer um monte de aveia essa semana com os meus cem dólares.

As coisas chegaram a proporções ainda piores; a chuva desabava. Quem morava primeiro naquele lugar era Lee Ann; então, ela mandou Remi fazer as malas e cair fora. Ele começou a juntar seus trapos. Vi-me sozinho naquele barraco chuvoso, com aquela bruxa indômita. Tentei intervir. Remi empurrou Lee Ann. Ela deu um salto em direção à pistola; Remi me passou a pistola e mandou que a escondesse; havia um tambor com seis balas nela. Lee Ann começou a gritar histericamente, e finalmente pôs sua capa de chuva e saiu para a lama em busca de um tira, e que guarda seria, senão aquele nosso velho amigo de Alcatraz? Por sorte, ele não estava em casa. Ela voltou encharcada. Escondi-me no meu canto com a cabeça entre os joelhos. Meu Deus, o que estava fazendo a cinco mil quilômetros de casa? Por que tinha ido ali? Onde estava aquele meu vagaroso navio para a China?

— E tem mais, seu porco! — gritou Lee Ann. — Essa noite será a última em que farei seus imundos miolos de galinha com ovo e seu nojento carneiro com *curry,* e então você poderá encher essa pança suja e ficar cada vez mais gordo e escroto, bem na frente dos meus olhos.

— Tudo bem — foi só o que disse Remi, tranqüilamente. — Está muito bem. Quando juntei meus trapos com você, não esperava um mar de rosas, e não estou surpreso hoje. Tentei fazer alguma coisa por você — tentei o máximo por vocês dois; vocês me desiludiram. Estou terrivelmente desapontado — prosseguiu ele com absoluta sinceridade. — Pensei que algo brotaria de nosso relacionamento, algo bonito e duradouro. Tentei, *voei* até Hollywood, arranjei

um emprego para Sal, comprei vestidos maravilhosos para você, tentei apresentá-la às pessoas mais finas de San Francisco. Vocês recusaram tudo, vocês se recusaram a realizar meus ínfimos desejos. Não pedi nada em troca. Mas agora peço um último favor, e então jamais pedirei outro. No próximo sábado à noite, meu padrasto vem a San Francisco. E tudo o que peço é que vocês venham comigo e tentem representar que tudo é exatamente do jeito que descrevi. Em outras palavras, você, Lee Ann, é minha namorada, e você, Sal, é meu amigo. Consegui cem dólares emprestados para o sábado à noite. Farei tudo para que meu padrasto se divirta e possa partir sem o menor motivo com que se preocupar comigo.

Aquilo me surpreendeu. O padrasto de Remi era um médico de renome, que havia clinicado em Viena, Paris e Londres. Eu disse: — Você está querendo dizer que vai gastar cem dólares com seu padrasto? Ele tem mais dinheiro do que você jamais terá! Vai ficar endividado, homem!

— Tudo bem — disse Remi tranqüilamente, mas com um tom de derrota na voz. — Só peço essa última coisa para vocês, que pelo menos tentem fazer as coisas, *tentem* dar uma boa impressão. Amo e respeito meu padrasto. Ele vem com sua jovem esposa. A gente deve demonstrar toda a educação possível. — Lee Ann ficou impressionada, e esperava ansiosamente para conhecer o padrasto de Remi, achando que ele poderia ser uma boa presa, já que seu enteado não era.

A noite de sábado chegou finalmente; eu já tinha largado meu emprego com os tiras, exatamente antes de ser demitido por não fazer prisões suficientes, e aquela seria minha última noite de sábado. Remi e Lee Ann foram encontrar o padrasto antes, em seu quarto de hotel; eu tinha dinheiro para a viagem, e me embebedei no bar do térreo. Depois, subi para encontrá-los, atrasadíssimo. O padrasto abriu a porta; era um homem alto e distinto, com óculos *pince-nez.* — Ah! — disse eu ao vê-lo. — Monsieur Boncceur, como vai o senhor? *Je suis hautl* — gritei, o que, na minha cabeça, deveria significar: “Estou alto, andei bebendo”; mas em francês não tinha nenhum sentido. O doutor ficou perplexo. Eu tinha estragado tudo. Remi enrubesceu, olhando para mim.

Fomos todos jantar num restaurante fino — o Alfred's, em North Beach, onde o pobre Remi gastou cinqüenta dólares com nós cinco, drinques e tudo. E agora vem o pior. Quem estava sentado no bar do Alfred's era meu velho amigo Roland Major! Ele acabara de chegar de Denver, e tinha arranjado emprego num jornal de San Francisco. Estava bêbado. Nem sequer havia feito a barba. Correu para mim e me bateu com força nas costas, enquanto eu levava um copo de uísque com soda aos lábios. Jogou-se na cadeira ao lado do dr. Boncceur, e se inclinou sobre a sopa do cara para falar comigo. Remi estava vermelho feito beterraba.

— Você não vai apresentar seu amigo, Sal? — disse ele com um sorriso amarelo.

— Roland Major, do *Argus* de San Francisco — tentei dizer com a cara séria. Lee Ann estava furiosa comigo.

Major começou a tagarelar no ouvido do *Monsieur*. — Você gosta de lecionar francês na faculdade?

— Perdão, mas não leciono francês em faculdade nenhuma.

— Oh, pensei que você lecionava francês numa faculdade. — Ele estava sendo deliberadamente mal-educado. Lembrei-me da noite em que ele nos impediu de fazer aquela festa em Denver; mas eu o perdoei.

Perdoei todo mundo, desisti, me embebedei. Comecei a falar coisas simpáticas para a mulher do doutor. Bebi tanto, que precisava ir ao banheiro de dois em dois minutos, e para fazer isso, tinha de pular por cima do colo do dr. Boncceur. Tudo estava indo por água abaixo. Minha temporada em San Francisco estava chegando ao fim. Remi jamais voltaria a falar comigo. Era horrível, porque eu realmente o amava, e era uma das poucas pessoas no mundo que sabia ser ele um sujeito maravilhoso e sincero. Ele levaria anos para se recuperar de tudo o que acontecera. Que desastroso tinha sido tudo aquilo, comparado ao que eu lhe escrevera de Paterson, planejando minha longa jornada através da América por aquela comprida linha vermelha que era a Rota 6! Ali estava eu no limite da América — não havia mais terra alguma —, e agora já não restava aonde ir, senão tomar o caminho de volta. Pelo menos, decidi que

voltaria passando por Hollywood e pelo Texas, para visitar minha turma no pântano; e o resto que se fodesse.

Major foi expulso do Alfred's. De qualquer maneira, o jantar estava encerrado; então me juntei a ele, quer dizer, Remi sugeriu isso, e eu caí fora com Major para beber mais. Sentamo-nos numa das mesas do *Iron Vot,* e Major disse:

— Sam, não gosto daquela bicha ali no bar — em voz alta.

— O que foi, Jake? — respondi.

— Sam — falou ele —, acho que vou me levantar e dar uma porrada nele.

— Não, Jake — disse eu, continuando a imitação de Hemingway. — Apenas encare-o e veja o que acontece, sem sair daqui. — Acabamos a noite numa esquina qualquer.

Pela manhã, enquanto Remi e Lee Ann dormiam, e eu olhava com alguma tristeza para uma enorme pilha de roupas sujas, que Remi e eu deveríamos lavar na máquina Bendix que havia no barraco atrás do nosso (o que era sempre uma tarefa alegre e luminosa, sob o sol, entre mulheres negras, ao som das gargalhadas do sr. Snow), decidi partir. Saí em direção à varanda. — Porra, não vou — disse a mim mesmo.

— Prometi que não iria embora antes de escalar aquela montanha. — Era o lado enorme do *canyon,* que apontava misteriosamente em direção ao oceano Pacífico.

Então, fiquei mais um dia. Era domingo. Baixou uma grande onda de calor; era um dia lindo, e o sol avermelhou por volta das três da tarde. Comecei a escalada, e atingi o topo às quatro da tarde. Aqueles lindos arbustos de algodão da Califórnia e os eucaliptos brotavam por todos os lados. Nas proximidades do cume, não havia mais árvores, só rochas e grama. Gado pastava à beira da costa. Lá estava o Pacífico, apenas umas colinas mais adiante, azulado e vasto, com uma imensa muralha branca, emergindo da lendária plantação de batatas onde nascem as neblinas de Frisco. Uma hora mais, e a neblina fluiria através da Golden Gate para recobrir de branco a romântica cidade, e um rapagão seguraria sua garota pela mão e subiria lentamente por uma calçada clara com uma garrafa

de Tokay no bolso. Isso era Frisco; e lindas mulheres paradas nos *halls* de entrada, nos umbrais cristalinos, aguardando seus homens; e a Colt Tower, e a Embarcadero, a Market Street, e as onze colinas fervilhantes. Rodopiei até ficar tonto, pensei que cairia direto no precipício, como num sonho. Ah, onde está a garota dos meus sonhos? Pensei nisso olhando para todos os lados, como vivia olhando naquele pequeno mundo lá de baixo. E, à minha frente, derramava-se a rústica vastidão côncava e complexa do meu continente americano; em algum lugar, muitos quilômetros além, a louca e deprimida Nova York erguia aos céus sua nuvem poeirenta e seus vapores acinzentados. Há algo cinzento e sagrado no leste, enquanto a Califórnia é clara como roupa no varal, e tem a mente vazia — pelo menos, era assim que eu pensava naquela época.

12

Pela manhã, Remi e Lee Ann ainda dormiam enquanto eu arrumava silenciosamente o que era meu e, em seguida, escapulia pela janela, da mesma forma como havia entrado, partindo de Mill City com meu saco de lona ao ombro. Acabei não dormindo jamais naquele velho navio fantasma — *Admirai Freebee* era seu nome —, e Remi e eu nos perdemos um do outro.

Em Oakland, tomei uma cerveja entre os vagabundos de um *saloon* com uma roda de vagão na frente, e estava outra vez na estrada. Caminhei decididamente por Oakland, para chegar à estrada de Fresno. Duas caronas me conduziram até Bakerfield, seiscentos e cinqüenta quilômetros ao sul. A primeira foi a mais maluca, com um garoto loiro e encorpado, numa máquina envenenada. — Está vendo este dedo? — dizia ele, acelerando fundo, chegando a uns cento e vinte quilômetros por hora e ultrapassando todo mundo na estrada. — Olhe para ele. — Estava envolto por ataduras. — Foi amputado hoje de manhã. Os filhos da puta queriam que eu ficasse no hospital. Arrumei minha sacola e me mandei. Afinal, o que é um dedo? — Sim, sim, é claro, cuidado, disse a mim mesmo, e me segurei firme. Nunca se viu um motorista tão doido

como esse. Ele chegou a Tracy num instante. Tracy é uma cidade ferroviária; os guarda-freios comiam, mal-humorados, nos restaurantes próximos à linha férrea. Trens zuniam cruzando o vale. O sol se ia, longo e rubro. Os nomes mágicos do vale se sucediam: Manteca, Madera e todo o resto. Logo veio o crepúsculo, um crepúsculo cor de vinho, uma penumbra púrpura dispersa sobre arvoredos de tangerina e extensas plantações de melão; o sol tinha a mesma cor de uvas esmagadas, misturado com borgonha tinto; os campos possuíam a mesma cor dos amores e mistérios espanhóis. Botei a cabeça para fora da janela e aspirei profundamente o ar perfumado. Foi o mais sublime de todos os momentos. O doido era guarda-freios da Southern Pacific, e morava em Fresno; seu pai também era ferroviário. Perdera o dedo no pátio de manobras de Oakland, mudando a chave da estrada de ferro. Não cheguei a entender bem como. Ele me conduziu em direção ao alvoroço de Fresno, e me deixou na parte sul da cidade. Tomei uma rápida Coca-Cola num pequeno armazém à beira dos trilhos; um jovem e nostálgico armênio caminhava entre os vagões vermelhos, e, nesse exato instante, uma locomotiva apitou, e eu confidenciei a mim mesmo: “Ah, sim, a cidade natal de Saroyan”.

Eu tinha de seguir para o sul; voltei à estrada. Um cara numa pickup novíssima me apanhou. Era de Lubbock, Texas, e negociava trailers. — Quer comprar um trailer? — perguntou. — Quando quiser, não deixe de me procurar. — Ele contou histórias a respeito de seu pai em Lubbock. — Certa noite, meu velho deixou a féria do dia em cima do cofre, puro esquecimento. O que aconteceu, então? À noite, um ladrão entrou, com maçarico de acetileno e tudo, abriu o cofre, revirou os papéis, chutou algumas cadeiras e se mandou. E aqueles mil dólares estavam bem ali, em cima do cofre. O que você acha disso?

Ele me largou no sul de Bakerfield, e aí começaram minhas desventuras. Esfriou muito. Vesti um inconsistente impermeável do exército, que tinha comprado em Oakland por três dólares, e fui tiritando estrada afora. Eu estava parado diante de um refinado motel, construído em estilo espanhol, radiante como uma pedra preciosa. Os carros cruzavam voando em direção a L.A. Eu acenava freneticamente. Estava frio demais. Fiquei lá até meia-noite, duas horas

inteiras, blasfemando e amaldiçoando. Era exatamente como em Stuart, Iowa. Não havia nada a fazer, a não ser gastar um pouco mais que dois dólares pelos quilômetros restantes até Los Angeles. Caminhei pela estrada de volta até Bakerfield, entrei na rodoviária e me joguei num banco.

Tinha comprado minha passagem, e estava esperando pelo ônibus para L.A. quando, de relance, vi a mais deliciosa garota mexicana; ela passou bem à vista, de calças compridas. Estava num dos ônibus que acabara de chegar, entre suspiros ruidosos do freio a vácuo; os passageiros desciam para um descanso. Os seios dela apontavam para a frente, retilíneos e indubitáveis; seus quadris pareciam deliciosos, seu cabelo era longo, lustroso e negro, seus olhos eram duas coisas azuis imensas, com certa timidez lá dentro; eu daria tudo para estar no ônibus dela. Uma angústia trespassou meu coração, como acontecia sempre que via uma garota pela qual estava apaixonado indo na direção oposta, neste mundo grande demais. Os alto-falantes chamaram os passageiros para L.A. Apanhei minha sacola e embarquei, e quem estava sentada lá, sozinha, senão a garota mexicana? Sentei-me justamente do lado oposto do corredor, e comecei imediatamente a maquinar um plano. Eu estava tão solitário, tão cansado, tão sobressaltado, tão triste, tão alquebrado, tão arrasado, que consegui reunir coragem, a coragem necessária para abordar uma garota desconhecida, e agir. Ainda assim, passei cinco minutos comprimindo minhas coxas na escuridão, enquanto o ônibus rodava pela estrada.

Você tem de fazê-lo, ou morrerá! Seu estúpido idiota, fale com ela! O que há de errado com você? Já não está cansado de si próprio? E, antes que pudesse perceber o que estava fazendo, debrucei-me sobre o corredor até ela (que estava tentando dormir na poltrona) e disse: — Moça, você gostaria de usar minha capa de chuva como travesseiro?

Ela me olhou sorrindo e disse: — Não, obrigada!

Eu me recostei, trêmulo; acendi uma bagana. Aguardei até que ela olhasse para mim com uma pequena e entristecida olhadela amorosa, levantei-me num sobressalto, e meio inclinado sobre ela:

— Posso sentar-me a seu lado, moça?

— Se quiser.

E assim o fiz. — Indo para onde?

— L.A. — Apaixonei-me pelo jeito como ela disse “L.A.”. Eu adoro o jeito como todos dizem “L.A.” na costa oeste; é sua primeira e única cidade prometida, onde tudo é dito e feito.

— É para onde estou indo também — balbuciei. — Estou muito satisfeito por você ter me deixado sentar a seu lado, eu estava solitário demais, e tenho viajado sem parar. — Aconchegamo-nos para contar nossas histórias. A história dela era a seguinte: tinha marido e filho. O marido bateu nela, e então ela o deixou, lá em Sabinal, ao sul de Fresno, e estava indo para L.A. morar com a irmã durante certo tempo. Deixara o filho pequeno com sua família, que trabalhava nas colheitas de uva e morava num barraco nos vinhedos. Ela não tinha nada a fazer, senão meditar e enlouquecer. Senti vontade de abraçá-la de uma vez. Falávamos e falávamos. Ela disse que adorava conversar comigo. Em breve, já estava dizendo que gostaria de poder ir para Nova York também. — Talvez a gente possa — sorri. O ônibus venceu, trôpego, o passo Grapevine, e então já estávamos descendo em direção à luminosa imensidão. Ficamos de mãos dadas, sem nenhuma autorização especial, e da mesma forma, decidimos pura, linda e silenciosamente que, assim que eu arranjasse um quarto de hotel em L.A., lá estaria ela, a meu lado. Eu a desejava sofregamente; recostava minha cabeça em seu belo cabelo. Seus ombros lindos me enlouqueceram; eu a acariciava cada vez mais. E ela adorava.

— Amo o amor — sussurrou, fechando os olhos. Eu lhe prometi um amor maravilhoso. Regozijava-me com ela. Com nossas histórias contadas, ingressamos no silêncio e em suaves intenções auspiciosas. Era tão simples! Você pode possuir todas as Peaches e Bettys e Marylous e Ritas e Camilles e Inezes deste mundo; aquela era minha garota e meu tipo predileto de garota, e eu disse isso a ela. Ela confessou que havia me visto olhar para ela na rodoviária. — Pensei que você era um universitário bem-comportado.

Oh, eu sou universitário — garanti. O ônibus chegou a Hollywood. Num amanhecer sombrio e cinzento, como o amanhecer em que Joel McCrea encontra

Verônica Lake no vagão-restaurante, no filme *Viagens de Sullivan*, ela adormeceu no meu colo. Eu observava pela janela avidamente: casas rebocadas, palmeiras e *drive-ins*, toda aquela coisa louca, uma terra prometida e esfarrapada, o limite fantástico da América. Saltamos do ônibus na Main Street, que não difere em nada daquelas em que você desembarca, seja em Kansas City, Chicago ou Boston — tijolos à vista, imundície, estranhos à deriva, bondes rangendo na manhã desesperançada, o odor devasso de uma grande cidade.

E nessa altura, minha cabeça se desconcertou, não sei por quê, comecei a ter absurdas visões paranóicas de que Teresa, ou Terry — seu nome —, era uma prostituta comum que trabalhava nos ônibus, ganhando uns trocados de seu macho para marcar encontros como o nosso em L.A., onde primeiro ela conduzia o trouxa para uma cafeteria, onde seu gigolô aguardava, e então para determinado hotel, no qual tinha acesso com sua pistola, ou o que quer que fosse. Jamais confessei isso a ela. Tomamos nosso café da manhã, e um gigolô ficou nos observando; imaginei Terry lançando olhares sorrateiros para ele. Estava cansado, e me sentia estranho e perdido num lugar longínquo e repulsivo. Uma angústia desesperada tomou conta de meus pensamentos, e me fez agir de modo vulgar e mesquinho. — Você conhece aquele sujeito? — perguntei.

— A que sujeito você se refere, que-ri-do?

Deixei para lá. Ela era lenta e demorada em tudo o que fazia; comer lhe custou um bom tempo; ela mastigou vagarosamente e olhou para o vazio, fumou um cigarro e prosseguiu falando, enquanto eu me sentia um fantasma desfigurado, suspeitando de cada movimento que ela fazia, pensando que ela estava querendo fazer cera propositadamente. Tudo isso era um acesso de doença. Eu estava suando enquanto descíamos a rua de mãos dadas. No primeiro hotel a que chegamos, havia quartos vagos, e antes que eu pudesse perceber, estava trancando a porta atrás de mim enquanto ela, sentada na cama, ia tirando os sapatos. Beijei-a carinhosamente. Melhor ela jamais saber o que havia se passado pela minha cabeça. Para relaxar nosso espírito, eu sabia que precisaríamos de uísque, especialmente eu. Saí correndo, e voei por nada menos do que doze quarteirões, afobado, até encontrar uma garrafa de um quarto de

litro de uísque à venda numa banca de jornais. Voltei voando. Terry estava no banheiro, maquiando-se. Servi uma dose enorme num copo d'água, e bebemos uns goles. Ah, era delicioso e suave, minha funesta viagem tinha valido a pena. Parei atrás dela, em frente ao espelho, e dançamos assim pelo banheiro. Comecei a falar sobre meus amigos, lá no leste.

Disse: — Você tem que conhecer uma garota incrível, amiga minha, ela se chama Dorie. Uma ruiva de um metro e oitenta. Se você for a Nova York, ela lhe explicará como conseguir um emprego.

— Quem é essa tal ruiva de um metro e oitenta? — perguntou, desconfiada. — A troco de que você está me falando sobre ela? — Seu espírito simplório não podia compreender meu tipo nervoso e descompromissado de conversação. Deixei para lá. Ela começou a se embebedar no banheiro.

— Venha logo para a cama — eu seguia dizendo.

— Ruiva de um metro e oitenta, hem? E eu, que pensava que você era um universitário bem-comportado, vi você com seu lindo suéter, e pensei: "Hmmm, que gostoso!" Mas não! Não e não! Você deve ser um gigolô filho da puta, como todos eles!

— Que loucura é essa que está dizendo?

— Não fique aí parado, tentando me convencer que essa ruiva de um metro e oitenta não é uma cafetina, porque eu saco muito bem uma cafetina quando ouço falar de uma, e você, você simplesmente é um gigolô, como todos os outros que encontrei, todos gigolôs.

— Ouça, Terry, não sou nenhum gigolô. Juro por Deus que não sou gigolô. Por que haveria de ser gigolô? Tudo o que me interessa é você.

— Todo o tempo eu pensava ter encontrado um cara legal. Estava tão feliz, me vangloriava e dizia "Hmmm, um cara realmente legal, ao invés de um gigolô..."

— Terry — implorei do fundo da alma —, por favor, ouça e veja se me entende: eu não sou gigolô. — Uma hora antes eu havia pensado que *ela* era uma prostituta. Que deprimente! Nossas cabeças, com sua coleção de loucuras, tinham divergido. Ah, vida terrível, como lamentei e implorei, e aí fiquei furioso

porque percebi que estava implorando por uma prostitutazinha mexicana, e disse isso na cara dela; e, antes que pudesse perceber, juntei suas sapatilhas vermelhas e joguei-as contra a porta do banheiro, e lhe disse que desaparecesse: — Vamos, dê o fora! — Eu só queria dormir e esquecer; tinha minha própria vida, minha própria, melancólica e esfarrapada vida, para sempre. Houve um silêncio mortal no banheiro. Tirei as roupas e fui para a cama. Terry saiu do banheiro com os olhos rasos de lágrimas. Em sua ingênua e estranha cabecinha, ela havia tomado essa decisão baseada no fato de que um gigolô não joga sapatos de mulher contra as portas e não a manda ir embora. Num breve, suave e reverente instante de silêncio, ela se despiu inteiramente, e escorregou seu corpo radiante para dentro dos lençóis. Era morena como uma uva. Vi sua triste barriga, onde havia a cicatriz de uma cesariana; seus quadris eram estreitos demais; ela não poderia parir uma criança sem ser toda retalhada. Suas pernas eram pequenos palitos. Ela tinha apenas um metro e cinqüenta. Fizemos amor na suavidade de uma manhã tediosa. Então, como dois anjos fatigados, tragicamente abraçados num recanto solitário de L.A., tendo descoberto o que havia de mais perfeito e delicioso na vida a dois, adormecemos até o fim da tarde.

13

Durante os quinze dias seguintes, ficamos juntos para o que desse e viesse. Ao acordar, decidimos ir de carona juntos para Nova York; ela seria minha garota na cidade. Previ incríveis complexidades com Dean, Marylou e todo mundo — uma temporada, uma nova temporada! Mas, primeiro, teríamos de trabalhar para juntar grana suficiente para a viagem. Terry estava disposta a cair fora, de uma vez por todas, com os vinte dólares que me restavam. Não gostei da idéia. E, como um estúpido, fiquei pensando no caso durante dois dias, enquanto líamos os classificados nos loucos jornais de L.A., que eu jamais havia visto em toda a minha vida, em bares e lanchonetes, até que esses vinte se reduziram à metade. Estávamos muito felizes no nosso pequeno quarto de hotel. No meio da

noite, levantei-me porque não conseguia dormir, puxei o cobertor sobre o moreno ombro nu da gatinha e examinei a noite de L.A. Que noites, aquelas, brutais, abafadas e entrecortadas pelo lamento das sirenes! Na rua, bem em frente, havia confusão. Uma velha e desmantelada casa de cômodos, caindo aos pedaços, era palco de alguma espécie de tragédia. O camburão estava estacionado, e os ratos interrogavam um velho de cabelos grisalhos. Havia soluços. Eu podia ouvir tudo, os sons da rua se misturavam com o zumbido do neon do meu hotel. Nunca me senti tão deprimido em toda a minha vida. L.A. é a mais solitária e brutal de todas as cidades americanas. Em Nova York, fica frio como o diabo durante o inverno, mas nas ruas, em algum lugar, existe um doido sentimento de camaradagem. L.A. é uma selva.

A South Main Street, por onde Terry e eu perambulávamos comendo cachorros-quentes, era um fantástico carnaval de luzes e loucura. Policiais de coturno revistavam pessoas em praticamente cada esquina. As calçadas fervilhavam com as personagens mais maltrapilhas da nação — tudo isso sob aquelas suaves estrelas do sul da Califórnia, perdidas na aura escura desse enorme acampamento no deserto que L.A. realmente é. Podia-se sentir o cheiro de erva, de baseado, quer dizer, maconha, flutuando no ar, misturado com o odor de feijão, *chili* e cerveja. Aquele incrível e louco som de *bop* saía flutuando das cervejarias; o som embaralhava ainda mais aquela confusão de *cowboys* de todas as espécies e *boogie-woogie* dentro da noite americana. Todos se pareciam com Hassel. Negros muito loucos, com doidos bonés e cavanhaques, passavam às gargalhadas, depois vinham *hipsters* cabeludos e deprimidos, recém-saídos da Rota 66 de Nova York; e então velhos ratos do deserto, com suas mochilas, indo em direção a um banco de parque na Plaza; logo a seguir, pastores metodistas com as mangas arregaçadas, e um eventual garoto santo e naturalista de barba e sandália. Eu queria conhecer todos eles, conversar com todo mundo, mas Terry e eu estávamos ocupados demais, tentando arranjar uma grana juntos.

Fomos a Hollywood para tentar trabalhar numa farmácia, na esquina da Sunset com a Vine. Aquilo, sim, era uma esquina! Famílias enormes, vindas do interior, saltavam de seus calhambeques, e ficavam paradas na calçada

implorando para vislumbrar alguma estrela do cinema; e a estrela do cinema jamais aparecia. Quando passava uma limusine, eles corriam ansiosamente até o meio-fio e se inclinavam para espiar: uma personagem de óculos escuros estava sentada lá dentro ao lado de uma loira coberta de jóias — Don Ameche! Don Ameche! — Não, George Murphy! George Murphy! — Andavam em círculos, olhando uns para os outros. Rapagões veados e gostosos, que tinham ido a Hollywood para serem *cowboys* do cinema, caminhavam por ali, alisando as sobrancelhas com a ponta molhada de seus dedos esnobes. As menininhas mais apetitosas e com a cabeça mais feita deste mundo cruzavam, vestindo *slacks;* tinham vindo para serem estrelas, acabavam nos *drive-ins.* Terry e eu tentamos arranjar emprego nos *drive-ins.* Não havia grana em lugar nenhum. O Hollywood Boulevard era um imenso e ruidoso frenesi de automóveis; pequenos acidentes ocorriam pelo menos uma vez por minuto; todos iam em direção à palmeira mais distante — e, além dela, só havia o deserto e o vazio. Garotões de Hollywood paravam em frente a restaurantes pretensiosos, discutindo, exatamente como os garotões de Nova York discutem na praia de Jacob, no Estado de Nova York, com a diferença de que vestiam ternos leves e usavam uma linguagem mais vulgar. Religiosos altos e cadavéricos tinham calafrios ao passar por ali. Gordas mulheres histéricas corriam pelo *boulevard*, para entrar na fila dos programas de auditório. Vi Jerry Colonna comprando um carro na Buick Motors; ele estava por trás de uma enorme vitrina espelhada, alisando o bigode. Terry e eu comemos numa lanchonete do centro da cidade, decorada para imitar uma caverna, com tetas metálicas jorrando por todos os lados, e enormes bundas impessoais de pedra pertencentes a estranhas divindades e ao bajulador Netuno. As pessoas engoliam refeições fúnebres entre as fontes; seus rostos pareciam verdes de marítima melancolia. Todos os policiais de L.A. pareciam elegantes gigolôs; obviamente tinham vindo a L.A. tentar a sorte no cinema. Todo mundo tinha vindo tentar a sorte no cinema, até mesmo eu. Terry e eu fomos finalmente reduzidos a tentar conseguir um emprego na South Main Street, entre balconistas vulgares e garçonetes que nem ligavam para sua própria vulgaridade, mas nem ali havia nada. Tínhamos ainda dez dólares.

— Vamos pegar minhas roupas na casa da mana e vamos de carona para Nova York — disse-me Terry. — Vamos lá, homem. Vamos nessa. Se você não tem ginga, eu lhe ensino a rebolar. — Essa última frase fazia parte de uma música que ela vivia cantando. Corremos até a casa da irmã dela, nas prateadas cabanas mexicanas, em algum lugar além da Alameda Avenue. Esperei num beco escuro, atrás de cozinhas mexicanas, porque sua irmã não devia me ver. Cães corriam ao redor. Lâmpadas pequenas iluminavam minúsculos becos de ratazanas. Podia ouvir Terry e a irmã discutindo sob a suave noite cálida. Estava preparado para o que desse e viesse.

Terry caiu fora e me conduziu pela mão ao longo da Central Avenue, a rua mais colorida e importante de L.A. E que loucura de avenida, com pardieiros de tamanho suficiente apenas para abrigar vitrolas automáticas, que trepidavam enquanto só tocavam *blues* e *jazz!* Subimos as escadas imundas dessa espécie de galinheiro, e entramos no quarto de Margarina, uma amiga de Terry, que tinha uma saia e um par de sapatos dela. Margarina era uma mulata deliciosa; seu marido, negro como piche e gentil. Ele saltou fora imediatamente, indo comprar um pouco de uísque para me receber adequadamente. Tentei pagar pelo menos uma parte, mas ele recusou. Eles tinham duas crianças pequenas. As crianças pulavam em cima da cama; era o *playground* delas. Abraçavam-me e olhavam-me maravilhadas. A louca noite barulhenta da Central Avenue — a noite da *Central Avenue breakdown*, de Hamp — estrepitava e zumbia lá fora. Cantava-se pelos corredores, cantava-se nas janelas — mande tudo para longe, e olho vivo! Terry pegou suas roupas, e nos despedimos da família. Fomos ao boteco ali embaixo e botamos discos na vitrola. Uma dupla de doidos negros sussurrou em meu ouvido algo sobre maconha. Um dólar, eu disse, está bem, pode trazer. O traficante entrou e me arrastou até o banheiro do porão, onde fiquei parado feito um babaca enquanto ele dizia: — Pegue de uma vez, cara!

— Pegar o quê? — perguntei.

Ele já estava com meu dólar na mão. Tinha medo de apontar para o chão. Não havia assoalho, só o chão do porão. Ali estava algo que parecia um pequeno monte de bosta marrom. Ele estava agindo com uma cautela absurda. — Tenho

que me cuidar, a barra pesou na semana passada. — Apanhei o monte de bosta, que era um cigarro marrom, voltei para Terry, e caímos fora rumo ao hotel para fazer a cabeça. Não aconteceu nada. Era tabaco Buli Durham. Resolvi tomar mais cuidado com meu dinheiro.

Terry e eu tínhamos de decidir, de uma vez por todas, o que fazer. Decidimos pedir carona até Nova York com o restante de minha grana. Naquela noite, ela pegou cinco dólares de sua irmã. Ao todo a gente tinha uns treze, ou menos. E então, antes que outra diária fosse cobrada, arrumamos nossos trastes e zarpamos num carro vermelho até Arcadia, Califórnia, onde fica o hipódromo de Santa Anita, sob montanhas cobertas de neve. Era noite. Estávamos diante do continente americano. De mãos dadas, caminhamos vários quilômetros estrada afora, para sair da zona urbana. Era um sábado à noite. Estávamos sob um poste de luz, pedindo carona, quando, repentinamente, carros repletos de garotos rugiram com enfeites esvoaçantes: — Aah! Aah! Ganhamos! Ganhamos! — gritavam todos eles. E então, vaiaram e assobiaram para nós, zombando ao verem uma garota e um cara na estrada. Dúzias de carros assim passaram por ali, cheios de rostos jovens e vozes arrogantes e pretensiosas. Eu odiava cada um deles. Quem eles pensavam que eram, vaiando alguém na estrada só porque eram jovens desordeiros e secundaristas, e seus pais assavam rosbifes nas tardes de domingo? Quem eles pensavam que eram, zombando de uma menina numa situação difícil, com um homem que queria ser amado? Nossa vida era da nossa própria conta. E não conseguimos uma maldita carona. Tivemos de caminhar de volta à cidade, e o pior de tudo é que, precisando de um café, tivemos de ir ao único lugar aberto, que era o bar dos colegiais, e todos os garotos estavam lá; lembraram-se da gente. Perceberam que Terry era mexicana, um gato selvagem *pachuco*, e que seu homem era ainda pior que isso. Com seu lindo nariz empinado, ela resolveu tirar o time de campo, e perambulamos juntos pelo acostamento das estradas, no escuro. Eu carregava as sacolas. Respirávamos neblina no ar frio da noite. Finalmente, decidi me esconder do mundo junto com ela, que se fodesse o amanhã. Chegamos à portaria de um motel e alugamos a suíte por uns quatro dólares — chuveiro, toalhas de banho, rádio embutido e

tudo o mais. Nos abraçamos com força. Mantivemos longas, sérias conversações. Discutimos com a luz acesa, e depois com a luz apagada. Algo estava sendo provado, e eu a convencia de alguma coisa, que ela aceitava, e concluímos o pacto na escuridão, arfando, e depois satisfeitos, como cordeirinhos. Na manhã seguinte, corajosamente demos início ao nosso novo plano. Iríamos pegar um ônibus até Bakerfield e trabalhar colhendo uvas. Depois de algumas semanas fazendo isso, seguiríamos para Nova York da maneira apropriada, de ônibus. Foi uma tarde maravilhosa, rodando para Bakerfield com Terry: rebaixamos o assento, relaxamo-nos, conversamos, vimos os campos rolar pela janela do ônibus, e não nos preocupamos com nada. Chegamos a Bakerfield no fim da tarde. O plano era abordar todo atacadista de fruta da cidade. Terry disse que nós poderíamos morar em barracas no próprio emprego. A idéia de morar numa barraca e colher uvas nas frias manhãs da Califórnia me excitava. Mas, depois de muita confusão, pois as pessoas nos davam uma infinidade de dicas, emprego nenhum se materializou. Apesar disso, comemos um jantar chinês e saímos com o corpo recuperado. Cruzamos a faixa, fomos para o bairro mexicano. Terry tagarelou com seus conterrâneos, pedindo emprego. A noite caíra, e agora a estreita rua mexicana era uma válvula reluzente, cheia de luzes: marquises de cinemas, frutarias, arcadas vulgares, bazares e centenas de caminhões frouxos e calhambeques enlameados, estacionados. Famílias inteiras de mexicanos colhedores de frutas perambulavam, comendo pipocas. Terry falava com todos. Eu estava começando a me desesperar. O que eu precisava — o que Terry precisava também — era de um bom trago. Então, compramos uma meia-garrafa de vinho do Porto da Califórnia, e fomos ao pátio de manobra das locomotivas para beber. Encontramos um lugar onde os vagabundos juntavam caixotes para sentarem-se ao redor do fogo. Sentamos ali e bebemos nosso vinho. À nossa esquerda, viam-se os tristes vagões de carga, vermelhos de fuligem sob o luar; à frente, ficavam as luzes do aeroporto da própria Bakerfield; à nossa direita, um gigantesco armazém de alumínio da Quonset. Ah, foi uma noite ótima, uma noite quente, uma noite para se tomar vinho, uma noite enluarada, uma noite para envolver

sua garota e conversar e cuspir e viajar no cosmos. Foi o que fizemos. Ela era uma tolinha bêbada e me acompanhava, passava-me a garrafa e continuou falando até meia-noite. Não arredamos pé daquelas fogueiras. Ocasionalmente, uns vagabundos cruzavam por ali, mães mexicanas passavam com suas crianças, a radiopatrulha vinha e o tira inspecionava, mas a maior parte do tempo ficamos sozinhos, envolvendo nossas almas cada vez mais, cada vez mais, até que seria terrivelmente difícil dizer adeus. À meia-noite, levantamo-nos e nos mandamos para a estrada.

Terry teve uma nova idéia. Devíamos pegar carona até Sabinal, sua cidade natal, e morar na garagem de seu irmão. Qualquer coisa estava bem para mim. Na estrada, fiz Terry sentar sobre a sacola para que ela parecesse uma mulher em apuros; um caminhão parou, e nós corremos até ele, felicíssimos. O cara era legal; seu caminhão era ruim. Ele rangia e galgava trôpego vale acima. Chegamos a Sabinal poucas horas antes de amanhecer. Eu tinha acabado com o vinho, e já estava devidamente chapado enquanto Terry dormia. Depois, acordada, caímos fora e vagabundeamos pela sonolenta praça, recoberta de folhas, da pequena cidade da Califórnia - apenas uma breve parada ao lado da ferrovia. Fomos procurar um amigo do seu irmão, que nos diria onde ele estava. Ninguém em casa. Quando o alvorecer rasgou os céus, estiquei-me com as costas na grama da praça central da cidade e comecei a falar repetidamente: — Você não vai contar o que ele fez em Weed, vai? O que ele faz em Weed? Você não vai contar, vai? O que ele fez em Weed? - Era uma cena do filme *Ratos e homens*, quando Burgess Meredith falava com o capataz do rancho. Terry deu uma , risadinha. Qualquer coisa que eu fizesse, estava tudo bem para ela. Eu poderia ficar lá deitado, dizendo a mesma coisa, até que as velhas senhoras saíssem para ir à missa, que Terry não se importaria. Finalmente, decidi que nós deveríamos nos estabelecer logo por causa do seu irmão, levei-a a um hotel à beira do caminho, e confortavelmente fomos para a cama.

Na brilhante e ensolarada manhã, Terry acordou cedo e foi procurar o irmão. Dormi até meio-dia; quando olhei pela janela vi, de relance, um trem de carga passando, com centenas de vagabundos encostados nos vagões-plataforma,

rolando despreocupadamente, usando mochilas como travesseiro, lendo histórias em quadrinho, e alguns mascavam deliciosas uvas da Califórnia, colhidas num desvio ao longo da linha. — Porra! — gritei. — A terra prometida é aqui mesmo, uau! — Todos estavam vindo de Frisco; em uma semana estariam de volta, em grande estilo também.

Terry chegou com seu irmão, um amigo dele e o filho dela. O irmão dela era um gato mexicano sempre a fim de um trago, um tipo genial. Seu amigo era um mexicano grande e balofo, que falava inglês sem muito sotaque, um sujeito barulhento, sempre pronto a ajudar. Percebi que ele era gamado em Terry. Seu garotinho era Johnny, de sete anos, com olhos negros e ar singelo. Bem, ali estávamos nós, e outro dia louco começava.

O nome do irmão dela era Rickey. Tinha um Chevrolet 1938. Amontoamo-nos dentro dele e partimos para lugares desconhecidos. — Para onde vamos? — perguntei. Seu amigo deu as explicações: o nome dele era Ponzo, todo mundo o chamava assim. Rickey parou. Logo descobri por quê. Seu negócio era vender estéreo para os fazendeiros; por isso, tinha um caminhão. Rickey tinha sempre uns três ou quatro dólares no bolso, e estava feliz da vida. Sempre repetia: — Tudo bem, amigo, lá vamos nós, vamos nessa, vamos nessa. — E ele ia mesmo. Dirigia aquela velha tralha a uns cento e vinte por hora, e fomos até Madera, depois de Fresno, para falar sobre estéreo com alguns fazendeiros.

Rickey tinha uma garrafa. — Hoje bebemos, amanhã trabalhamos. Vamos nessa — tome um trago! — Terry ia sentada no banco de trás, com o garoto; virei-me para vê-la e vi, reluzindo em seu rosto, o resplendor do retorno ao lar. A linda e esverdeada zona rural, no outono da Califórnia, esvoaçava loucamente do lado de lá da janela. Eu estava de ânimo para cima, pronto para agitar outra vez.

— Para onde a gente vai agora, cara?

— Vamos procurar algum fazendeiro que tenha estéreo; amanhã a gente volta com o caminhão e junta tudo. Vamos levantar a maior grana, homem. Não se preocupe.

— Estamos todos no mesmo barco — berrou Ponzo. E assim era — em

todo lugar aonde eu ia, estavam todos no mesmo barco. Voamos pelas doidas ruas de Fresno e vale acima, em direção a algumas fazendas à beira das estradas secundárias. Ponzo saltou do carro e manteve umas conversações meio confusas com velhos fazendeiros mexicanos; nada, é claro, resultou disso tudo.

— O que a gente realmente precisa é tomar um trago! — gritou Rickey, e lá fomos nós para um bar de beira de estrada. Os americanos estão sempre bebendo em bares à beira das estradas, nos domingos à tarde; eles trazem seus garotos, tagarelam e discutem entre cervejas; tudo está bem. Chega a noitinha, as crianças começam a chorar e os pais estão bêbados. Retornam trôpegos para casa. Por toda a América, estive em bares de beira de estrada bebendo em companhia de famílias inteiras. As crianças comem pipoca e batatas fritas, e brincam lá nos fundos. Foi isso o que fizemos. Rickey, eu, Terry e Ponzo sentamo-nos, bebendo e gritando com a música; o pequeno Johnny brincava com outras crianças junto à vitrola. O sol foi se avermelhando. Nada foi concluído. O que havia para se concluir? — *Mañana* — disse Rickey. — *Mañana,* homem, nós quebraremos essa; tome outra cerveja, vamos nessa, *vamos nessa!*

Cambaleamos para fora e entramos no carro; seguimos para um bar da *freeway.* Ponzo era um sujeito alto, gritalhão, vociferador, que conhecia todo mundo no vale de San Joaquin. Do bar da *freeway,* fui sozinho com ele no carro para encontrar um fazendeiro; ao invés disso, acabamos no bairro mexicano de Madera, curtindo as garotas e procurando arranjar algumas para ele e para Rickey. E então, quando um crepúsculo purpúreo baixava sobre a terra da uva, vi-me sentado bobamente no carro, enquanto ele discutia com um velho mexicano na porta de sua cozinha a respeito do preço de um melão que o velho cultivava no quintal. Pegamos o melão. Nós o comemos ali mesmo, e atiramos as cascas na calçada imunda do velho. Os mais variados tipos de gatas gostosas cruzavam pela rua, cada vez mais escura. Falei: — Onde a gente se meteu?

— Não se preocupe, cara — disse o grande Ponzo. — Amanhã vamos fazer muita grana; hoje a gente nem se preocupa. — Voltamos, apanhamos Terry, seu irmão e o moleque, e nos dirigimos a Fresno sob as luzes noturnas da estrada. Estávamos todos morrendo de fome. Cruzamos os trilhos de trem, e

chegamos às ruas endoidecidas do bairro mexicano de Fresno. Uns chineses estranhos, dependurados em suas janelas, observavam as ruas fervilhantes do domingo à noite; grupos de garotas mexicanas em *slacks* rebolavam ao som do mambo, estourando as vitrolas; e as luzes da rua estavam ornamentadas como se fosse a Noite das Bruxas. Fomos a um restaurante mexicano, e comemos *tacos* e feijão amassado enrolado em *tortillas*, uma delícia. Saquei minha última e reluzente nota de cinco dólares, que se interpunha entre mim e a praia de Nova Jersey, e paguei a minha parte e a de Terry. Agora, eu só tinha quatro dólares. Terry e eu nos entreolhamos.

— Onde vamos dormir hoje, *baby?*

— Sei lá.

Rickey estava bêbado; agora tudo o que dizia era: — Vamos nessa, cara — vamos nessa, cara — numa voz suave e fatigada. Tinha sido um longo dia. Nenhum de nós sabia o que estava se passando, nem o que o bom Deus nos reservava. O pobrezinho Johnny adormeceu nos meus braços. Retornamos a Sabinal. No caminho, de repente, entramos num bar na Highway 99. Rickey queria beber uma última cerveja. Nos fundos do bar havia um *trailer*, umas barracas e minúsculos quartos numa espécie de motel. Dois dólares era o preço. Perguntei a Terry o que ela achava daquilo, e ela achou bom, já que estávamos com o moleque e deveríamos instalá-lo confortavelmente. Assim, depois de algumas cervejas no bar, onde soturnos caipiras oscilavam ao som de uma banda de *cowboys*, Terry, eu e Johnny fomos ao quarto de motel, e nos preparamos para cair duros na cama. Ponzo continuou circulando por ali; ele não tinha onde dormir. Rickey dormia na casa do pai, um barracão entre as videiras.

— Onde você mora, Ponzo? — perguntei.

— Em lugar nenhum, homem. Deveria estar morando com Big Rosey, mas ela me enxotou ontem à noite. Vou pegar meu caminhão e dormir lá esta noite.

Guitarras tiniam. Terry e eu contemplamos as estrelas juntos e nos beijamos. — *Mañana* — disse ela. — Amanhã tudo vai ficar bem, não acha, querido Sal?

— Claro, *baby*, *mañana.* — Era sempre *mañana.* Foi tudo o que eu ouvi durante toda a semana seguinte — *mañana*, uma palavra adorável que provavelmente quer dizer paraíso.

O pequeno Johnny pulou na cama, de roupa e tudo, e caiu no sono; seus sapatos derramaram areia, areia de Madera. Terry e eu nos levantamos no meio da noite e sacudimos a areia dos lençóis. Pela manhã, eu me levantei, me lavei e passeei pelas redondezas. Estávamos a oito quilômetros de Sabinal, entre os vinhedos e os campos de algodão. Perguntei para a grande mulher gorda que era dona do *camping* se havia alguma barraca vazia, A mais barata, a que custava um dólar por dia, estava desocupada. Catei um dólar no bolso e nos mudamos para lá. Havia uma cama, um fogão e um espelho rachado, dependurado numa vara; era encantador. Eu tinha de me abaixar para entrar ali, e quando me abaixava, ali estava minha garota e meu garotinho. Esperamos Rickey e Ponzo chegar com o caminhão. Eles chegaram com garrafas de cerveja, e começaram a se embebedar na barraca.

— E o estéreo?

— Hoje já é muito tarde. Amanhã, cara, a gente vai levantar um monte de grana; hoje vamos tomar umas cervejas. O que você me diz de uma cerveja? — Não seria necessário encorajá-lo. — Vamos nessa — *vamo nessa* — berrou Rickey. Comecei a perceber que nossos planos de arranjar dinheiro com o caminhão de estéreo não iam dar certo. O caminhão estava estacionado junto à barraca. Tinha o mesmo cheiro de Ponzo.

Aquela noite, Terry e eu fomos para a cama com o sublime ar noturno sob nossa barraca úmida. Eu já estava me preparando para dormir, quando ela disse: — Você não gostaria de fazer amor comigo?

Eu disse: — E Johnny?

— Ele não liga. Está dormindo. — Mas Johnny não estava dormindo, e ficou calado.

Os outros dois voltaram no dia seguinte com o caminhão de estéreo, e logo caíram fora para comprar uísque; retornaram e se divertiram a valer na barraca. Ponzo disse que aquela noite estava fria demais, e dormiu no chão de nossa

barraca, enrolado num enorme encerado cheirando a bosta de vaca. Terry o odiava; disse que ele andava com seu irmão só para ter um pretexto para se aproximar dela.

Nada iria acontecer, a não ser inanição para Terry e para mim; assim, pela manhã, andei pelos campos das redondezas pedindo emprego na colheita de algodão. Todos me disseram para ir à fazenda que ficava do outro lado da estrada, em frente ao *camping.* Fui, e o fazendeiro estava na cozinha com suas mulheres. Ele saiu, ouviu minha história e me alertou que estava pagando apenas três dólares por quarenta e cinco quilos de algodão colhido. Eu me imaginei colhendo pelo menos uns cento e trinta quilos por dia, e aceitei o emprego. Ele catou umas sacolas de lona compridas no galpão e me disse que a colheita começava ao amanhecer. Corri de volta para Terry, felicíssimo. No caminho, um caminhão carregado de uvas passou por um calombo da estrada, e grandes cachos de uva caíram no asfalto quente. Eu os apanhei e levei-os para casa. Terry ficou feliz. — Johnny e eu vamos juntos para ajudar você.

— Quieta — disse eu. — Nada disso!

— Você vai ver, vai ver, é muito difícil colher algodão. Vou ensinar você.

Comemos as uvas, e ao entardecer Rickey apareceu com um pedaço de pão e meio quilo de hambúrguer, e fizemos um piquenique. Numa barraca maior, próxima à nossa, morava uma família inteira de colhedores de algodão, vindos de Oklahoma; o avô passava o dia inteiro sentado numa cadeira, era velho demais para trabalhar; a cada amanhecer, seu filho e filha, com os netos, se enfileiravam na estrada em direção ao campo de minha fazenda, e iam trabalhar. Na aurora do dia seguinte, acompanhei-os. Eles disseram que o algodão era mais pesado ao amanhecer, por causa do orvalho, e que se podia fazer mais dinheiro do que à tarde. Mesmo assim, trabalhavam o dia inteiro, do nascer ao pôr-do-sol. O avô tinha vindo do Nebraska durante a grande praga dos anos 30 — aquela mesma das grandes nuvens de poeira, de que meu *cowboy* de Montana havia falado —, com a família inteira num caminhão caindo aos pedaços. Desde então, eles estavam na Califórnia. Adoravam trabalhar. Naqueles dez anos, o filho do velho havia acrescentado quatro filhos à família, alguns

deles já grandes o suficiente para colher algodão. E, por esses dias, eles haviam progredido da pobreza esfarrapada nos campos de Simon Legree para uma espécie de respeitabilidade sorridente, em barracas de qualidade bem superior, e isso era tudo. Eles eram extremamente orgulhosos de sua barraca.

— Estão pensando em voltar para Nebraska?

— Argh! Não há nada por lá. O que queremos é comprar um *trailer*.

Nós nos inclinamos e começamos a colher o algodão. Era lindo. Do lado de lá do campo ficavam as barracas, e além delas, os áridos e terrosos campos de algodão se estendiam a perder de vista até as colinas do arroio, e mais adiante, viam-se serras com seus cumes nevados sob o ar azulado da manhã. Era muito melhor do que lavar pratos na South Main Street. Mas eu não sabia nada a respeito da colheita de algodão. Passava muito tempo destacando a fofa bola branca do talo quebradiço; os outros faziam isso num instante. Além do mais, as pontas dos meus dedos começaram a sangrar; eu precisava de luvas, ou de mais experiência. Nos campos, junto com a gente, havia um velho casal de negros. Eles colhiam algodão com a mesma santa paciência de seus avós no Alabama. Curvados e melancólicos, labutavam nas suas fileiras, e seus sacos engordavam rapidamente. Minhas costas começaram a doer. Mas era lindo se ajoelhar e se esfolar naquela terra. Quando sentia vontade de descansar, eu o fazia, recostando minha cara num travesseiro de terra úmida e escura. Pássaros cantarolavam, marcando o compasso. Pensei ter encontrado o emprego da minha vida. Johnny e Terry vieram pelo campo, acenando para mim no silêncio abafado do meio-dia, e logo se juntaram a mim no trabalho. Quero ser mico de circo se o pequenino Johnny não era mais rápido do que eu! — e claro que Terry era duas vezes mais veloz. Eles trabalhavam à minha frente, e deixavam montes de algodão limpo para que eu os acrescentasse ao meu saco: montes de uma colherada experimentada, que eram os de Terry, e montes de uma criança pequena, que eram os de Johnny. Eu os enfiava no meu saco, aborrecido. Que tipo de inválido era eu, incapaz de sustentar o próprio rabo, e ainda deixando o deles desamparado? Eles passaram a tarde inteira comigo. Quando o sol se pôs, nós nos arrancamos juntos e doloridos. No limite da lavoura, esvaziei minha carga

numa balança; pesava vinte e dois quilos, e eu ganhei um dólar e meio. Então, pedi emprestada a bicicleta de um dos garotos e me dirigi pela 99 até um armazém, num entroncamento da estrada, onde comprei latas de espaguete com almôndegas, pão, manteiga, café, um bolo, e voltei com a sacola pendurada no guidão. O tráfego para L.A. passava zunindo; o tráfego em direção a San Francisco me acossava por trás. Praguejei e praguejei. Olhei para o céu escuro e pedi a Deus por uma vida menos árdua, e uma chance melhor para fazer algo por aquela gente que eu amava. Mas ninguém estava prestando atenção em mim lá em cima. Eu já deveria saber disso. Foi Terry quem me trouxe de volta a este mundo. Ela aqueceu a comida no fogão da barraca, e essa foi uma das melhores refeições da minha vida; ah, como eu estava faminto e fatigado! Suspirando como um velho negro colhedor de algodão, estendi-me na cama e fumei um cigarro. Cães uivavam na noite gelada. Rickey e Ponzo haviam desistido de aparecer durante a noite. Fiquei satisfeito com isso. Terry se enroscou no meu corpo, Johnny sentou sobre meu peito e eles desenharam bichos no meu caderno. A luz da nossa barraca reluzia na planície horripilante. A música dos *cowboys* ressoava no bar central e percorria os campos, repleta de melancolia. Para mim, estava tudo bem. Beijei minha pequena e apagamos a luz.

Pela manhã, o orvalho fez nossa barraca ceder; eu me levantei e, com minha toalha e a escova de dentes, fui ao banheiro comunitário do motel, para me lavar; então voltei, vesti minha calça, toda rasgada de tanto me ajoelhar na terra, e que havia sido costurada por Terry na noite anterior, enfiei meu chapéu de palha esfarrapado, que originalmente havia sido o chapéu de brinquedo de Johnny, e cruzei a estrada com o saco de lona para recolher mais algodão.

Todos os dias eu ganhava aproximadamente um dólar e meio. Era o suficiente apenas para ir comprar comida à noite, com a bicicleta. Os dias se passavam. Esqueci tudo a respeito do leste, e tudo sobre Carlo e Dean e a maldita estrada. Johnny e eu brincávamos o tempo inteiro; ele gostava que eu o jogasse para cima e para baixo na cama. Terry se sentava, remendando as roupas. Eu era um camponês, exatamente como havia sonhado que seria, lá em Paterson. Houve rumores de que o marido de Terry estava de volta a Sabinal e

andava atrás de mim; eu estava preparado para ele. Uma noite, os garotos ficaram furiosos no bar, amarraram um homem numa árvore e bateram nele com paus até moê-lo. Eu estava dormindo, e apenas ouvi falar sobre isso. Daí em diante, passei a carregar um porrete comigo quando estava na barraca, para o caso de eles pensarem que nós, os mexicanos, estávamos emporcalhando o acampamento deles. Claro que eles achavam que eu era mexicano, e de certa forma, eu o era.

Mas agora era outubro e as noites estavam ficando muito mais frias. Os garotos tinham um fogão a lenha, e planejavam ficar lá o inverno inteiro. Nós não tínhamos nada e, além disso, o aluguel da barraca estava vencido. Terry e eu decidimos partir, penosamente. — Volte para sua família — eu disse. — Pelo amor de Deus, você não pode ficar rolando por aí em barracas com um bebê como Johnny, o pobrezinho tem frio. — Terry chorou porque eu estava criticando seus instintos maternais, não fora isso o que eu quisera dizer. Quando Ponzo chegou com o caminhão, numa tarde cinzenta, decidimos falar com a família dela sobre nossa situação. Mas eu não poderia ser visto, e deveria me esconder nos vinhedos. Partimos para Sabinal; o caminhão quebrou, e no mesmo instante começou a chover raivosamente. Ficamos sentados no caminhão, blasfemando. Ponzo saiu e deu duro, na chuva. No fim das contas, ele era um sujeito legal. Nós nos comprometemos a tomar mais um grande pileque. Fomos até um boteco no bairro mexicano de Sabinal, e passamos uma hora enchendo a cara de cerveja. Eu estava de saco cheio da minha lida diária nas lavouras de algodão. Podia sentir a vibração da minha própria vida me chamando de volta. Enviei um postal barato para minha tia, e pedi cinqüenta dólares outra vez.

Fomos para o barraco da família de Terry. Ficava na velha estrada que cruzava os vinhedos. Estava escuro quando chegamos lá. Eles me largaram uns quinhentos metros antes, e se dirigiram até a porta. A luz escoava por baixo dela; os outros seis irmãos de Terry estavam tocando violão e cantavam. O velho estava bêbado de vinho. Ouvi gritos e discussões mais altos do que a cantoria. Eles a chamavam de piranha por ter abandonado o marido e ido para L.A., deixando Johnny com eles. O velho berrava. Mas a opinião da mãe, morena,

gorda e melancólica, prevaleceu mais uma vez, como sempre acontece entre os grandes povos do mundo, e Terry pôde voltar para casa. Os irmãos começaram a tocar músicas alegres, mais rápidas. Eu tiritava no vento frio e chuvoso, e observava tudo através dos tristes vinhedos de outubro daquele vale. Ficava soando em minha cabeça aquela grande canção que é *Lover man,* cantada por Billie Holliday; curti meu próprio *show* entre os arbustos. *"Someday we'll meet, and you'll dry all my tears, and whisper sweet, little things in my ear, hugging and a-kissing, oh what we've been missing, Lover man, oh where can you be..."* Não era tanto a letra, mas a incrível melodia harmônica e o jeito que Billie cantava, como uma mulher acariciando o cabelo de seu homem sob a luz suave do abajur. Os ventos uivavam. Fiquei com frio.

Terry e Ponzo retornaram, e juntos zarpamos no velho caminhão para encontrar Rickey. Rickey agora estava morando com a mulher de Ponzo, Big Rosey; nos becos minúsculos, tocamos a buzina para chamá-lo. Big Rosey o expulsou de casa. Tudo estava ruindo. Aquela noite, dormimos no caminhão. Terry me abraçou com força, é claro, e me disse para não partir. Ela falou que trabalharia colhendo uvas, e que ganharia dinheiro suficiente para nós dois; enquanto isso, eu poderia morar no celeiro da Fazenda Heffelfinger, um pouco mais adiante, na mesma estrada em que morava a família dela. Eu não teria nada a fazer, a não ser sentar na grama o dia inteiro comendo uvas. — O que você acha?

Pela manhã, seus primos vieram nos buscar em outro caminhão. De repente, dei-me conta de que milhares de mexicanos em todo o território estavam sabendo a respeito de Terry e de mim, e que esse devia ter sido um assunto atraente e romântico para eles. Os primos eram educadíssimos e, na verdade, até agradáveis. Permaneci no caminhão, sorrindo amavelmente, falando sobre onde estávamos durante a guerra e o que pintava na época. Ao todo eram cinco primos, e todos eles eram simpáticos. Pareciam pertencer ao ramo da família de Terry que, como seu irmão, não ligava para nada. Mas eu amava aquele louco Rickey. Ele jurou que iria até Nova York para se encontrar comigo.

Eu o imaginava em Nova York deixando tudo para *mañana.* Naquele dia, ele estava bêbado em algum lugar, pelo campo.

Saltei do caminhão na encruzilhada, e os primos levaram Terry para casa. Eles fizeram um sinal lá da porta; o pai e a mãe não estavam, tinham saído para colher uvas. Fiquei como dono da casa durante toda a tarde. Era um barraco de quatro peças; não conseguia imaginar como toda a família se ajeitava para viver ali. Zumbiam moscas na pia. Não havia persianas, exatamente como naquela canção: "A janela está quebrada, a chuva pode entrar". Terry estava em casa agora, fuçando nas panelas. Suas duas irmãs sorriram para mim. As crianças gritavam na estrada.

Quando o sol rompeu, rubro, através das nuvens, no meu último entardecer no vale, Terry me conduziu ao celeiro da. Fazenda Heffelfinger. O fazendeiro Heffelfinger tinha uma próspera propriedade mais adiante, naquela mesma estrada. Juntamos uns caixotes, ela trouxe uns cobertores de sua casa e tudo ficou arrumado, exceto pela grande tarântula peluda que se escondia no ponto mais alto do teto do celeiro. Terry disse que ela não me causaria problemas se eu não a perturbasse. Eu me deitei de costas, olhando fixamente para ela. Saí, fui ao cemitério e trepei numa árvore. Cantei *Blue skies* lá em cima. Terry e Johnny sentaram-se na grama; comemos uvas. Na Califórnia chupa-se o suco das uvas e cospe-se a casca fora, realmente uma luxúria. Caiu a noite. Terry foi jantar em casa, e retornou ao celeiro às nove horas com *tortillas* deliciosas e feijão esmagado. Para iluminar o celeiro, fiz uma fogueira no chão de cimento. Fizemos amor entre os caixotes. Terry levantou e voltou direto para o barraco. Seu velho estava gritando por ela; eu podia ouvi-lo do celeiro. Ela deixou um manto para me aquecer; eu o joguei sobre os ombros e deslizei pelos vinhedos enluarados, para ver o que estava acontecendo. Furtivamente, fui até o fim da trilha e me ajoelhei no barro morno. Seus cinco irmãos cantavam canções melodiosas em espanhol. As estrelas se punham- atrás do pequeno telhado; fumaça serpenteava da chaminé do fogão a lenha. Senti o cheiro de feijões esmagados e *chili.* O velho resmungava. Os irmãos prosseguiam a cantoria. A mãe estava calada. Johnny e os meninos faziam farra no quarto. Um lar da

Califórnia; escondido nos vinhedos, eu ficava de olho. Senti-me um milionário; estava me aventurando na louca noite americana.

Terry caiu fora, batendo a porta atrás de si. Abordei-a na estrada escura. — O que há?

— Ah, a gente briga o tempo inteiro. Ele quer que eu vá trabalhar amanhã. Diz que não quer me ver vadiando por aí. Sallie, quero ir com você para Nova York.

— Mas como?

— Não sei, meu amor. Sentirei sua falta. Eu amo você.

— Mas eu tenho que partir.

— Sim, sim. Iremos para a cama mais uma vez, e aí você vai.

Retornamos ao celeiro; fiz amor com ela sob a tarântula. O que aquela tarântula estava fazendo ali? Dormimos por uns instantes sobre os caixotes, enquanto o fogo se extinguia. Ela voltou para casa à meia-noite; seu pai estava embriagado; pude ouvi-lo rugir; por fim, houve um silêncio quando ele caiu no sono. As estrelas envolviam campos adormecidos.

Pela manhã, o fazendeiro Heffelfinger enfiou a cabeça pelo buraco feito para o cavalo e disse: — Como está você, meu jovem camarada?

— Bem. Espero que também esteja tudo bem com minha estada aqui.

— Claro. Você anda saindo com aquela sirigaita mexicana?

— Ela é uma garota e tanto.

— E muito bonita também. Acho que o touro pulou a cerca. Ela tem os olhos azuis. — Falamos a respeito de sua fazenda.

Terry me trouxe o desjejum. Eu estava com meu saco de lona arrumado, e pronto para partir para Nova York, tão logo apanhasse meu dinheiro em Sabinal. Sabia que, àquela altura, ele estava lá esperando por mim. Disse a Terry que estava partindo. Ela estivera pensando sobre isso a noite inteira, e estava conformada. Beijou-me sem sentimentalismos entre os vinhedos, e se mandou trilha abaixo. Nós nos viramos depois de uns dez passos, como num duelo de amor, e nos olhamos pela última vez.

— Eu a verei em Nova York, Terry — disse. Estava combinado que, dentro de um mês, ela se dirigiria a Nova York junto com seu irmão. Ambos sabíamos que ela não o faria. A trinta metros, voltei-me para vê-la; ela seguia caminhando de volta para o barraco, carregando numa das mãos o prato do meu café da manhã. Arqueei a cabeça e a observei. Bem, ai de mim, eu estava na estrada outra vez.

Caminhei pela estrada rumo a Sabinal, comendo nozes de uma nogueira negra à beira do caminho. Fui para a linha férrea equilibrando-me sobre os trilhos. Passei por uma caixa-d'água e por uma fábrica. Aquilo representava o fim de alguma coisa. Fui até o telégrafo da estação ferroviária, procurando por minha ordem de pagamento vinda de Nova York. Estava fechado. Blasfemei e sentei-me nos degraus para esperar. O bilheteiro-chefe voltou e me convidou para entrar. Lá estava o dinheiro. Minha tia me salvara mais uma vez. — Quem vencerá o campeonato do ano que vem? — perguntou o velho e macilento chefe dos bilheteiros. De repente, percebi que era outono, e que eu estava retornando para Nova York.

Caminhei pelas trilhas na longa e melancólica luz outonal do vale, na esperança de que um trem de carga aparecesse e eu pudesse me juntar aos vagabundos, comedores de uva, e ler quadrinhos junto com eles. O trem não apareceu. Fui para a estrada e ganhei carona num instante. Foi a carona mais extraordinária e rápida de minha vida. O motorista tocava rabeca numa banda de *cowboys.* Tinha um carro novo em folha, e o dirigia a cento e vinte por hora. — Nunca bebo quando dirijo — disse, oferecendo-me um trago. Tomei um gole e lhe passei a garrafa. — Que merda! — exclamou, e bebeu. Cobrimos a distância entre Sabinal e Los Angeles no impressionante tempo de quatro horas; são quatrocentos quilômetros. Ele me largou bem em frente à Columbia Pictures, em Hollywood; justo a tempo de correr e apanhar meu original rejeitado. Então, comprei minha passagem de ônibus para Pittsburgh. Não tinha dinheiro suficiente para um *ticket* direto até Nova York. Decidi que só me preocuparia com isso quando chegasse a Pittsburgh.

Como o ônibus partia às dez, eu tinha quatro horas para curtir Hollywood sozinho. Primeiro, comprei pão e salame e fiz dez sanduíches para cruzar o país. Sobrava-me um dólar. Sentei numa murada de cimento, nos fundos de um estacionamento de Hollywood, e preparei os sanduíches. Enquanto labutava nessa tarefa absurda, enormes refletores de alguma estréia hollywoodiana apunhalavam o céu, aquele céu agitado da costa oeste. Fui cercado pelos rumores da louca cidade da costa dourada. Ali terminava minha carreira em Hollywood — minha última noite na cidade e eu ali, deixando cair mostarda no meu colo, nos fundos de um mictório de estacionamento.

14

Ao amanhecer, meu ônibus estava zunindo através do deserto do Arizona — índio, Blythe, Salomé (onde ela dançou); amplas extensões áridas rumo às montanhas mexicanas no sul. Então, dobramos para o norte em direção às montanhas do Arizona, Flagstaff, cidades à beira dos penhascos. Tinha comigo um livro que havia roubado num quiosque em Hollywood, *Le Grand Meualnes,* de Alain-Fournier, mas preferia ler a paisagem americana enquanto seguíamos em frente. A cada solavanco eu me levantava, espreguiçava-me e meus anseios se confundiam. Cruzamos o Novo México na escuridão da noite; numa aurora descolorida, estávamos em Dalhart, Texas; na desamparada tarde de domingo, rodávamos pela monotonia de uma cidade atrás da outra, em Oklahoma; ao cair da tarde chegávamos ao Kansas. O ônibus rodava solto. Eu estava indo para casa em outubro. Todo mundo vai para casa em outubro.

Chegamos a St. Louis ao meio-dia. Dei uma caminhada ao longo do rio Mississipi e observei as toras de madeira que vêm flutuando desde Montana, no norte — toras magníficas, em sua espantosa odisséia através do nosso sonho continental. Velhos barcos a vapor, com seus ornamentos ainda mais rebuscados e murchos pelas intempéries, e pelo lodo percorrido por ratos. Grandes nuvens do entardecer pairavam sobre o vale do Mississipi. Naquela noite, o ônibus

rodou através do milharal de Indiana; a lua iluminava os fantasmagóricos montes de palha de milho colhido; estávamos quase na Noite das Bruxas. Puxei conversa com uma garota, e ficamos juntos todo o percurso até Indianápolis. Ela era míope. Quando saltamos do ônibus para comer, tive de conduzi-la pela mão até o balcão da lanchonete. Ela pagou minha refeição; todos os meus sanduíches já se tinham ido. Em troca, contei-lhe longas histórias. Ela estava vindo do Estado de Washington, onde havia passado o verão colhendo maçãs. Morava numa fazenda no norte do Estado de Nova York. Convidou-me para ir até lá. Por via das dúvidas, a gente marcou um encontro num hotel de Nova York. Ela saltou em Columbus, Ohio, e eu dormi o tempo inteiro até Pittsburgh. Estava mais fatigado do que jamais estivera em muitos anos. Ainda me restavam quinhentos e oitenta e oito quilômetros até Nova York, e apenas uma moeda no bolso. Caminhei oito quilômetros para sair de Pittsburgh, e duas caronas, um caminhão carregado de maçãs e um enorme caminhão-*trailer*, me conduziram a Harrisburg, na noite amena e chuvosa de veranico. Cruzei direto por lá. Queria chegar logo em casa.

Naquela noite conheci o Fantasma do Susquehanna. O Fantasma era um velhinho enrugado com uma sacola de papel, que afirmava estar se dirigindo ao "Canady". Ele caminhava muito rápido, ordenando que eu o seguisse, e disse que havia uma ponte à nossa frente por onde poderíamos cruzar. Tinha uns sessenta anos; falava incessantemente sobre as refeições que tinha feito; sobre quanta manteiga lhe haviam dado para as panquecas, quantos pedaços de pão a mais havia recebido, e de como os velhos de uma instituição de caridade de Maryland o tinham chamado da varanda, convidando-o para ficar durante o fim de semana; tinha tomado um delicioso banho quente antes de cair fora, encontrara um chapéu novinho no acostamento da estrada em Virgínia, e ali estava o chapéu em sua cabeça; costumava abordar todas as sedes da Cruz Vermelha em todas as cidades, mostrando suas credenciais de veterano da Primeira Guerra Mundial; a Cruz Vermelha de Harrisburg não era digna desse nome; e ele se virava neste mundo difícil. Mas, tanto quanto eu podia perceber, ele era apenas um vagabundo semi-respeitável, que cobria a pé toda a vastidão

do leste, abordando os escritórios da Cruz Vermelha e, às vezes, esmolando uns centavos nas esquinas das grandes avenidas. Vagabundeamos juntos. Caminhamos uns onze quilômetros ao longo do fúnebre Susquehanna. É um rio aterrador. Nas duas margens, seus penhascos são repletos de arbustos, dependurados como fantasmas felpudos sobre águas desconhecidas. Trevas da noite cobriam tudo. Às vezes, via-se o grande clarão avermelhado das locomotivas sobre os trilhos do outro lado do rio, iluminando penhascos horrendos. O homenzinho disse que tinha um cinto ideal em sua sacola, e nós paramos para que ele o pescasse ali dentro. — Tenho um cinto ótimo aqui, em algum lugar — um cinto que arranjei em Frederick, Maryland. Porra, será que eu deixei essa porcaria em cima do balcão, lá em Fredericksburg?

— Você quer dizer Frederick?

— Não, não, Fredericksburg, na *Virgínia!* — Ele estava sempre falando de Frederick, Maryland, e Fredericksburg, na Virgínia. Caminhava direto pela estrada, indiferente ao tráfego que avançava no sentido inverso, e quase foi atropelado várias vezes. Eu me arrastava pela sarjeta. A cada instante, esperava ver aquele pobre homenzinho louco voar pelos ares, morto, dentro da noite. Nunca encontramos a tal ponte. Deixei-o sob uma passarela da ferrovia, e estava tão suado da caminhada que troquei de camisa e pus dois suéteres. Um bar de beira de estrada iluminou meu esforço tristonho. Uma família inteira veio se aproximando na estrada escura, questionando-se a respeito do que eu deveria estar fazendo. A coisa mais estranha de tudo: um tenor cantava um *blues* esplêndido naquele bar caipira da Pensilvânia; ouvi-o e me senti melancólico. Começou a chover forte. Um homem me deu uma carona de volta para Harrisburg, dizendo que eu estava na estrada errada. Subitamente vi o pequeno vagabundo sob uma melancólica lâmpada da rua, com o polegar a postos — pobre miserável, pobre menino perdido, cuja juventude fora sugada pelo tempo —, transformado agora num fantasma alquebrado de selvas falidas. Contei a história para o motorista, e ele parou para falar com o velho.

— Escute aqui, amigo, você está na direção oeste, e não leste.

Hem? — disse o minúsculo fantasma. — Você tem a coragem de dizer que não conheço os caminhos desta redondeza? Tenho andado por este país faz anos. Estou indo em direção ao Canady.

— Mas esta não é a estrada para o Canadá, esta estrada vai para Pittsburgh e Chicago. — O velhinho, desgostoso conosco, pôs-se em marcha. O último vestígio que vi dele foi sua pequena sacola branca, dissolvendo-se na escuridão das lúgubres Alleghenies.

Eu julgava que toda a vastidão selvagem da América se concentrava no oeste, até que o Fantasma do Susquehanna me provou que não era bem assim. Não, também havia amplitudes selvagens no leste; era a mesma imensidão na qual Ben Franklin se arrastara no tempo dos carros de boi, quando era agente do correio, a mesma imensidão do tempo em que George Washington era um recruta destemido, que combatia os índios, quando Daniel Boone contava histórias sob lampiões na Pensilvânia e prometia encontrar o Desfiladeiro, quando Bradford abriu sua estrada e os homens subiram ruidosamente por ela, construindo suas cabanas de toras. Para aquele homenzinho não existiam os amplos espaços abertos do Arizona, só a vastidão repleta de arbustos emaranhados do leste da Pensilvânia, de Maryland e da Virgínia, e as estradas secundárias, as estradas poeirentas do interior que serpenteavam entre rios sombrios como o Susquehanna, o Monongahela, o velho Potomac e o Monocacy.

Naquela noite em Harrisburg, tive de dormir num banco da estação ferroviária; ao amanhecer, o chefe da estação me enxotou. Não é verdade que se começa a vida sob as asas do pai, feito uma criança singela que acredita em tudo? Então, chega o dia em que o cara se descobre um desgraçado, um infeliz, fraco, obscuro e nu, e com a aparência de um fantasma fatigado e fatídico, avançando trêmulo pelos pesadelos da vida. Arrastei-me para fora da estação, desfigurado. Eu estava fora de mim. Daquela manhã, tudo o que eu podia perceber era sua própria palidez, como a palidez de um túmulo. Eu estava morto de fome, tudo o que me restava em termos de calorias eram as últimas pastilhas para garganta que eu tinha comprado meses antes em Shelton, Nebraska; suguei-

as por causa de seu açúcar. Eu não sabia como esmolar. Arrastei-me para fora da cidade com energia estritamente suficiente para chegar até seus limites. Sabia que seria preso se passasse mais uma noite em Harrisburg. Maldita cidade! A carona que consegui pegar foi com um sujeito magricela e desfigurado, que acreditava na fome deliberada como forma de beneficiar a saúde. Quando lhe contei que estava morrendo de fome, enquanto rodávamos para o leste, ele disse: — Muito bom, muito bom, não há nada melhor para você. Eu mesmo não como há três dias. Vou viver até os cento e cinqüenta anos. — Ele era um saco de ossos, um boneco desengonçado, um palito quebrado, um maníaco. Eu poderia ter conseguido carona com um gordo endinheirado que diria: — Vamos parar neste restaurante e comer umas costeletas de porco com feijão. — Mas não. Justamente naquela manhã, eu tinha que pegar carona com um louco que acreditava no jejum para preservar a saúde. Depois de cento e cinqüenta quilômetros, ele ficou indulgente e pegou umas fatias de pão com manteiga que estavam no assento traseiro. Estavam escondidas entre suas amostras de vendedor. Ele rodava a Pensilvânia vendendo acessórios para encanadores. Devorei o pão com manteiga. Repentinamente, comecei a rir. Estava totalmente só no carro, enquanto ele dava uns telefonemas comerciais em Allentown, e eu ria e ria. Deus, eu estava farto e irritado com a vida. Mas o louco me conduziu para casa, em Nova York.

De repente, lá estava eu na Times Square. Tinha viajado doze mil quilômetros pelo continente americano, e estava de volta à Times Square; justamente na hora do *rush,* observando com os meus inocentes olhos de estradeiro a loucura completa e o zunido fantástico de Nova York, com seus milhões e milhões de habitantes atropelando a si próprios ininterruptamente em troca de uns tostões, um sonho louco — eles se apossavam, se agarravam, entregavam, suspiravam, morriam, e só assim poderiam ser enterrados naquelas horrendas cidades-cemitério que ficam além de Long Island. As elevadas torres da nação — o outro limite do país, o lugar onde nasceu a América do Papel-Moeda. Fiquei parado numa entrada de metrô, tentando criar coragem suficiente para catar uma longa e linda bagana, e toda vez que me preparava, enormes

multidões passavam céleres e tiravam-na de vista, até que finalmente as pisadas a destruíram. Eu não tinha dinheiro para pegar o ônibus para casa. Paterson fica a uns bons quilômetros da Times Square. Vocês conseguem ver-me caminhando aqueles últimos quilômetros através do Túnel Lincoln, ou sobre a Ponte Washington, em direção a Nova Jersey? Era um fim de tarde. Por onde andava Hassel? Vasculhei a praça atrás de Hassel; ele não estava lá, estava na ilha de Riker curtindo os bares. Onde estava Dean? Onde estava todo mundo? Onde estava a vida? Bem, eu tinha para onde ir, minha própria casa, um lugar só meu, para descansar a cabeça e calcular as perdas e expressar os ganhos que, sabia, também deveriam estar em algum lugar. Tive de mendigar duas migalhas para o ônibus. Abordei finalmente um pastor grego, parado numa esquina. Ele me deu uns trocos com olhar temeroso. Corri direto para o ônibus.

Ao chegar em casa, comi tudo o que havia na geladeira. Minha tia se levantou e olhou para mim. — Meu pobre Salvatore — disse ela em italiano. — Gomo você está magro, como está magro! Por onde andou todo esse tempo? — Eu estava usando duas camisas e dois suéteres; meu saco de lona tinha se destroçado com minhas calças de algodão, e os restos esfarrapados das minhas alpargatas dentro dele. Com o dinheiro que lhe enviei da Califórnia, minha tia e eu decidimos comprar uma nova geladeira; seria a primeira da família. Ela foi para a cama e, ainda tarde da noite, eu não conseguia adormecer, fumando na cama. Meu manuscrito, pela metade, estava sobre a escrivaninha. Era outubro, voltar para casa, trabalhar outra vez. As primeiras rajadas do vento gelado faziam vibrar as janelas; eu conseguira chegar bem a tempo. Dean tinha vindo à minha casa, dormira várias noites ali esperando por mim, passara algumas tardes conversando com minha tia, enquanto ela trabalhava num grande tapete tecido com retalhos de todas as roupas que minha família usara durante anos, e agora o tapete estava concluído e estendido no chão do meu quarto, tão complexo e tão rico quanto o próprio passar do tempo, e .aí Dean se mandou, dois dias antes de minha chegada, cruzando minha rota provavelmente na Pensilvânia ou em Ohio, para chegar a San Francisco. Tinha sua própria vida lá; Camille tinha acabado de arranjar um apartamento. Nunca me ocorreu procurá-la enquanto estava em Mill

City. Agora era tarde demais e, além disso, eu também perdera a chance de encontrar Dean.

Segunda Parte

1

Um ano se passou antes que eu revisse Dean. Fiquei em casa todo esse tempo, terminei meu livro e comecei a freqüentar a escola com uma bolsa garantida pela Gl Bill of Rights. No Natal de 1948, minha tia e eu descemos para o sul para visitar meu irmão na Virgínia, recheados de presentes. Eu havia escrito para Dean, e ele contou que estava voltando para o leste; eu lhe disse que, se ele realmente viesse, poderia me encontrar em Testament, na Virgínia, entre o Natal e o Ano-Novo. Certo dia, quando todos os nossos parentes sulistas estavam sentados na sala de estar em Testament, homens e mulheres enfadonhos com os olhos recobertos pela velha sujeira sulista, conversando em voz grave e aborrecida sobre o tempo e as colheitas, com aquela usual e tediosa recapitulação sobre quem tinha tido bebês, quem comprara uma nova casa, e assim por diante, um Hudson 49, todo enlameado, estacionou na estradinha em frente à casa. Eu não tinha a menor idéia de quem poderia ser. Um sujeito moço, fatigado e musculoso, metido numa camiseta esfarrapada, com a barba por fazer e os olhos vermelhos, chegou até a varanda e tocou a campainha. Abri a porta, e subitamente me dei conta de que era Dean. Ele viera de San Francisco até a porta da casa de meu irmão Rocco, na Virgínia, num tempo surpreendentemente curto. Afinal, eu praticamente acabara de lhe escrever minha última carta, contando-lhe onde estava. Pude ver duas figuras dormindo no carro. — Macacos me mordam! Dean! Quem está nesse carro?

— A-lô, a-lô, cara, é Marylou! E Ed Dunkel! Precisamos de um banho neste exato instante, estamos no bagaço.

— Mas como você chegou tão rápido até aqui?!

— Ah, cara, esse Hudson voa!

— Onde o arranjou?

— Comprei-o com minhas economias. Tenho trabalhado nas ferrovias, e faturei quatrocentos dólares por mês.

Na hora seguinte, houve uma confusão completa. Meus parentes sulistas não tinham a menor idéia do que estava acontecendo, nem de quem eram Dean,

Marylou e Ed Dunkel; apenas olhavam, apalermados. Minha tia e meu irmão Rocco foram confabular na cozinha. Ao todo, eram onze pessoas numa minúscula casa sulista. Não apenas isso: meu irmão tinha decidido se mudar daquela casa, e metade da sua mobília já tinha ido; ele, sua esposa e o bebê estavam se mudando para um lugar mais próximo da cidade de Testament. Tinham comprado um novo conjunto estofado para sua sala, e a mobília velha iria para a casa de minha tia em Paterson, apesar de ainda não termos decidido de que maneira. Ao ouvir isso, Dean imediatamente ofereceu seus serviços com o Hudson. Ele e eu transportaríamos a mobília para Paterson em duas rápidas viagens, e na última delas levaríamos minha tia de volta. Isso faria com que economizássemos um bom dinheiro, e também nos pouparia bastante trabalho. Tudo ficou decidido. Minha cunhada preparou um banquete, e três viajantes esgotados sentaram-se para comer. Marylou não dormia desde Denver. Achei que ela parecia mais madura e mais bonita, agora.

Dean contou-me que vivera feliz com Camille em San Francisco, desde o outono de 1947; arranjou um emprego na ferrovia e fez um monte de dinheiro. Tornou-se pai de uma linda e singela garota, Amy Moriarty. Então, certo dia, ele pirou enquanto caminhava pela rua. Viu um Hudson 49 em oferta, correu ao banco e sacou toda a grana, comprando o carro no mesmo dia. Ed Dunkel estava com ele. Todos haviam ficado completamente duros. Dean tranqüilizou as aflições de Camille, e garantiu a ela que estaria de volta em um mês. — Estou indo a Nova York para trazer Sal de volta. — Ela não ficou muito entusiasmada com a idéia.

— Mas qual é o sentido disso tudo? Por que estão fazendo isso?

— Não é nada, não é nada, querida, ah... hum... Sal me pediu, implorou que eu fosse apanhá-lo, é absoluta mente necessário que eu o faça. Mas não vamos entrar em tantas explicações. Vou contar por quê... Não, é o seguinte, vou contar por quê. — E ele lhe disse por quê; e, claro, não tinha sentido.

Ed Dunkel, um tipo enorme, também trabalhara na ferrovia. Ele e Dean tinham sido demitidos para dar lugar a funcionários mais antigos, durante um drástico corte de empregos. Ed conheceu uma garota chamada Galatea, que

estava morando em San Francisco com suas economias. Esses dois cafajestes desmiolados decidiram levar a garota até o leste, e fizeram-na pagar todas as despesas. Ed a persuadiu, a adulou; mas ela respondeu que não ia, a não ser que eles se casassem. Em poucos e turbulentos dias, Ed Dunkel se casou com Galatea, e Dean correu como um louco de um lado para outro para providenciar os papéis necessários, e poucos dias antes do Natal se mandaram de San Francisco a cento e vinte por hora rumo a L.A., e em direção às estradas sem neve do sul. Em L.A., numa agência de viagens, eles apanharam um marinheiro e o levaram na viagem, em troca do equivalente a quinze dólares em gasolina. Ele ia para Indiana. Também deram carona a uma mulher e sua filha idiota, cobrando uma taxa de quatro dólares de gasolina até o Arizona. Dean colocou a menina idiota sentada na frente, bem a seu lado, e a curtiu, como ele mesmo disse. — Durante toda a viagem, cara! Ah, uma singela e pequena alma que se foi! Falamos sem parar sobre emoções intensas, e o deserto se transformou num paraíso, e seu papagaio praguejou em espanhol. — Depois de largar esses passageiros, eles prosseguiram em direção a Tucson. Durante todo o trajeto, Galatea Dunkel, a nova mulher de Ed, continuou reclamando que estava cansada e queria dormir num motel. Se a situação se prolongasse, eles teriam gasto todo o dinheiro dela bem antes de chegarem à Virgínia. Em duas noites, ela exigiu paradas e esbanjou notas de dez dólares em motéis de beira de estrada. No momento em que chegaram a Tucson, ela estava lisa. Dean e Ed livraram-se dela num saguão de hotel e reiniciaram a viagem a sós, com o marinheiro, sem o menor sinal de remorso.

Ed Dunkel era um cara alto, tranqüilo e desleixado, absolutamente pronto ao que quer que Dean lhe pedisse; nessa época, Dean estava atarefado demais para ter escrúpulos. Ele estava rodando por Las Cruces, no Novo México, quando sentiu uma vontade incontrolável de rever sua primeira mulher, a singela Marylou. Ela estava em Denver. Ele apontou o carro em direção norte, apesar dos protestos ineficazes do marinheiro, e zuniu rumo a Denver, no anoitecer. Voou, e encontrou Marylou num hotel. Amaram-se com selvageria durante dez horas. Ficou tudo combinado: eles se uniriam novamente. Marylou era a única

garota a quem Dean realmente amava. Ele ficou abatido pelo remorso que sentiu ao rever o rosto dela e, como outrora, implorou e suplicou a seus pés, fortalecendo-lhe o ego. Ela compreendia Dean: afagou seu cabelo; sabia que ele era um doido. Para acalmar o marinheiro, Dean o acomodou com uma garota num quarto de hotel, em cima do bar onde a velha turma do bilhar sempre bebia. Mas o marinheiro rejeitou a garota e caiu fora durante a noite; eles jamais o reviram, evidentemente: pegou um ônibus para Indiana.

Dean, Marylou e Ed Dunkel passaram por Colfax, em direção leste, rumo às planícies do Kansas. Grandes tempestades de neve os surpreenderam. No Missouri, à noite, Dean teve de dirigir com a cabeça para fora da janela, enrolada numa manta, com óculos para neve que o faziam parecido com um monge que examinasse manuscritos nevados, porque o pára-brisa estava recoberto por três centímetros de gelo. Ele atravessou o município natal de seus antepassados sem sequer vacilar. Pela manhã, o carro derrapou num monte de gelo, e voou para dentro de uma vala. Um fazendeiro se ofereceu para ajudá-los. Eles se deram mal quando pegaram um caroneiro, que lhes prometeu um dólar caso eles lhe dessem carona até Memphis. Em Memphis, o cara entrou em casa, se embebedou, procurou indolentemente pelo dólar, e disse que não conseguia encontrá-lo. Eles prosseguiram através do Tennessee; o assento estava estragado por causa do acidente. Dean fazia uma média de cento e quarenta, agora ele não podia ultrapassar os cento e vinte sob pena de o motor inteiro voar pelos ares, zumbindo barranco abaixo. Eles cruzaram as montanhas Great Smoky em pleno inverno. Quando chegaram à casa de meu irmão, não comiam havia trinta horas — a não ser umas balas e biscoitos de queijo.

Enquanto eles comiam vorazmente, Dean, com um sanduíche na mão, pulava em frente a uma grande vitrola, escutando um disco de *bop* muito louco comprado naqueles dias, chamado *The hunt;* Dexter Gordon e Wardell Gray sopravam seus trompetes numa *performance* magnífica, perante uma audiência delirante que transmitia ao disco um volume fantástico e frenético. A parentada sulista se entreolhou, surpresa, balançando a cabeça. — Afinal, que tipo de amigos Sal tem? — diziam para meu irmão. Ele foi desafiado a lhes dar uma

resposta. Os sulistas não gostam nem um pouco da loucura, principalmente como a de Dean. Ele simplesmente nem olhava para eles. A loucura de Dean desabrochara como uma flor exótica. Eu não a tinha percebido até que ele, eu, Marylou e Ed Dunkel saímos para um breve giro no Hudson, quando ficamos finalmente sozinhos pela primeira vez e pudemos falar o que bem entendíamos. Dean se grudou no volante, mudou de rota em um segundo, refletiu um pouco e, numa decisão furiosa, fez o carro despencar estrada abaixo, a toda a velocidade.

— Tudo certo, crianças — disse ele, esfregando o nariz, testando os freios e catando cigarros no porta-luvas, e requebrando-se para trás e para a frente enquanto fazia tudo isso e dirigia. — Chegou a hora de decidir o que faremos na próxima semana. É crucial, crucial. Huhn! — Ele desviou de uma carroça que se arrastava; nela estava sentado um velho negro. — Sim — gritou Dean. — É isso aí! Saquem só! Agora imaginem a alma dele, dêem um tempo e meditem. — E ele diminuiu a velocidade, para que todos nos vir assemos e olhássemos para o velho maltrapilho que, gemendo, seguia em frente. — Ah, sim, olhem para ele, tão meigo; justamente neste instante, aquela mente está sendo cruzada por pensamentos que eu daria meu braço para conhecer; penetrar profundamente nela, e descobrir o que o pobre infeliz está pensando a respeito do presunto com nabos que comerá esse ano. Sal, você não sabe, mas morei um ano inteiro com um fazendeiro do Arkansas, quando tinha onze anos. Eu recebia tarefas terríveis: certa vez tive que arrancar o couro de um cavalo morto. Nunca mais voltei ao Arkansas, desde o Natal de 1943; faz já cinco anos, quando Ben Gardin e eu fomos perseguidos por um homem armado, dono do carro que estávamos tentando roubar; estou contando tudo isso pra que você saiba que do sul eu entendo. Eu conheci... quer dizer, cara, eu saco o sul, conheço tudo por aqui. Realmente curti suas cartas que falavam sobre isso. Ah, sim, pode crer... — dizia ele, com o Hudson quase parado e brecando de supetão, e fazendo o carro saltar subitamente para cento e vinte outra vez, debruçando-se sobre o volante. Ele olhava decididamente à sua frente. Marylou sorria com serenidade. Ali estava o novo e completo Dean, em plena maturidade. Eu disse a mim mesmo: “Meu Deus, ele está mudado”. Seus olhos desprendiam raios furiosos quando ele

falava de algo que odiava; uma grande e cintilante satisfação os substituía, quando ficava repentinamente feliz; cada músculo se contraía para viver e partir. — Porra, homem, as coisas que eu poderia contar — dizia, me cutucando. — Porra, cara, a gente tem que arranjar tempo para isso... O que aconteceu com Carlo? Todos nós temos que ver Carlo, meninos, será a primeira coisa que faremos amanhã. E agora, Marylou, vamos arranjar carne e pão e preparar a comida que levaremos para Nova York. Quanta grana você tem, Sal? A gente joga tudo no banco de trás, a mobília da sra. P., e se aconchega na frente, bem próximos um do outro, contando histórias enquanto zunimos em direção a Nova York. Marylou, você, com essas coxas de mel, se sentará do meu lado, Sal é o próximo, Ed vai na janela, o grande Ed tomando uma dose de ar, motivo pelo qual ele vai viajar usando uma manta. E aí vamos cair na vida mansa, porque já está na hora, e nós *sabemos que já é hora!* — Ele cocava furiosamente o queixo, costurava com o carro, ultrapassando três caminhões ao mesmo tempo, em direção ao centro de Testament, olhando em todas as direções num ângulo de cento e oitenta graus em torno de seus olhos, sem mover a cabeça. Bum, encontrou uma vaga para estacionar num segundo, e nós estacionamos. Saltou da caranga impetuosamente e entrou na estação rodoviária; nós o seguimos, acanhados. Ele comprou cigarros. Seus movimentos tornaram-se absolutamente desenfreados; parecia fazer tudo ao mesmo tempo. Era um movimento de cabeça para cima, outro para baixo, depois para os lados, todos convulsivos; mãos crispadas, vigorosas; passos rápidos; sentava-se, cruzava as pernas, descruzava-as, levantava-se, esfregava as mãos, cocava o saco, puxava as calças, olhava para a frente e dizia “Hum”, e arregalava os olhos de súbito para ver tudo e todos; o tempo todo, ele me agarrava pela cintura e falava e falava.

Estava muito frio em Testament; caíra uma nevasca fora de época. Ele permanecia na longa e gélida rua principal, paralela à estrada de ferro, vestindo apenas uma camiseta e calças frouxas com o cinto desatado, como se estivesse a ponto de baixá-las. Enfiou a cabeça pela janela do carro para falar com Marylou, recuou, esfregou as mãos na frente dela: — Ah, sim, eu sei! Eu conheço você! Eu conheço você, querida! — Sua risada era demente; começava baixa e

terminava como a risada radiofônica de um maníaco, só que mais rápida e mais abafada. A seguir, passava a um tom mais respeitável. Não havia objetivo nenhum em nossa ida até o centro, mas ele inventava objetivos. Fez com que todos nós saíssemos batalhando: Marylou foi comprar o farnel, eu fui procurar um jornal para ver a previsão do tempo, Ed saiu atrás de charutos. Dean adorava fumar charutos. Fumou um, analisando o jornal, e comentou: — Ah, nossos sagrados políticos em Washington estão planejando alguns inconvenientes adicionais... uh-hun!... rah!... hup! hup! — E saltou correndo para admirar uma garota negra que passava naquele exato instante pela calçada em frente à estação ferroviária. — Veja só! — disse, com o dedo flácido apatetado. — Essa negrinha gostosa. Ah! Hum! — Entramos no carro e voamos de volta à casa de meu irmão.

Eu estava passando um Natal tranqüilo no interior, como pude perceber quando entrei em casa e vi a árvore de Natal, os presentes, senti o cheiro do peru assado e escutei a conversa dos parentes, mas agora uma excitação tomara conta de mim outra vez, e esse formigamento se chamava Dean Moriarty; lá estava eu, pronto para outra intrépida cavalgada pela estrada.

2

Amontoamos a mobília de meu irmão na parte de trás do carro e zarpamos em meio à escuridão, prometendo voltar em trinta horas — trinta horas para fazer mil e seiscentos quilômetros, de norte a sul. Mas era assim que Dean queria. Foi uma viagem penosa, mas nenhum de nós se deu conta disso; a calefação não estava funcionando e, conseqüentemente, o pára-brisa ficava embaçado e coberto de gelo; a todo instante, Dean metia a mão para fora, dirigindo a cento e vinte, para esfregar o vidro com um trapo e fazer uma brecha para ver a estrada. — Ah, orifícios do ofício! — No amplo Hudson, tínhamos espaço de sobra para todos na frente. Um cobertor cobria nossas pernas. O rádio não estava funcionando. Era um carro quase zero quilômetro, comprado cinco

dias antes, e já estava estragado. Além disso, apenas uma prestação fora paga. Lá fomos nós para o norte rumo a Washington, pela 301, uma estrada reta com mão dupla e sem muito tráfego. E Dean falava, ninguém mais falava. Ele gesticulava furiosamente, de vez em quando se debruçava como querendo me alcançar, eu, que estava bastante longe, só para discutir um assunto qualquer; às vezes tirava as mãos do volante, e mesmo assim o carro seguia tão preciso quanto uma flecha, sem se desviar nenhuma vez do meio da estrada; aquela enorme lista branca permanecia ilesa, sendo tocada de raspão pelo nosso pneu dianteiro esquerdo.

Uma série de circunstâncias absolutamente sem sentido fez com que Dean viesse a meu encontro e com que eu caísse fora com ele, sem a menor motivação. Em Nova York, eu estava indo à escola e curtia um romance com uma garota chamada Lucille, gostosa gata italiana com cabelos cor de mel, com quem eu estava realmente disposto a me casar. Durante todos aqueles anos, eu buscara a mulher certa para casar. Não conseguia conhecer uma garota sem me fazer a pergunta: que tipo de mulher ela daria? Falei a Dean a respeito de Lucille. Marylou quis saber tudo sobre ela, queria conhecê-la. Zunimos por Richmond, Washington, Baltimore, subindo até Filadélfia por uma sinuosa estrada do interior, e falando ininterruptamente. — Quero me casar — disse eu a ele —, e assim poderei descansar meu espírito ao lado de uma garota, até que nós dois fiquemos velhos. As coisas não podem continuar assim indefinidamente — toda essa frenética efervescência, essa agitação desvairada. Temos que chegar a algum lugar, encontrar alguma coisa.

— Ah, só agora você me vem com essa, homem — disse Dean. — Há anos desconfio dessa sua vontade de ter um *lar*, uma casa, todos esses anseios fascinantes da sua alma. — Foi uma noite triste, mas também divertida. Em Filadélfia, entramos num *trailer* e comemos hambúrgueres com nosso último dólar. O balconista — eram três da manha — nos escutou falando sobre dinheiro, e nos ofereceu os hambúrgueres grátis e também café, se puséssemos mãos à obra e lavássemos os pratos, lá nos fundos, porque seu empregado habitual não tinha aparecido. Aceitamos no ato. Ed Dunkel, dizendo-se um velho

pescador de pérolas, mergulhou seus longos braços entre os pratos. Dean permanecia de pé com uma toalha nas mãos, enquanto Marylou fazia o mesmo. Finalmente, começaram a se roçar e a se esfregar entre potes e panelas; retiraram-se para um canto escuro da copa. O balconista não se importava, contanto que Ed e eu lavássemos os pratos. Em quinze minutos terminamos a tarefa. Quando o dia nasceu, já estávamos zunindo por Nova Jersey, tendo a imensa nuvem metropolitana de Nova York à nossa frente, na distância gelada. Para se conservar aquecido, Dean usava um suéter enrolado nas orelhas. Disse que éramos um bando de árabes chegando para explodir Nova York. Descemos pelo Túnel Lincoln e cortamos caminho, direto à Times Square; Marylou queria ver o pedaço.

— Porra, gostaria de encontrar Hassel. Olhem com atenção, vejamos se conseguem encontrá-lo. — Perscrutamos as calçadas de um canto a outro. — O velho e sumido Hassel. Ah, se vocês o tivessem visto no Texas!

Portanto, Dean já havia rodado seis mil e quinhentos quilômetros, desde Frisco, via Arizona, até Denver, em quatro dias, recheados por incontáveis aventuras, e isso era apenas o começo.

3

Fomos até minha casa em Paterson e dormimos. Fui o primeiro a acordar no fim da tarde. Dean e Marylou estavam dormindo na minha cama, Ed e eu, na cama de minha tia. O gasto e desengonçado baú de Dean jazia estatelado no chão, com meias que saíam dele. Havia uma chamada telefônica para mim na farmácia do térreo. Desci correndo, a ligação era de Nova Orleans. Old Buli Lee, com sua voz chorosa e estridente, queria fazer uma queixa. Parece que uma garota chamada Galatea Dunkel acabava de chegar procurando por um cara, um tal de Ed Dunkel; Buli não tinha a menor idéia de quem eram essas pessoas. Galatea Dunkel não gostava de perder. Falei para Buli tranqüilizá-la, dizendo que Dunkel estava com Dean e comigo, e que seria provável que a

apanhássemos em Nova Orleans, quando estivéssemos a caminho da costa. Então, a própria garota falou ao telefone. Queria saber como estava Ed. A felicidade dele a preocupava.

— Como você foi de Tucson até Nova Orleans? — perguntei. Ela disse que havia telegrafado para casa, pedindo dinheiro, e que pegou um ônibus. Estava decidida a recapturar Ed, porque o amava. Subi e contei tudo ao Grande Ed. Ele se sentou na minha cadeira-preguiçosa com um olhar preocupado; um homem angelical, sem dúvida.

Tudo bem, tudo bem — disse Dean, acordando de repente e saltando da cama; — bem, em primeiro lugar vamos comer. Marylou, veja na cozinha o que tem pra comer. Sal, você e eu vamos lá embaixo telefonar para Carlo. Ed, trate de arrumar a casa. — Segui Dean, que desceu ruidosamente as escadas.

O cara que atendia na farmácia disse: — Você acaba de receber mais uma chamada, desta vez de San Francisco — era para um cara chamado Dean Moriarty. Disse que aqui não tinha ninguém com esse nome. — Era a dulcíssima Camille, procurando por Dean. O balconista da farmácia, Sam, sujeito comprido e sossegado que era meu amigo, olhou para mim e cocou a cabeça: — Nossa, o que está gerenciando, um bordel internacional?

Dean ria com safadeza. — Eu gosto de você, cara! — Invadiu a cabina telefônica e fez uma ligação a cobrar para San Francisco. Depois, telefonamos para Carlo, que estava na sua casa em Long Island, e dissemos-lhe que aparecesse. Carlo chegou duas horas depois. Nesse meio tempo, Dean e eu nos aprontamos para nossa viagem de retorno à Virgínia, a sós, para pegar o resto da mobília e trazer minha tia de volta. Carlo Marx chegou, com poemas debaixo do braço, e sentou-se numa poltrona, fitando-nos com olhos faiscantes. Durante a primeira meia hora, ele se recusou a falar; de certa forma, recusava-se a dar o braço a torcer. Tinha se acalmado, desde aqueles melancólicos dias em Denver; a melancolia de Dacar provocara aquilo. Em Dacar, perambulando, barbudo, por ruelas afastadas, foi conduzido por crianças até o barraco de um vidente, que lhe previu o futuro. Tinha fotos das doidas ruas com choças de palha, os sórdidos arredores de Dacar. Contou que, na viagem de volta, quase saltou do navio,

como Hart Crane. Dean sentou-se no chão com uma caixinha de música, e ouviu com enorme surpresa a pequena canção que ela reproduzia, *A fine romance.* — Ah! Ouçam! Vamos todos nos ajoelhar e olhar no centro da caixinha de música, até aprendermos seu segredo. — Ed Dunkel também estava sentado no assoalho, com minhas baquetas de bateria nas mãos; subitamente, começou a marcar o ritmo, acompanhando a música que saía da caixinha, e que mal conseguíamos ouvir. Todos prenderam a respiração para ouvir. — Tique-taque... tique-taque... taque-taque... — Dean, com a mão, fez uma concha no ouvido, boquiaberto; ele disse: — Ah! Uau!

Carlo observava aquela louca bobagem com olhos incisivos. Finalmente deu um tapa no joelho e disse: — Tenho algo a declarar.

— Sim? O que é?

O que significa essa viagem a Nova York? Em que espécie de negócio sujo vocês estão metidos agora? Onde pensas que vais, América, neste carro reluzente pela noite?

— Onde pensas que vais? — repetiu Dean, boquiaberto. Sentamo-nos, ninguém sabia o que dizer; já não havia mais nada sobre o que conversar. A única coisa a fazer era cair fora. Dean deu um salto, e disse que estávamos prontos para retornar à Virgínia. Tomou uma ducha; fui cozinhar um grande prato de arroz com todas as sobras que havia em casa; Marylou costurou as meias dele, e ficamos prontos para partir. Dean, Carlo e eu zunimos por Nova York. Prometemos rever Carlo em trinta horas, ainda na noite de Ano-Novo. Já escurecera. Nós o largamos na Times Square, e retornamos através do dispendioso Túnel Lincoln rumo a Nova Jersey e para a estrada. Revezando na direção, Dean e eu chegamos à Virgínia em dez horas.

Bem, pela primeira vez em muitos anos nós nos encontramos em condições de conversar — disse Dean. E ele falou a noite inteira. Como num sonho, zunimos outra vez através da adormecida cidade de Washington, de volta às florestas da Virgínia, cruzando o rio Appomattox ao nascer do sol, e estacionando diante da casa de meu irmão às oito da manhã. Durante todo esse tempo, Dean estivera excitadíssimo com tudo o que via, com tudo o que dizia,

com cada detalhe de cada instante que havia passado. Estava fora de si e, no entanto, demonstrava a mais absoluta convicção. — E agora, ninguém mais teria coragem de nos dizer que Deus não existe. Passamos pelas mais variadas formas de vida. Você se lembra, Sal, quando apareci em Nova York pela primeira vez, e queria que Chad King me ensinasse tudo sobre Nietzsche? Pense em quanto tempo já se passou desde então. Tudo está numa ótima, Deus existe, sabemos o que é o tempo. Desde os gregos, tudo tem se firmado sobre bases falsas. Você não pode desbundar com essa geometria e esses sistemas geométricos de pensar. É isso *aqui!* —Ele envolveu o pulso com os dedos; o carro se manteve sobre a lista branca, preciso e no prumo. — E não apenas isso, nós dois concordamos que tenho tempo suficiente para explicar por que sei, e você também sabe que Deus existe. — Em determinado momento, resmunguei sobre os problemas da vida — como era pobre minha família, como eu gostaria de poder ajudar Lucille, que também era pobre e tinha uma filha. — Complicações é a palavra-chave pela qual Deus existe. O negócio é não esquentar a cabeça. Minha cuca está zumbindo — gritou ele, dando um safanão na cabeça. Saltou do carro como Groucho Marx, para comprar cigarros — aquele mesmo passo furioso e rente ao chão, fazendo esvoaçar as abas da casaca, com a diferença de que Dean não usava casaca. — Desde Denver, Sal, um monte de coisas — ah, tantas coisas! — tenho pensado e pensado. Passei a infância nos reformatórios, era um jovem *punk* que queria se afirmar — roubando carros, um sintoma perfeito dessa situação, é claro. Agora todas as minhas broncas com a prisão já estão superadas. Até onde sei, jamais serei preso outra vez. Do resto, não tenho nenhuma culpa. — Passamos por um menininho, que jogava pedras nos carros da estrada. — Pense nisso — disse Dean. — Um dia ele vai quebrar o pára-brisa de alguém, e o cara morrerá — tudo por causa desse garotinho. Percebe o que eu quero dizer? Deus não tem remorso. Enquanto a gente roda nesta estrada, não tenho a menor dúvida de que algo está tomando conta de nós — mesmo com seu temor ao volante — eu odiava dirigir e dirigia cautelosamente — as coisas vão se desenrolando naturalmente, e você não vai sair da estrada; posso dormir tranqüilo. Além do mais, a gente conhece a América, estamos em casa; posso ir

a qualquer lugar da América e conseguir o que preciso, porque em qualquer canto é a mesma coisa, conheço as pessoas. Sei como elas agem. Nós damos, pegamos e partimos, ziguezagueando por todos os lados, nessa complicação incrivelmente singela. — Nada era preciso nas coisas que ele dizia, mas o que ele pretendia dizer era, de alguma forma, puro e preciso. Ele usava a palavra "puro" um monte de vezes. Nunca sonhei que Dean fosse um místico. Aqueles eram os primeiros dias de seu misticismo, que levariam à estranha e esfarrapada santidade de seus dias subseqüentes, digna de um W. C. Fields.

Até mesmo minha tia o escutava com uma metade curiosa do ouvido, enquanto zuníamos de volta ao norte naquela mesma noite, rumo a Nova York. Já que minha tia estava no carro, Dean tratou de contar sua rotina de trabalho em San Francisco. Examinamos cuidadosamente os mínimos detalhes do que um guarda-freios deve fazer, com demonstrações cada vez que passávamos pelos trilhos de trem, e em determinado momento ele chegou a saltar do carro para me mostrar como um guarda-freios dá o sinal de que a linha está livre, num pátio de manobras. Minha tia se recolheu ao banco de trás e foi dormir. Às quatro da manhã, em Washington, Dean ligou outra vez a cobrar para Camille, em Frisco. Logo depois, quando saíamos de Washington, uma viatura nos alcançou com a sirene ligada, e fomos multados por excesso de velocidade, embora rodássemos a uns cinqüenta quilômetros por hora. O que causou isso foram as placas da Califórnia. — Pensam que podem passar por aqui voando tão rápido quanto querem, só porque são da Califórnia, garotos? — disse o guarda.

Fui com Dean até a mesa do sargento, e tentamos explicar aos policiais que não tínhamos dinheiro. Eles disseram que Dean teria de passar a noite na cadeia, se não juntássemos o dinheiro. É claro que minha tia o tinha, eram quinze dólares; ela possuía vinte, que dariam para o gasto. De fato, enquanto discutíamos com os guardas, um deles saiu e foi dar uma espiada em minha tia, que estava no banco de trás, toda agasalhada. Ela o percebeu.

— Não se preocupe, não sou uma amante de pistoleiro. Se quiser revistar o carro, vá em frente. Estou indo para casa com meu sobrinho, e esta mobília não é roubada, é de minha sobrinha, ela acaba de ter um filho e está se mudando

para uma casa nova. — Isso deixou o Sherlock perplexo, e ele retornou ao posto policial. Minha tia teve de pagar a multa, ou ficaríamos retidos em Washington; eu não tinha carteira de motorista. Dean prometeu que a reembolsaria, e realmente o fez, exatamente um ano e meio depois, o que representou uma surpresa agradável para minha tia. Minha tia — uma mulher respeitável, posta de lado neste mundo melancólico, e como ela conhecia bem este mundo! Ela nos contou sobre o guarda: — Estava escondido atrás das árvores, querendo ver minha aparência. Disse a ele — disse a ele para revistar o carro, se quisesse. Não tenho do que me envergonhar. — Ela sabia que Dean tinha do que se envergonhar, e eu também, em virtude de minha relação com ele; Dean e eu aceitamos tristemente essa situação.

Certa vez, minha tia disse que o mundo jamais encontraria a paz, até que os homens se jogassem aos pés das mulheres e lhes pedissem perdão. Mas Dean sabia disso; ele já o havia mencionado muitas vezes. — Tenho implorado e implorado a Marylou por um relacionamento pacífico e singelo, de amor intenso entre nós, com o fim de todas as discórdias — ela compreende, mas seus pensamentos estão concentrados em outras coisas — ela me persegue, se recusa a compreender o quanto a amo, está traçando minha sina.

— A verdade disso tudo é que não compreendemos nossas mulheres; nós as culpamos, mas a culpa é toda nossa — disse-lhe eu.

— Mas não é tão simples assim — alertou Dean. — A paz virá de repente, a gente não vai nem compreender quando acontecer — percebe? — Desoladamente, obstinadamente, ele conduzia o carro através de Nova Jersey; ao raiar do dia, eu dirigia em direção a Paterson, enquanto ele dormia no banco de trás. Chegamos em casa às oito da manhã, encontrando Marylou e Ed Dunkel sentados fumando baganas dos cinzeiros; não comiam nada desde que Dean e eu partíramos. Minha tia comprou quitutes e preparou um fantástico desjejum.

4

Para o trio do oeste, já era tempo de descobrir o lugar certo para morar em Manhattan. Carlo tinha um apê na York Avenue; estavam se mudando para lá naquela noite. Dormimos o dia inteiro, Dean e eu; acordamos quando uma grande tempestade de neve anunciava a noite do Ano-Novo de 1948, Ed Dunkel estava sentado em minha espreguiçadeira, rememorando a noite do Ano-Novo anterior: — Eu estava em Chicago. Completamente duro. Estava sentado na janela do meu quarto de hotel, na North Clark, quando um cheiro delicioso chegou às minhas narinas, vindo da padaria lá embaixo. Não tinha um tostão, mas desci e falei com a garota. Ela me deu pão e bolo de café, grátis. Voltei para o quarto e devorei tudo. Certa vez, lá em Farmington, no Utah, onde tinha ido trabalhar com Ed Wall — você conhece Ed Wall, filho do rancheiro de Denver —, eu estava na cama, e subitamente vi minha mãe já falecida parada num canto, envolta por uma aura luminosa. Gritei: "Mãe!" Ela desapareceu. Tenho visões o tempo inteiro — disse Ed Dunkel, meneando a cabeça.

— O que vai fazer com Galatea?

— Ah, veremos. Quando a gente chegar a Nova Orleans, o que você acha, hem? — Ele estava começando a se aconselhar comigo também; um só Dean não era bastante para ele. Mas já estava apaixonado por Galatea, e refletia sobre a situação.

— O que vai fazer da vida, Ed? — perguntei.

Não sei — respondeu. — Vou tocando em frente. Curto a vida. — Repetia isso ao estilo de Dean. Ele não tinha rumo. Permanecia sentado, rememorando aquela noite em Chicago e o bolo de café ainda quente, naquele quarto solitário.

Via-se um turbilhão de neve lá fora. Uma grande festa estava acontecendo em Nova York; todos nós queríamos ir para lá. Dean embalou seu grande baú, enfiou-o no carro, e nos arrancamos para a grande noitada. Minha tia estava feliz, porque meu irmão vinha lhe fazer uma visita na semana seguinte; ficou sentada com seu jornal, aguardando o programa de fim de ano que seria transmitido ao vivo da Times Square à meia-noite. Zunimos por Nova York,

manobrando sobre o gelo. Eu ficava tranqüilo quando Dean estava ao volante, ele sabia manejar um carro sob qualquer circunstância. O rádio tinha sido consertado, e agora tocava um *hop* selvagem, impulsionando-nos noite adentro. Eu não sabia onde tudo aquilo me levaria; nem me importava.

Justamente nessa época, algo estranho começou a me obcecar. Era assim: eu me esquecera de alguma coisa. Uma decisão que estivera prestes a tomar, pouco antes da aparição de Dean; agora, ela estava emergindo claramente de minha cabeça, ainda que suspensa na ponta da língua da' mente. Eu estalava dedos, tentando me lembrar do que se tratava. Não podia dizer se fora uma decisão real ou uma reflexão esquecida. Aquilo me amedrontava, me espantava, me deixava triste. Tinha algo a ver com o Viajante Encapuçado. Certa vez, Carlo Marx e eu nos sentamos frente a frente em duas.cadeiras, joelho contra joelho, e eu lhe contei um sonho que tivera, com uma estranha figura árabe que me perseguia através do deserto; uma figura da qual eu tentava escapar, mas que finalmente me alcançava pouco antes da Cidade Protetora. — Quem era? — perguntou Carlo. Refletimos. Sugeri que talvez fosse eu mesmo, vestindo um manto. Não era isso. Algo, alguém, algum espírito nos perseguia, a todos nós, através do deserto da vida, e estava prestes a nos apanhar antes que alcançássemos o paraíso. Naturalmente, agora que reflito sobre isso, era apenas a morte: a morte vai nos surpreender antes do paraíso. A única coisa pela qual ansiamos em nossos dias de vida, e que nos faz gemer e suspirar, sujeitos a todos os tipos de dóceis náuseas, é a lembrança de uma alegria perdida, provavelmente experimentada no útero, e que somente poderá ser reproduzida (apesar de odiarmos admitir isso) na morte. Mas quem quer morrer? No desenrolar dos acontecimentos, eu continuava pensando no assunto no fundo da mente. Contei tudo a Dean, e ele, instantaneamente, reconheceu naquilo um puro e simples desejo de morte; já que a vida é uma só, ele, muito acertadamente, não queria se deter nesse tema; então, acabei concordando com ele.

Fomos procurar minha turma de Nova York. Loucas flores desabrochavam por ali também. Primeiro, fomos à casa de Tom Saybrook. Tom era um sujeito melancólico, elegante e singelo, generoso e amável. Só que, de vez em quando,

tinha súbitas crises de depressão, e caía fora sem dizer uma palavra a ninguém. Naquela noite, estava excitadíssimo. — Sal, onde você encontrou estas pessoas absolutamente maravilhosas? Nunca conheci ninguém como eles.

— Encontrei-os no oeste.

Dean estava tendo um de seus ataques; pôs um disco de *jazz*, agarrou Marylou, abraçou-a com força, e juntos rebolaram ao balanço da música. Era uma genuína dança de amor. Ian MacArthur chegou, acompanhado com seu bando. O fim de semana do Ano-Novo começara, prolongando-se por três dias e três noites. Bandos loucos embarcavam no Hudson e deslizavam pelas ruas nevadas de Nova York, de festa em festa. Arrastei Lucille e sua irmã para a maior de todas as festas. Quando Lucille me viu com Dean e Marylou, seu rosto ficou nublado — percebia a loucura que eles inculcavam em mim.

— Não gosto do seu jeito quando está com eles.

— Ah, tudo bem, numa boa! A gente só vive uma vez. Estamos apenas nos divertindo.

— Não: é feio, e eu não gosto.

Então, Marylou começou a fazer amor comigo; disse que Dean ia se juntar com Camille, e queria que eu ficasse com ela. — Volte pra San Francisco com a gente. Vamos morar todos juntos. Vou ser uma garota legal pra você. — Mas eu sabia que Dean amava Marylou, sabia também que ela só queria deixar Lucille com ciúmes, e eu não estava a fim de nada disso. Ainda assim, lambi os beiços, pensando naquela loira gostosa. Quando Lucille viu Marylou me prensar nos cantos, dirigindo-me a palavra e forçando beijos, aceitou o convite de Dean para dar uma volta de carro, mas foram apenas conversar e beber um pouco do uísque deixado no porta-luvas. Tudo estava se confundindo, tudo desmoronava. Sabia que meu caso com Lucille não iria durar muito mais. Ela queria que eu fosse do jeito *dela*. Era casada com um estivador, que a tratava mal. Eu estava querendo me casar com ela, adotar sua filhinha e tudo o mais, caso ela se divorciasse do cara, mas nem sequer havia dinheiro suficiente para o divórcio, e a transa toda era complicada; além do mais, Lucille jamais me compreenderia; gosto de muitas coisas ao mesmo tempo, e me confundo inteiro e fico todo enrolado

correndo de um destino falido para outro, até desistir. Assim é a noite, é isso o que ela faz com você; eu não tinha nada a oferecer a ninguém, a não ser minha própria confusão. As festas eram gigantescas; havia no mínimo cem pessoas naquele apartamento em um subsolo da West Nineties. Transbordava gente dos porões próximos às caldeiras. Em qualquer canto, estava acontecendo alguma coisa, em cada cama e sofá — não era uma orgia, apenas uma festa de fim de ano, com uma gritaria frenética e a louca música no rádio. Havia até uma garota chinesa. Dean circulava de grupo em grupo, curtindo todo mundo. De vez em quando, corríamos até o carro e saíamos para apanhar mais gente. Damion chegou. Damion é o herói da minha turma de Nova York, assim como Dean é o heróico líder do grupo do oeste. Eles antipatizaram um com o outro de imediato. De repente, a garota de Damion socou-o direto no queixo. Ele ficou grogue. Ela o carregou para casa. Alguns jornalistas malucos, amigos nossos, chegaram da redação trazendo garrafas. Surgia uma tremenda e maravilhosa tempestade de neve lá fora. Ed Dunkel encontrou a irmã de Lucille e desapareceu com ela; esqueci de dizer que Ed Dunkel é um cara muito insinuante com as mulheres. Ele tem um metro e noventa e quatro de altura; é moderado, afável, agradável, lisonjeiro e encantador. Ajuda as mulheres a vestirem seus casacos. O jeito certo de fazer as coisas. Às cinco da manhã, todos nós estávamos correndo pelo quintal de um prédio, e entrávamos pela janela de um apartamento onde acontecia uma grande festa. As pessoas estavam desenhando, e bebiam cerveja choca. Dormi no sofá com uma garota em meus braços, chamada Mona. Grupos enormes entravam em fila, vindos do bar do campus da Universidade de Colúmbia. Tudo neste mundo, todas as caras do mundo amontoavam-se dentro de um mesmo quarto úmido. Na casa de Ian MacArthur, a festa prosseguia. Ian MacArthur é um cara maravilhoso e gentil, que usa óculos e encara a vida com paixão por detrás deles. Aprendeu a dizer “Sim” para tudo, exatamente como Dean nessa época, e não parou desde então. Ouvindo o furioso som de Dexter Gordon e Wardell Gray, em *The hunt*, Dean e eu brincamos de pega-pega com Marylou em cima do sofá; ela já não era uma boneca indefesa. Dean circulava sem camisa, com os pés descalços, até que resolvemos pegar o carro e buscar

mais gente. Aconteceu de tudo. Encontramos o louco, extasiante Rollo Greb, e passamos a noite em sua casa em Long Island. Rollo mora numa casa refinada com sua tia; quando ela morrer, a casa passa a ser inteiramente dele. Mas, enquanto isso não acontece, ela se recusa a concordar com qualquer um de seus desejos, e odeia seus amigos. Ele arrastou a gangue esfarrapada que Dean, Marylou, Ed e eu formávamos, e deu início a uma festa ensurdecedora. A mulher espreitava lá de cima, ameaçou chamar a polícia.

— Ora, cale a boca, seu trapo velho! — berrou Greb. Fiquei imaginando como ele conseguia morar com ela dessa maneira. Ele tinha mais livros do que eu jamais havia visto em toda a minha vida — duas bibliotecas, dois quartos repletos de livros, do rodapé ao forro, em todas as quatro paredes, e coleções como apócrifos da Bíblia ou qualquer coisa assim, em dez volumes. Ele colocou óperas de Verdi, e fez pantomimas delas metido em seu pijama com um grande rasgão na bunda. Estava cagando para tudo. Um erudito incrível, que perambulava aos gritos pelo cais de Nova York com os originais de partituras musicais do século XVII. Arrastava-se pelas ruas como uma aranha enorme. Sua excitação explodia em seus olhos como diabólicas punhaladas luminosas. Ele girava o pescoço num êxtase espasmódico. Balbuciava, se contorcia, gemia, uivava, arrefecia, desesperado. Mal podia articular uma palavra, a vida o excitava tanto! Dean parou na frente dele, balançando a cabeça e repetindo sem parar:

— Sim... Sim... Sim... — Arrastou-me para um canto.

— Este Rollo Greb é o maior, o mais incrível de todos. É isso o que estava tentando contar — é assim que eu quero ser. Quero ser como ele. Ele nunca se atrapalha, é capaz de entrar em qualquer uma, não guarda nada, deixa passar o tempo, não tem nada a fazer senão seguir o ritmo. Cara, ele é o máximo! Se você agir como ele, finalmente vai conseguir.

— Conseguir o quê?

— Isso! Isso! Mais tarde eu conto — agora não, agora não temos tempo. — Dean correu de volta, para curtir Rollo Greb um pouco mais.

George Shearing, o grande pianista de *jazz*, Dean contou-me, era justamente como Rollo Greb. Dean e eu fomos ver Shearing no Birdland, no meio daquele fim de semana longo e louco. O lugar estava às moscas, éramos os primeiros fregueses, às dez da noite. Shearing apareceu, cego, sendo conduzido pela mão até o piano. Era um inglês distinto e bem-apessoado, com um colarinho branco duro, levemente carnudo, loiro, envolto por uma suave brisa noturna de verão inglês, que se tornou evidente no primeiro número suave e murmurante, executado enquanto o baixista se curvava reverentemente para ele, marcando o ritmo. Denzil Best, o baterista, permanecia sentado imóvel, exceto por seus pulsos, que faziam estalar as baquetas. Shearing deu início ao embalo; um sorriso aflorava de seu rosto extasiado; começou a oscilar no banquinho do piano, para a frente e para trás, a princípio lentamente, até que o ritmo esquentou e ele começou a balançar mais rápido, seu pé esquerdo marcava o ritmo de cada batida, seu pescoço acompanhava tortuosamente em loucos meandros, ele baixava a cara até os teclados, levava o cabelo para trás, seu penteado se desmanchava, e ele começava a suar. A música esquentou. O baixista arqueava seu corpo surrando as cordas, mais e mais rápido, quer dizer, parecia cada vez mais rápido, apenas isso. Shearing começou a tocar seus acordes; eles ressoavam a cântaros em seu piano em incríveis tons suntuosos. Chegava-se a pensar que o homem não conseguiria alinhá-los. Deixava o som rolar e rolar, como ondas do mar. A rapaziada gritava “É isso aí!” para ele. Dean estava todo suado, o suor escorria pela gola. — Aí está ele! É esse aí! O Pai de Todos! Shearing é o Pai de Todos! Sim, é ele! — E Shearing já se apercebera do louco às suas costas, ouvia cada uma das exclamações e sussurros de Dean, não podia vê-lo mas podia senti-las. — É isso aí — disse Dean. — Incrível! — Shearing sorriu; ele balançava. Shearing levantou-se do piano, suando em bicas; aqueles eram seus grandes dias de 1949, antes de ele ficar frio e comercial. Quando ele se foi, Dean apontou para o banco desocupado do piano. — O trono vazio de Deus — disse. Sobre o piano repousava um trompete; sua sombra dourada provocava um estranho reflexo na caravana num deserto pintada na parede, atrás da bateria. Deus se fora, restava o silêncio de sua retirada. Era uma noite chuvosa. O mito

da noite chuvosa. Dean estava abobalhado e reverente. Aquela loucura não iria conduzir a lugar nenhum. Eu não sabia o que estava acontecendo comigo, de repente percebi que era o chá que estávamos fumando; Dean tinha comprado um pouco em Nova York. Era levado a pensar que tudo estava prestes a acontecer — aquele momento em que você sabe tudo, e tudo fica decidido para a eternidade.

5

Deixei a todos, e fui para casa descansar. Minha tia disse que eu perdia meu tempo, vagabundeando com Dean e sua turma. Eu sabia que estava errado, também.

O que eu realmente queria era mais uma magnífica viagem à costa oeste, voltando a tempo para o semestre de primavera na escola. E que viagem seria aquela! Tinha saudades da carona, queria ver o que mais Dean iria aprontar e, finalmente, também sabia que Dean ia voltar para Camille em Frisco, e eu queria transar com Marylou. Preparamo-nos para cruzar outra vez o sofrido continente. Preenchi meu cheque da Gi, e dei dezoito dólares para que Dean os enviasse à sua mulher; ela aguardava sua chegada e estava dura. Não sei o que se passava pela mente de Marylou. Ed Dunkel, como sempre, apenas acompanhava.

Seguiram-se longos e divertidos dias, passados no apartamento de Carlo antes de nos mandarmos. Ele passeava de roupão, fazendo discursos semi-irônicos: — Não estou tentando roubar o doce da boca de vocês, crianças, mas parece-me que já é hora de decidir quem são, o que farão da vida. — Carlo estava trabalhando como datilografo num escritório. — Quero saber o que significa essa vagabundagem dentro de casa, o dia inteiro. O que significa toda essa conversa fiada, e o que vocês pensam fazer da vida. Dean, por que abandonou Camille e está transando com Marylou? — Nenhuma resposta — risadinhas. — Marylou, por que está viajando pelo país desse jeito, e quais são suas idéias femininas a respeito da cópula? — A mesma resposta. — Ed Dunkel,

por que abandonou sua nova esposa em Tucson, e o que está fazendo aqui, sentado nessa enorme bunda mole? Onde fica sua casa? Qual é sua ocupação? — Ed Dunkel balançava a cabeça, em genuína embriaguez. — Sal... como pode ter mergulhado em dias tão lamacentos quanto esses, e o que fez com Lucille? — Ele ajustou seu roupão e, sentando-se, continuou nos encarando. — Os dias de cólera ainda estão por vir. O balão não vai sustentar vocês por muito tempo. E não é só isso, o balão é abstrato. Vocês sairão voando para a costa oeste e voltarão fora de si, em busca do próprio jazigo.

Naqueles dias, Carlo havia desenvolvido um tom de voz que chamava de A Voz da Rocha; a idéia era deslumbrar as pessoas com a percepção da rocha. — Vocês podem estar espetando um dragão nos seus chapéus — nos advertia; — ou então ficar encerrados no sótão com os morcegos. — Seus doidos olhos resplandeciam, fitos em nós. Depois da Melancolia de Dacar, ele passou por uma fase terrível, chamando-a de Sagrada Melancolia, ou Melancolia do Harlem, quando morou no Harlem em pleno verão e, à noite, acordava solitário em seu quarto, ouvindo a "grande máquina" dos céus; ou quando caminhava "sob as águas" pela 125th Street, junto com todos os demais peixes. Uma profusão de idéias radiantes iluminava seu cérebro. Ele fez Marylou se sentar no seu colo, ordenando-lhe que calasse o bico. Disse a Dean: — Por que não se senta e relaxa? Por que fica saltitando por aí o tempo todo? — Dean circulava por ali, pondo açúcar no café e dizendo: — Sim! Sim! Sim! — À noite, Ed Dunkel dormia no chão, em cima das almofadas. Dean e Marylou expulsaram Carlo da cama, e este ficou na cozinha, sentado e debruçado sobre seu cozido de rim, murmurando as terríveis profecias da Rocha. Eu aparecia durante o dia e observava tudo.

Ed Dunkel me disse: — Na noite passada, eu seguia descontraído, em direção à Times Square, e assim que cheguei, percebi subitamente que era um fantasma — era o meu fantasma, andando pela calçada. — Ele dizia coisas desse tipo sem maiores comentários, assentindo enfaticamente com a cabeça. Dez horas mais tarde, em meio à conversa de alguém, Ed acrescentou: — É, era meu fantasma, caminhando pela calçada.

De repente, Dean dirigiu-se a mim, com a maior sinceridade, e disse: — Sal, tenho algo pra perguntar... é muito importante pra mim... não imagino como você vai segurar essa... somos amigos, não somos?

— Claro que sim, Dean. — Ele quase corou. Finalmente, pôs tudo para fora: queria que eu comesse Marylou. Não perguntei por quê, sabia que ele queria ver como Marylou se comportava com outro homem. Estávamos sentados no Ritzy Bar, quando ele propôs a idéia. Tínhamos caminhado uma hora pela Times Square à procura de Hassel. O Ritzy é o bar dos arruaceiros das cercanias da Times Square, e muda de nome todos os anos. Quando se entra não se enxerga uma única garota, nem mesmo nos reservados, só uma enorme corja de garotos, vestidos com todas as variedades de roupas típicas de arruaceiros; das camisas vermelhas ao *zoot suit,* ternos de tamanho muitos números maior que o de seus donos. Aquele também era o bar dos garotos que faziam a vida entre os velhos e melancólicos homossexuais da noite, na Eighth Avenue. Dean circulava por ali, com olhos atentos a toda e qualquer fisionomia. Viam-se negros, bichas loucas, caras mal-encarados de pistola, marinheiros com cicatrizes de navalha, drogados esqueléticos e sem atendimento médico, e um fortuito detetive de meia-idade e bem-vestido, posando de *bookmaker* e perambulando por ali, meio por interesse, meio por obrigação. Aquele lugar era ideal para que Dean fizesse seu pedido. Todas as espécies de planos diabólicos são maquinados no Ritzy Bar — você pode sentir isso no ar. E todos os tipos de números sexuais insanos principiam ali, para acompanhá-los. O arrombador propõe aos baderneiros não só o assalto a um determinado sótão na 14th Street, como também que durmam juntos. Kinsey passou um bom tempo entrevistando alguns dos rapazes; eu estava lá na noite em que um ajudante dele apareceu, em 1945. Hassel e Carlo foram entrevistados.

Dean e eu dirigimos de volta ao apartamento, e encontramos Marylou na cama. Dunkel estava arrastando seu fantasma por Nova York. Dean contou a ela o que havíamos decidido. Ela disse que estava satisfeita. Eu próprio não estava tão certo assim. Teria de provar que podia passar por mais essa. A cama fora o leito de morte de um homem gordo, e havia cedido bem no meio. Marylou

deitou-se ali, com Dean e comigo, um de cada lado, suspensos numa protuberância nos confins do colchão, sem saber o que dizer. Eu disse: — Merda, não consigo fazer isso.

— Vá em frente, cara, você prometeu — disse Dean.

— Porra, e Marylou? — disse eu. — E você, Marylou, o que acha?

— Vá em frente — disse ela.

Ela me abraçou e tentou esquecer que o velho Dean estava lá. Toda vez que eu me dava conta dele, no escuro, ouvindo cada suspiro, não conseguia parar de rir. Foi horrível.

— Tenho a impressão de que vai ser impossível. Por que não dá uma chegadinha ali na cozinha?

Dean foi. Marylou era adorável, mas eu suspirei: — Espere até sermos amantes em San Francisco; meu coração não agüentaria essa. — Eu tinha razão, ela podia ter certeza. Éramos três crianças deste planeta, tentando decidir algo dentro da noite, com todo o peso dos séculos obstruindo a escuridão à sua frente. Havia uma quietude estranha no apartamento. Fui cutucar Dean e disse-lhe que fosse para os braços de Marylou; retirei-me para o sofá. Pude ouvir Dean eufórico, tagarelando e remexendo-se freneticamente. Só mesmo um cara que passou cinco anos na prisão podia chegar a extremos tão desamparados e maníacos; suplicava nos portais da fonte suave; louco para tentar a completa realização física, origem de toda a felicidade na vida; tentava cegamente retornar pelo caminho de onde viera. Aquilo era o resultado de anos curtindo fotografias pornográficas por trás das grades; olhava para as pernas e seios das mulheres em revistas populares, avaliava a dureza das paredes de aço e a suavidade da mulher que não estava ali. Prisão é o lugar onde você promete a si mesmo o direito de viver. Dean jamais viu o rosto de sua mãe. Cada nova garota, cada esposa nova, todo filho novo era um acréscimo ao seu desamparado empobrecimento. Onde estava seu pai? O velho vagabundo Dean Moriarty, o funileiro, viajava em vagões de carga, empregava-se como um miserável lavador de pratos nos restaurantes da linha férrea; tropeçava, esborrachava-se em longas noites de bebedeiras pelos becos, esvaindo-se em montes de carvão; perdia seus dentes

amarelos, um a um, nas sarjetas do oeste. Dean tinha todo o direito de morrer as mortes singelas do amor total com sua Marylou. Eu não queria interferir, só queria acompanhá-los.

Carlo retornou ao amanhecer e vestiu seu roupão. Ele não estava mais dormindo naqueles dias. — Argh! — gritou. Estava furioso com a confusa mistura que se esparramava pelo chão, calças, vestidos jogados por todos os lados, baganas de cigarro, pratos imundos, livros abertos — o grande seminário que estávamos conduzindo. Todos os dias a Terra padece para completar uma volta em torno de si mesma; nós estávamos fazendo nossos estudos aterrorizantes sobre a noite. Marylou estava abatida e roxa, por conta de uma briga com Dean sabe-se lá por quê; a cara dele estava arranhada. Era hora de cair fora.

Dirigimos até minha casa, uma gangue inteira de dez pessoas, para pegar minha sacola e ligar para Old Buli Lee em Nova Orleans, da cabina telefônica do bar onde Dean e eu travamos nossa primeira conversa anos antes, quando ele apareceu na minha porta querendo aprender a escrever. Ouvimos a voz queixosa de Buli, a dois mil e oitocentos quilômetros de distância. — Seguinte: o que estão esperando que eu faça com essa tal de Galatea Dunkel, rapazes? Ela está aqui faz duas semanas, trancada no quarto, recusando-se a falar comigo ou com Jane. Esse tal de Ed Dunkel está aí com vocês? Pelo amor de Deus, tragam-no pra cá e me livrem dela. Ela está ocupando nosso melhor quarto, e obviamente quase não tem grana. Isso aqui não é um hotel. — E deu garantias a Buli, entre gritos e uivos ao telefone — lá estavam Dean, Marylou, Carlo, Dunkel, eu, Ian Mac-Arthur, sua mulher, Tom Saybrook, Deus sabe mais quem; todos berravam e bebiam cerveja ao telefone, estonteando Buli, que, acima de tudo, odeia confusão. — Bem — disse ele —, talvez vocês raciocinem melhor quando pintarem por aqui, se é que pintarão por aqui. — Dei adeus a minha tia, prometendo voltar em duas semanas, e me mandei outra vez para a Califórnia.

6

Houve garoa e mistério no início de nossa viagem. Eu podia perceber que tudo aquilo seria uma grande saga sobre a névoa. — Iuupii! — gritou Dean. — Lá vamos nós! — Inclinou-se sobre o volante e deu a partida; estava de volta a seu elemento natural, qualquer um podia perceber isso.Estávamos maravilhados, deixávamos a confusão e o absurdo para trás, e executávamos a única função nobre de nossa época: manter-se em movimento. E nos movíamos! Passamos voando pelos misteriosos sinais brancos, em algum lugar na noite de Nova Jersey, que dizem SUL (com uma flecha) e OESTE (com outra flecha), e pegamos o caminho que apontava para o sul. Nova Orleans! Ela reluzia em nossas mentes. Das neves sujas da "enregelada e enfadonha cidade de Nova York", como Dean a chamava, para as folhagens e perfumes dos rios de Nova Orleans, nos fundos rejeitados da América; depois, para o oeste. Ed ia no banco de trás; Marylou, Dean e eu, sentados na frente, mantivemos uma conversação calorosa sobre a bondade e a alegria de viver. Dean ficou meigo de repente: — Todos vocês, escutem aqui: temos que admitir que tudo está ótimo, e que não há nada no mundo com que nos preocupar, e devemos COMPREENDER que, na verdade, REALMENTE não precisamos nos preocupar com ABSOLUTAMENTE NADA. Estou certo? Todos concordamos. — Aqui vamos nós, estamos todos juntos... O que fizemos em Nova York? Está perdoado. — Deixáramos todos algumas mesquinharias lá. — Ficou tudo pra trás, simplesmente por causa das descidas e de tantos quilômetros rodados. Agora vamos para Nova Orleans, para curtir Old Buli Lee, e vai ser um barato, agora escutem só, esse sax-tenor perde a cabeça — aumentou o volume do rádio até fazer o carro trepidar —, e ouçam como ele conta sua história, com lascívia e sabedoria.

Nós todos nos ligamos na música, e concordamos com ele. A pureza da estrada. A linha branca, no meio da pista, desenrolava-se e grudava-se em nossa roda dianteira esquerda, como se estivesse colada à nossa trilha. Dean arqueou o pescoço musculoso, usava apenas uma camiseta na noite in-vernal, e pisava fundo. Exigiu que eu praticasse a direção, dirigindo no tráfego de Baltimore;

tudo correu bem, só que ele e Marylou, em beijos e movimentos fogosos, esbarravam no volante, atrapalhando-me. Era uma loucura; o rádio quase estourava. Dean tocou bateria no painel até formar uma cavidade; fiz a mesma coisa. O pobre Hudson — nosso velho cargueiro para a China — estava sendo bastante maltratado.

— Ah, cara, é demais! — berrou Dean. — Agora, Marylou, escute só, sabe que sou doido a ponto de fazer tudo ao mesmo tempo, e que tenho uma energia ilimitada — por isso, em San Francisco, temos mais é que continuar vivendo juntos. Conheço o lugar ideal pra você — bem no fim do caminho habitual daquela gangue de celerados —, poderei ir para casa a cada dois dias, ou um pouco menos, por doze horas de enfiada, e você sabe bem o que somos capazes de fazer em doze horas, minha querida. Enquanto isso, continuarei morando com Camille como se nada estivesse acontecendo, percebe, ela não vai saber de nada. Podemos resolver assim, já o fizemos antes. — Para Marylou, estava tudo bem, ela estava cagando para Camille. Tinha sido combinado que Marylou transaria comigo em Frisco, mas pressenti que eles ficariam grudados e eu seria deixado no olho da rua, abandonado na outra extremidade do continente. Mas para que pensar nisso, quando se tem pela frente toda a vastidão dourada da Terra, e todas as espécies de acontecimentos imprevistos estão à espera, de tocaia, para surpreender você e deixá-lo satisfeito, simplesmente por estar vivo para presenciá-los?

Chegamos em Washington de madrugada. Era o dia da posse de Harry Truman em seu segundo mandato. Um grande aparato militar estava exposto ao longo da Pennsylvania Avenue quando rodamos por ali em nossa barcaça maltratada. Havia B-29s, lanchas torpedeiras, artilharia, todos os tipos de artefatos de guerra, com um aspecto assassino, enfileirados na relva cristalina; o último da fila era um pequenino bote salva-vidas, comum e ordinário, com um aspecto estúpido e verdadeiramente digno de piedade. Dean diminuiu a velocidade para observá-lo. Permanecia sacudindo a cabeça, surpreso. — O que esses caras querem? Harry está dormindo na cidade, em algum lugar... O bom e velho Harry... é do Missouri, como eu... Aquele deve ser seu barco.

Dean foi dormir no banco de trás, e Dunkel pegou o volante. Demos instruções específicas para que ele fosse de mansinho. Tão logo estávamos roncando, ele acelerou o carro para cento e vinte, com o assento em pandarecos e tudo, e não apenas isso, também fez uma ultrapassagem tripla num ponto onde um guarda discutia com um motorista — ele estava na quarta faixa de uma *freeway* de quatro pistas, na contramão. Logicamente, o policial veio atrás da gente, fazendo soar a sirene. Fomos parados. Ele ordenou que o seguíssemos até o posto policial. Ali nos esperava o rato-chefe, que antipatizou imediatamente com Dean; podia sentir o cheiro da prisão nele. Enviou um bando de policiais ao carro para que interrogassem a Marylou e a mim, em particular. Queriam saber quantos anos tinha Marylou, esperavam conseguir alguma coisa com base no *Mann Act.* Mas ela estava de posse da certidão de casamento. Depois, chamaram-me num canto, queriam saber com quem Marylou dormia. — Com o marido dela — disse eu com a maior simplicidade. Eles estavam curiosos. Algo lhes despertava suspeita. Tentaram bisbilhotar amadoristicamente, perguntando duas vezes as mesmas questões, à espera de alguma contradição de nossa parte. Falei: — Estes dois estão voltando para trabalhar na rede ferroviária da Califórnia, essa é a mulher do mais baixo, e eu sou um amigo, gozando férias de duas semanas da faculdade.

O guarda sorriu e disse: — É mesmo? E essa é sua carteira?

Por fim, o chefão lá dentro multou Dean em vinte e cinco dólares. Dissemos a eles que só tínhamos quarenta para todo o percurso até a costa. Isso não fazia a menor diferença para eles. Quando Dean protestou, o chefe dos policiais ameaçou levá-lo de volta para a Pensilvânia, arranjando uma condenação qualquer para ele.

— Que tipo de condenação?

— Não se preocupe com isso. A gente dá um jeito, espertalhão.

Tivemos de dar os vinte e cinco dólares para eles. Mas antes Ed Dunkel, o criminoso, ofereceu-se para ir para a prisão. Dean pensou na proposta. O policial ficou uma fúria e disse: — Se você deixar seu companheiro ir para a prisão, levo-o agora mesmo para a Pensilvânia, está entendendo?

— Tudo o que queríamos era cair fora dali. — Outra multa por excesso de velocidade na Virgínia, e você perde o carro disse o chefe, como despedida. Dean estava vermelho de raiva. Arrancamos silenciosamente. Era como um convite ao roubo tirar nosso dinheiro para a viagem. Eles sabiam que estávamos duros, e não tínhamos família na estrada nem ninguém para quem telegrafar. A polícia americana trava uma guerra psicológica contra os americanos que não se intimidam com papéis imponentes e furiosas ameaças. É uma força policial vitoriana; espreita através de janelas mofadas, quer inquirir sobre tudo e pode fabricar crimes, se não existirem crimes que a satisfaçam. “Nove linhas de crime e uma de aborrecimento”, disse Louis-Ferdinand Céline. Dean estava tão furioso que queria voltar à Virgínia e dar um tiro naquele rato, assim que tivesse uma pistola.

— Pensilvânia! — rosnou. — Queria saber qual a acusação que ele poderia fazer. Vagabundagem, provavelmente; tiram toda a minha grana e me acusam de vagabundagem. Esses caras fazem o que querem. E se alguém reclama, dão um tiro ainda por cima. — Não havia nada a fazer senão esquecer, e outra vez ficamos contentes conosco mesmos. Quando cruzamos Richmond, estávamos começando a esquecer o que havia acontecido, e em breve tudo estava bem.

Tínhamos agora quinze dólares para a viagem toda. Teríamos de apanhar caroneiros pela estrada para levantar uma grana para a gasolina. Nos ermos da Virgínia, subitamente vimos um homem caminhando pela beira da estrada. Dean brecou de supetão. Olhei para trás e disse que era um vagabundo, provavelmente não teria um tostão.

— Vamos dar uma carona para ele, só pela curtição — riu Dean. O homem era um tipo esfarrapado, louco e de óculos, e caminhava lendo um livro enlameado que achara num bueiro da estrada. Entrou no carro e continuou a ler; estava incrivelmente imundo e coberto de crostas. Disse que seu nome era Hyman Solomon, e que percorria o país todo a pé, batendo e às vezes chutando portas de casas de judeus e exigindo dinheiro: — Dêem-me dinheiro para comer, sou judeu.

Disse que a tática funcionava muito bem, e que lhe agradava bastante. Perguntamos-lhe o que estava lendo. Ele não tinha a menor idéia. Não se dera ao trabalho de olhar o título da capa. Estava apenas admirando as palavras, como se tivesse encontrado uma verdadeira Tora ali onde ela era plausível: no ermo.

— Estão vendo? Estão vendo? — gargalhou Dean, socando minhas costelas. — Não disse que seria uma curtição? Esses sujeitos são incríveis, cara! — Conduzimos Solomon até Testament. Agora, meu irmão já estava em sua nova casa do outro lado da cidade. Ali estávamos nós, de volta à rua comprida e desolada, paralela aos trilhos do trem, e as caras carrancudas dos sulistas espreitavam por trás das portas das lojas de ferragens e dos bazares.

Solomon disse: — Estou vendo que vocês, pessoal, precisam de um dinheirinho para continuar a viagem. Esperem por mim, vou espoliar uns dólares na casa de algum judeu e sigo com vocês até o Alabama. — Dean não cabia em si de satisfação; fomos comprar pão e queijo para um lanche no carro. Marylou e Ed aguardaram ali mesmo. Passamos duas horas em Testament, esperando que Hyman Solomon voltasse; ele estava batalhando seu pão em algum lugar da cidade, mas não podíamos vê-lo. O sol começou a cair, dourado; era tarde.

Solomon jamais apareceu, e então nos mandamos de Testament. — Agora veja só, Sal, Deus existe mesmo, porque continuamos ligados a essa cidade, não importa o que a gente faça, você já deve ter notado o estranho nome bíblico dela, e a personagem bíblica ainda mais abstrata que nos fez parar aqui mais uma vez, todas as coisas estão atadas umas às outras, como se a chuva unisse o mundo inteiro numa única corrente... — E Dean prosseguia desse jeito, excitado e exultante. Ele e eu, de repente, compreendemos que todo o país era uma ostra pronta para ser aberta; e lá estava a pérola, lá estava a pérola. Seguimos para o sul. Apanhamos mais um caroneiro, um jovem melancólico que dizia ter uma tia dona de uma mercearia em Dunn, na Carolina do Norte, bem na saída para Fayetteville. — Quando chegarmos lá, você tratará de filar um dólar dela. Certo? Ótimo! Então, vamos! — Em uma hora, estávamos em Dunn, ao crepúsculo. Dirigimo-nos até a mercearia da tia do garoto. Era uma tristonha ruela sem saída, que terminava num muro de fábrica. Via-se uma mercearia, mas não havia tia

nenhuma. Não entendemos o que o garoto estava querendo dizer. Perguntamos-lhe aonde ele queria chegar; ele também não sabia. Era tudo um grande embuste; certa vez, em uma aventura de beco já esquecida, ele havia visto a mercearia em Dunn, e essa foi a primeira idéia que lhe veio à cabeça febril e desordenada. Compramos um cachorro-quente para ele, mas Dean disse que não poderíamos levá-lo conosco, porque precisávamos do lugar para dormir e para oferecê-lo aos caroneiros que pudessem pagar um pouco de gasolina. Era triste, mas era verdade. Nós o deixamos em Dunn, ao cair da noite.

Dirigi pela Carolina do Sul até depois de Macon, na Geórgia, enquanto Dean, Marylou e Ed dormiam. Totalmente sozinho na noite, entreguei-me a meus próprios pensamentos, e mantive o carro junto à linha branca da estrada sagrada. O que eu estava fazendo? Para onde estava indo? Não tardei a descobrir. Depois de Macon, exausto, acordei Dean para que ele reassumisse o volante. Saímos do carro para dar uma respirada e, de repente, estávamos os dois chapados de alegria, percebendo que a escuridão ao nosso redor tinha uma fragrância de relva esverdeada, um perfume de estrume fresco e águas cálidas. — Estamos no sul. Livres do inverno! — A tênue luz matinal iluminava brotos esverdeados ao lado da estrada. Respirei fundo; uma locomotiva uivou na escuridão a caminho de Mobile. Também íamos para lá. Tirei a camisa e exultei. Quinze quilômetros adiante, Dean entrou num posto de gasolina com o motor desligado, verificou que o funcionário estava profundamente adormecido em sua escrivaninha, saltou fora, encheu o tanque silenciosamente, tomando cuidado para não tocar o alarme, e se mandou como um árabe da noite, com cinco dólares de gasolina no tanque para nossa peregrinação.

Adormeci e acordei com os doidos sons exultantes da música, e Dean e Marylou conversavam e a amplitude esverdeada desfilava pela janela. — Onde estamos?

— Acabamos de passar pela ponta da Flórida, homem: o lugar se chama Flomaton. — Flórida! Estávamos descendo a planície costeira em direção a Mobile; à nossa frente, grandes nuvens do golfo do México pairavam nos céus. Fazia apenas trinta e duas horas que havíamos dado adeus a todo mundo nas

imundas neves do norte. Paramos num posto de gasolina; Dean carregou Marylou nos ombros e Dunkel entrou e roubou três pacotes de cigarros sem o menor escrúpulo. Sentíamo-nos novos em folha. Rodando para dentro de Mobile pela grande estrada marítima, tiramos nossas roupas pesadas de inverno, e desfrutamos a temperatura sulista. Então, Dean começou a contar a história de sua vida, e continuou fazendo-o quando, depois de Mobile, deparou com um engarrafamento de carros caipiras num cruzamento e, ao invés de diminuir a marcha, desviou por um posto de gasolina, com a mesma constante velocidade de cento e vinte por hora. Deixamos olhares estarrecidos atrás de nós. Ele prosseguiu sua fábula: — Eu garanto, é verdade, iniciei-me aos nove anos, com uma menina chamada Milly Mayfair, atrás da garagem de Rod, na Grand Street — a mesma rua em que Carlo morou em Denver. Isso foi quando meu pai ainda trabalhava um pouquinho na funilaria. Lembro-me de minha tia gritando pela janela: "O que está fazendo no fundo da garagem?" Ah, querida Marylou, se eu conhecesse você nessa época! Uau! Você devia ser gostosa aos nove anos! — Sufocou um risinho maníaco; enfiou o dedo na boca e lambeu-o; pegou a mão dela e a esfregou em todo o seu corpo. E ela permaneceu sentada, sorrindo serenamente.

O enorme Ed Dunkel olhava pela janela, falando sozinho: — Sim, senhor, pensei que eu fosse um fantasma naquela noite. — Ele também se perguntava o que Galatea Dunkel lhe diria, ao chegarmos em Nova Orleans.

Dean prosseguiu: — Certa vez, peguei um trem de carga do Novo México direto até L.A. — eu tinha onze anos, perdi-me do meu pai num desvio, estávamos numa selva de vagabundos, fiquei com um homem chamado Big Red, meu pai estava caindo de bêbado num vagão... o trem começou a rodar... Bid Red e eu o perdemos... não vi meu pai durante meses. Pulei sobre um longo trem de carga, e cobri todo o percurso até a Califórnia quase voando, era um cargueiro de primeira classe, o Zipper do deserto. Segui pendurado nos engates todo o trajeto... vocês podem imaginar que perigo — eu era apenas um garoto, não sabia nada... segurava com uma mão um pedaço de pão, e com a outra um freio. Isso não é invenção, é verdade. Quando chegamos em L.A., eu estava tão louco

por leite e nata que arranjei um emprego numa leiteria e comi dois quilos de nata batida. Vomitei tudo.

— Pobre Dean — disse Marylou, e beijou-o. Ele olhou em frente, orgulhoso. Ele a amava.

De repente, estávamos dirigindo ao longo das águas azuis do golfo e, no mesmo instante, uma coisa de louco, monumental, começou a tocar no rádio: era o programa de Chicken Jazz'n Gumbo, o *disc-jockey* de Nova Orleans, só discos louquíssimos de *jazz*, discos negros, e o *disc-jockey* dizia: "Não liguem pra nada!" Enxergamos Nova Orleans, à noite, à nossa frente, com alegria. Dean grudou suas mãos ao volante. — Agora, vamos curtir a boa vida. — Ao crepúsculo, estávamos entrando nas ruas agitadas de Nova Orleans. — Ah, sintam o cheiro dessas pessoas — gritou Dean com o rosto para fora da janela, farejando. — Ah! Deus! A vida! — Ultrapassou um bonde. — Sim! — Arremessou o carro em todas as direções, à procura de garotas. — Olhem só para *esta!* — O ar era tão perfumado em Nova Orleans, que parecia vir de *écharpes* macias; podia-se sentir o cheiro do rio, e realmente o das pessoas também, e da lama e do melado, todos os tipos de exalações tropicais, com nosso nariz subitamente afastado dos gelos do inverno nortista. Saltitávamos no banco do carro. — E aquela ali! — gritava Dean, apontando para outra mulher. — Ah, eu amo, amo, amo as mulheres! Acho que elas são maravilhosas! Adoro mulheres! — Cuspia pela janela; gemia, agarrava a própria cabeça. Grandes gotas de suor lhe escorriam pela testa, de pura exaustão e excitação.

Enfiamos o carro na balsa de Algiers, e lá estávamos nós, cruzando o rio Mississipi de barco. — Agora, vamos sair e curtir o rio e as pessoas, e aspirar todos os perfumes do mundo — disse Dean, afobado, agarrando seus óculos escuros e os cigarros, e saltando do carro como um boneco de mola. Nós o seguimos. Na balaustrada, nós nos inclinamos e olhamos para o grande pai moreno de todas as águas, que vinha rolando do meio da América como uma torrente de almas penadas — transportando toras de madeira de Montana, e lodo dos vales de Dakota e do Iowa, e objetos que submergiam em Three Forks, onde os segredos começam no gelo. A enfumaçada Nova Orleans retrocedia de um

lado; a velha e sonolenta Algiers, com seus arborizados arredores aluvionais, vinha ao nosso encontro do outro lado. Negros trabalhavam no entardecer calorento, abafado, carregando as fornalhas da balsa, que já estavam rubras e quase faziam derreter nossos pneus. Dean ficou de olho nesses negros, trabalhando na ponta dos pés sob alta temperatura. Percorreu o tombadilho, descendo e subindo escadas com suas calças largas, meio caídas abaixo da cintura. De repente o vi animadíssimo na ponte de comando. Pensei que iria bater asas dali. Ouvi sua risada louca ecoar pelo barco inteiro: — Ih! ih! ih! ih! ih! — Marylou o acompanhava. Inspecionou tudo num piscar de olhos, voltou com uma história completa, saltou para dentro do carro quando todos já estavam buzinando para que ele desimpedisse o caminho, e zarpamos, ultrapassando dois ou três carros num espaço estreito, e a seguir zunindo por Algiers.

— Pra onde vamos? Pra onde vamos? — gritava Dean.

Primeiro, decidimos nos lavar num posto de gasolina, e depois descobrir onde morava Buli. Crianças brincavam no pôr-do-sol sonolento do rio; garotas passavam com *êcharpes*, blusas de algodão e pernas nuas. Dean correu para a rua para ver tudo. Olhava ao redor; balançava a cabeça; alisava a barriga. O grande Ed permanecia sentado no banco de trás do carro, com um chapéu sobre os olhos, sorrindo para Dean. Sentei-me no pára-lama. Marylou fora até o banheiro. Das margens cheias de arbustos, onde inúmeros homens pescavam com seus caniços, e dos braços de águas adormecidas e sossegadas do delta, que se estendia terra adentro, o rio em sua corrente murmurante se enrolava feito serpente ao redor de Algiers, com um som indistinto. Sonolenta, peninsular Algiers, com seus mutirões e cânticos de trabalho, dando a impressão de que algum dia seria levada pelas águas. O sol declinava, besouros esvoaçavam, as águas gemiam assustadoramente.

Fomos para a casa de Old Buli, fora da cidade, perto do dique do rio. Ficava numa estrada que cruzava uma planície alagadiça e pantanosa. A casa não passava de um velho amontoado de madeira caindo aos pedaços, com alpendres cercados em toda a volta, e salgueiros no quintal; a grama tinha um metro de altura, as velhas cercas estavam derrubadas, os velhos celeiros,

demolidos. Não havia ninguém à vista. Entramos no quintal, e vimos tinas de lavar roupa na varanda. Saí e fui até a porta telada. Vi Jane Lee com as mãos em concha, olhando direto para o sol. — Jane — eu disse. — Sou eu. Somos nós.

Ela já sabia. — Sim, eu sei. Buli não está em casa. Não está vendo um incêndio ou algo assim, ali adiante? — Olhamos ambos em direção ao sol.

— Está falando do sol?

Claro que não estou falando do sol — ouvi sirenes naquele lado. — Não está vendo um clarão esquisito? — Era na direção de Nova Orleans; as nuvens pareciam estranhas.

— Não vejo nada — disse eu.

Jane fungou. — O mesmo velho Paradise.

Foi assim que nos cumprimentamos depois de quatro anos; Jane costumava morar com minha mulher e comigo em Nova York. — E Galatea Dunkel está aqui? — perguntei. Jane continuava procurando seu incêndio; nessa época, ela estava engolindo três papelotes de benzedrina por dia. Seu rosto, outrora roliço, germânico e bonito, tornara-se macilento, rubro e impiedoso. Tinha contraído pólio em Nova Orleans, e agora mancava um pouco. Como cordeirinhos, Dean e a gangue saltaram do carro, e sentiram-se mais ou menos como se estivessem em casa. Galatea Dunkel abandonou seu retiro altivo e solene, na parte de trás da casa, para encontrar seu torturador. Galatea era uma garota séria. Estava pálida, e padecia recoberta de lágrimas. O grande Ed alisou o cabelo dela e disse alô. Ela o encarou, resoluta.

— Por onde você andava? Por que fez isso comigo? — E lançou um olhar furioso para Dean; já sabia de tudo. Dean simplesmente a ignorou; agora, queria saber de comida; perguntou a Jane se havia alguma coisa em casa. A confusão começou exatamente aí.

O pobre Buli chegou em seu Chevrolet Texas e encontrou sua casa invadida por um bando de maníacos; apesar disso, cumprimentou-me com um entusiasmo vivaz que há muito tempo eu não via nele. Tinha comprado aquela casa em Nova Orleans com algum dinheiro que juntara, plantando feijão-fradinho no Texas com um velho camarada da faculdade, cujo pai, um par ali

tico louco, morrera, deixando uma fortuna. O próprio Buli recebia apenas cinqüenta dólares por semana de sua família, que poderiam bastar-lhe se ele não gastasse quase isso por semana em drogas — e sua mulher também lhe custava caro, pois devorava dez dólares semanais em tubos de benzedrina. Em compensação, seus gastos com alimentação eram os menores da região; quase nunca comiam; tampouco seus filhos — nem pareciam se importar com isso. Tinham duas crianças maravilhosas: Dodie, de oito anos, e o pequeno Ray, de um ano. Ray corria pelo quintal completamente nu, um filho dourado do arco-íris. Buli o chamava de "Pequeno Animal", como W. C. Fields. Ele entrou de carro no quintal, desenrolou-se lá de dentro, osso por osso, e avançou aviltado, com óculos avantajados, chapéu de feltro, terno surrado, alto, magro, chupado, estranho e lacônico, dizendo: — Olá, Sal, finalmente você chegou; vamos entrar e tomar um drinque.

Seria preciso a noite inteira para contar tudo sobre Old Buli Lee; digamos somente que ele era professor; deve ser dito também que ele tinha todo o direito de ensinar, porque passava o tempo inteiro aprendendo; e as coisas que ele aprendia eram as que considerava os "fatos da vida"; não as aprendia apenas por necessidade, mas também porque assim o desejava. Arrastara seu comprido corpo magro pelos Estados Unidos, e boa parte da Europa e do norte da África, nos bons tempos, só para ver o que estava acontecendo; casou-se com uma condessa russa na Iugoslávia apenas para salvá-la dos nazistas, nos anos 30; posou para fotos com a gangue internacional da cocaína nos anos 30 — uma turba com penteados doidos, com o corpo apoiado uns nos outros; havia outras fotografias dele com um chapéu panamá, inspecionando as ruas de Argel; jamais voltou a ver a condessa russa. Foi dedetizador em Chicago, *barman* em Nova York, oficial de justiça em Newark. Em Paris, sentou-se nos cafés, observando uma procissão de caras francesas mal-humoradas. Em Atenas, olhou de seu *ouzo* para aquilo que chamava o povo mais feio do mundo. Em Istambul, traçou sua trajetória entre viciados em ópio e vendedores de tapetes, sempre em busca dos fatos. Leu Spengler e o marquês de Sade em hotéis ingleses. Em Chicago, planejou assaltar uma sauna, hesitou dois minutos diante de um copo, terminou

só com dois dólares no bolso e teve de fugir correndo. Fazia tudo isso apenas para viver a experiência. Agora, seu interesse mais recente era o hábito das drogas. Por isso estava em Nova Orleans, esgueirando-se pelas ruas com sujeitos de reputação duvidosa, rondando bares suspeitos.

Uma história estranha dos tempos de faculdade ilustra algo mais a seu respeito: certa noite, recebeu uns amigos em seus aposentos para um coquetel, e a certa altura, de repente, sua doninha de estimação mordeu o tornozelo de uma bicha refinada, e todos se precipitaram porta afora, aos gritos. Old Buli deu um salto, pegou sua espingarda de caça e gritou: — Ela sentiu o cheiro daquele rato outra vez — e disparou um tiro que fez um rombo, grande o suficiente para permitir a entrada de cinqüenta ratos. Na parede, via-se a fotografia de uma casa velha e feia em Cape Cod. Seus amigos perguntavam: — Por que você mantém essa coisa horrível pendurada aí? — e Buli dizia: — Gosto dela porque é feia. — Toda a sua vida era nesse estilo. Uma vez bati em sua porta na 60th Street, um bairro de cortiços em Nova York, e ele a abriu usando um chapéu-coco, um colete sem mais nada por baixo, e elegantes calças compridas, listradas; tinha um tacho na mão, havia alpiste nele, e estava tentando esmagar as sementes para enrolar um baseado com elas. Também experimentara ferver xarope de codeína até transformá-lo numa pasta marrom — mas a coisa não funcionou direito. Passava longas horas com livros de Shakespeare no colo — o "Bardo Imortal", como o chamava. — Em Nova Orleans, começou a passar longas horas com os códices maias no colo e, mesmo quando passava o tempo todo conversando, o livro permanecia aberto. Certa vez, perguntei: — O que vai acontecer conosco quando morrermos? — E ele respondeu: — Quando morrermos, estaremos mortos, só isso. — Tinha um jogo completo de correntes em seu quarto; dizia que as usava com seu psicanalista; eles estavam experimentando a narcoanálise, e descobriram que Old Buli possuía sete diferentes personalidades separadas, cada uma mais terrível que a outra, à medida que se aprofundavam, até que ele se tornava um idiota furioso, que tinha de ser acorrentado. A personalidade superior era um lorde inglês, a inferior, o idiota. Entre uma e outra, ele era um

velho negro, parado numa fila junto com todo mundo, dizendo: — Uns são filhos da puta, outros, não; e isso é tudo.

Buli sentia um carinho todo especial pelos velhos dias da América, especialmente em 1910, quando se podia comprar morfina em qualquer farmácia sem receita, e os chineses fumavam ópio em suas janelas ao entardecer, e o país era entusiástico, ruidoso e livre, com abundância e toda espécie de liberdade para todo mundo. Seu ódio primordial era dirigido contra a burocracia de Washington; a seguir, os liberais; depois, a polícia. Passava o tempo todo falando e ensinando os outros. Jane sentava-se a seus pés; eu também; Dean também; Carlo Marx também já o fizera. Todos nós aprendíamos com ele. Era um cara acinzentado, com uma aparência impossível de descrever, e que passaria despercebido na rua, a não ser que se olhasse de perto e se visse sua louca caveira ossuda e sua estranha juventude — um sacerdote do Kansas envolto em mistérios exóticos e chamas fenomenais. Tinha estudado medicina em Viena, estudara antropologia, lera de tudo; agora, estava pronto para o grande trabalho de sua vida. Sentava-se em sua cadeira, Jane trazia as bebidas, martinis. As cortinas próximas à sua cadeira estavam sempre cerradas, dia e noite; aquele era seu canto na casa. Em seu colo, jaziam os códices maias e uma arma que usava para — *pop!* — estourar os tubos de benzedrina pelos cantos da sala. Eu estava sempre me levantando para colocar outros tubos novos na mira.

Demos todos alguns tiros e, enquanto isso, conversamos. Buli estava curioso para saber a razão de nossa viagem. Ele nos encarava assoando o nariz, *pfunf,* como o som da água jorrando num tanque vazio.

— Bem, Dean, fique calmo um minuto, e conte-me qual é o sentido de ficar cruzando o país desse jeito.

Dean só conseguia corar e responder: — Ah, bem, sabe como é...

— Sal, por que está indo para a costa?

— É só por uns dias. Tenho que voltar pra faculdade.

— E esse tal de Ed Dunkel? Que tipo de pessoa é? — Nesse momento, Ed estava fazendo as pazes com Galatea no quarto; não precisou despender muito tempo. Não sabíamos o que dizer a Buli a respeito de Ed Dunkel. Ao perceber

que não sabíamos nada sobre nós mesmos, ele sacou três enormes baseados e disse que fumássemos de uma vez, pois logo o jantar estaria pronto.

— Não existe nada melhor para abrir o apetite! Uma vez, comi um horrível hambúrguer de carrinho de lanches, depois de fumar um, e me pareceu a coisa mais deliciosa do mundo. Voltei de Hudson na semana passada, fui falar com Dale sobre nossa plantação. Eu estava dormindo num motel certa manhã quando, de repente, fui jogado fora da cama. Aquele louco idiota tinha simplesmente dado um tiro na mulher, no quarto ao lado do meu. Todos ficaram ao redor, confusos, e o cara simplesmente pegou seu carro e sumiu, deixando a espingarda atirada no chão para o xerife. Eles finalmente o apanharam em Houma, bêbado como um lorde. Hoje em dia, não é seguro andar neste país sem uma arma. — Ele afastou o casaco para nos mostrar seu revólver. Depois, abriu a gaveta e nos mostrou o resto de seu arsenal. Em Nova York, certa ocasião, ele tivera uma minimetralhadora sob a cama. — Tenho algo melhor do que isso agora... uma Scheintotth, uma pistola alemã de gás; olhem essa beleza. Pena que tenha só um cartucho. Posso exterminar cem homens de uma vez com essa pistola, e ainda terei um bom tempo para planejar a fuga. Só há uma coisa errada: tenho apenas este cartucho.

Espero não estar por perto quando você resolver testá-la — disse Jane, lá da cozinha. — Mas como sabe que é uma cápsula de gás? — Buli fungou; ele não dava a menor atenção às investidas dela; mas escutava-as. Sua relação com a mulher era das mais estranhas; eles conversavam até altas horas da noite; Buli gostava de comandar a conversa, falava ininterruptamente com sua voz lúgubre e monótona. Ela tentava interrompê-lo, nunca conseguia; ao amanhecer, ele se cansava, e então era Jane quem falava; ele a ouvia, fungando e fazendo *pfunf* com o nariz. Ela era loucamente apaixonada por aquele homem, mas numa espécie qualquer de delírio; nunca se ouviam murmúrios e muxoxos naquela casa, apenas longas conversações, e um profundo companheirismo que nenhum de nós jamais estaria apto a compreender. Aquele tom curiosamente frio e antipático entre eles era, na verdade, um tipo de humor por meio do qual comunicavam um ao outro suas emoções mais variadas e sutis. O amor é tudo;

Jane nunca se afastava mais do que três metros de Buli, e nunca deixava de escutar uma só palavra dita por ele, e ele falava em voz bastante baixa, também.

Dean e eu estávamos loucos por uma noitada em Nova Orleans, e queríamos que Buli nos desse as dicas. Ele agiu como um verdadeiro desmancha-prazeres. — Nova Orleans é uma cidade aborrecida. É contra a lei ir ao bairro negro. Os bares são intoleravelmente chatos.

— Mas deve haver alguns bares ideais na cidade — arrisquei.

— O bar ideal não existe na América. Um bar ideal é algo fora do nosso alcance. Em 1910, um bar era. um lugar onde os homens iam se encontrar durante ou depois do trabalho, e só havia um longo balcão, corrimão de metal, escarradeiras, uma pianola para o fundo musical, espelhos, barris de uísque a dez *cents* o gole, ao lado de barris de cerveja a cinco *cents* a caneca. Agora, tudo o que há são enfeites cromados, mulheres bêbadas, veados, *barmen* hostis, proprietários angustiados que espreitam nas portas, preocupados com seus bancos de couro e com a polícia; gritaria em momentos inoportunos, e um silêncio mortal quando entra um estranho.

Discutimos a respeito dos bares. — Está certo — disse ele —, vou levar vocês a Nova Orleans, e provarei o que estou dizendo. — E ele nos levou deliberadamente para os bares mais insípidos. Deixamos Jane com as crianças, o jantar estava encerrado; ela estava lendo os classificados do *Times-Picayune,* de Nova Orleans. Perguntei se ela estava procurando emprego; ela respondeu simplesmente que aquela era a parte mais interessante do jornal. Buli foi conosco para a cidade, e continuou falando: — Vá com calma, Dean, que a gente chega lá, espero; tem uma balsa, não precisa tentar atravessar o rio com o carro. — Ele prosseguia. Dean ficava cada vez pior, e me confidenciou: — Ele me parece perfeitamente ajustado para seu destino ideal, que é uma psicose compulsiva em conflito com uma pitada de irresponsabilidade psicopática e alguma violência. — Ele olhava para Dean mais do que com o canto do olho. — Se você for para a Califórnia com esse louco, nunca chegará lá. Por que não fica em Nova Orleans comigo? Vamos apostar nas corridas de cavalo em Graetna, e descansaremos no meu quintal. Tenho uma linda coleção de facas, e estou

construindo um alvo. Há garotas gostosas na cidade também, se é que atualmente você ainda se interessa por isso. — Ele fungava. Estávamos na balsa; Dean tinha saltado do carro para se debruçar na amurada. Eu o segui, mas Buli permaneceu no carro, fungando, *pfunf*. Um místico espectro de nevoeiro pairava sobre águas castanhas naquela noite, junto com os negros destroços de madeira; do lado de lá, Nova Orleans reluzia num fulgor alaranjado, com alguns sombrios navios ancorados no porto, galeões nebulosos e fantasmagóricos com sacadas espanholas e popas ornamentadas, até nos aproximarmos e percebermos que não passavam de velhos cargueiros da Suécia ou do Panamá. As fornalhas da balsa resplandeciam na noite escura; os mesmos negros davam duro com as pás e cantarolavam. O velho Big Slim Hazard trabalhou, certa vez, na balsa de Algiers, limpando o convés; isso me fez lembrar também de Mississipi Gene; e, enquanto o rio descia pelo centro da América, reluzindo sob as estrelas cintilantes, eu soube, compreendi loucamente que tudo quanto eu jamais conhecera, e tudo quanto haveria de conhecer, era apenas o Uno. É estranho, também, que, nessa mesma noite em que cruzávamos o rio na balsa com Buli, uma garota tenha se suicidado, jogando-se do tombadilho, logo antes ou depois de nós; lemos a notícia nos jornais do dia seguinte.

Rondamos todos os apáticos bares do bairro francês com Old Buli, e voltamos para casa à meia-noite. Naquela noite, Marylou tomou de tudo, tudo o que está nos manuais, maconha, excitantes, benzedrina, álcool, e chegou a pedir um pico de M. a Old Buli, que, é claro, não o deu, servindo-lhe apenas um martini. Ela estava tão saturada de substâncias diversas, que ficou imobilizada, petrificada e paralisada no alpendre, comigo. Era um alpendre fascinante, o de Buli. Rodeava a casa inteira, entre os salgueiros; ao luar, aquilo tudo parecia uma velha mansão sulista que conhecera melhores dias. Dentro de casa, Jane permanecia sentada e lia os classificados; Buli estava no banheiro tomando um pico, apertando sua velha gravata preta entre os dentes para fazer um torniquete, e fincando a agulha em seu esquálido braço, entre milhares de picadas; Ed Dunkel estava esparramado com Galatea por sobre o leito senhorial que Jane e

Buli jamais usavam; Dean enrolava uns baseados; Marylou e eu imitávamos a aristocracia sulista:

— Alô, Miss Lou, você está verdadeiramente deslumbrante esta noite.

— Obrigado, Crawford, realmente aprecio seus elogios encantadores.

Portas se abriam e fechavam ao redor do alquebrado alpendre, e membros daquele nosso triste drama da noite americana entravam e saíam incessantemente, para ver onde todos haviam se enfiado. Finalmente, dei uma caminhada solitária até o dique. Queria me sentar na margem enlameada e curtir o rio Mississipi; ao invés disso, tive de contemplá-lo com o nariz encostado numa tela de arame. Quando começam a separar as pessoas de seus rios, o que nos resta? — Burocracia! — diz Old Buli; sentado com o Kafka aberto no colo, as luzes brilham acima de sua cabeça, e ele funga *pfunf.*

Sua velha casa inteira estala. E as toras de madeira de Montana rolam pelo rio noturno, escuro e imenso. — Nada mais nos resta, só a burocracia! E os sindicatos! Principalmente os sindicatos! — Mas sua gargalhada fúnebre voltaria a ecoar.

7

Comecei a ouvi-la de manhã, quando acordei radiante e encontrei Old Buli e Dean no quintal. Dean tinha vestido seu macacão de mecânico, e ajudava Buli. Ele tinha encontrado um enorme pedaço de madeira podre, e desesperadamente arrancava com um martelo todos os pequenos pregos ali fincados. Olhamos para os pregos; havia milhões deles; eram como vermes.

— Quando terminar de arrancar todos esses pregos, vou construir uma prateleira que vai durar *mil anos!* — disse Buli, com cada músculo da face resplandecendo de pura satisfação infantil. — E então, Sal, já percebeu que as prateleiras feitas hoje em dia quebram, ou então desabam sob o peso das quinquilharias depois de seis meses de uso? O mesmo acontece com as casas, e

com as roupas. Esses filhos da puta já inventaram o plástico, e com ele poderiam fazer casas que durariam *para sempre*. E os pneus? Os americanos se matam aos milhões, todos os anos, com pneus defeituosos de borracha defeituosa, que aquecem nas estradas e estouram. Eles poderiam fabricar pneus que nunca estourassem. Com a pasta de dentes acontece a mesma coisa. Eles inventaram uma espécie de goma que não mostram a ninguém, uma goma que, se fosse mascada quando criança, a pessoa não teria uma única cárie até o fim dos seus dias. Com as roupas, a história se repete. Eles poderiam fazer roupas que durariam para sempre. Preferem fazer trapos ordinários, para que todo mundo continue trabalhando e batendo ponto, e se organizando em sindicatos imbecis e se aborrecendo, enquanto a grande safadeza prossegue em Washington e Moscou. — Ergueu sua grande peça de madeira podre. — Não acha que dará uma esplêndida prateleira?

Era bem cedo; sua energia estava no máximo. Meu pobre amigo mandava tantas drogas para dentro do corpo, que só conseguia vegetar naquela cadeira a maior parte do dia, com a luz acesa e o sol a pino; mas, pela manhã, ele era magnífico. Começamos a atirar facas no alvo. Ele contou que tinha visto um árabe em Túnis, capaz de atingir o olho de um homem a mais de dez metros de distância. Isso o fez lembrar de sua tia, que tinha ido à Casbá nos anos 30. — Ela estava com um grupo de turistas, acompanhados por um guia. Usava um anel de diamantes no mindinho. Escorou-se a uma parede para descansar alguns instantes, quando um árabe lhe arrancou o anel antes que ela conseguisse gritar. De repente, ela percebeu que não tinha mais o mindinho. Ih, ih, ih, ih, ih! — Quando ria, ele comprimia os lábios e fazia o riso sair da barriga, lá do fundo, e se dobrava até os joelhos. Riu por um longo tempo. — Ei, Jane! — exclamou, exultante. — Eu estava contando para Dean e Sal o que aconteceu com minha tia na Casbá!

— Eu ouvi — disse ela da porta da cozinha, deixando sua voz flutuar na manhã amena do golfo. Lindas, formosas nuvens pairavam acima de nós, nuvens do vale, que nos permitiam compreender toda a vastidão da velha, arruinada e santa América, de ponta a ponta, de costa a costa. Buli estava ligadíssimo: —

Sal, já lhe contei sobre o pai de Dale? Era o velho mais engraçado do mundo. Sofria de parestesia, uma doença que corrói a parte frontal do cérebro, e já não se é mais responsável pelo que passa pela cabeça. Ele tinha uma casa no Texas, e os carpinteiros trabalhavam vinte e quatro horas por dia construindo novas alas. Ele acordava no meio da noite e dizia: "Não quero mais essa maldita ala; construam-na daquele lado". Os carpinteiros tinham que desmanchar tudo e começar outra vez. Pela manhã, podia-se vê-los martelando as novas paredes. Mas o velho, de saco cheio daquilo tudo, dizia: "Raios, quero ir para o Maine!" Entrava no seu carro e arrancava a cento e sessenta por hora... imensas nuvens de penas de galinhas acompanhavam sua trajetória por centenas de quilômetros. Era capaz de parar o carro no meio da rua, numa cidade qualquer do Texas, e sair para comprar uísque. O tráfego engarrafava atrás dele, os carros buzinavam, ele saía da loja e gritava: "Calem a boca, *cambaia de cilhos da suta!"* Ele ciciava, ainda por cima; quando se tem parestesia, a pessoa cicia. Uma noite, ele apareceu na minha casa em Cincinnati, buzinou e disse: "Vamos lá, vamos visitar Dale no Texas". Estava voltando do Maine. Afirmava que tinha comprado uma casa — ah, escrevemos uma história a respeito dele, na faculdade: é um naufrágio terrível, as pessoas tentam desesperadamente se agarrar nas bordas do barco salva-vidas, e o velho está lá com uma machadinha, cortando os dedos de todos eles. *"Sóra daqui, steus cilhos zda suta. Ezce barco é beu."* Ih, ele era horrível. Poderia passar o dia inteiro contando histórias sobre ele. Diga, o dia não está lindo?

E estava mesmo. Mansas brisas sopravam do dique; só isso já valia a viagem inteira. Seguimos Buli casa adentro para tirar a medida da parede para a prateleira. Na sala de jantar, ele nos mostrou a mesa que tinha construído. A madeira tinha quinze centímetros de espessura. — Esta mesa vai durar mil anos! — disse Buli, inclinando seu longo rosto chupado até nós, como um maníaco. Ribombou o tampo da mesa com a mão firme.

Ao pôr-do-sol, ele se sentava à mesa, ciscando a comida e jogando os ossos para os gatos. Tinha sete gatos. — Adoro gatos. Especialmente os que miam desesperadamente quando os suspendo acima da banheira. — Insistiu em

fazer uma demonstração; havia gente no banheiro. — Bem — disse —, não dá para mostrar agora. Sabem, estou brigado com os vizinhos aí do lado; — ele nos falou a respeito dos vizinhos: era uma multidão de crianças impertinentes, que jogavam pedras em Dodie e Ray, e às vezes em Old Buli, por cima da pequena cerca. Buli ordenou que parassem com aquilo; o pai das crianças saiu de casa e gritou alguma coisa em português. Buli voltou para casa e retornou ao quintal com sua espingarda, sobre a qual se apoiou com pompa e seriedade; exibia a anatomia incrível de seu meio sorriso sob o chapéu de brim, seu corpo inteiro se retorcia timidamente como uma serpente, enquanto ele aguardava; um grotesco, delgado, solitário espantalho sob o firmamento. Ao vê-lo, o português deve tê-lo tomado por algo saído de um antigo e terrível pesadelo.

Vasculhávamos o quintal, procurando o que fazer. Havia uma cerca imensa que Buli estava construindo para separá-lo dos odientos vizinhos; nunca seria concluída, a tarefa era pesada demais. Ele a sacudia para a frente e para trás, para mostrar como era sólida. Subitamente, ficou cansado, calado, entrou na casa e desapareceu; enfiou-se no banheiro para tomar seu pico de antes do almoço. Saiu com os olhos vidrados e relaxado, e foi sentar-se sob uma lâmpada acesa; a luz tênue do sol entrava debilmente pelas cortinas cerradas. — Escutem, por que não experimentam meu acumulador de orgones? Ponham mais tutano em seus ossos. Saio sempre voando dali direto para o cabaré mais próximo, a cento e cinqüenta, ror, ror, ror! — Esse era seu riso “risado” — quando ele não estava rindo de verdade. O acumulador de orgones é uma caixa grande onde um homem se senta numa cadeira: uma camada de madeira, outra de metal, e mais uma de madeira capturam orgones da atmosfera, e os mantêm cativos até que o corpo humano os absorva numa quantidade superior à porção usual. Segundo Reich, orgones são átomos atmosféricos vibratórios do princípio vital. As pessoas ficam com câncer porque perdem seus orgones. Old Buli achava que seu acumulador de orgones seria mais eficiente se a madeira utilizada fosse a mais orgânica possível, e, assim, amarrava arbustos e galhos da vegetação pantanosa na sua estufa mística. Ela ficava no quintal abafado.

Old Buli se livrou das roupas e foi sentar-se lá dentro, meditando sobre seu umbigo. — Escute, Sal, depois do almoço eu e você vamos apostar nas corridas de cavalo lá em Graetna. — Era um sujeito esplêndido. Tirou uma soneca depois do almoço, sentado em sua cadeira, com a pistola de ar comprimido no colo e o pequeno Ray agarrado ao pescoço, dormindo também. Era um belo quadro, pai e filho juntos, um pai que certamente jamais encheria o saco de seu filho quando chegasse a hora de descobrir coisas novas e conversar sobre elas. Ele acordou num sobressalto e me encarou. Levou um minuto para me reconhecer. — Por que está indo para a costa, Sal? — perguntou, voltando a cochilar.

Durante a tarde fomos para Graetna, apenas Buli e eu. Pegamos seu velho Chevy. O Hudson de Dean era baixo, macio e lustroso; o Chevy de Buli era alto, frouxo e barulhento. Era como se estivéssemos em 1910. O local das apostas ficava num bar enorme, repleto de artefatos de couro e metais cromados, e que dava para uma sala imensa, com listas de competidores e números inscritos nas paredes. Sujeitos de Louisiana vadiavam por ali, com exemplares da *Racing Form* debaixo do braço. Buli e eu tomamos uma cerveja, e Buli inclinou-se desleixadamente sobre um caça-níqueis, enfiando-lhe uma moeda de meio dólar. A máquina trepidou “Valete” — “Valete” — “Valete” —, e o último “Valete” ficou suspenso por um instante, voltando um espaço atrás para “Cereja”. Ele perdeu cem dólares ou mais por um fio de cabelo. — Merda! — gritou Buli. — Estas máquinas são viciadas, está na cara. O valete que faltava estava vindo, e à máquina o fez retroceder. Bem, o que se pode fazer? — Examinamos a *Racing Form.* Eu, que não apostava nos cavalos havia anos, fiquei estonteado com tantos nomes novos. Havia um cavalo chamado Big Pop que me fez entrar num transe temporário, relembrando meu pai, que costumava apostar nos cavalos e me levava junto. Eu estava a ponto de mencionar isso para Old Buli, quando ele disse: — Bem, acho que vou apostar nessa Ebony Corsair aqui.

Então eu disse, finalmente: — Big Pop me faz lembrar de meu pai.

Ele hesitou um segundo; seus límpidos olhos azuis fixaram-se nos meus hipnoticamente, de forma que eu não conseguia imaginar o que ele estava

pensando, ou onde estava. Então, seguiu em frente e apostou em Ebony Corsair. Big Pop venceu, e pagou cinqüenta por um.

— Raios! — exclamou Buli. — Eu devia saber. Já tinha tido essa experiência antes. Oh, quando aprenderemos?

— O que está querendo dizer?

— Refiro-me a Big Pop. Você teve uma visão, garoto, uma *visão.* Só os idiotas não dão atenção às visões. Está na cara que seu pai, um velho apostador das corridas, tentou se comunicar com você momentaneamente para dizer que Big Pop ia vencer. O nome despertou em você a sensação, ele se aproveitou disso para se comunicar. Era nisso que eu estava pensando, quando você mencionou sua lembrança. Meu primo, em Missouri, certa vez apostou num cavalo cujo nome lhe fazia lembrar a mãe, e ganhou um monte de dinheiro. Aconteceu o mesmo esta tarde! — Ele sacudiu a cabeça. — Ah, vamos embora. É a última vez que venho apostar no prado com você por perto; tantas visões assim acabam me distraindo. — No carro, enquanto dirigíamos de volta à sua velha casa, ele falou: — Algum dia a humanidade compreenderá que, na verdade, mantemos contato constante com os mortos e com o outro mundo, seja ele qual for; neste exato instante, se tivéssemos força de vontade suficiente, poderíamos prever o que vai acontecer nos próximos cem anos, e seríamos capazes de agir para evitar todas as espécies de catástrofes. Quando um homem morre, seu cérebro passa por uma mutação da qual nada sabemos agora, mas que será bastante clara algum dia, se os cientistas se ligarem nisso. O problema é que, por enquanto, esses filhos da puta só estão interessados em descobrir como explodir o planeta.

Contamos tudo para Jane. Ela fungou. — Isso me parece uma bobagem. — Ela passava a vassoura pela cozinha. Buli se enfiou no banheiro para o pico da tarde.

Lá fora, na estrada, Dean e Ed Dunkel estavam jogando basquete com a bola de Dodie, substituindo o cesto por um balde pendurado num poste. Fui juntar-me a eles. Começamos a fazer proezas atléticas. Dean me impressionou profundamente. Ele fez Ed e eu segurarmos uma barra de ferro, na altura das

nossas cinturas, e, sem tomar nenhuma distância, pulou por sobre ela, agarrando os tornozelos. — Vão em frente, levantem mais. — Fomos levantando a barra até a altura de nossos peitos, e, mesmo assim, ele continuava saltando sobre ela, com facilidade. Depois, experimentou um salto em distância e marcou pelo menos seis metros, ou mais. Depois, apostamos uma corrida na estrada. Consigo fazer cem metros em dez segundos. Ele passou voando por mim, como o vento. Enquanto corríamos, tive uma louca visão na qual Dean corria assim pela vida, seus braços trabalhavam como pistões, suor escorria de sua fronte, suas pernas se contorciam como as de Groucho Marx, e gritava sempre: — Sim! Sim, cara, claro que você consegue me acompanhar! — Mas ninguém era tão rápido quanto ele, essa é a verdade. Então, Buli chegou com um par de facas, e começou a nos demonstrar como desarmar um sujeito num beco escuro. Eu, de minha parte, mostrei-lhe um truque muito bom, que consiste em jogar-se ao chão na frente do seu adversário, agarrá-lo pelos tornozelos e fazê-lo cair sobre suas próprias mãos, e segurá-lo pelos pulsos num *nelson*[1] completo. Ele achou ótimo. Depois, deu umas demonstrações de jiu-jitsu. A pequena Dodie chamou a mãe até a varanda, e disse: — Venha ver esses malucos. — Era uma coisinha tão querida e encantadora, que Dean não conseguiu despregar os olhos dela.

[1] *Na luta romana, uma das maneiras de agarrar o adversário. (N. do E.)*

— Uau! Espere só ela crescer! Já a imaginou rebolando pela Canal Street com esses olhos lindos? Ah! Oh! — E assobiava entre os dentes.

Passamos um dia louco em Nova Orleans, na companhia dos Dunkel. Naquele dia, Dean estava fora de si. Quando viu os vagões de carga no pátio de manobras, quis me mostrar tudo de uma só vez. — Você ainda vai trabalhar na rede ferroviária, antes de a gente se separar! — Ele, eu e Ed Dunkel corremos entre os trilhos, e saltamos num trem em movimento em três pontos diferentes; Marylou e Galatea esperavam no carro. Seguimos dependurados no trem por um quilômetro, acenando para os guarda-freios e para os sinalizadores. Eles me ensinaram a maneira correta de descer de um vagão em movimento: primeiro o pé de trás, depois você se afasta do trem, faz meia-volta e baixa o outro pé. Eles

me mostraram os vagões refrigerados, os compartimentos de gelo, ideais para uma noite de inverno quando o trem está vazio. — Lembra aquela viagem que fiz do Novo México até L.A.? — gritou Dean. — Eu ia pendurado desse jeito...

Uma hora depois, voltamos para as garotas, que, logicamente, estavam furiosas. Ed e Galatea tinham decidido arranjar um quarto em Nova Orleans e ficar por lá trabalhando. Para Buli, que começava a ficar de saco cheio daquela corja toda, estava ótimo. O convite, inicialmente, fora unicamente para mim. No quarto da frente, onde Dean e Marylou dormiam, havia manchas de geléia e café, e tubos de benzedrina vazios esparramados pelo chão; o pior é que era o quarto de trabalho de Buli, e ele não podia ficar lidando com suas prateleiras e tudo o mais. A pobre Jane ficava constantemente perturbada pela agitação e contínua correria de Dean. Estávamos esperando meu próximo cheque, da bolsa do governo; minha tia o enviaria. Depois, cairíamos fora, nós três — Dean, Marylou e eu. Quando o cheque chegou, percebi que não queria deixar a maravilhosa casa de Buli assim tão rápido, mas Dean estava cheio de energia e louco para ir.

Num melancólico entardecer dourado, finalmente nos instalamos no carro, enquanto Jane, Dodie, o pequeno garoto Ray, Buli, Ed e Galatea, parados no meio do enorme gramado, sorriam. Era o adeus. No último instante, Dean e Buli se desentenderam por uma questão de dinheiro. Dean pedira-lhe um empréstimo; Buli respondera não, de maneira alguma. Era como se os velhos dias no Texas estivessem de volta. Dean, o vigarista, se antagonizava com as pessoas, afastando-as de si cada vez mais. Mas ele ria como um maníaco, e não dava a menor bola; esfregou a braguilha, mexeu o dedo sob a saia de Marylou, alisando-a por ali, e disse, espumando pelo canto da boca: — Querida, você sabe, e eu também, que tudo está bem entre nós, para além das mais profundas definições abstratas em termos metafísicos, ou quaisquer outros termos que quiser especificar ou impor com singeleza ou retomar — e assim por diante, e, *zum,* o carro rodava, e lá fomos nós outra vez para a Califórnia.

8

Que sensação é essa de estar se afastando das pessoas, até que delas, ao longe, na planície, você só consegue distinguir minipartículas, dissolvendo-se na vastidão do infinito? — é o mundo que nos engole, é a despedida. Mas nos inclinamos à frente, rumo à próxima aventura louca sob o céu.

Rodamos sob a luz mormacenta e fatigada de Algiers, de volta à balsa, de novo na direção daqueles velhos navios enlameados e obscuros, do outro lado do rio, de novo a Canal Street, a cidade, numa estrada de duas pistas até Baton Rouge, sob a obscuridade purpúrea; ali, dobramos para o oeste e cruzamos o Mississipi num lugar chamado Port Allen. Port Allen — onde o rio é uma chuva de rosas sob a escuridão nebulosa e insignificante, onde seguimos por uma estrada sinuosa sob o fogo amarelado, onde, de repente, numa volta, vislumbramos um viscoso vulto volátil, que escoava suas águas sob a ponte, e cruzamos mais uma vez a eternidade. O que é o rio Mississipi? — um torrão lavado na noite chuvosa, um suave transbordamento das margens gotejantes do Missouri, um dissolver, uma cavalgada da corrente acima do leito eterno das águas; uma contribuição às espumas castanhas, uma jornada através de vales sem fim, e árvores, e diques, sempre abaixo, sempre descendo, por Memphis, Greenville, Eudora, Vicksburg, Natchez, Port Allen, e Port Orleans, e Port of the Deltas, passando por Potash, Venice, e o grande golfo da Noite, pelo mundo afora.

Com o rádio sintonizado num programa policial, exatamente quando olhei pela janela e vi um *outdoor* que dizia USE TINTAS COOPER, e disse: — Está bem, vou usar —, rodamos em meio à misteriosa luminescência da noite das planícies de Louisiana: Lawtel, Eunice, Kinder e De Quincy, cidades decrépitas, cada vez mais pantanosas à medida que nos aproximávamos do Sabine. Em Old Opelousas, entrei numa mercearia para comprar pão e queijo, enquanto Dean conferia a gasolina e o óleo. O bar não passava de um barraco; pude ouvir a família inteira jantando ali nos fundos. Esperei um instante; eles continuavam conversando. Peguei pão e queijo e escorreguei porta afora. Mal tínhamos di-

nheiro para chegar a Frisco. Enquanto isso, Dean roubou um pacote de cigarros no posto de gasolina; e pronto, estávamos com um estoque para a viagem: gasolina, óleo, cigarros e comida. Vigaristas em ação. Assim, rumamos direto para a estrada.

Em algum lugar nas redondezas de Starks, vimos um grande clarão avermelhado no céu à nossa frente; perguntamo-nos o que seria; momentos depois, estávamos passando por ali. Era um incêndio, por trás das árvores; havia muitos carros parados na pista. A causa podia ter sido a fogueira de um piquenique desastrado, ou qualquer outra coisa. A região se tornou estranha e sombria, próximo a Deweyville. De repente, estávamos na zona pantanosa.

— Cara, imagine se encontrássemos um bar com *jazz* no meio destes pântanos, com negrões enormes gemendo um *blue* nas guitarras, bebendo um trago forte e acenando pra nós.

— Sim!

Havia mistérios no ar. O carro seguia por uma estranha estrada esburacada, apenas um aterro acima do pântano, despencando para ambos os lados, num emaranhado de trepadeiras. Passamos por uma aparição: era um homem negro com uma camisa branca, que caminhava com os braços apontados para cima, para o firmamento enegrecido. Devia estar rezando ou rogando alguma praga. Zunimos em frente sem vacilar; olhei para trás pela janela e captei seus olhos alvos. — Uau! — disse Dean. — Cuidado! É melhor não pararmos neste pântano! — A certa altura, ficamos indecisos num cruzamento, e fomos mesmo obrigados a parar. Dean apagou os faróis. Estávamos rodeados por uma imensa floresta de cipós e trepadeiras, na qual quase podíamos ouvir o deslizar de um milhão de víboras. A única coisa que conseguíamos distinguir era a luz vermelha do amperímetro do Hudson. Marylou choramingou de medo. Começamos a imitar gargalhadas maníacas para amedrontá-la. Mas estávamos assustados também. Queríamos nos livrar dos domínios da Serpente, dessa lodosa e desnivelada escuridão, e zunir de regresso à familiar paisagem americana, com suas cidades corriqueiras. Havia um cheiro forte de petróleo e águas mortas. Tudo aquilo era um manuscrito noturno que não conseguíamos

decifrar. Um mocho piou. Decidimos arriscar uma das estradas, e logo estávamos cruzando o funesto e maligno rio Sabine, formador de todos esses pântanos. Vimos, maravilhados, grandes estruturas luminosas à nossa frente. — Texas! É o Texas! Beifcumont, a cidade do petróleo! — Enormes tanques e refinarias se agitavam como cidades, no ar fragrante e oleoso.

— Que alívio deixar aquele lugar! — disse Marylou. — Vamos escutar mais programas policiais, agora.

Zunimos por Beaumont, cruzamos o rio Trinity em Liberty, e seguimos direto para Houston. Dean começou a falar de seus dias em Houston, em 1947. — Hassel! Aquele louco Hassel! Aonde quer que eu vá, jamais o encontro. Ele costumava arrumar cada complicação, aqui no Texas! íamos comprar comida com Buli, e Hassel sumia. Tínhamos que procurá-lo em todos os bilhares da cidade. — Estávamos entrando em Houston. — Tínhamos que procurá-lo quase sempre nesta parte sinuosa da cidade. Cara, ele ficava ligadão com qualquer maluco que encontrasse. Certa noite, nós o perdemos, e tivemos que alugar um quarto num hotel. Tínhamos que levar o gelo de volta para Jane, porque a comida estava apodrecendo. Levamos dois dias para encontrar Hassel. Eu também me compliquei: arrochei donas-de-casa no meio da tarde, aqui mesmo no centro, nos supermercados — irrompemos na noite vazia —, e encontrei uma gata gostosa e estúpida que estava fora de si, apenas delirava, tentando roubar uma maçã. Ela era do Wyoming. Seu corpo gostoso era comparável à sua mente idiota. Encontrei-a balbuciando e arrastei-a para o quarto do hotel. Buli estava bêbado, tentando embebedar seu garotinho mexicano. Carlo estava escrevendo um poema sobre a heroína. Hassel só apareceu à meia-noite com o jipe. Fomos achá-lo adormecido no banco de trás. O gelo estava todo derretido. Hassel disse que havia tomado pelo menos cinco pílulas para dormir. Cara, se minha memória funcionasse no mesmo ritmo da mente, eu poderia contar cada detalhe de tudo o que fizemos! Ah, a gente sacava o espírito da coisa! Tudo toma conta de si mesmo. Posso fechar meus olhos, e esse velho carro tomaria conta de si mesmo.

Nas ruas de Houston, desertas às quatro da manhã, um garoto surgiu subitamente numa motocicleta, rugindo na madrugada silenciosa, todo reluzente e enfeitado, com botões cintilantes, óculos, jaqueta preta resplandecente, um poeta texano da noite, com uma garota grudada às suas costas como um bebê indígena, cabelos esvoaçantes, um jeitão de quem segue adiante, cantando: — Houston, Austin, Fort Worth, Dallas — e às vezes Kansas City — e outras vezes a velha Antone, ah-aaaaaah! — Dissolveram-se na escuridão. — Uau, olhem aquela gata agarrada na cintura dele! Vamos alcançá-los! — E Dean tentou alcançá-los. — Ah, não seria ótimo se todos nos juntássemos e fizéssemos uma festa de arromba, todo mundo numa boa, sem problemas, sem zangas, nenhum protesto infantil ou equivocados infortúnios corporais, ou qualquer espécie de atolamento? Ah, sabemos como a vida é, na verdade. — Fez um retorno brusco, forçou a máquina e foi embora.

Depois de Houston, as energias dele, por maiores que fossem, cederam, e eu tive de dirigir. Começou a chover assim que peguei a direção. Estávamos agora na grande planície do Texas e, como disse Dean: — A gente vai dirigir, dirigir, e amanhã de noite ainda não teremos saído do Texas. — A chuva nos açoitava. Dirigi por uma cidadezinha decadente, com uma avenida principal que era lama pura, e dei de cara com um beco sem saída. — Ei, o que faço agora? Os dois estavam dormindo. Dei a volta e tornei a cruzar a cidade. Não havia vivalma, nem uma luz sequer. Subitamente, um sujeito a cavalo, com um impermeável, apareceu no halo de meus faróis. Era o xerife. Usava um chapéu descomunal, que gotejava sob a chuvarada. — Como faço para pegar a estrada para Austin? — Ele me orientou polidamente, e eu me mandei. Fora da cidade, repentinamente, vi dois faróis, que brilhavam na minha direção sob a chuva açoitante. *Oops,* pensando que estava do lado errado da estrada, desviei para a direita, e quando dei por mim estava rodando na lama; retornei para a estrada. Os faróis ainda vinham na minha direção. No último instante, percebi que o outro motorista estava do lado errado da estrada, mas não sabia disso. Dei uma guinada, a cinqüenta por hora, direto para a lama; era escorregadia mas, graças a Deus, não havia valetas. O carro agressor foi detido no aguaceiro. Quatro

camponeses mal-encarados, que haviam fugido de sua faina para vociferar, alcoolizados, todos de camisas brancas e braços morenos, permaneciam sentados, olhando estupidamente para mim no meio da noite. O motorista estava tão bêbado quanto o resto do bando.

Ele perguntou: — Qual o caminho para Houston? — Apontei para trás com o polegar. Fiquei aterrado com a idéia de que eles teriam feito aquilo de propósito para pedir a informação, como um mendigo que aborda você de frente na calçada, obstruindo seu caminho. Eles olharam pesarosamente para o piso do carro, onde rolavam garrafas vazias, e saíram tinindo. Tentei arrancar; foi inútil, o carro estava atolado uns trinta centímetros na lama. Suspirei na chuvosa vastidão do Texas.

— Dean — disse —, acorde!

— O que é?

— Estamos atolados na lama.

O que aconteceu? — Eu lhe contei. Ele praguejou de tudo quanto foi jeito. Calçamos sapatos velhos, vestimos um suéter e mergulhamos na chuva torrencial. Encostei-me de costas no pára-choque traseiro, fiz força e consegui erguê-lo. Dean colocou correntes debaixo das rodas sibilantes. Em um minuto, estávamos cobertos de lama. Acordamos Marylou, e dissemos-lhe que, acelerasse o carro enquanto empurrávamos. O atormentado Hudson arfava e gemia. Subitamente, sacolejou e saiu derrapando, pela estrada. Marylou travou bem na hora; embarcamos. Resultado: o trabalho tinha nos tomado trinta minutos, estávamos encharcados e num estado deplorável.

Adormeci coberto de lama; quando acordei de manhã, a lama solidificara-se, e na rua tudo estava coberto de neve. Estávamos perto de Fredericksburg, no planalto. Foi um dos piores invernos na história do Texas e do oeste, quando o gado morreu como moscas, nas grandes tempestades de neve, e nevou até mesmo em San Francisco e L.A. Nós nos sentíamos uns desgraçados. Queríamos ter ficado em Nova Orleans, junto com Ed Dunkel. Marylou dirigia; Dean estava dormindo. Ela dirigia com uma mão na direção e a outra estendida para mim, no banco de trás. Suspirava promessas sobre o que faríamos em San Francisco. Eu

me sentia tremendamente lisonjeado com aquilo. Às dez, peguei a direção — Dean estaria fora do páreo por horas — e dirigi muitas centenas de monótonos quilômetros, entre moitas nevadas e colinas sisudas e escarpadas. *Cowboys* passavam com bonés de beisebol e orelhas cobertas, procurando pelo gado. Casinhas confortáveis, com chaminés fumegantes, apareciam vez por outra pela estrada. Eu sonhava com um prato de feijão e um copo de leite diante de uma lareira.

Em Sonora, dei um jeitinho para conseguir pão e queijo gratuito, enquanto o proprietário tagarelava com um rancheiro enorme do outro lado da loja. Dean deu hurras quando ficou sabendo disso; ele estava faminto. Não podíamos gastar nem um *cent* em comida. — *Yass, yass* — disse Dean, observando os rancheiros zanzando pra cima e pra baixo na avenida principal de Sonora —, todos eles são malditos milionários; têm milhares de cabeças de gado, peões, imóveis, dinheiro no banco. Se eu morasse aqui, seria um idiota na charneca, seria uma lebre, lamberia ramos tenros, procuraria por *cowgirls* gostosas — ih-ih-ih-ih! Raios! Bam! — Socou a si mesmo. — Sim! É isso aí! Ah! —- Já não sabíamos mais sobre o que ele estava falando. Pegou o volante, e voou o resto do caminho através do Estado do Texas, uns oitocentos quilômetros, direto até El Paso, chegando lá ao crepúsculo e sem paradas, exceto uma, quando tirou toda a roupa, perto de Ozona, e se meteu, pulando e gritando e correndo completamente nu, dentro da mata. Carros passavam zunindo e não o viam. Ele voltou apressadamente para o carro, e seguiu em frente. — Agora, Sal, agora, Marylou, quero que façam o mesmo que eu, tirem todas essas roupas — para que roupas? É isso aí o que eu tenho a dizer. Vamos bronzear juntos nossas lindas barrigas. Vamos lá. — íamos para o oeste, em direção ao sol, podíamos senti-lo através da janela do pára-brisa. — Abram suas braguilhas enquanto mergulhamos na direção do sol. — Marylou obedeceu, sem hesitação, e eu também. Estávamos no banco da frente, os três. Marylou nos besuntou de creme, só por gozação. De vez em quando, um grande caminhão passava zunindo; do alto da cabina, o motorista percebia, de relance, o lampejo de uma beleza dourada, nua, sentada entre dois homens também nus; podíamos vê-los dar uma guinada na estrada por

segundos, enquanto desapareciam pelo vidro de trás de nossa janela. Grandes planícies com arbustos, agora sem neve, se estendiam a perder de vista. Logo estávamos entre as rochas alaranjadas da região do *canyon* Pecos. Azuladas distâncias espraiavam-se sob o céu. Saímos do carro para visitar uma velha ruína indígena. Dean fez isso completamente nu. Marylou e eu vestimos nossos sobretudos. Perambulamos entre pedras antigas, urrando e uivando. Alguns turistas avistaram Dean nu na planície, mas não podiam acreditar em seus olhos, e seguiam em frente, trôpegos.

Dean e Marylou pararam o carro perto de Van Horn, e fizeram amor enquanto fui t dormir. Abordei exatamente quando estávamos rodando pelo espantoso vale do rio Grande, através de Clint e Ysleta, até El Paso. Marylou saltou para o banco de trás, eu pulei para o da frente, e seguimos a rota. À nossa esquerda, depois dos vastos espaços do rio Grande, viam-se as avermelhadas montanhas pantanosas da fronteira mexicana, a terra dos *tarahumares;* um entardecer ameno brincava na crista dos picos. Longe, em frente, tremeluziam as luzes distantes de El Paso e Juárez, disseminadas num vale tão imenso, que se podiam avistar várias linhas férreas, onde trens sopravam suas fumaças em todas as direções ao mesmo tempo, como se fosse o vale do Mundo. Baixamos na direção dele.

— Clint, no Texas — exclamou Dean. O rádio estava sintonizado na estação de Clint. A cada quinze minutos rolava uma música; o resto do tempo era preenchido com comerciais sobre um curso universitário por correspondência. — Esse programa é transmitido para todo o oeste — berrou Dean, entusiasmado. — Cara, eu costumava ouvir isso aí dia e noite, no reformatório e na prisão. Nós todos nos inscrevíamos. Quem passava nos testes recebia um diploma pelo correio, ou melhor, o *fac-símile dele.* Todos os jovens vaqueiros do oeste, de uma forma ou de outra, acabam se inscrevendo nisso aí; é só o que eles escutam; liga-se o rádio em Sterling, no Colorado, ou em Lusk, no Wyoming, não importa onde, pega-se Clint, no Texas. E a música é sempre essa: canções caipiras de *cowboy* e melodias mexicanas, simplesmente o pior programa da história do rádio no país, e não há nada que se possa fazer. Eles têm

uma potência espantosa; mantêm a terra inteira amarrada em suas antenas. — Vimos uma antena enorme atrás dos casebres de Clint. — Oh, cara, as coisas que eu poderia contar! — balbuciou Dean, quase chorando. Com os olhos voltados para Frisco e para a costa, entramos em El Paso ao cair da noite, totalmente duros. Simplesmente, tínhamos de arranjar algum dinheiro para a gasolina, ou não chegaríamos até lá. Tentamos de tudo. Ficamos rondando a agência de viagens, mas ninguém estava indo para o oeste naquela noite. Uma agência de viagem é o lugar onde se vai à procura de caroneiros para rachar a gasolina, costume legal no oeste. Sujeitos manhosos esperavam ali, com maletas surradas. Fomos à estação do Greyhound tentar persuadir alguém a nos dar o dinheiro, ao invés de pagar uma passagem num ônibus para a costa. Éramos tímidos demais para abordar alguém. Perambulamos por ali, abatidos. Estava, frio. Um colegial transpirava diante da gostosa Marylou, e tentava disfarçar suas emoções. Dean e eu nos consultamos, mas chegamos à conclusão de que não éramos gigolôs. De repente, um garotão meio idiota, recém-saído do reformatório, grudou-se na gente, e Dean e ele caíram fora para tomar uma cerveja. — Vamos lá, cara, vamos arrebentar a cabeça de alguém e pegar a grana dele.

— Falou, rapaz! — E eles se lançaram na noite. Por instantes, fiquei preocupado; mas Dean só queria curtir as ruas de El Paso com o garoto e tirar um sarro. Marylou e eu aguardamos no carro. Ela me envolveu em seus braços.

Eu disse: — Porra, Lou, espere até chegarmos a Frisco.

— Não me importo. Dean vai me abandonar, de qualquer maneira.

— Quando você volta para Denver?

— Não sei. Não me interessa aonde vou. Posso voltar com você para o leste?

— Vamos ter que descolar uma grana em Frisco.

— Conheço uma lanchonete onde você poderia conseguir um emprego de balconista, e eu serei garçonete. Sei de um hotel onde podemos ficar a crédito. Ficaremos juntos. Puxa, estou triste.

— Por que está triste, garota?

— Por tudo. Ah, merda, queria que Dean não estivesse tão doido. — Dean

voltou saltitante, risonho, e saltou para dentro do carro.

Que gato maluco era ele, uau! Foi um barato. Conheci milhares de garotos como ele, são todos iguais. As cabeças deles funcionam como um imenso e idêntico mecanismo de relógio. Ah, infinitas ramificações. Mas agora já não há tempo, não há tempo... — Ele pôs o carro em movimento, inclinando-se por sobre o volante, e rugimos para fora de El Paso. — Bem, vamos ter que apanhar caroneiros. Tenho certeza absoluta que encontraremos alguns. Hup, hup, lá vamos nós. Cuidado! — gritou ele para um motorista ao ultrapassá-lo, avistou um caminhão e cruzou os limites da cidade. Do outro lado do rio, viam-se as cintilâncias radiantes das luzes de Juárez, e a terra triste e ressequida, e as estrelas resplandecentes de Chihuahua. Marylou observava Dean como o fizera ao longo de todo o país, ida e volta: com o canto do olho — um ar sombrio e tristonho, como se quisesse cortar a cabeça dele e escondê-la em seu guarda-roupa, um amor irado e invejoso por alguém, que era tão propriamente ele mesmo, todo esfarrapado, sempre fungando e se agitando doidamente; ela lhe dirigia um sorriso de tenra idolatria, mas também sinistramente ciumento, que chegava a me assustar, um tipo de amor que não podia dar certo, porque quando ela olhava para sua cara protuberante e bem-talhada, com seu autocontentamento másculo e sua eterna distração, percebia que ele era louco demais. Dean estava convencido de que Marylou era uma piranha; confidenciou-me que ela era uma mentirosa patológica. Mas, quando ela o olhava desse jeito, havia paixão também; e, quando Dean notava isso, voltava-se para ela com seu grande sorriso hipócrita de conquistador, acompanhado pelo bale das pestanas, fazendo reluzir os dentes como pérolas alvas, enquanto no momento anterior estivera sonhando tão-somente com sua própria eternidade. Então, Marylou e eu ríamos — e Dean não dava sinais de descontentamento, apenas um sossegado sorriso de soslaio, que queria dizer algo do tipo: “Mas estamos nos divertindo, não estamos?” E estávamos mesmo.

Fora de El Paso, na escuridão, vimos um pequeno vulto, todo embrulhado, que exibia o polegar. Era nosso tão sonhado caroneiro. Brecamos de supetão e estacionamos ao lado dele. — Quanta grana você tem, garoto? — O garoto não

possuía nada, tinha dezessete anos mais ou menos, era pálido, estranho, com uma mão atrofiada, paralisada, e estava sem bagagem. — Ele não é simpático? — disse Dean, virando-se para mim com um ar sério e respeitoso. — Entre, garoto, vamos tirar você daqui — e o garoto viu que estava com sorte. Disse que tinha uma tia em Tulare, na Califórnia, e que ela era dona de uma mercearia; assim que chegássemos lá, ele teria algum dinheiro para nos dar. Dean rolou no chão de tanto rir, era uma tirada exatamente igual à do garoto da Carolina do Norte. — Sim! Sim! — ele gritou. — *Todos* nós temos tias; bem, vamos lá, vamos ver as tais tias, os tios e as mercearias espalhadas ao longo desse enorme trajeto! — E tínhamos um novo passageiro, que viria a se revelar mais tarde um cara cem por cento. Não dizia uma palavra, só nos escutava. Depois que Dean falou por um minuto, ele provavelmente se convenceu de que tinha embarcado num carro de dementes. Disse que estava indo de carona do Alabama para o Oregon, onde morava. Perguntamos o que estava fazendo no Alabama.

— Vim visitar meu tio; ele disse que havia um emprego pra mim numa serraria. O emprego falhou, e eu estou voltando pra casa.

— Indo pra casa — disse Dean —, indo pra casa, sim, eu sei, vou levar você pra casa; de qualquer maneira, pelo menos até Frisco. — Mas o problema é que não tínhamos um tostão. De repente, ocorreu-me que podia pedir uns cinco dólares emprestados a meu velho amigo Hal Hingham, em Tucson, no Arizona. Imediatamente, Dean disse que estava tudo certo, e que iríamos para Tucson; e fomos.

Cruzamos Las Cruces, no Novo México, durante a noite, e chegamos ao Arizona ao alvorecer. Despertei de um sono profundo e encontrei todos os outros dormindo como cordeiros no carro, estacionado sabe Deus onde, porque eu não conseguia ver nada pelas janelas embaçadas. Saí do carro, estávamos nas montanhas: um nascer do sol celestial, fresca brisa púrpura, encostas avermelhadas, pastos de esmeralda nos vales, orvalho, nuvens douradas transmutantes; no solo, tocas de roedores, cactos, arbustos ressequidos. Era minha vez de dirigir. Empurrei Dean e o garoto, e desci a encosta montanhosa em ponto morto, com o motor desligado para economizar gasolina. Dessa

maneira, rodei até Benson, no Arizona. Ocorreu-me que ainda possuía um relógio de bolso que Rocco me dera como presente de aniversário, um relógio que valia quatro dólares. No posto de gasolina, perguntei para o cara se ele sabia onde ficava a casa de penhora de Benson. Ficava justamente na porta ao lado do posto. Bati, alguém saiu da cama, e em um minuto recebi um dólar pelo relógio. Ele se dissolveu no nosso tanque. Agora tínhamos gasolina suficiente para chegar a Tucson. Mas, de súbito, um policial enorme, com uma pistola na cintura, apareceu justamente quando eu estava dando a partida; pediu os documentos do carro e a carteira de motorista. — O rapaz no banco de trás tem os documentos — disse eu. Dean e Marylou estavam dormindo juntos sob um cobertor. O guarda disse para Dean sair do carro. De repente, ele sacou a pistola e gritou: — Mãos ao alto!

— Seu guarda — ouvi Dean dizer no tom mais gorduroso e ridículo possível —, seu guarda, estou apenas fechando a braguilha! — Até o guarda quase riu. Dean saiu do carro, roto, enlameado, de camiseta, alisando a barriga, blasfemando, procurando em todos os cantos pelo certificado de propriedade e sua carteira de motorista. O guarda revistou nosso porta-malas. Todos os papéis estavam em ordem.

— Só queria verificar — disse, com um sorriso amplo. — Podem ir agora. Benson não é uma cidade de todo má; poderão até gostar se tomarem o café da manhã aqui.

— Sim, sim, sim — disse Dean, sem prestar a menor atenção a ele e fazendo arrancar o carro. Suspiramos, aliviados. A polícia fica com a pulga atrás da orelha quando gangues de garotões aparecem com carros novos sem um tostão em seus bolsos, e têm de empenhar relógios para a gasolina. — Ah, eles estão sempre se metendo onde não são chamados — disse Dean —, mas esse era muito melhor do que aquele rato da Virgínia. Querem fazer prisões que ganhem manchetes nos jornais, pensam que em cada carro que passa há uma gangue de Chicago. Eles não têm mais o que fazer. — Seguimos para Tucson.

Tucson está situada numa bela região rural, entre arbustos e à margem do rio, dominada pela serra de Catalina. A cidade era uma grande loja de materiais

de construção; as pessoas, apressadas, loucas, ambiciosas, ocupadas, alegres; varais espalhados pelos quintais, *trailers;* as ruas fervilhantes e embandeiradas do centro; tudo muito californiano. A Fort Lowell Road, onde Hingham morava, fora da cidade, estendia-se entre árvores graciosas e a planície desértica. Vimos o próprio Hingham meditando no jardim. Ele era um escritor satírico; viera para o Arizona para trabalhar em paz em seu livro. Era um cara alto, desengonçado, um sátiro tímido, que falava murmurando e com a cabeça voltada para o lado, sempre dizendo coisas engraçadas. Sua mulher e o bebê estavam com ele na casa, uma pequena casa que seu padrasto índio havia construído. A mãe dele morava depois do jardim, em seu próprio cantinho. Era uma mulher excitada, americana, que gostava de poesia, bijuterias e livros. Hingham tinha ouvido falar de Dean por cartas que eu escrevera de Nova York. Caímos sobre ele como nuvens, todos famintos, até Alfred, o caroneiro aleijado. Hingham vestia um velho suéter e fumava cachimbo no ar penetrante do deserto. Sua mãe saiu da casa, e nos convidou para comer em sua cozinha. Fizemos macarrão numa enorme panela.

Depois disso fomos até a esquina, numa loja que vendia bebidas, onde Hingham trocou um cheque de cinco dólares e me deu o dinheiro.

Houve uma breve despedida. — Sem dúvida, foi bastante agradável — disse Hingham, olhando-nos de soslaio. Atrás de umas árvores, do outro lado do areai, piscava um grande letreiro de neon vermelho. Era o *saloon* onde Hingham sempre ia beber cerveja, quando estava farto de .escrever. Agora, sentia-se muito solitário, queria voltar a Nova York. Foi triste ver sua figura alta mergulhando na escuridão, enquanto nos afastávamos, exatamente como outras silhuetas em Nova York e Nova Orleans: permaneciam incertas sob céus imensos, e tudo o que lhes dizia respeito ia aos poucos se desmoronando. Aonde ir? O que fazer? Para quê? — dormir. Aquela louca gangue seguia em frente.

9

Nos arredores de Tucson, vimos outro caroneiro na estrada escura. Era um caipira que vinha de Bakerfield, na Califórnia, e que registrou sua história: — Que *grande* merda! Saí de Bakerfield com o carro de uma agência de viagem e esqueci minha viola no porta-mala de outro, e ele sumiu de vez — o violão e meus cacarecos de *cowboy;* vocês já devem ter percebido, sou músico, estava indo pro Arizona tocar com Johnny Mackaw e os Sagebrush Boys. Bem, que inferno, aqui estou eu no Arizona, duro, e meu violão foi roubado. Se vocês, rapazes, me levarem de volta para Bakerfield, pedirei dinheiro a meu irmão. Quanto vocês me cobram? — Queríamos apenas gasolina suficiente para cobrir a distância de Frisco a Bakerfield, uns três dólares. Agora, éramos cinco no carro. — Basnoite, madame — disse ele, tirando o chapéu para Marylou, e nós caímos fora.

No meio da noite, sobrevoávamos as luzes de Palm Springs por uma estrada nas montanhas. Ao amanhecer, em desfiladeiros nevados, avançamos lentamente rumo à cidade de Mojave, que fora o pórtico de entrada para o grande passo Tehachapi. O caipira acordou e contou histórias engraçadas; o pequeno e singelo Alfred sorria, sentado. O caipira nos disse que conhecia um homem que perdoara a esposa, que havia disparado nele, e a tirara da prisão, só para ser atingido uma segunda vez. Estávamos passando pela penitenciária feminina quando ele nos contou isso. Mais adiante, à frente, vimos o começo do passo Tehachapi. Dean pegou a direção e nos conduziu, sem problemas, ao topo do mundo. Passamos por uma grande fábrica de cimento oculta no *canyon.* Então, começamos a descer. Dean desligou o motor, deixou o carro em ponto morto e enfrentou as curvas fechadas, ultrapassando todos os carros e fazendo tudo o que está nos manuais, sem o auxílio do acelerador. Eu me agarrava com firmeza. Às vezes, a estrada subia por instantes, e ele simplesmente ultrapassava os outros carros sem o menor ruído, em instantes cristalinos. Ele conhecia todos os truques, todos os segredos de uma ultrapassagem de primeira classe. Quando queria fazer uma curva de cento e oitenta graus, deixando para trás uma

minúscula murada de pedra que permitia visualizar o abismo do fim do mundo, ele apenas se inclinava inteiramente à esquerda, com as mãos firmes na direção, os braços rijos, conduzindo com segurança absoluta; e quando a curva serpenteava outra vez para a direita, agora com o penhasco escancarado à nossa esquerda, ele se inclinava todo para a direita, fazendo com que Marylou e eu nos inclinássemos juntos. Dessa maneira, flutuamos oscilantes em direção ao vale de San Joaquin. O vale se esparramava amplamente dois quilômetros à nossa frente, virtualmente o assoalho da Califórnia, febril e extraordinário de onde podíamos vê-lo, suspensos à beira do nosso rochedo. Percorremos cinqüenta quilômetros sem gastar uma gota de gasolina.

De repente, estávamos todos excitados. Dean queria me contar tudo o que sabia de Bakerfield, quando atingimos os arredores da cidade. Ele me mostrava pensões onde se hospedara, hotéis ao lado dos trilhos, bilhares, lanchonetes, pátios de manobra onde saltara da locomotiva para colher uvas; restaurantes chineses onde comia, bancos de praça onde conheceu garotas, e certos lugares onde não havia feito nada, apenas se sentara e aguardara. A Califórnia de Dean — louca, tórrida, célebre, a terra onde os amantes solitários, excêntricos e exilados vêm confraternizar como pássaros migratórios; a terra onde, de alguma forma, todos se parecem com artistas de cinema, decadentes, elegantes e arruinados.

— Homem, passei horas sentado exatamente naquela cadeira, em frente àquela farmácia. — Ele se lembrava de tudo — cada lance, cada mulher, cada triste noite. De repente, estávamos passando pelas proximidades da linha férrea onde Terry e eu nos tínhamos sentado, naqueles caixotes dos vagabundos ao luar, bebendo vinho, em outubro de 1947, e tentei contar tudo para Dean. Mas ele estava excitado demais. — E aqui é o lugar onde Dunkel e eu passamos a manhã inteira bebendo cerveja e tentando faturar uma garçonete de Watsonville... não, de Tracy, sim, Tracy... e o nome dela era Esmeralda... ah, cara, algo assim. — Marylou estava planejando o que faria no momento em que chegasse a Frisco. Alfred disse que a tia lhe daria dinheiro suficiente em Tulare. O caipira nos conduziu em direção à casa de seu irmão, fora da cidade.

Ao meio-dia, estacionamos em frente a um pequeno casebre coberto de rosas; o caipira entrou e conversou com uma mulher. Esperamos uns quinze minutos. — Estou começando a achar que esse sujeito não tem mais dinheiro do que eu — disse Dean. — Vamos nos encrencar ainda mais! Provavelmente, ninguém da família dele lhe dará um *cent,* depois de uma fuga estúpida como essa. — O caipira saiu envergonhado e nos guiou até a cidade.

— Que *grande* merda, gostaria de poder encontrar meu irmão. — Fez um monte de perguntas. Certamente, sentia-se nosso prisioneiro. Finalmente, fomos a uma grande confeitaria, e ele saiu de lá com seu irmão, que usava um macacão e provavelmente era mecânico de caminhão. O caipira conversou com o irmão alguns minutos. Esperamos no carro. Ele estava contando a todos os seus parentes suas desventuras, e falava sobre a perda do violão. Mas arranjou o dinheiro. Finalmente, estávamos preparados para Frisco. Agradecemos e caímos fora.

A próxima parada era Tulare. Roncamos vale acima. Eu ia deitado no banco de trás, exausto, prestes a desistir de tudo; em determinado momento daquela tarde, enquanto cochilava, o Hudson enlameado zuniu pelas barracas nos arredores de Sabinal, cidade onde eu morara, amara e trabalhara, num passado espectral. Dean estava curvado rigidamente por sobre a direção, esmurrando-a. Eu dormia quando finalmente chegamos a Tulare; acordei para ouvir detalhes dementes: — Sal, acorde! Alfred encontrou o armazém da tia, mas sabe o que aconteceu? A tia dele deu um tiro no marido, e foi presa. O armazém está fechado. Não temos nem um tostão. Pense nisso! Que coisas acontecem! O caipira nos contou uma história exatamente igual, problemas em todos os cantos, situações embananadas... ah, merda! — Alfred roía as unhas. Estávamos deixando a estrada para o Oregon, em Madera, e ali nos despedimos do pequeno Alfred. Desejamos boa sorte e feliz viagem até o Oregon. Ele disse que aquela fora a melhor carona que jamais pegara.

Em minutos começamos a rodar pelo sopé das colinas de Oakland quando, repentinamente, atingimos o cume de um morro e vimos, esparramada à nossa frente, a fabulosa cidade de San Francisco, clara, sobre suas onze colinas

místicas, com o Pacífico azulado e sua muralha elevada, e uma plantação de batatas ao longe, sob a névoa, e fumaça e resplendor no fim de tarde do tempo. — Lá está ela explodindo! — gritou Dean. — Uau! Conseguimos! Nem uma gota a mais de gasolina! Me dê um gole d'água! Acabou-se o caminho! Não podemos seguir adiante porque não há mais caminho! E agora, Marylou querida, você e Sal vão para um hotel imediatamente, e esperem até que eu entre em contato com vocês pela manhã, tão logo tudo fique claro entre mim e Camille, e telefone pro francês pra falar sobre meu relógio na ferrovia, e a primeira coisa que você e Sal farão será comprar um jornal para olhar os classificados e os anúncios de emprego. — E lá fomos nós por sobre a ponte da baía de Oakland. Os grandes prédios de escritórios do centro cintilavam, fazendo-nos pensar em Sam Spade. Quando, atordoados, desembarcamos do carro na O'Farrel Street, e farejamos, e nos espreguiçamos, foi como desembarcar numa praia depois de uma longa viagem em alto-mar; a rua lamacenta girava sob nossos pés; misteriosos *chop sueys* do bairro chinês de Frisco flutuavam no ar. Tiramos todas as nossas coisas do carro e as empilhamos na calçada.

Subitamente, Dean estava dando adeus. Quase explodia de tanta vontade de rever Camille e descobrir tudo o que havia se passado com ela. Marylou e eu ficamos parados na calçada, abobalhados, observando-o zarpar com o carro. — Viu que filho da puta? — disse Marylou. — Dean é capaz de deixar você na mão, toda vez que pinta algo que o interesse mais.

— Eu sei — respondi; olhei para o leste e suspirei. Não tínhamos nenhum tostão. Dean não havia mencionado nada a respeito de dinheiro. — Onde vamos ficar? — Perambulamos pelas imediações, carregando nossos fardos esfarrapados pelas ruelas românticas. Todos pareciam figurantes de cinema, alquebrados, apagados, dubles desiludidos, comoventes personagens californianas com suas tristezas de fim de linha. Casanovas de uma elegância decadente, loiras de motel com os olhos inchados, punguistas, gigolôs, putas, massagistas, *office-boys* — uma corja completa; como podia um homem sustentar-se no meio de um bando como aquele?

10

Não que Marylou nunca houvesse circulado entre gente desse tipo — não estávamos muito longe do Tenderloin; — um recepcionista de hotel com uma cara lúgubre nos cedeu um quarto a crédito. Esse era o primeiro passo. Agora, precisávamos comer, e só o conseguimos por volta da meia-noite, quando encontramos uma cantora de cabaré em seu quarto de hotel, e ela virou um ferro de passar de cabeça para baixo, apoiando-o num cabide suspenso sobre a boca de um cesto de lixo, e aqueceu ali uma lata de feijoada com porco. Pela janela olhei a rua, vi as luzes de neon piscando e me perguntei: “Onde está Dean? Por que ele não se preocupa com nossa situação?” Naquele ano, perdi a fé nele. Fiquei uma semana em San Francisco, e foi a época mais desgastante de minha vida. Marylou e eu perambulamos quilômetros, tentando conseguir dinheiro para comer. Até visitamos marinheiros bêbados num albergue que ela conhecia, na Mission Street; eles nos ofereceram uísque.

Moramos juntos no hotel por dois dias. Percebi, agora que Dean estava longe da vista, que Marylou não tinha real interesse em mim; estava apenas tentando conquistá-lo através de mim, seu camarada. Discutíamos no quarto. Também passamos noites inteiras na cama, e eu contei meus sonhos para ela. Falei sobre a grande serpente do mundo, enrolada dentro da terra como uma minhoca numa maçã, e que algum dia iria jogar pelos ares o topo de uma colina para, mais tarde, ficar conhecida como a Serpente da Colina, e se arrastaria pela planície, com duzentos quilômetros de comprimento, devorando tudo o que encontrasse pela frente. Disse-lhe que a serpente era Satã. — E o que vai acontecer? — guinchou ela, enquanto me abraçava com força.

— Um santo chamado dr. Sax vai destruí-la com ervas secretas que está preparando neste exato instante, em seu barraco subterrâneo num canto qualquer da América. Mas também se poderá descobrir que a serpente é apenas um disfarce de pombos; quando ela morrer, nuvens enormes de pombos seminais-cinzentos em revoada trarão novidades apaziguadoras para o mundo inteiro. — Eu estava fora de mim, faminto e amargurado.

Certa noite, Marylou desapareceu com a dona de uma boate. Eu estava à espera dela, conforme combinado, num umbral do outro lado da rua, na esquina da Larkiri com a Geary, faminto, quando ela saiu do vestíbulo de um apartamento elegante junto com sua amiga, a dona da boate, e um velho escroto com um catálogo sob o braço. Teoricamente, ela tinha entrado só para visitar a amiga. Vi que espécie de puta ela realmente era. Ficou com medo de me fazer um sinal, embora me visse ali parado. Deu alguns passos, entrou no Cadillac e caiu fora. Agora, eu não tinha nada, não tinha ninguém.

Perambulei pelas calçadas, catando baganas. Passei por um boteco na Market Street, e a mulher lá dentro me lançou um olhar terrível enquanto eu passava; era a proprietária, e aparentemente pensava que eu iria entrar armado com uma pistola para assaltar o botequim. Caminhei um pouco mais. Subitamente, ocorreu-me que ela tinha sido minha mãe duzentos anos antes, na Inglaterra, e eu, seu filho assaltante, que retornava do cárcere para perseguir seus pais honestos e trabalhadores num acerto de contas no pequeno bar. Enregelado pelo êxtase, estanquei na calçada. Olhei para a rua. Não consegui saber se era mesmo a Market ou a Canal Street, em Nova Orleans; afinal, ela conduzia até a água, água ambígua e universal, exatamente como a 42nd Street, em Nova York, que também leva em direção à água, de modo que você nunca sabe bem onde está. Pensei no fantasma de Ed Dunkel arrastando-se pela Times Square. Eu delirava. Quis voltar e dar uma espiada em minha mãe dickensiniana, no boteco. Eu tremia da cabeça aos pés. Era como se um pelotão inteiro de memórias me conduzisse de volta a 1750, na Inglaterra, só que agora eu estava em San Francisco, em outra vida, em outro corpo. “Não”, parecia gritar aquela mulher, com seu olhar aterrorizado, “não volte para atormentar sua mãe honesta e trabalhadora. Você já não é mais meu filho, assim como seu pai, meu primeiro marido. Esse grego generoso aqui se apiedou de mim” (o proprietário era um grego de braços peludos). “Você é mau, com tendências à baderna e à bebedeira, e, o que é pior, rouba os frutos do meu trabalho, aquilo que ganho com o suor do meu rosto neste boteco imundo. Ah, filho! Você já se ajoelhou e rezou para a remissão de todos os seus pecados e más ações? Pobre menino! Suma daqui!

Não amedronte mais meu espírito; fiz bem em esquecer você. Não reabra velhas feridas; faça de conta que você nunca voltou e me encarou — jamais viu minha labuta humilhante, meus parcos centavos sofregamente batalhados, os quais está sempre ávido para agarrar, sempre pronto para roubar, oh, desalmado, maldoso e sombrio filho da minha própria carne. Meu filho! Meu filho!" Isso tudo me fez pensar na grande visão de Big Pop em Graetna, junto com Old Buli Lee. Por um instante, alcancei o estágio do êxtase que sempre quis atingir, a superação completa do tempo cronológico num mergulhar em direção às sombras intemporais, uma iluminação na completa desolação do reino mortal, e a sensação de que a morte mordisca meus calcanhares e me impele para a frente como um fantasma perseguindo seus próprios calcanhares, e eu mesmo corro em busca de uma tábua de salvação, de onde todos os anjos alçaram vôo em direção ao vácuo sagrado do vazio primordial, o fulgor potente e inconcebível que reluz na radiante Essência Mental, incontáveis terras-lótus que desabrocham na mágica tepidez do céu. Eu podia ouvir um farfalhar indescritível, que não estava apenas nos meus ouvidos, mas em todos os lugares, e não tinha nada a ver com sons. Percebi que tinha morrido e renascido incontáveis vezes, mas simplesmente não me lembrava justamente por que as transições da vida para a morte, e de volta à vida, são tão fantasmagoricamente fáceis, uma ação mágica para o nada, como adormecer e despertar um milhão de vezes, em profunda ignorância e completa naturalidade. Compreendi que somente devido à estabilidade da Mente propriamente dita aconteciam essas ondulações de nascimento e morte, como a ação do vento sobre um lençol de água pura, serena e espelhada. Senti uma satisfação completa, ritmada, como um pico de heroína numa veia principal; como aquele gole de vinho que traz um arrepio de satisfação num fim de tarde; meus pés se arrepiaram. Pensei que ia morrer naquele exato instante. Mas não morri, caminhei sete quilômetros, catei dez longas baganas e as levei para o quarto de Marylou no hotel, derramei os restos de tabaco no meu velho cachimbo e o acendi. Eu era jovem demais para perceber o que se passara. Da janela, sentia o cheiro de toda a comida de San Francisco. Havia restaurantes de frutos do mar, onde se viam pãezinhos quentes,

e o próprio cesto dava água na boca, os *menus* em si mesmos eram tenros, possuíam uma suculência nutritiva, como que ensopados em caldos escaldantes, depois assados, bons para serem devorados também. Mostre-me a anchova desenhada na capa do cardápio de frutos do mar, e eu a devoro; deixe-me cheirar a manteiga derretendo entre as patas de lagosta. Havia casas especializadas em tenros rosbifes *au jus,* mal-passados, ou galinha assada ao molho de vinho. Havia bares onde os hambúrgueres fumegavam sobre a grelha, e onde o café custava um *cent.* E, ah, aquele ar perfumado de *chow mein* que penetrava em meu quarto vindo do bairro chinês, temperado com molhos de espaguete de North Beach, siris na casca do Fisherman's Wharf — e mais ainda, as costeletas de Fillmore, que giravam lentamente nos espetos! Adicione os feijões com *chili* escaldante da Market Street, e as batatas fritas da noite alcoólica de Embarcadero, e os mexilhões cozidos de Sausalito, do outro lado da baía, e eis meu sonho — ah! — de San Francisco. Acrescente neblina, neblina úmida que deixa você faminto, e o pulsar do neon da noite suave, o crepitar dos saltos altos das beldades, pombas brancas na vitrine de uma mercearia chinesa.

11

Foi nesse estado que Dean me encontrou, quando finalmente decidiu que valia a pena me salvar. Ele me levou para casa, para o apartamento de Camille.

— Cadê Marylou, rapaz?

— A piranha deu no pé. — Depois de Marylou, Camille era um alívio; uma mulher educada, fina e de boa família, e além do mais, sabia que os dezoito dólares que Dean havia lhe enviado eram meus. Mas, ah, pra onde fora a querida Marylou? Descansei uns dias na casa de Camille. Da janela da sala do apartamento, num edifício de madeira na Liberty Street, podia-se ver San Francisco inteira, fazendo crepitar suas luzes verdes e vermelhas na noite chuvosa. Nos dias que passei lá, Dean abraçou a tarefa mais ridícula de sua carreira. Arranjou um emprego, em que fazia demonstrações de um novo tipo de

panela de pressão nas cozinhas das casas de família. O vendedor lhe entregou pilhas de amostras e folhetos. No primeiro dia, ele foi um furacão de energia. Dirigi a cidade toda junto com ele, enquanto ele fazia as visitas. Seu plano era ser convidado para jantar socialmente, e então, num salto, começar a demonstrar a panela de pressão. — Cara — gritava, excitadíssimo, isso é ainda mais doido do que na época em que eu trabalhava para Sinah. Sinah vendia enciclopédias em Oakland. Ninguém conseguia se livrar dele. Fazia longos discursos, saltava de um lado pra outro, ria, chorava. Certa vez, irrompemos na casa de uns caipiras que estavam se preparando para ir a um funeral. Sinah caiu de joelhos e rezou pela alma do morto. Todos os caipiras começaram a chorar. Ele vendeu um jogo completo de enciclopédias. Era o sujeito mais pirado do mundo. Pergunto-me onde andará agora. Costumávamos nos aproximar das filhas mais jovens e gostosas, e boliná-las nas cozinhas. Tive, naquela tarde, a dona-de-casa mais gostosa do mundo em minhas mãos, em sua pequena cozinha — meus braços ao redor dela, fazendo demonstrações. Ah! Humm! Uau!

— Vá em frente, Dean — disse eu —, talvez algum dia você se torne prefeito de San Francisco. — Ele tinha todo o discurso da panela na ponta da língua. Todas as noites, praticava com Camille e comigo.

Certa manhã, ele ficou na janela, pelado, olhando para toda San Francisco, enquanto o sol nascia. Parecia que algum dia se transformaria no prefeito pagão da cidade. Mas suas energias se esvaíram. Numa tarde chuvosa, o vendedor apareceu para ver o que Dean estava fazendo. Dean estava arriado no sofá. — Está tentando vender essas coisas?

— Não — disse Dean —, vou arranjar outro emprego.

— Bem, o que pretende fazer com todas essas amostras?

— Não sei. — Num silêncio mortal, o vendedor juntou suas tristes panelas e saiu. Eu estava farto e cansado de tudo, e Dean também.

Mas certa noite, sem mais nem menos, piramos outra vez; fomos visitar Slim Gaillard num pequeno *night club* de San Francisco. Slim Gaillard é um negro alto e magro, com grandes olhos melancólicos, que está sempre dizendo: “Legal-oruni” e “Que tal um *bourbon-oruni?*” Em Frisco, multidões enormes e

atentas de garotões semi-intelectuais se sentavam a seus pés e o escutavam ao piano, no violão e nos bongôs. Quando pega um embalo, ele tira a camisa, a camiseta e vai fundo. Faz e diz tudo o que lhe vem à cabeça. Pode cantar *Cement mixer, put-ti, put-ti,* e diminui de repente a percussão e o ritmo, mal tamborilando sobre o couro, enquanto todos se inclinam para a frente sem respirar, só para ouvi-lo; quando todos esperavam que ele fosse fazer aquilo um minuto ou algo assim, ele seguia em frente uma hora ou mais, criando um ruído imperceptível com a ponta de suas unhas; cada vez mais baixo, até que não se podia ouvir mais nada, e os sons do tráfego entravam pela porta aberta. Então, ele se levantava, pegava o microfone e dizia, com muita calma: — Grande-oruni... belo-ovauti... *bourbon-omm*... tudo-oruni... como estão os garotos da primeira fila, fazendo a cabeça com suas garotas-oruni... oruni... vauti... ronuiuni... — Ficava assim quinze minutos, com sua voz cada vez mais baixa, sussurrante, até que não se podia ouvir mais nada. Seus incríveis olhos azuis perscrutavam a platéia.

Dean ficava lá atrás dizendo: — Meu Deus! Sim —, e entrelaçando as mãos com reverência e suando: — Sal, Slim saca todas, ele saca todas! — Slim se senta ao piano e toca duas notas, dois dós, mais dois, e então um, aí dois, e, de repente, o baixista gordo caricato desperta de seu transe reverenciai, e se dá conta de que Slim está tocando *C-jam blues* e dedilha com seu enorme dedo indicador, e um grande *boom* rítmico ressoa ritualmente e todo mundo começa a rebolar, e Slim parece tão melancólico como sempre, e eles deixam rolar o *jazz* meia hora, e então Slim pira por completo, agarra os bongôs e toca batuques cubanos tremendamente rápido, e grita coisas malucas em espanhol, em árabe, em dialetos peruanos e egípcios, em todas as línguas que conhece, e ele conhece inúmeras línguas. O *show* finalmente termina; cada *show* dura duas horas. Slim Gaillard deixa o palco e fica encostado a uma coluna, olhando melancolicamente por cima de todas as cabeças, enquanto as pessoas vêm falar com ele. Um uísque é rapidamente colocado em sua mão. — *Bourbon-otuni* — obrigado-ovauti... — Ninguém sabe por onde paira a mente de Slim Gaillard. Certa vez, Dean sonhou que estava tendo um filho, e sua barriga estava toda inchada e azul, enquanto ele

permanecia esticado na grama de um hospital da Califórnia. Sob uma árvore, junto a um grupo de negros, sentava-se Slim Gaillard. Dean lançou-lhe um desesperado olhar de mãe. Slim disse: “Vá em frente-oruni...” Dean se aproximou dele, aproximou-se de seu deus: julgava que Gaillard fosse Deus; arrastando os pés e curvando-se reverentemente diante dele, convidou-o para se juntar à gente. “Está legal-oruni”, disse Slim; juntar-se-ia a qualquer um, mas sem garantias de que permaneceria ali em espírito. Dean arranjou uma mesa, trouxe bebidas e se sentou, constrangido, na frente de Slim. Slim devaneava, olhando por cima de sua cabeça. Cada vez que ele dizia “oruni”, Dean dizia “Sim”, e ali estava eu sentado, junto com aqueles dois loucos. Não aconteceu nada. Para Slim Gaillard, o mundo inteiro não passava de um grande oruni. Nessa mesma noite, curti Lampshade na esquina da Fillmore com a Geary. Lampshade é um negrão que entra nos *saloons* musicais de Frisco com casaco, chapéu e cachecol, e salta para o palco e começa a cantar; as veias se dilatam em sua testa; ele se retorce e geme um *blue* desesperado com cada músculo de sua alma. Enquanto canta, grita às pessoas: “Não morra para ir ao paraíso, comece com o dr. Pepper e termine com uísque”. Sua voz ribomba. Faz caretas, contorce-se, faz de tudo. Veio até nossa mesa, inclinou-se e disse: — Sim! — Depois cambaleou para a rua e foi para outro *saloon.* E há também Connie Jordan, um maluco que canta e sacode os braços, e termina salpicando todo mundo de suor e chutando o microfone e gritando feito mulher; mais tarde, pode-se encontrá-lo exausto, ouvindo loucas sessões de *jazz* no Jamson’s Nook, com olhos arregalados e ombros caídos, um olhar meio abobalhado, perdido no espaço, e um drinque à sua frente. Jamais vi músicos tão loucos. Em Frisco, todo mundo toca um instrumento de sopro. Era o fim de linha do continente, ninguém estava ligando pra nada. Dean e eu vagávamos por San Francisco, até que recebi meu cheque da bolsa de estudos, e preparei minha volta para casa.

O que conseguira com aquela viagem para Frisco, ainda não sei. Camille queria que eu caísse fora logo; para Dean, não fazia a menor diferença. Comprei pão e frios, e com eles fiz sanduíches para, outra vez, cruzar o país; apodreceriam todos junto comigo, quando eu chegasse a Dakota. Dean pirou na última

noite, encontrou Marylou em algum lugar no centro da cidade e nos metemos no carro; fizemos todo o percurso até Richmond, do outro lado da baía, chegando a bares negros em baixadas oleosas, onde rolava *jazz.* Marylou foi sentar-se, e um negrão puxou a cadeira de sob sua bunda. As garotas a abordaram com propostas, nos banheiros. Também fui abordado. Dean suava. Era o fim; eu queria cair fora.

Na madrugada, peguei meu ônibus para Nova York e dei adeus a Dean e Marylou. Eles queriam alguns dos meus sanduíches. Eu os recusei. Foi um momento sombrio. Estávamos pensando que nunca mais nos veríamos, e não nos importávamos com isso.

Terceira Parte

1

Na primavera de 1949, tinha alguns dólares economizados dos cheques de minha bolsa de estudos do governo, e fui para Denver pensando em me estabelecer lá. Vi-me no centro da América, como um patriarca. Fiquei solitário. Não havia ninguém na cidade — Babe Rawlins, Ray Rawlins, Tim Gray, Betty Gray, Roland Major, Dean Moriarty, Carlo Marx, Ed Dunkel, Roy Johnson, Tommy Snark, nenhum deles estava lá. Perambulei pela Curtis e pela Larimer, trabalhando algum tempo nos mercados atacadistas de frutas, onde quase fora contratado em 1947 — o trabalho mais árduo de minha vida; em determinado momento, os garotos japoneses e eu tivemos de empurrar um vagão inteiro trinta metros pelos trilhos, usando uma espécie de alavanca que o fazia mover-se, gemendo, uns poucos centímetros a cada puxão. Arrastei caixotes de melancia pelo piso gelado de vagões-frigoríficos, espirrando sob o sol ardente. Em nome de Deus e sob as estrelas, para quê?

Ao pôr-do-sol, eu passeava. Sentia-me como um grão de areia na face desta terra melancólica e avermelhada. Visitei o Windsor Hotel, onde Dean Moriarty havia vivido com seu pai nos depressivos anos 30. E, como outrora, procurei o deplorável e fictício funileiro de minhas visões. Ou você encontra alguém que se parece com seu pai, em lugares como Montana, ou então procura pelo pai de seu amigo, onde ele já não está.

Num entardecer lilás, caminhei com todos os músculos doloridos entre as luzes da 27th com a Welton, no bairro negro de Denver, desejando ser um negro, sentindo que o melhor que o mundo branco tinha a me oferecer não era êxtase bastante para mim, não era vida suficiente, nem alegria, excitação, escuridão, música, não era noite suficiente. Parei num quiosque, onde um homem vendia *chili* apimentado em embalagens de papel; comprei algumas, e comi-as percorrendo ruas escuras e misteriosas. Quis ser um mexicano de Denver, ou mesmo um pobre japonês sobrecarregado de trabalho, qualquer coisa menos aquilo que eu era tão tristemente, um “branco” desiludido. Durante toda a minha vida, tivera ambições de branco: por isso abandonara uma boa mulher como

Terry no vale de San Joaquim. Passei pelos portais escuros das casas dos mexicanos e dos negros; ali ecoavam vozes amenas e, ocasionalmente, podia-se vislumbrar o joelho moreno de uma garota enigmática e sensual, ou rostos sombrios de homens por trás das roseiras. Criancinhas sentavam-se como sábios em cadeiras de balanço. Um grupo de negras foi se aproximando; uma das mais jovens destacou-se das anciãs de aspecto maternal, e dirigiu-se rapidamente a mim: — Alô, Joe —, e de repente viu que eu não era Joe. Era apenas eu, Sal Paradise, melancólico, errante, naquela escuridão violeta, naquela noite insuportavelmente encantadora, desejando trocar meu mundo pelo dos alegres, autênticos e extasiantes negros da América. Aquela periferia que caía aos pedaços me fez lembrar Dean e Marylou, que desde a infância conheciam tão bem aquelas ruas. Oh, como desejei encontrá-los!

Na 23rd com a Welton, disputava-se um jogo de beisebol sob as luzes de holofotes que iluminavam tanques de gasolina. Uma multidão entusiástica vibrava a cada jogada. Aqueles estranhos heróis, jovens de todos os tipos, brancos, negros, mexicanos, índios puros, estavam em campo, jogando com seriedade pungente. Eram apenas garotos de terreno baldio uniformizados. Em minha vida de atleta, eu jamais concordara em exibir-me dessa forma na frente de famílias inteiras e namoradas e garotas da vizinhança, à noite, sob luzes; disputava sempre pomposos jogos universitários, a sério; nunca uma alegria infantil e profundamente humana como aquela. Agora, era tarde demais. Próximo a mim, vi um velho negro, que aparentemente assistia aos jogos todas as noites. Perto dele se sentava um velho vagabundo branco; depois, uma família mexicana, e então algumas meninas, garotos — a humanidade inteira. Ah, a tristeza das luzes naquela noite! O jovem lançador parecia Dean. Uma loira bonita na platéia parecia Marylou. Era a noite de Denver; tudo o que fiz foi morrer.

Lá em Denver, lá em Denver.

Tudo o que fiz foi morrer.

Do outro lado da rua, famílias negras, sentadas relaxadamente nos degraus de suas portas, olhavam a noite estrelada entre as árvores, sob aquela reluzente

imensidão; às vezes, acompanhavam o jogo. Enquanto isso, muitos carros passavam pela rua, e paravam na esquina cada vez que o sinal ficava vermelho. Havia uma certa excitação, e o ar estava repleto de vibrações de uma vida verdadeiramente feliz, que não tem nada a ver com o desapontamento, a "tristeza branca" e tudo o mais. No bolso de seu casaco roto, o velho negro tinha uma lata de cerveja, que tratou de abrir; o velho branco olhou invejosamente para ela, e enfiou a mão no bolso para ver se *ele* podia comprar uma lata também. Eu continuava morrendo! Afastei-me dali.

Fui visitar uma garota rica que conhecia. Pela manhã, ela puxou uma nota de cem dólares de sua meia de seda e disse: — A noite inteira você não parou de falar que queria viajar para Frisco; se é esse seu problema, pegue isso, caia fora e divirta-se. — E assim acabaram-se minhas preocupações; arranjei um carro numa agência de viagens, que cobrava uma taxa de onze dólares de gasolina até Frisco, e zarpei.

O carro era dirigido por dois sujeitos; disseram que eram gigolôs. Dois outros sujeitos eram passageiros como eu. Sentávamos, lacônicos, cada qual preocupado com seus próprios problemas. Passamos pelo passo Berthoud, descendo depois até o grande platô, Tabernash, Troublesome, Kremmling, pelo passo Rabbit Ears até Steamboat Springs, e adiante; oitenta quilômetros por um desvio poeirento; então, Craig e o grande deserto americano. Quando cruzávamos a fronteira entre Colorado e Utah, vislumbrei Deus sob a forma de enormes nuvens douradas no deserto; ele parecia apontar seu dedo para mim e dizer: "Passe por aqui e siga em frente, você está na estrada que leva ao paraíso". Ah, pobre de mim, estava mais interessado em velhos vagões, estragados à beira dos trilhos, e mesas de bilhar assentadas no deserto de Nevada, perto das prateleiras de Coca-Cola, entre cabanas de madeira com tabuletas carcomidas, que se sacudiam no ar enigmático e inquietante do deserto, com letreiros desbotados que diziam: "Aqui viveu Rattlesnake Bill", ou "Brokenmouth Annie rolou por aqui durante anos". Sim, *zum!* Em Salt Lake City, os gigolôs conferiram suas garotas, e depois seguimos em frente. Antes que pudesse perceber, estava outra vez na fabulosa cidade de San Francisco, localizada em

toda a extensão da baía no meio da noite. Fui correndo até Dean. Agora ele tinha uma casinha. Eu estava louco para saber o que se passava pela cabeça dele, e o que aconteceria a partir de então, porque atrás de mim já não existia nada, todas as pontes desmoronadas, e eu já não me importava com nada. Às duas da manhã, bati em sua porta.

2

Veio abrir a porta completamente nu; ainda que eu fosse o presidente dos Estados Unidos batendo à sua porta, ele pouco se importaria; recebia todo mundo peladão. — Sal — exclamou, realmente surpreso. — Jamais imaginei que você fizesse isso. *Finalmente* você voltou pra mim.

— É! — balbuciei. — Todos os meus planos desmoronaram. E você, como vai?

— Não muito bem, não muito bem. Mas temos um milhão de coisas para conversar. *Finalmente* chegou a hora de falarmos sério, Sal. — Concordamos em que, de fato, já era hora. Meu regresso, de certo modo, era como a chegada de um terrível anjo mau ao reduto das ovelhas imaculadas; mal iniciamos nosso diálogo louco na cozinha, que ficava no térreo, quando ouvimos suspiros no andar de cima. Tudo o que eu dizia era respondido por um "Sim!" louco, vibrante, exaltado. Camille sabia em que tudo aquilo iria resultar. Aparentemente, Dean havia mantido a calma por alguns meses; agora, o anjo chegara, e ele estava prestes a enlouquecer outra vez. — O que está acontecendo com ela? — sussurrei.

E ele respondeu: — Ela vai de mal a pior. Chora o tempo inteiro, e tem ataques de fúria, não quer me deixar sair para ver Slim Gaillard, fica furiosa cada vez que me atraso e então, quando resolvo ficar em casa, ela simplesmente não fala comigo, diz apenas que sou um idiota completo. — Subiu as escadas correndo, para acalmá-la. Ouvi Camille gritar: — Você é um mentiroso, um mentiroso, um mentiroso! — Aproveitei a chance para examinar a casa

realmente maravilhosa que eles possuíam. Era um chalé de madeira de dois andares, alquebrado e envelhecido, entre prédios de apartamentos bem no topo do Russian Hill, com vista para toda a baía; tinha quatro quartos, três no andar de cima e, no térreo, uma cozinha imensa, que mais parecia uma espécie de porão. A porta da cozinha dava para um pátio gramado, onde ficavam os varais. Atrás da cozinha ficava a despensa e, lá dentro, os velhos sapatos de Dean jaziam recobertos por uma camada de três centímetros de lama do Texas, desde aquela noite em que o Hudson atolara no rio Brazos. Claro que aquele Hudson evaporara; Dean não fora capaz de pagar suas prestações. Agora, ele simplesmente não tinha carro. Acidentalmente, o segundo filho deles estava a caminho. Era horrível ouvir Camille soluçando daquele jeito. Não conseguimos suportar, saímos para comprar umas cervejas e voltamos à cozinha. Camille finalmente adormeceu, ou passou a noite fitando o vazio, a escuridão. Não conseguia imaginar o que estava acontecendo, o que ocorria de tão grave assim, exceto que finalmente Dean tinha conseguido enlouquecê-la de vez.

Depois de minha partida de San Francisco, ele se apaixonara mais uma vez por Marylou, e passara meses circulando pelo apartamento dela na Divisadero, onde cada noite ela transava com um marinheiro diferente, e ele espreitava pelo buraco da caixa do correio de onde podia ver a cama dela. Assim, certa manhã, viu Marylou jogada na cama com um garoto. Perseguiu-a por toda a cidade. Queria de qualquer maneira comprovar que ela não passava de uma puta. Ele a amava, estava louco por ela. Certo dia, quase por engano, ele comprou uma “palha verde” — é assim que os traficantes chamam a maconha nova e não tratada —, e fumou toneladas dela.

— No primeiro dia — contou —, caí duro como uma tábua na cama, não conseguia me mover ou dizer uma só palavra; apenas olhava para o teto, com os olhos esbugalhados. Minha cabeça zunia, tive toda sorte de visões coloridas e deslumbrantes, e me senti maravilhosamente bem. Em um segundo, tudo, tudo ficou claro para mim, TUDO O que eu fizera na vida, ou lera, ou ouvira, ou pensara retornou subitamente a meu cérebro, rearranjando-se lá dentro com uma lógica nova, surpreendente, estimulante, e, por não encontrar nenhum outro jeito

de... expressar meu espanto e gratidão interiores, permaneci balbuciando: “Sim, sim, sim, sim”. Sem gritos. Apenas um “sim” tranqüilo, moderado; essas visões provocadas pela maconha se prolongaram até o terceiro dia. Nessa altura, eu já havia compreendido tudo, toda a minha vida estava decidida, sabia que amava Marylou, precisava encontrar meu pai onde quer que ele estivesse e salvá-lo, percebi que você era meu amigo do peito, etc, etc, e o quanto Carlo é incrível. Repentinamente, sabia um monte de coisas sobre todas as pessoas em todos os lugares. E então, no terceiro dia, comecei a ter pesadelos acordado, e eram tão terrivelmente medonhos, assustadores, esverdeados, que eu só conseguia ficar encolhido, em posição fetal, com os braços em torno dos joelhos, balbuciando: “Oh, oh, oh, oh, oh...” Os vizinhos ouviram e chamaram um médico. Camille estava fora, com o bebê, visitando os pais dela. A vizinhança inteira se envolveu. Eles entraram e me encontraram esparramado na cama, com os braços abertos, como morto. Sal, corri para encontrar Marylou com um pouco daquela erva. Sabe o que se passou naquela estúpida cachola? Exatamente a mesma coisa — as mesmas visões, a mesma lógica, as mesmas decisões definitivas com relação a tudo, o vislumbre súbito de todas as verdades, num tombo doído em direção aos pesadelos dolorosos dessa vida mundana — argh! Compreendi então que a amava tanto, que queria matá-la. Corri de volta para casa e fiquei batendo com a cabeça na parede. Voei até a casa de Ed Dunkel; ele estava de volta a Frisco com Galatea; pedi o endereço de um sujeito que conhecemos e que tem uma arma, fui até a casa do cara, descolei a arma, voltei para a casa de Marylou, olhei pelo buraco da caixa do correio: ela estava dormindo com um cara; vacilei e caí fora, voltando uma hora depois, e invadi o apê; ela estava sozinha — dei-lhe a pistola e pedi que ela me matasse. Ela ficou com a arma na mão um tempo interminável. Implorei a ela por um singelo pacto de morte. Ela não topou. Eu disse que um de nós tinha que morrer. Ela disse que não. Bati com a cabeça na parede. Homem, eu estava fora de mim. Ela vai contar tudo para você, conseguiu me afastar dessa loucura.

— E o que aconteceu depois?

Tudo isso foi meses atrás, logo depois que você partiu. Ela acabou se casando com um vendedor de carros usados, um imbecil filho da puta que jurou me matar, caso me encontre; se for necessário, terei que me defender e matá-lo, e aí irei para San Quentin, porque, Sal, mais uma condenação de qualquer espécie e vou para San Quentin pro resto da vida — será o fim. Com mão doente e tudo. — Ele me mostrou sua mão. Com a excitação da chegada, não havia notado que ele tinha sofrido um acidente terrível na mão. — Dei um soco na testa de Marylou às seis horas da tarde do dia 26 de fevereiro — na verdade, foi às seis e dez, porque me lembro que tinha que pegar no serviço dali a uma hora e vinte minutos, aquela foi a última vez em que nos encontramos e quando decidimos tudo de uma vez por todas, e escute só: meu polegar apenas roçou na testa dele, ela nem sequer ficou roxa, e até riu, mas o polegar quebrou, indo parar no pulso, e um médico horrível fez um arranjo complicadíssimo nos ossos, com três gessos separados, trinta e três horas corridas esperando sentado em bancos duros e incômodos, no *hall* de entrada dos hospitais, etc, etc, e o último gesso tinha um pino fincado na ponta do meu polegar, e aí, em abril, quando tiraram o gesso, o pino infectou meu osso, e peguei osteomielite que virou crônica, e, depois de uma operação fracassada e de um mês engessado, o resultado final foi a amputação de um pedacinho de carne dessa porra de polegar.

Desenrolou o curativo e o mostrou. Faltava um centímetro de carne sob a unha.

— Tudo foi ficando cada vez pior, um pesadelo sem fim, para sustentar Camille e Amy. Trabalhava o mais rápido possível como borracheiro na Firestone, recauchutando pneus e carregando enormes pneus de sessenta quilos para cima dos caminhões, usava apenas a mão boa e sempre machucava a outra — quebrei-a novamente e tive que reengessá-la, e agora ela está infeccionada e inchada, como das outras vezes. Portanto, no momento, tomo conta do bebê enquanto Camille trabalha para nos sustentar. Entende? Que porra, sou da categoria A-3, Moriarty, o aficionado de *jazz*, tem um dedo ferido, sua esposa lhe dá injeções diárias de penicilina, que lhe provocam eczemas porque ele é

alérgico. Por isso, tem que tomar sessenta mil unidades mensais de suco de Fleming. De quatro em quatro horas, durante um mês inteiro, tem que tomar também um comprimido para combater a alergia que o remédio lhe provoca. Precisa tomar codeína para evitar a dor no polegar. Terá que sofrer uma cirurgia na perna por causa de um quisto inflamado. Na próxima segunda-feira, terá que se levantar às seis da manhã para ir ao dentista. Tem que consultar um ortopedista duas vezes por semana, para fazer um tratamento no pé. Deve tomar xarope contra tosse todas as noites. Tem que assoar o nariz e fungar constantemente para manter as narinas desentupidas, já que uma operação as enfraqueceu anos atrás. Perdeu o polegar de seu braço arremessador. O melhor jogador de beseibol do reformatório do Estado do Novo México. No entanto, no entanto, nunca me senti melhor e mais feliz em toda a minha vida, adoro ver crianças maravilhosas brincando sob o sol, e estou satisfeitíssimo por ver você, meu esplêndido Sal, e sei, realmente *sei* que tudo vai dar certo. Você verá amanhã minha fantástica, extraordinária, linda e maravilhosa filha, que já consegue se agüentar de pé, sozinha, trinta segundos cada vez, pesa quase dez quilos, mede setenta centímetros. Acabo de calcular que ela é trinta e um quarto por cento inglesa, vinte e sete e meio por cento irlandesa, vinte e cinco por cento alemã, oito e três quartos por cento holandesa, sete e meio por cento escocesa, e cem por cento maravilhosa. — Cumprimentou-me calorosamente pelo livro que terminara de escrever, e que fora aceito pelos editores. — Nós captamos a vida, Sal, ambos estamos envelhecendo pouco a pouco, e começamos a saber cada vez mais das coisas. O que quer que você fale a respeito da sua vida, compreenderei com perfeição. Sempre percebo seus sentimentos, e agora você já está no ponto, está pronto para arranjar uma garota fantástica, caso consiga encontrá-la; você precisa conversar com ela, fazer a cabeça dela e a sua, como, de todas as formas, tenho tentado fazer com essas minhas malditas mulheres. Merda! Merda! Merda! — gritou ele.

Pela manhã, Camille nos pôs no olho da rua, com malas e tudo. Tudo começou quando telefonávamos para Roy Johnson, o velho Roy de Denver, convidando-p para vir tomar uma cerveja, enquanto Dean cuidava do bebê e

lavava os pratos e as roupas no quintal, mas de tão excitado fez o serviço malfeito. Johnson concordou em nos levar de carro até Mill City, à procura de Remi Boncceur. Camille, de volta de seu emprego no consultório de um médico, nos lançou o olhar entristecido de uma mulher cuja vida é atarefadíssima. Tentei demonstrar àquela esposa temerosa que não tinha quaisquer más intenções com relação à sua vida familiar, e falei da maneira mais gentil que podia, mas ela sabia que eu era um cafajeste, provavelmente instruído por Dean, e me dirigiu apenas um sorriso pálido. Pela manhã, houve uma cena terrível: ela se jogou na cama aos prantos e, no meio da confusão, repentinamente senti uma vontade incontrolável de ir ao banheiro, e o único jeito de chegar até lá era passando pelo quarto dela. — Dean, Dean — chamei —, onde fica o bar mais próximo?

— BAR? — disse ele, surpreso; estava lavando as mãos na pia da cozinha lá embaixo. Pensou que eu queria me embebedar. Contei-lhe o meu dilema, e ele disse: — Ora, vá em frente, ela faz isso o tempo inteiro. — Mas não, eu não queria passar por ali. Saí voando à procura de um bar; caminhei colina acima e abaixo, pela vizinhança, percorri quatro quarteirões do Russian Hill, mas encontrei apenas lavanderias, *soda-fountains*, cabeleireiros. Voltei para a decrépita casinha. Eles gritavam um com o outro, quando deslizei pelo quarto com um sorriso amarelo e me tranquei no banheiro. Em poucos minutos, Camille estava atirando as coisas de Dean no chão da sala, e mandou que ele fizesse suas malas. Para minha surpresa, vi uma pintura a óleo em tamanho natural de Galatea Dunkel no sofá. Subitamente, percebi que aquelas mulheres passavam meses de solidão e feminilidade juntas, fofocando, tagarelando sobre as loucuras de seus homens. Ouvi as risadinhas maníacas de Dean ecoando pela casa, junto com o choro do bebê. E a próxima coisa de que me lembro é quando ele deslizou pela casa como Groucho Marx, com seu polegar quebrado envolto num

enorme curativo branco, ereto como um farol imóvel sob a fúria das ondas. Vi, mais uma vez, seu mísero baú, enorme e maltratado, de onde apontavam meias e cuecas sujas; inclinado sobre o baú, ele ia jogando dentro tudo o que podia encontrar. Ali estava sua mala, pronta; a mala mais gasta dos EUA. Era feita de

papelão que imitava couro, tinha dobradiças enferrujadas penduradas nas juntas. Um grande rasgão a atravessava de lado a lado; Dean a amarrava com uma corda. Então, agarrou seu saco de marinheiro e enfiou também algumas coisas lá dentro. Aí, apanhei meu próprio saco, arrumei-o, e enquanto Camille jazia na cama, gritando: — Mentiroso! Mentiroso! Mentiroso! —, saltamos fora e nos arrastamos pesadamente em direção ao bonde mais próximo — ele, uma massa humana disforme, carregando a bagagem com aquele polegar envolto pelo curativo, suspenso no ar.

Aquele polegar se transformou no símbolo da evolução definitiva de Dean. Agora, ele já não se preocupava mais com nada (como antes), simplesmente passou a se *preocupar com tudo, por princípio:* quer dizer, para ele, tudo continuava dando no mesmo. Nascera neste mundo, e não havia nada que pudesse fazer para mudar isso. Parou-me no meio da rua:

— Agora, homem, sei que você deve ter enlouquecido de vez; nem bem chegou na cidade, e somos postos pra fora no primeiro dia; você deve estar se perguntando o que eu devo ter feito para merecer isso, e por aí afora... todas as horríveis implicações... ih, ih, ih... mas olhe pra mim. Por favor, Sal, olhe pra mim.

Olhei para ele. Estava de camiseta, vestia calças rasgadas que ficavam muito abaixo da cintura, os sapatos estavam rotos; a barba por fazer, cabelos compridos e hirsutos, olhos injetados, e aquele enorme polegar ferido suspenso no ar à altura do peito (ele precisava mantê-lo assim), e em seu rosto se desenhava o sorriso mais desdenhoso que jamais vi. Descreveu um círculo completo, olhando para todos os lados. — Que vêem meus globos oculares? Ah. . . o céu azul. Meu grande amigo! — Cambaleou e pestanejou. Esfregou os olhos. — E as janelas, também... você já parou para curtir as janelas? Vamos lá, homem, vamos falar sobre janelas. Tenho visto algumas verdadeiramente muito loucas, que até fizeram caretas para mim, e algumas estavam com as cortinas cerradas, e mesmo assim piscavam para mim. — Do fundo de seu saco de marinheiro, pescou um exemplar dos *Mistérios de Paris*, de *Eugène Sue*, e, ajustando a camiseta, começou a ler, parado na esquina com ar pedante. —

Agora, de verdade, Sal, vamos nos divertir com o que aparecer... — Mas logo se esqueceu disso e olhou para os lados, com um olhar vazio. Eu estava feliz por ter vindo, ele precisaria de mim agora.

— Por que Camille pôs você na rua? O que vai fazer agora?

— Uhn? — fez ele. — Uhn? Uhn? — Fundimos a cuca pensando pra onde ir e o que fazer. Percebi que eu teria de decidir. Pobre, pobre Dean — nem o demônio jamais fora tão humilhado; demente, com o dedo infeccionado, rodeado pelas malas maltratadas de sua vida febril e desamparada pela América, e sempre de volta a ela inúmeras vezes, um pássaro perdido. — Vamos a pé até Nova York — disse ele —, e enquanto caminhamos vamos nos equipando com tudo de que precisarmos, há de tudo ao longo da estrada, claro. — Puxei meu dinheiro e o contei; mostrei para ele.

— Tenho aqui — disse — a quantia exata de oitenta e três dólares, mais uns trocos, e se você vier comigo, nos mandaremos para Nova York, e depois para a Itália.

— Itália? — exclamou ele. Seus olhos quase saíram das órbitas. — Itália, claro! Como chegaremos lá, caro Sal?

Meditei. — Arranjarei o dinheiro, vou ganhar mil dólares dos editores. Vamos curtir todas as mulheres loucas de Roma, de Paris, de todos os lugares; vamos nos sentar nos cafés ao ar livre, viver nos cabarés. Por que não ir pra Itália?

— É, por que não? — disse Dean, e então percebeu que eu estava falando sério. Pela primeira vez, olhou para mim com o rabo do olho, porque eu jamais havia me comprometido assim com sua pesada existência, e aquele era o olhar de um homem que pesava suas chances um instante, antes de fazer sua última aposta. Naquele olhar havia júbilo e insolência, era um olhar diabólico, e ele pousou seus olhos em mim por um longo, longo tempo. Encarei-o e enrubesci.

Falei: — Qual é o problema? — Foi uma pergunta lamentável. Ele não respondeu, e continuou me encarando com o mesmo canto de olho, desconfiado e insolente.

Tentei relembrar tudo o que ele já fizera na vida, para ver se descobria algo que o fizesse ficar desconfiado agora. Firme e resolutamente, repeti o que havia dito: — Venha para Nova York comigo; tenho dinheiro. — Olhei para ele: meus olhos estavam cheios de lágrimas, e eu sentia um certo embaraço. Ele continuava me fitando. Seus olhos estavam vazios, e simplesmente me atravessavam. Foi um momento crucial em nossa amizade, quando ele percebeu que eu realmente tinha gasto algumas horas pensando nele e em seus infinitos problemas, e agora ele estava tentando catalogar isso em suas categorias mentais, tremendamente confusas e complicadas. Algo — *click!* — estalou em nós. Em mim, foi a súbita preocupação com um homem cinco anos mais moço que eu, e cujo destino estivera ligado ao meu no curso dos últimos cinco anos; nele, era algo que só posso calcular pelo que fez depois. Ficou extraordinariamente satisfeito, e disse que estava tudo combinado. — Que olhar foi aquele? — perguntei. Ele ficou chateado com a pergunta. Franziu as sobrancelhas. Era raro vê-lo fazer isso. Ficamos perplexos e inseguros com relação a algo que não sabíamos bem o que era. Estávamos no topo de uma colina, num belo dia azul e ensolarado de San Francisco, com nossas sombras caídas na calçada. Do prédio de apartamentos ao lado da casa de Camille, onze gregos, homens e mulheres, saíram em fila e, instantaneamente, se alinharam contra um muro ensolarado, enquanto um deles atravessava a ruela, sorridente, por trás de uma câmera fotográfica. Encaramos aquelas pessoas antiquadas, que estavam festejando o casamento de uma de suas filhas, provavelmente a milésima, ininterruptamente, numa geração de tez escura e sorrisos ao sol. Estavam todos arrumados, e eram estranhos; no fim das contas, Dean e eu bem poderíamos estar em Chipre. Gaivotas revoavam no céu translúcido.

— Bem — disse Dean numa voz muito tímida e singela —, vamos embora?

— Sim — respondi —, vamos para a Itália. — E assim juntamos nossa bagagem, ele pegou o baú com a mão boa e eu agarrei o restante, e nos arrastamos até o ponto de bonde mais próximo; em um segundo, descíamos colina abaixo com as pernas dependuradas e os pés apontando em direção à

calçada, acima da seleira trepidante de um daqueles velhos bondes de Frisco — dois heróis arrasados na noite do oeste.

3

De cara, fomos para um bar na Market, e lá decidimos tudo — ficaríamos juntos, e seríamos amigos até a morte. Dean estava calado e preocupado, olhava para os velhos vagabundos que perambulavam pelo salão, que lhe lembravam seu pai. — Acho que ele está em Denver; desta vez temos que encontrá-lo de qualquer maneira. Ele pode estar no presídio, ou então perambulando pela Larimer outra vez, mas tem que ser encontrado, concorda?

Sim, eu concordava; iríamos fazer tudo o que nunca fizéramos no passado, porque éramos inexperientes demais, então. Depois, prometemos a nós mesmos dois dias de delírio em San Francisco antes de partirmos, e, claro, combinamos apanhar, nas agências de viagem, caras que quisessem rachar a gasolina e seguir para Nova York gastando o mínimo possível. Dean assegurou que não precisava mais de Marylou, embora ainda a amasse. Ambos concordamos em que ele se daria bem em Nova York — garotas e tudo o mais.

Dean vestiu seu terno listrado, uma camisa esporte, e por algumas moedas deixamos nossa bagagem guardada nos armários metálicos da estação do Greyhound; saímos para encontrar Roy Johnson, que seria nosso motorista naqueles dois loucos dias em Frisco. Roy aceitou a tarefa por telefone. Pouco depois, ele aparecia na esquina da Market com a Third, para nos apanhar. Roy vivia agora em Frisco, trabalhando num escritório, e casado com uma linda loirinha chamada Dorothy. Dean me confidenciara que o nariz dela era comprido demais — era essa sua maior objeção com relação a ela —, mas o nariz dela não era de forma alguma comprido. Roy Johnson era um garoto magro, moreno, agradável, com um rosto afinado e um cabelo impecavelmente penteado, que ele estava sempre jogando para trás. Tinha uma maneira extremamente simpática de abordar as pessoas, e era dono de um sorriso largo. Sua esposa Dorothy,

evidentemente, não gostou nem um pouco da idéia de ele ser nosso motorista — mas, disposto a provar que era o homem da casa (eles moravam num quarto estreito), ele decidiu cumprir a promessa que nos fizera, mesmo pagando pelas conseqüências; seu dilema matrimonial era ponderado sob um silêncio amargo. Ele nos conduzia, a Dean e a mim, pelos quatro cantos de Frisco, a qualquer hora do dia ou da noite, sem jamais dizer uma única palavra; tudo o que fazia era avançar sinais vermelhos e deixar o carro sobre duas rodas em todas as curvas fechadas; esse era seu jeito de nos mostrar em que situação o havíamos metido; ele estava entre dois fogos: de um lado, as ameaças de sua jovem esposa, do outro, o desafio do velho líder de sua antiga turma do bilhar. Dean estava satisfeito e, é claro, manteve-se imperturbável com o jeito que Roy dirigia. Simplesmente não dava a menor bola para ele; íamos no banco de trás, tagarelando.

O programa seguinte era ir a Mill City, para ver se conseguíamos encontrar Remi Boncceur. Percebi, com alguma surpresa, que o velho navio, o *Admirai Freebee*, já não se encontrava na baía; e é claro que Remi já não ocupava o antepenúltimo chalé daquele *canyon* pedregoso. No lugar dele, quem abriu a porta foi uma linda garota negra; Dean e eu conversamos um tempão com ela. Roy Johnson esperava no carro lendo os *Mistérios de Paris*, de Sue. Dei uma última olhadela para Mill City, e percebi que não tinha sentido revolver o passado espectral; ao invés disso, resolvemos visitar Galatea Dunkel, para arranjar um lugar onde dormir. Ed a tinha abandonado mais uma vez, e raios me partam se ela ainda não sonhava em recuperá-lo. Nós a encontramos sentada de pernas cruzadas, em seu tapete de tipo oriental, num apartamento de quatro quartos, na parte de cima da Mission, frente a um baralho com o qual previa o futuro. Boa garota. Vi sinais nostálgicos de que Ed Dunkel tinha vivido um tempo ali, e que partira, por entorpecimento e desamor.

— Ele voltará — disse Galatea. — Esse cara não consegue tomar conta de si mesmo sem mim. — Lançou um olhar raivoso para Dean e Roy Johnson. — Dessa vez, o responsável foi Tommy Snark. Antes de ele chegar, Ed estava satisfeito, trabalhando, e nós saíamos à noite e curtíamos momentos

maravilhosos. Você sabe disso, Dean. Então, eles começaram a sentar-se no banheiro durante horas. Ed, na banheira, Snarky, na privada, e falavam, falavam, falavam... cada bobagem!

Dean riu. Durante anos, fora o profético chefe daquela gangue, e agora eles estavam aprendendo suas técnicas. Tommy Snark tinha deixado crescer a barba e, com seus imensos e melancólicos olhos azuis, viera atrás de Ed Dunkel em Frisco; acontecera (é a pura verdade) que Tommy tivera seu dedo mínimo amputado num acidente em Denver, e recebera uma bela indenização. Sem nenhuma razão aparente, decidiram dispensar Galatea e se mandaram para Portland, Maine, onde Snark aparentemente tinha uma tia. Portanto, agora estavam em Denver de passagem, ou já em Portland.

— Quando o dinheiro de Tom acabar, Ed estará de volta — garantiu Galatea, olhando as cartas. — Estúpido idiota! Não sabe nada, jamais saberá. Tudo o que ele tem a fazer é compreender que eu o amo.

Galatea parecia a filha dos gregos da câmera fotográfica, sentada ali no tapete, com seu longo cabelo derramando-se até o chão, lendo o futuro nas cartas. Fui obrigado a gostar dela. Decidimos sair naquela noite e curtir *jazz,* e Dean levaria uma loira de um metro e oitenta que morava naquela mesma rua; Marie era seu nome.

Naquela noite, Galatea, Dean e eu fomos apanhar Marie. Essa garota morava num apartamento subterrâneo, com sua filha pequena, e tinha um carro velho que mal-e-mal andava, e que Dean e eu tivemos de empurrar rua abaixo enquanto as garotas tentavam fazê-lo pegar. Voltamos para a casa de Galatea, e todos se sentaram em círculo — Marie, sua filhinha, Galatea, Roy Johnson, sua mulher Dorothy —, todos taciturnos na sala atravancada pela mobília, enquanto eu fiquei no canto, neutro com relação aos problemas de Frisco, e Dean permanecia no meio da roda com seu dedo-balão suspenso no ar à altura do peito, rindo. — Que grande merda — disse —, estamos todos perdendo nossos dedos... ah, ah, ah!

— Dean, por que você age dessa maneira idiota? — perguntou Galatea. — Camille ligou, dizendo que você a abandonou. Não percebe que tem uma filha?

— Ele não a abandonou, ela é que o expulsou! — disse eu, quebrando minha neutralidade. Todos lançaram olhares furiosos para mim; Dean deixou escapar um sorriso sórdido. — E com esse dedo, o que vocês esperavam que esse pobre sujeito fizesse? — acrescentei. Todos me encararam, especialmente Dorothy Johnson, lançando-me um olhar sujo, tinhoso. Aquilo não passava de um chá beneficente acusatório, uma espécie de roda de tricô maledicente e, no centro dela, estava o culpado, Dean — responsável, quem sabe, por tudo o que estava errado. Olhei pela janela, para a noite urbana e fervilhante da Mission; queria cair fora e desbundar ao som do incrível *jazz* de Frisco — afinal, aquela era somente minha segunda noite na cidade.

— Acho que Marylou teve muito, muito juízo ao abandonar você — prosseguiu Galatea. — Há anos você não demonstra o menor senso de responsabilidade com ninguém. Já fez tantas coisas horríveis que nem sei o que dizer.

Na verdade, era justamente esse o *x* do problema — ninguém tinha o que dizer, mas eles continuaram sentados, olhando para Dean com olhares sórdidos e enfurecidos, e ele permaneceu em pé, no centro do tapete, com uma risadinha sarcástica — ele apenas ria, nada mais. Executou passos de dança. Seu curativo estava ficando sujo, começou a se desfraldar como uma bandeira. De repente, percebi que, em virtude de seus muitos pecados, Dean estava se transformando no Idiota, no Imbecil, no Mártir do grupo.

— Você não tem a menor consideração por ninguém, a não ser por você mesmo e seus malditos frenesis. Só pensa no que tem pendurado entre as pernas, e em quanto dinheiro poderá arrancar das pessoas que o cercam, antes de simples mente largá-las na mão. E não é só isso, o pior é que você nem mesmo se importa. Nunca lhe ocorreu que a vida é uma coisa séria, e que existem pessoas tentando fazer algo decente, ao invés de apenas agir como um estúpido?

Era isso o que Dean era, o ESTÚPIDO SAGRADO. Um santo.

— Hoje à noite, Camille está com o coração partido, mas nem por um momento pense que ela quer você de volta; disse que jamais quer revê-lo, e

garantiu que dessa vez é o fim. Entretanto, você fica parado fazendo essas caretas, e não demonstra a menor preocupação.

Não era verdade; eu o conhecia melhor, e poderia ter dito tudo a eles. Mas não vi o menor sentido em tentar. Estava louco para dar um passo à frente, colocar o braço em torno de Dean e dizer: “Ouçam aqui, todos vocês, lembrem-se disto: esse rapaz também tem seus problemas, só que ele jamais se queixa, e deu a vocês todos momentos de prazer apenas por ser o que é, e se não basta, mandem-no logo para o pelotão de fuzilamento, o que, de qualquer modo, é o que vocês parecem querer...

Contudo, Galatea Dunkel era a única do grupo que não temia Dean, e continuou ali calmamente, com o rosto inclinado, a destratá-lo na frente de todos. Houve uma época, em Denver, em que Dean fazia todos se sentarem na penumbra com as garotas, e apenas falava, falava, falava, com uma voz que era ao mesmo tempo estranha e hipnótica e que, segundo se dizia, tinha o dom de fazer com que todas as garotas lhe caíssem nos braços — pela pura força de persuasão, e pelo conteúdo ininteligível daquilo que ele dizia. Isso quando tinha quinze, dezesseis anos. Agora, seus discípulos estavam casados, e as esposas de seus antigos aprendizes o sentavam num tapete e o julgavam por causa da sexualidade intensa e da vida vibrante que ele ajudara a criar. Escutei mais.

— Agora você está indo para o leste com Sal — comentou Galatea —, e o que acha que vai ganhar com isso? Agora que você caiu fora, Camille terá que ficar em casa cuidando do bebê — como ela vai poder trabalhar? Ela jamais quererá encontrá-lo de novo, e não a culpe por isso. Se você encontrar Ed pela estrada, diga-lhe que volte para mim, senão eu o mato.

Tão chato assim! Foi uma noite aborrecida. Eu me sentia como que num sonho desprezível, cercado por irmãos e irmãs, todos estranhos. Então, um silêncio pesado caiu sobre a sala; ao invés de falar, como teria feito antigamente, Dean silenciou também, mas permaneceu em pé diante de todos, esfarrapado, alquebrado, sob a luz das lâmpadas nuas, com o rosto coberto de suor, as veias dilatadas, repetindo “Sim, sim, sim” sem parar, como se as revelações terríveis o estivessem apunhalando naquele instante, e estou convencido de que realmente

estavam, e os outros também suspeitavam disso, e ficaram amedrontados. Ali estava um BEAT — a raiz, a alma da Beatitude. O que lhe passava pela cabeça? Ele estava tentando me comunicar, com todas as suas forças, o âmago de seus conhecimentos, de sua luminosa e intuitiva sabedoria, e era exatamente isso o que eles invejavam em mim, a posição que eu ocupava ao lado dele, defendendo-o e sorvendo o sumo de sua sabedoria, como outrora eles haviam tentado fazer. Então, eles me encararam. O que estava eu, um estranho do leste, fazendo naquela noite amena da costa oeste? Era uma pergunta que me repugnava.

— Nós vamos para a Itália — respondi, lavando as mãos de toda aquela confusão. Então uma estranha sensação maternal pairou no ar viciado daquela saleta; as garotas estavam realmente encarando Dean do jeito que uma mãe olha para o filho mais querido, boêmio, errante e rebelde, e ele sabia bem disso, com seus profundos discernimentos e seu triste polegar, e só por isso conseguiu manter um silêncio pesado e sair do apartamento sem dizer uma única palavra, para nos esperar lá embaixo, até que decidíssemos o que pensar a respeito da *vida*. Era isso o que sentíamos com relação àquele fantasma na calçada. Olhei pela janela. Lá estava ele, sozinho no limiar da porta, curtindo a efervescência da rua. Amarguras, recriminações, conselhos, moralidade, tristeza — tudo lhe pesava nas costas, enquanto à sua frente se descortinava a alegria esfarrapada e extasiante de simplesmente ser.

— Vamos lá, Galatea e Marie, vamos curtir o *jazz* dos bares, e esqueça esse papo furado. Um dia desses Dean vai morrer. E aí, o que vocês dirão dele?

— Quanto mais cedo ele morrer, melhor — disse Galatea, falando oficialmente por quase todos os que estavam naquele quarto.

— Muito bem, então — falei —, mas por enquanto ele continua vivo, e aposto que vocês gostariam de saber o que ele fará logo em seguida, simplesmente porque ele conhece o segredo, o segredo que nós todos perseguimos, e que é justamente o que lhe racha e escancara a cabeça, e, se ele enlouquecer, não liguem, a culpa não é de vocês, é de Deus.

Eles discordaram; disseram que eu não conhecia Dean de verdade; falaram que ele era o maior patife que jamais pisara na face da terra, e que algum dia, para meu arrependimento, eu descobriria isso. Era engraçado ouvi-los protestar tanto. Roy Johnson levantou-se e saiu em defesa das senhoras do grupo, disse que conhecia Dean melhor do que qualquer um, e que ele simplesmente não passava de um vigarista fascinante e até engraçado. Caí fora para encontrar Dean, e conversamos ligeiramente sobre o incidente. — Ah, homem, não ligue, tudo está perfeito, está tudo ótimo. — Ele esfregou a barriga e lambeu os beiços.

4

As garotas desceram também, e iniciamos nossa grande noite empurrando o carro mais uma vez rua abaixo. — Iúuupi! Vamos lá! — gritou Dean, e nos atiramos no banco de trás e lá fomos nós, ligados, para o pequeno Harlem da Folsom Street.

Mergulhamos na noite cálida e louca, ouvindo um sax-tenor incrível que soprava o trajeto inteiro, fazendo: "Iii-yah! Ii-yah! Ii-yah!", batíamos palmas ao ritmo do *jazz*, e a rapaziada gritava: — Vamos, vamos, vamos! — Dean já estava correndo pela rua com seu dedo suspenso no ar, aos gritos: — Toque para a frente, homem, para a frente! — Um bando de negros, em roupa de sábado à noite, armou um burburinho na entrada da boate. Era um *saloon* ordinário e empoeirado, com um pequeno tablado no fundo que servia de palco; os rapazes se acotovelavam lá em cima, com os chapéus enfiados até a altura dos olhos, tocando *jazz* acima das cabeças da platéia, um lugar louco; mulheres muito doidas, desleixadas, circulavam com roupões de banho, garrafas rolavam e se chocavam nos becos. Nos fundos do bar, num corredor escuro além dos lavatórios destroçados, homens e mulheres em grupos se escoravam nas paredes, e bebiam vinho barato cuspindo sob as estrelas — vinho e uísque. O maravilhoso saxofonista soprava até atingir o êxtase, era um improviso plenamente soberbo, com *riffs* em crescendo e minuendos que iam desde um

simples “ii-yah!” até um louco “ii-di-lii-yah!”, flutuando com furor e acompanhados pelo rolar impetuoso da bateria, toda queimada por pequenas baganas fumegantes, e martelada com fervor por um negro brutal com pescoço de touro, que estava pouco se lixando para o mundo exterior, apenas surrava ininterruptamente seus tambores arruinados, *bum-bum, ti-cabum, bumbum.* O alvoroço causado pela música, a confusão sonora, uma cascata de notas, mas o saxofonista dominava a situação, todos estavam vendo que ele a dominava. Dean segurava a própria cabeça no meio da multidão, e era uma multidão muito louca. Todos imploravam, aos gritos e com olhares desvairados, para que o saxofonista mantivesse o mesmo ritmo, e ele se contorcia, se inclinava até os joelhos, e voltava a erguer-se com o sax, combinando esses movimentos com o lamento agudo que flutuava acima do furor incontido da platéia. Uma negra alta e magra sacudia seus ossos desengonçados, e quase se atirou dentro da abertura do sax; o saxofonista limitou-se a afastá-la usando o próprio instrumento. “Ii-hii-hi!”

Naquela balbúrdia, todos se balançavam, bramiam, bagunçavam. Com copos de cerveja nas mãos, Galatea e Marie permaneciam sentadas em suas cadeiras, saltitantes, agitadas. Negros, em gangues comprimidas, tentavam entrar no bar, tropeçavam uns nos outros. — Segure as pontas, rapaz! — berrou um sujeito com voz de sirene de nevoeiro, e depois soltou um urro que deve ter sido ouvido até em Sacramento, ah-aah! — Uau — disse Dean. Alisava o peito, a barriga; o suor gotejava grosso de sua cara. *Bum-bum, tica-bum,* aquele baterista estava soterrando sua bateria, e mantinha o ritmo flutuando no ar fumacento da sala com a força assassina de suas baquetas, *tica-bum!* Um gordão imenso dançava aos saltos no tablado, fazendo-o vergar e ranger. — Iiiu! — O pianista apenas triturava o teclado com as mãos em garra, e ouviam-se acordes fortuitos, lançados nos intervalos em que o incrível sax-tenor tomava fôlego para outra explosão — acordes chineses, que faziam o piano estremecer inteiro; o madeirame, *nhec;* as cordas, *boing!* O saxofonista saltou do tablado e se misturou ao público, soprando como um louco; seu chapéu estava caído sobre os olhos, e alguém o arrumou para ele. Ele pulou de volta para o palco, marcando o ritmo com o pé e soprando uma nota rouca, áspera, ferina, e tomou fôlego, e

ergueu o sax e soprou ainda mais forte, mantendo o som suspenso sobre cabeças inquietas. Dean estava exatamente à frente dele, com a cara quase enfiada dentro da boca do sax, batendo palmas, pingando suor nas chaves do sax, e o cara percebeu e gargalhou com o sax, uma longa, louca, trepidante gargalhada musical, e todos os demais riram e requebraram e balançaram os quadris, e finalmente o saxofonista decidiu explodir com tudo, dobrando-se inteiramente e mantendo um dó suspenso no ar por um longo, longo tempo, enquanto todos enlouqueciam e os gritos aumentavam mais e mais, e eu pensava que a polícia mais cedo ou mais tarde invadiria o bar, vindo da delegacia mais próxima. Dean estava em transe. Os olhos do saxofonista estavam pregados nele. Afinal, ali à sua frente estava um maluco que não apenas entendia tudo aquilo, como também se interessava e queria entender mais, muito mais do que o que acontecia naquele instante; e assim, duelaram; uma cascata sonora jorrava daquele sax; não eram mais simples frases musicais, mas gritos, bramidos, uivos, gemidos: "Boohh", baixando para "Biihii", e voltando a subir até "Hiiiii", retinindo, tilintando, ecoando em sons laterais de um sax incontrolável. Ele fez de tudo, tocou inclinado para cima, para baixo, para os lados, de ponta-cabeça, na horizontal, torto, e finalmente caiu duro nos braços de alguém, desistindo; todos se acotovelaram em torno do palco e gritaram: — *Yes! Yes!* Ele conseguiu! — Dean enxugava o rosto com seu lenço.

Depois, o saxofonista voltou a subir ao palco, pediu um ritmo mais lento para a banda e olhou melancolicamente para a porta da rua, escancarada; enquanto seu olhar flutuava acima das cabeças da platéia, cantou *Close your eyes.* As coisas se acalmaram por uns instantes. O cantor-saxofonista vestia um blusão esfarrapado, de camurça, uma camisa púrpura, sapatos gastos e calça *zoot,* larga e de cintura alta, toda amarrotada; não ligava para nada. Parecia um Hassel negro. Seus enormes olhos castanhos transmitiam uma vaga sensação de lascívia e tristeza, e seu jeito de cantar, lentamente, incluía longas e pensativas pausas. Mas, já no segundo refrão, ele ficou excitado outra vez, agarrou o microfone, saltou do tablado e se contorceu junto à platéia. Para cantar uma simples nota, tinha de buscá-la lá embaixo, na sola dos sapatos, e puxá-la com

força para o alto, lançando então seu lamento, e o lançava com tanta força que ele próprio ficava cego com o efeito, recuperando-se no instante exato da próxima, longa e lenta nota. — *"Mu-u-u-usic pla-a-a-a-a-a-ay!"* — Reclinava-se para trás, fitava o teto, com o microfone afastado do corpo. Tremia, trepidava, oscilava, resvalava. Depois, voltava a inclinar-se para a frente, quase caía de cara no chão, e mergulhava o rosto no microfone.

— *"Ma-a-ake it dream-y for dancing"* — e olhava para a rua lá fora, com os lábios contorcidos em negro desprezo e os quadris num requebro sarcástico à maneira de Billie Holiday *"while we go roman-n-n-cing"* —, cambaleava para ambos os lados — *"lo-o-o-ove's holida-a-ay"* —, sacudia a cabeça, farto, saturado do mundo inteiro — *"will make it seem"* —, o que viria a seguir? Todos aguardavam, ansiosos; ele gemia: — *"o-kay"*. — O piano lançou um acorde. — *"So baby come on just clo-o-o-ose your pretty little e-y-y-y-y-yes"* —, sua boca estremeceu, ele nos encarou, a Dean e a mim, com uma expressão que parecia significar: "Ei rapazes, o que estamos fazendo neste mundo de merda?", e então chegou ao fim da canção, mas para isso teve de fazer preparações intrincadas, um final elaborado, durante o qual poder-se-ia enviar todas as mensagens que se quisesse para Garcia, umas doze vezes ao redor do mundo, mas que diferença isso fazia para todos os outros? No fim das contas, ali estávamos nós, transando com o inferno e com a amargura de nossa própria e exausta vida *beat*, naquelas horrorosas ruas dos homens, e foi isso o que ele disse e cantou: — *"Close our"* —, e lançou seu uivo em direção ao teto, para além dele, rumo às estrelas e ainda mais longe."— *"Ey-y-y-y-y-y-es"* — e cambaleou para fora do palco, remoendo sua filosofia atormentada. Sentou-se num canto junto com uma turma de garotos suados e meninas com o cabelo desgrenhado, e simplesmente não deu a menor bola para eles. Olhou para o chão e chorou. Era o maior.

Dean e eu fomos falar com ele. Nós o convidamos para que viesse até nosso carro. Chegando lá, ele gritou de repente: — Claro! Não há nada que me agrade mais do que grandes curtições! Para onde vamos? — Dean estava incontrolável; saltitava no banco, ria como doido. — Mais tarde! Mais tarde! —

disse o saxofonista. — Mais tarde meu motorista vai nos levar até o Jamson's Nook, tenho que cantar lá hoje à noite. *Vivo* de cantar, homem. Venho cantando *Close your eyes* há duas semanas — nem consigo pensar em cantar outra coisa. E vocês, garotos, qual é a de vocês? — Dissemos que iríamos para Nova York dentro de dois dias.

— Meu Deus! Nunca estive lá, todos dizem que é uma cidade ligadíssima, mas não tenho por que queixar-me da minha vida por aqui. Sou casado, entendem?

— Ah, é mesmo? — perguntou Dean, bem interessado. — E onde se encontra a belezoca esta noite?

— O que quer *dizer* com isso? — inquiriu o saxofonista. — Já disse que sou *casado* com ela, não disse?

— Oh, claro, é claro — respondeu Dean. — Eu estava só perguntando. Talvez ela tenha amigas, não? Irmãs? Uma trepada, entende, tudo o que eu quero é dar uma trepada.

Yah, de que serve trepar? A vida é triste demais para se ficar fodendo o tempo inteiro — disse o saxofonista, baixando os olhos para a sarjeta. — Me-eeerr-da! — exclamou. — Não tenho dinheiro, e não estou nem aí hoje à noite.

Voltamos ao bar para novas curtições. As garotas, indignadas com Dean e comigo por termos declarado aberta a temporada de "caça", e por não pararmos quietos um segundo, foram a pé para o Jamson's Nook; de qualquer maneira, o carro não queria pegar. Vimos uma cena terrível no bar; um *hipster,* branco e veado, de camisa havaiana, que tinha acabado de entrar, perguntava ao enorme baterista se podia juntar-se a eles. Os músicos o olharam, cheios de desconfiança. — Você toca alguma espécie de cometa? — Ele respondeu que sim, requebrando-se todo. Eles se entreolharam e disseram: — *Yeah, yeah,* sem dúvida é exatamente isso o que ele faz, que merda! — Aí, o veado sentou-se na bateria e os rapazes começaram a tocar uma música rápida, e ele resolveu acompanhar o ritmo nos tambores, usando as escovas macias do *bop,* gingando o pescoço com aquele êxtase complacente de quem passou por uma análise reichiana, e que nada significa além de muita maconha, comidas açucaradas e

algumas aplicações eventuais. O cara não dava a menor bola para o papel ridículo que estava fazendo. Sorria alegremente para o vazio e mantinha o ritmo, ainda que com exagerada delicadeza, com a sutileza refinada do *bop*, apenas um sussurro, um murmúrio risível, que servia de fundo para o sólido e forte *blues* — um lamento amargo como a sirene marítima que uiva sob o nevoeiro —, e os rapazes tocavam sem sequer dar uma olhada para o veado de camisa florida. O crioulo da bateria, com seu pescoço de touro, permanecia sentado, aguardando sua hora para entrar em ação. — O que esse sujeito está fazendo? — perguntava. — Toque direito, rapaz — falou com voz grave. — Que porra! — blasfemou. — Meer-rr-da! — e olhou para o lado, irritado.

O motorista de que o saxofonista falara finalmente apareceu; era um negrinho que dirigia um enorme Cadillac. Saltamos para dentro. Ele agarrou o volante com presteza profissional e cruzou Frisco velozmente, sem uma única brecada, a cento e vinte por hora, cortando o tráfego sem que ninguém o percebesse; era bom demais no volante. Dean entrou em êxtase: — Vejam este cara, saquem o jeito que ele senta ali sem mexer um só músculo, tocando o pé na tábua, e poderia ficar falando a noite inteira enquanto maneja esta máquina, o único problema é que ele não faz questão de papo, ah, homens, as coisas que eu poderia... que eu gostaria... ah, podem crer, vamos nessa, vamos... não pare! É isso aí! — O garoto dobrou a esquina velozmente e nos largou diante do Jamson's Nook. Um táxi parou bem à nossa cara; dele saltou um pastor negro, magro, pequeno, enrugado, que atirou uma moeda de gorjeta para o motorista, gritando-lhe: — Toque! — e correu para dentro da boate, feito um cometa que invadisse o bar que ficava no subsolo, sempre gritando: — Toquetoquetoque! —, tropeçou pelas escadas, quase caiu de cara no chão e, empurrando a porta, mergulhou na *jazz-session* com as mãos estendidas para a frente, para se proteger de qualquer objeto contra o qual pudesse se chocar, e foi esbarrar em Lampshade, que estava trabalhando de garçom naquela temporada no Jamson's Nook, e a música ressoava de todos os lados, e ele permaneceu transfigurado na porta de entrada, gritando: — Toque para mim, homem, toque! — E o músico era um negrinho maneiro e malandro, com um sax-alto, e Dean disse que

obviamente ele deveria morar com sua avó, como Tom Snark, e provavelmente tocava o dia inteiro e a noite toda, soprando centenas de melodias antes de realmente entrar em forma, e era justamente isso o que ele estava fazendo naquele instante.

— É o próprio Carlo Marx! — gritou Dean por sobre o furor das vozes.

E era mesmo. Aquele netinho da vovó agarrado ao sax tinha olhos brilhantes como contas de vidro, pés pequenos e tortos, pernas curvas, e saltitava e arrastava seu pé torto entre as mesas, com o olhar fixo na platéia (que não passava de um bando de pessoas às gargalhadas, em doze mesas: a sala tinha dez por dez, e um forro baixo), e não parava nunca. Suas idéias eram bastante simples. Ele curtia a surpresa que uma nova e simples variação de um tema musical causava no público. Por isso, ia de "ta-tup-tader-rara... ta-tup-tader-rara", repetindo o refrão, saltitante e sorrindo e beijando o sax, até chegar a "ta-tup-i-da-de-de-ra-RUP! ta-tup-i-da-de-dera-RUP!", em momentos de pura e intensa alegria e profunda compreensão, tanto para ele quanto para todos os que o escutavam. Sua tonalidade era nítida como a de um sino, alta, pura, e ele soprava direto na nossa cara, estávamos a meio metro dele. Dean permanecia bem à sua frente, distante de tudo o mais neste mundo, com a cabeça inclinada, socando as mãos, saltitante e eletrizado, e seu suor, sempre o suor, gotejava e salpicava todos em volta e se derramava pelo colarinho atormentado, formando uma verdadeira poça a seus pés. Galatea e Marie estavam lá, precisamos apenas de cinco minutos para perceber isso. Uau, as noites de Frisco, o limite do continente e o fim de todas as dúvidas, adeus, dúvidas estúpidas e tolas! Lampshade circulava com uma bandeja de cerveja nas mãos, aos gritos; fazia tudo no ritmo, gritava para a garçonete acompanhando a batida da bateria: — Alô, garota, abra caminho, abra caminho, Lampshade vem passando de fininho—, e passava feito furacão com as cervejas equilibradas, entrava como um vendaval pelas portas vaivém da cozinha, dançava entre os cozinheiros e retornava para o bar, suando. O saxofonista permanecia sentado, absolutamente imóvel numa mesa, no canto do bar, com um drinque intocado à frente, um olhar vago que fitava o espaço, os braços caídos ao lado do corpo, de modo que suas

mãos quase encostavam no chão, os pés esticados para a frente, seu corpo ressequido pela fadiga absoluta, pelo máximo desgosto e por tudo o mais que lhe passava pela cabeça! Um homem que se extinguia a cada entardecer, e deixava que os outros lhe desferissem o golpe mortal no fim da noite. Tudo girava ao seu redor, confusamente, como nuvens. E aquele netinho do sax, aquele pequenino Carlo Marx saltitava e se contorcia com seu instrumento mágico, soprando duzentos *blues*, cada um mais excitante que o anterior, sem dar sinais de enfraquecimento de suas energias ou a intenção de dar a sessão por encerrada. A sala se arrepiava.

Uma hora mais tarde, na esquina da Fourth com a Folsom, eu estava com Ed Fournier, um sax-alto de San Francisco que aguardava comigo enquanto Dean telefonava de um bar para Roy Johnson, para que este viesse nos buscar. Nada acontecia, estávamos apenas conversando quando, de repente, tivemos uma estranha e insana visão. Era Dean. Queria dar o endereço do bar para Roy Johnson, por isso pediu-lhe que esperasse um pouco ao telefone, saiu correndo para ver as placas na rua e, ao fazê-lo, teve de cruzar correndo a confusão de um bar repleto de bêbados barulhentos, que bebiam com suas camisas de mangas curtas brancas, e foi para o meio da rua olhar as placas. Ele o fez curvado, quase agachado, como Groucho Marx, seus pés o transportaram numa velocidade espantosa para fora do bar, como uma aparição, com o polegar inchado fincado dentro da noite; deu uma travada brusca, rodopiou no meio da rua e olhou nervosamente para todos os lados, tentando ver as placas. Mas, no escuro, era difícil enxergá-las, e ele rodopiou uma dúzia de vezes no meio da rua, com o polegar suspenso, num silêncio louco, ansioso, um sujeito descabelado com um dedo que parecia um balão, suspenso no ar como um pato selvagem, girando em meio à escuridão, com a outra mão distraidamente metida nas calças. Ed Fourier dizia: — Aonde quer que eu vá, sempre músicas singelas, e se as pessoas gostam ou não, o problema é delas. Ei, moço, seu amigo é mesmo um gato doido, olhe só o que ele está fazendo — e nós olhamos. Houve um silêncio profundo em todos os lugares, enquanto Dean via as placas e corria de volta ao bar, praticamente passando por baixo das pernas das pessoas que saíam, e deslizou

tão rapidamente lá para dentro que todos tinham de olhar com dupla atenção para percebê-lo. Logo em seguida, Roy Johnson apareceu, demonstrando a mesma e fantástica rapidez. Dean flutuou para atravessar a rua e mergulhou dentro do carro, sem um ruído. E lá fomos nós mais uma vez. .

— Bem, Roy, sei que você está preocupado por causa de sua mulher, mas é absolutamente necessário que estejamos na esquina da Forty-sixth com a Geary, no incrível tempo de três minutos, ou tudo estará perdido. Hum! Sim! (Coff-coff.) Pela manhã, Sal e eu cairemos fora, iremos para Nova York, e essa é definitivamente nossa última noite de farra, tenho certeza de que você não vai se importar.

Não, Roy Johnson não se importava: limitou-se a cruzar todos os sinais vermelhos e imprimiu ainda mais velocidade à nossa loucura. De madrugada, foi para casa. Dean e eu terminamos a noite em companhia de um sujeito negro chamado Walter, que pedia os drinques no bar e os enfileirava à sua frente, gritando: — Vinho-spodiodi! — que é um coquetel de vinho do porto, uma dose de uísque e outra dose de porto. — um bom invólucro para um mau uísque! — garantia.

Convidou-nos para ir à sua casa beber uma cerveja. Morava num prédio de apartamentos atrás da Howard. Quando entramos, sua esposa estava dormindo, e a única luz que se via no apartamento era uma lâmpada em cima da cama. Tivemos de trepar numa cadeira e desenroscar a lâmpada, enquanto ela continuava lá, deitada, sorrindo; Dean fez o serviço, pestanejando. Ela era quinze anos mais velha do que Walter e, sem dúvida, a esposa mais compreensiva do mundo. A seguir, tivemos de ligar a extensão por cima da cama, e ela continuou ali sorrindo. Não perguntou para Walter onde ele estivera, que horas eram, nada. Finalmente, instalamo-nos na cozinha, sob a luz da extensão, sentados ao redor de uma mesa humilde, para beber cerveja e conversar. Madrugada. Já era tempo de cair fora, levar a extensão novamente para o quarto e enroscar outra vez a lâmpada em cima da cama. A esposa de Walter continuava sorrindo, enquanto nós refazíamos as mesmas loucuras. Não disse uma só palavra.

Lá fora, na rua que amanhecia, Dean falou: — Viu só? Essa, sim, é a mulher ideal para caras como nós; nem uma crítica, ou queixa, ou lamúria, o marido chega em casa a qualquer hora da noite, com quem quer que seja, bebe cerveja, conversa, e os amigos caem fora quando bem entendem. Este é o homem, e ali está seu castelo. — Apontou para o edifício. Fomos embora, aos tropeços. A grande noite estava encerrada. Uma radiopatrulha nos seguiu desconfiada por alguns quarteirões. Compramos roscas saídas do forno, numa padaria da Third Street, e fomos comendo-as pela rua exaurida, cinzenta. Um cara alto, de óculos, bem-arrumado, titubeava rua abaixo ao lado de um negro comum chapéu de caminhoneiro. Formavam uma dupla estranha. Um enorme caminhão cruzou a rua, e o negro apontou para ele e tentou explicar o que sabia. O cara alto olhava nervosa e furtivamente por sobre seus ombros, contando seu dinheiro. — É Old Buli Lee — gozou Dean. — Fica contando dinheiro, preocupado com tudo o que o cerca, enquanto tudo o que aquele outro cara pretende é falar de caminhões, caminhoneiros e as coisas que conhece.

Todos aqueles rostos cansados — eram flores sagradas que flutuavam na madrugada tardia da América do Jazz.

Tínhamos de dormir; a casa de Galatea Dunkel estava fora de cogitação. Dean conhecia um guarda-freios chamado Ernest Burke, que morava com seu pai num quarto de hotel na Third Street. A princípio, estivera em bons termos com ele, mas no momento nem tanto. A idéia era que eu tentasse convencê-los a nos deixar dormir no chão do quarto. Era horrível. Tive de telefonar de um botequim, desses que servem café desde cedinho. O velho atendeu, desconfiado. Lembrava-se de mim pelo que seu filho falara. Para nossa surpresa, desceu até a portaria e nos deixou entrar. Era uma espelunca escura, melancólica e antiquada de Frisco. Subimos, e o velho foi gentil o suficiente para nos oferecer a cama inteira. — Tenho que levantar agora, de qualquer maneira — disse ele, retirando-se para preparar um café na pequena cozinha. Começou a recordar histórias de sua vida como ferroviário. Ele me fazia lembrar meu pai. Fiquei acordado, ouvindo as histórias. Dean, sem escutar mais nada, escovava os dentes e saltitava pelo quarto, afirmando: — Sim, sim, é verdade! — para tudo o que o

velho dizia. Finalmente, adormecemos; pela manhã, Ernest voltou e tomou a cama, enquanto Dean e eu nos levantávamos. Agora, o velho sr. Burke estava se preparando para um encontro com sua namorada de meia-idade. Vestiu um terno verde, de *tweed*, um boné de operário, de *tweed* também, e enfiou uma flor na lapela.

— Esses velhos guarda-freios de Frisco, românticos e alinhados, vivem vidas tristes mas agitadas — disse eu a Dean no banheiro. — Foi muito gentil da parte dele nos deixar dormir aqui.

— *Yass, yass* — disse Dean, sem escutar uma só palavra. Saiu em seguida para tentar arranjar uma carona paga na agência de viagens. Minha missão era voar até a casa de Galatea e pegar nossa bagagem. Lá estava ela, sentada no chão, tirando o futuro nas cartas.

— Bem, tchau, Galatea, espero que tudo dê certo com você.

— Quando Ed voltar, vou arrastá-lo para o Jamson's Nook todas as noites, e deixarei que ele tome sua dose diária de loucura. Você acha que vai funcionar, Sal? Não sei mais o que fazer.

— Que dizem as cartas?

— O ás de espadas está longe dele. As cartas de copas ficam sempre ao redor — a rainha de copas está sempre ali. Vê este valete de espadas? É Dean, fica sempre rondando.

— Bem, partiremos para Nova York dentro de uma hora.

— Algum dia, Dean vai partir numa dessas viagens, e não voltará mais.

Ela deixou que eu tomasse um banho e me barbeasse; então me despedi e desci as escadas com os sacos de viagem, e chamei um táxi-lotação de Frisco, uma espécie de táxi comum que tem rota fixa, e que você pode apanhar em qualquer esquina, saltando onde bem entender, tudo por apenas alguns *cents*. Você vai espremido junto com outros passageiros, como num ônibus, mas pode conversar e contar piadas, como se estivesse num carro particular. Naquele último dia em Frisco, a Mission Street fervilhava com as obras da construção civil, crianças brincavam, negros ruidosos voltavam do trabalho para casa, poeira, excitação, murmúrio intenso e o zumbido vibrante daquela que é a cidade

mais agitada da América — e por sobre as cabeças, o céu azul e límpido e a alegria do *fog* marítimo, que durante a noite sempre recobre a cidade, para deixar todos famintos de comida e excitação. Eu odiava a idéia de ir embora; minha estada tinha se prolongado por míseras setenta e duas horas. Com Dean, o frenético, eu apenas cruzava o mundo sem jamais conhecê-lo. Ao entardecer, estávamos zunindo em direção a Sacramento — outra vez no rumo leste.

5

O carro pertencia a uma bicha alta e magra que voltava para casa no Kansas; usava óculos escuros e dirigia com excessivo cuidado; o carro era o que Dean chamou de "Plymouth maricás"; não tinha força de aceleração, carecia de poder real. — Um carro afeminado — sussurrou Dean ao meu ouvido. Havia dois passageiros, um típico casal de turistas de classe média que queria parar e dormir em todos os lugares. E a primeira parada seria em Sacramento, que não era nem sequer o começo da viagem para Denver. Dean e eu, sentados sozinhos no banco de trás, conversávamos o tempo inteiro, ignorando os outros. — Aquele saxofonista realmente tinha AQUILO... e depois de consegui-lo, soube conservá-lo. Para dizer a verdade, nunca vi ninguém que conseguisse segurar tanto tempo. — Quis saber o que era "AQUILO". — Ah, bem — riu Dean —, você está me perguntando impon-de-rabilidades... hum! Bem, suponhamos um músico, e ali está a platéia, certo? A função dele é deixar rolar aquilo que todos estão esperando. Ele começa com os primeiros acordes, então delineia seu plano de ação musical, o público, *"yeah, yeah"*, percebe tudo, então ele se ilumina e tem que tocar com energia à altura daquilo que esperam de seu destino. De repente, durante um refrão, ele consegue AQUILO — todos os que o observam percebem, escutam; ele segura, vai em frente e o tempo pára. Ele preenche o espaço vazio com a substância de nossas vidas; são confissões vindas do âmago de sua barriga, lembranças e idéias revividas com o clamor de melodias esquecidas. Ele poderia tocar e tocar, cruzando todas as pontes, e retornar com

um sentimento tão infinito, explorando as profundezas da alma, porque não é a melodia do momento, que todos conhecem, o que conta, mas AQUILO... — Dean já não podia prosseguir; suava a cântaros depois de me contar tudo isso.

Então, foi minha vez; nunca falei tanto em toda a minha vida. Contei a Dean que, quando era criança e andava de carro, costumava imaginar que possuía uma foice gigante, e com ela ia cortando todas as árvores, postes e até mesmo as colinas — tudo o que passava zunindo pela janela do carro eu cortava com a foice. — Sim! Sim! — gritava Dean. — E eu também, mas era diferente — já lhe digo por quê. Viajando pelas imensidões do oeste, minha foice teria que ser incomensuravelmente maior, e teria que se curvar até as distantes montanhas para decepar-lhes os cumes, e simultaneamente atingir outro nível para cortar montanhas ainda mais afastadas e, ao mesmo tempo, derrubar todos os postes ao longo da estrada, latejantes postes ordinários. Por essa razão... ah, cara, preciso contar, AGORA, preciso. . . preciso falar da vez em que meu pai e eu e um outro vagabundo da Larimer Street viajamos para Nebraska, em plena Depressão, para vender mata-moscas. E o jeito como eles eram feitos, rapaz! Comprávamos pedaços velhos de telas de arame de janelas e portas, e também pedaços de arame que amarrávamos juntos, e trapos de fazenda vermelha e azul, para costurar em torno das bordas, tudo isso por apenas uns *cents* em pequenos bazares, e fazíamos milhares de mata-moscas, embarcávamos no calhambeque do vagabundo e íamos direto para o Nebraska, a todas as fazendas da região, e os vendíamos por um níquel cada — era mais por caridade que nos pagavam isso, dois vagabundos e um garoto, tortas de maçã no céu, e naqueles dias meu velho pai cantava sempre: “Aleluia, sou um vagabundo, um vagabundo outra vez”. E escute, depois de duas semanas de trabalho incrivelmente árduo, de intensa movimentação, suando a cântaros em dias abafados do Nebraska, para vender aqueles mata-moscas terrivelmente malfeitos, eles iniciaram uma discussão sobre a divisão dos lucros, e começaram uma pancadaria no acostamento da estrada, mas logo em seguida fizeram as pazes e compraram tudo em vinho e começaram a bebê-lo sem parar durante cinco dias e cinco noites, enquanto eu me encolhia e chorava ao relento, e depois do último gole lá estávamos nós,

exatamente como havíamos começado, na Larimer Street, sem um tostão. Meu velho foi preso, e tive que pedir ao juiz que o soltasse, porque era meu papai e eu não tinha mãe. Sal, fiz discursos fantásticos e maduros aos oito anos de idade, diante de advogados atentos... — Sentíamos calor, estávamos indo para o leste, estávamos excitados.

— Deixe-me contar mais — falei —, abrindo parênteses no que você disse para concluir meu pensamento. Quando era menino, atirado no banco de trás do carro do meu pai, também tive uma visão de mim mesmo montado num cavalo branco, galopando bem ao lado do carro e vencendo todos os obstáculos que surgiam à frente: isso incluía me esquivar dos postes, contornar casas, galopar sobre as colinas, cruzar praças repletas de tráfego que tinha que evitar sob pena de...

— Claro! Claro! Claro! — exclamou Dean, extasiado. — A diferença é que eu não tinha cavalo, quem corria era eu mesmo. Você era um garoto do leste e sonhava com cavalos, claro que não podemos mais assumir essas coisas, já que agora sabemos que elas não passam de fantasia, meras imagens literárias; no entanto, na minha esquizofrenia ainda mais maluca, quem *corria* era eu mesmo, e a uma velocidade fantástica, às vezes até cento e sessenta por hora, saltando por cima de cada arbusto, cada cerca, cada fazenda, e às vezes chegava até a vencer colinas com um único salto milimetricamente preciso, sem tirar o pé do chão um só segundo. . .

Relembrávamos essas coisas todas e suávamos. Tínhamos nos esquecido totalmente das pessoas sentadas à frente, e elas começaram a se perguntar o que estava se passando no assento traseiro. A certa altura, o motorista falou: — Pelo amor de Deus, vocês estão fazendo o carro balançar aí atrás.

— E estávamos mesmo! O carro oscilava de um lado para outro, enquanto Dean e eu balançávamos no mesmo ritmo, e AQUILO era nossa alegria excitada e derradeira, a alegria que tínhamos de falar e viver, e que nos conduzia em direção ao transe definitivo e vazio de todas as inumeráveis partículas cerimoniais e angélicas que haviam estado soterradas no fundo de nossas almas toda a vida.

— Ah, homem! homem! homem! — balbuciou Dean. — E isso é apenas o começo... agora finalmente estamos juntos, indo para o leste, nunca tínhamos ido para o leste juntos, Sal, pense nisso, vamos curtir Denver juntos e ver o que todos estão fazendo, mesmo que isso não nos interesse muito, a questão é que nós sabemos o que AQUILO significa, e sacamos a VIDA e sabemos que tudo está ÓTIMO. — Depois, puxando-me pela manga e suando, ele me segredou: — Agora dê uma olhada nesse pessoal aí na frente. Estão preocupados, contando os quilômetros, pensando onde irão dormir esta noite, quanto dinheiro vão gastar em gasolina, se o tempo estará bom, de que maneira chegarão aonde pretendem. . . e, quando terminarem de pensar, já terão chegado aonde queriam, percebe? Mas eles têm que se preocupar e trair seus horários, cada minuto e cada segundo, entregando-se a tarefas aparentemente urgentes, todas falsas, ou então, a desejos caprichosos angustiados e angustiantes; suas mentes jamais descansam, não encontram paz, a não ser que se agarrem a uma preocupação explícita e comprovada, e, depois de encontrar uma, assumem expressões faciais adequadas, graves e circunspectas, e seguem em frente, e tudo isso não passa, você sabe, de pura infelicidade, e durante todo esse tempo a vida passa voando por eles, e eles sabem disso, e isso também os preocupa, num círculo vicioso que não tem fim. Escute só: “Bem, agora” — imitou ele —, “não sei, talvez devêssemos parar para encher o tanque de gasolina ali naquele posto. Li recentemente no *National Petroffious Petroleum News* que esse tipo de gasolina tem grande quantidade de *O-Octane* e alguém já me falou que ela até possui um aditivo semi-oficial de alta potência, e quem sabe... bem, não sei se deveríamos, simplesmente acho que não deveríamos...” Homem, sei que você também saca quem fala desse jeito. — Dava-me cotoveladas furiosas nas costelas, para que eu acompanhasse atentamente a história. Tinha de usar minha energia máxima. *Bing, bang*. Sim! Pode crer! É isso aí! no banco de trás, e os outros lá na frente enxugavam o suor, aflitos, desejando não terem jamais nos apanhado naquela agência de viagens. Mas era apenas o início. Em Sacramento, a bichona alugou um quarto de hotel e nos convidou, a Dean e a mim, para subirmos para um drinque, enquanto o casal foi dormir na casa de uns parentes; no hotel, Dean fez

de tudo na tentativa de conseguir algum dinheiro da bicha. Foi uma loucura. A bicha dizia-se muito feliz por termos vindo juntos, porque ela gostava de rapazes como nós e, acreditássemos ou não, não gostava muito de garotas, e recentemente tivera um caso com um homem em Frisco onde fizera o papel de macho, é o outro, o de mulher. Dean o assediou com perguntas interesseiras, assentindo vigorosamente com a cabeça. A bicha disse que adoraria saber o que Dean pensava a respeito daquilo tudo. Depois de alertá-la de que já havia transado por dinheiro na adolescência, Dean perguntou à bicha quanto dinheiro ela trazia. Ela ficou de cara fechada e, acho eu, desconfiada das reais intenções de Dean; disse que não tinha dinheiro sobrando, e fez vagas promessas para Denver. Ficou o tempo todo contando sua grana e verificando se ainda estava com a carteira. Dean levantou os braços e desistiu: — Veja só, é melhor não perder mais tempo. Ofereça-lhes o que eles secretamente mais desejam e, é claro, eles ficam absolutamente tomados pelo pânico, no mesmo instante. — Mas já havíamos conquistado suficientemente o dono do Plymouth para, no dia seguinte, assumir o volante sem discussões, e daí em diante realmente viajamos.

Saímos de Sacramento ao raiar do sol, e na hora do almoço já estávamos cruzando o deserto de Nevada, depois de uma vertiginosa passagem pelas Sierras que obrigou a bichona e os turistas a se agarrarem uns aos outros. Agora íamos na frente, e mandávamos brasa. Dean estava feliz outra vez. Tudo o que ele precisava era de uma roda na mão e quatro na estrada. Falava mal de Old Buli Lee no volante, e fez umas demonstrações: — Sempre que aparece algum caminhão gigantesco e sobrecarregado, como aquele que vem vindo ali, Old Buli leva um tempo interminável para percebê-lo, porque não consegue enxergar direito. Ele simplesmente não vê. — apertou furiosamente os olhos para imitar a cara de Old Buli ao volante. — E eu dizia a ele: “Ei, cuidado, Buli, um caminhão”. E ele respondia: “O quê? O que foi que você disse, Dean?” “Caminhão, caminhão.” E no último segundo, ele jogava o carro contra o caminhão, assim. — E Dean se jogou com o Plymouth de encontro ao caminhão que avançava na direção oposta, dançando e rebolando à sua frente por um instante, dando tempo de ver a fúria na cara do caminhoneiro crescendo

rapidamente à nossa frente; o pessoal do banco de trás se encolheu ofegante, todos horrorizados, e no último segundo Dean desviou. — Era bem assim, sabe, exatamente assim, ah, como ele dirigia mal! — Eu não estava nem um pouco assustado; conhecia Dean. Mas os turistas e o dono do carro perderam a voz. Na verdade, tinham medo de reclamar. Sabe-se lá o que aquele louco seria capaz de fazer se eles tivessem a audácia de reclamar, pensavam. Ele pôs o pé na tábua, cruzando todo o deserto dessa maneira, fazendo várias demonstrações de como *não dirigir*, como seu pai guiava seus calhambeques, como os grandes motoristas fazem as curvas, como os maus motoristas acabam derrapando no fim da curva, e daí em diante. Era uma tarde quente e ensolarada. Reno, Battle Mountain, Elko, todas as cidades ao longo da estrada de Nevada vencidas uma a uma, e ao entardecer lá estávamos nós em Salt Lake City, vendo as luzes da cidade cintilar infinitamente minúsculas, quase a uns cinqüenta quilômetros através da miragem da planície, fazendo despontar duplamente, acima e abaixo da curvatura da Terra, uma imagem nítida, e outra caleidoscópica. Garanti a Dean que o que nos mantém unidos neste mundo é o invisível, e, para prová-lo, apontei para as longas filas de postes telefônicos que se curvavam a perder de vista, suspensas sobre mais de cem quilômetros de sal. O curativo de seu dedo estava imundo e desatado, e dançava no ar. Seu rosto resplandecia: — Ah, acredite, homem, meu Deus, é isso aí, é isso aí! — Subitamente, ele brecou o carro e simplesmente saiu do ar. Olhei para o lado e o vi enroscado no banco da frente, dormindo. Sua mão boa apoiava a cabeça, enquanto a mão ferida permanecia suspensa, automaticamente obediente.

Os passageiros do banco de trás suspiraram, aliviados. Pude ouvi-los combinando um motim, aos sussurros. — Não é possível deixá-lo dirigir mais, ele é completamente maluco, deve ter fugido do hospício ou coisa assim.

Ergui-me em defesa de Dean, e me virei para falar com eles: — Ele não é maluco, não, e em breve estará novinho em folha. Não se preocupem com o jeito de ele dirigir, é o melhor motorista do mundo.

— Mas é demais para mim — disse a mulher num murmúrio abafado e histérico. Recostei-me e curti o pôr-do-sol do deserto, esperando que Dean, o

Anjo Desamparado, acordasse. Estávamos no topo de uma colina, acima da silhueta nítida e modelar das luzes de Salt Lake City, e ele abriu seus olhos para olhar o lugar onde, anos antes, enlameado e sem nome, havia nascido para viver neste mundo espectral.

Sal, Sal, olhe, foi lá que nasci, pense nisso! As pessoas mudam, elas comem refeições ano após ano e se transformam, a cada jantar, a cada almoço. Ih, olhe só! — Ficou tão excitado que me fez chorar. Aonde tudo aquilo conduziria? Os turistas insistiram para dirigir o carro no resto do caminho até Denver. Tudo bem, não nos importávamos; sentamos no banco de trás e continuamos conversando. Mas, pela manhã, eles estavam esgotados, e Dean pegou a direção no deserto do leste do Colorado, em Craig. Tínhamos passado praticamente toda a noite nos arrastando cautelosamente pelo passo Strawberry, em Utah, perdendo um tempo enorme. Agora, eles dormiam, e Dean dirigia despreocupadamente em direção ao poderoso paredão do passo Berthoud, ultrapassando qualquer carro que viajasse a uns cento e cinqüenta quilômetros na frente, no topo do mundo, uma tremenda porta gibraltariana envolta em nuvens. Simplesmente ignorava os perigos do passo Berthoud, como se tudo fosse uma brincadeira de criança — e exatamente como no passo Tehachapi, com o motor desligado, flutuava na estrada, ultrapassava todo mundo sem alterar jamais seu avanço ritmado, num trajeto que havia sido projetado pelas próprias montanhas, até que vislumbramos mais uma vez a imensa e calorenta planície de Denver — e Dean estava em casa.

Foi com uma expressão estúpida de suspiro aliviado que aqueles caras nos largaram na esquina da 27th com a Federal. Nossa sofrida bagagem estava ali, amontoada mais uma vez na beira da calçada; tínhamos um percurso muito maior pela frente. Mas estava tudo bem, a estrada é a vida.

6

As circunstâncias que tivemos de encarar em Denver eram completamente diversas daquelas de 1947. Podíamos arrumar imediatamente outro carro na agência de viagens, ou então ficar curtindo a cidade por uns dias, e aproveitar para sair à cata do pai de Dean.

Estávamos imundos e exaustos; no banheiro de um restaurante, enquanto eu usava o mictório, impedia a passagem de Dean, que queria ir até a pia; então, de repente, antes de acabar, dei um salto para o lado e continuei mijando em outra bacia, sem derramar uma só gota. — Sacou o truque? — perguntei a Dean.

— Legal, rapaz — respondeu ele, lavando as mãos —, é um bom truque, só que é péssimo para os rins, e já que você está ficando um pouco mais velho agora, todas as vezes que o fizer estará acrescentando mais uns aninhos de sofrimento à sua velhice, terríveis dores renais nos dias em que estiver sentado nos bancos dos parques e das praças.

— Aquilo me enlouqueceu. — Quem está ficando velho? Não sou muito mais velho do que você. Não foi isso o que eu quis dizer, homem.

— Você está sempre fazendo piadinhas sobre minha idade. Não sou uma bicha velha como aquela do carro; não precisa ficar dando recomendações para os *meus* rins. — Voltamos para o bar, e no instante exato em que a garçonete pousou os sanduíches de rosbife à nossa frente — normalmente Dean teria saltado como um lobo sobre a comida — eu disse, para coroar minha fúria: — Não quero mais papo.

— Então, os olhos dele ficaram cheios d'água e ele se levantou, deixou a comida fumegando e saiu do restaurante. Fiquei imaginando se aquela saída seria definitiva, ou apenas momentânea. Seria para sempre? Para mim, não fazia diferença, de tão indignado que estava. Eu explodira, e descarregara em Dean o fardo de minha neurose. Mas a visão de seu sanduíche intocado me deixou mais triste do que qualquer outra coisa em muitos anos. Eu não deveria ter dito aquilo... Ele gostava tanto de comer — jamais deixara a comida daquele jeito... Mas, raios, ele bem que merecia, era para aprender.

Dean ficou do lado de fora do restaurante durante exatamente cinco minutos, e então voltou e sentou-se. — Bem — falei —, o que você estava fazendo lá fora, aquecendo os punhos? Amaldiçoando-me ou inventando novas piadas a respeito de meus rins?

Ele sacudiu a cabeça. — Não, homem, você está absolutamente equivocado. Se você realmente quer saber, bem...

— Vá em frente, conte — falei, sem desviar os olhos do meu prato. Sentia-me um animal.

— Eu estava chorando — disse Dean.

— Ah, porra nenhuma, você nunca chora.

— Por que você fala assim? Por que acha que eu nunca choro?

— Porque você nunca sofre o suficiente para chorar.

— Cada frase era como uma punhalada em mim mesmo. Todos os ressentimentos secretos que eu guardara contra meu irmão estavam agora sendo postos para fora: eu era horrível, e havia muita sujeira no fundo de minha própria e impura psicologia.

Dean balançava a cabeça. — Não, Sal, eu estava chorando mesmo.

— Coisa nenhuma, aposto que você estava tão furioso que teve que sair.

— Acredite em mim, Sal, acredite agora, se é que alguma vez você acreditou em mim.

Eu sabia que ele estava dizendo a verdade, e ainda assim não estava interessado; quando olhei para a frente e o encarei, acho que estava com os olhos vesgos, porque a comida estava entalada no fundo de minha barriga miserável. Então, percebi que estava errado.

— Bem, cara, ah, Dean, me desculpe, jamais me portei assim com você. Bem, pelo menos agora você me conhece melhor. Sabe que não consigo me acostumar com ninguém — não sei o que pensar dessas minhas explosões de raiva. Seguro nas mãos pedaços fedorentos, como lixo imundo que brota do fundo da alma, e simplesmente não sei onde depositá-lo. Vamos esquecer o que passou! — O vigarista sagrado começou a comer. — A culpa não é minha, a culpa não é minha! — balbuciei. — Nada do que acontece neste mundo

repugnante, no meio desta podridão repulsiva, é culpa minha, entende? Não quero que seja, e não pode ser, e *não* será!

— Está bem, homem, está bem. Mas por favor, volte atrás e creia em mim.

— Eu creio em você, Dean, creio mesmo. — E foi esse o triste episódio daquele entardecer. Nessa noite, quando Dean e eu fomos dormir na casa daqueles caipiras, começaram a surgir as mais terríveis complicações de todas as espécies.

Essa família tinha sido minha vizinha durante minha solidão de Denver, duas semanas antes. A mãe era uma mulher maravilhosa, que vestia *jeans* e dirigia caminhões de carvão pelas montanhas nevadas para sustentar seus filhos, quatro ao todo; o marido a tinha abandonado alguns anos antes, quando estavam viajando pelo país num *trailer.* Já haviam rodado todo o percurso de Indiana até Denver naquele maldito *trailer.* Depois de muita farra e um grande porre de domingo à tarde, num bar de beira de estrada, e serenata e gargalhadas dentro da noite caipira, o grande imbecil atravessou a planície escura e jamais voltou para casa. Seus filhos eram maravilhosos. O mais velho era um garoto que naquele verão estava ausente, tinha ido para uma colônia de férias nas montanhas; a seguir, vinha uma adorável menina de treze anos, que escrevia poemas e apanhava flores silvestres pelo campo, e queria ser atriz em Hollywood quando crescesse; chamava-se Janet; a seguir vinham os dois menores, o pequeno Jimmy, que se sentava ao redor da fogueira, à noite, e pedia sua “patata” muito antes de ela estar assada, e a pequena Lucy, que colecionava minhocas, sapos, besouros e tudo o que rastejasse, dando-lhes nomes e estabelecendo lugares onde deveriam morar. Tinham quatro cães. Viviam suas vidas esfarrapadas e alegres, numa pequena rua repleta de construções novas, e eram desprezados pela vizinhança classe-média e semi-responsável só porque a pobre mulher tinha sido abandonada pelo marido, e seu quintal era sujo e desarrumado. À noite, todas as luzes de Denver se estendiam como um grande círculo luminoso e radiante, lá embaixo, na planície, já que a casa ficava na parte oeste da cidade, onde as montanhas se transformavam em colinas arredondadas que se suavizavam à medida que atingiam a borda da planície onde, nos primórdios, mansas ondas do

mar imenso que era o rio Mississipi vinham quebrar, formando assim cumes e curvas perfeitos como os daqueles morros-ilhas, o Evans, o Pike, o Longs. Dean acompanhou-me até lá e, é claro, ficou todo suor e sorrisos à vista deles, especialmente de Janet, mas o alertei para que não a tocasse, embora isso provavelmente não fosse necessário. A mulher tinha sido casada com um sujeito muito louco, e se amarrou em Dean no primeiro olhar, mas ela era tímida, e ele, também. Falou que Dean a fazia lembrar o marido sumido. — Bem como ele... igualzinho, ah, ele era maluco mesmo, pode acreditar!

O resultado disso tudo foram ruidosos porres de cerveja na sala desarrumada, jantares barulhentos, tumultuadas audições do *Cavaleiro solitário* pelo rádio. As complicações nos envolveram como nuvens de borboletas: a mulher — Frankie, como todos a chamavam — decidira finalmente comprar um calhambeque, coisa que havia anos vinha ameaçando fazer, e tinha ultimamente economizado o suficiente para fazê-lo. Dean imediatamente assumiu a responsabilidade de escolher o carro e estudar o melhor preço, porque logicamente estava pensando em usá-lo para, exatamente como em sua adolescência, apanhar as garotas que saíam da escola no fim de tarde e levá-las para as montanhas. A pobre e inocente Frankie sempre concordava com tudo; quando chegaram ao posto de vendas e pararam em frente ao vendedor, ela ficou receosa de se desfazer de suas economias. Dean sentou-se no meio-fio empoeirado da Alameda Boulevard e socou a própria cabeça com o punho cerrado. — Por cem dólares é *impossível* arranjar algo melhor! — Jurou que jamais voltaria a falar com ela, amaldiçoou-a até ficar com a cara vermelha de tanta raiva; estava a ponto de saltar para dentro do carro e sair cantando os pneus, mesmo sem tê-lo comprado. — Ah, esses caipiras burros, estúpidos, tapados, jamais mudarão, são completa e absolutamente estúpidos. Chega o momento de agir e eles ficam paralisados, histéricos, assustados, nada os amedronta mais do que aquilo que *querem*... ela é exatamente como era meu pai, meu pai, meu pai, igualzinha!

Naquela noite, Dean estava excitadíssimo porque seu primo Sam Brady viria nos encontrar num bar. Vestiu uma camiseta limpa, e estava radiante. — Escute só, Sal, tenho que lhe falar sobre Sam — é meu primo.

— Falando nisso, você procurou seu pai?

— Esta tarde, homem, fui até o Jiggs' Buffet, onde ele costumava tomar chopes em estado de singela embriaguez, e recebia descomposturas do patrão e se mandava dali trôpego... e nada! Fui até a velha barbearia, próxima ao Windsor — e nada, não estava lá... Um velho camarada dele me disse que talvez ele estivesse — imagine! — numa espécie de boate ou *dancing* à beira da estrada de ferro da Boston and Maine, na Nova Inglaterra! Mas não acreditei, eles estão sempre contando histórias furadas. Mas agora escute bem: na minha infância, Sam Brady, meu primo-irmão, era meu herói absoluto. Ele contrabandeava uísque das montanhas, e certa vez brigou a socos com o irmão, uma luta terrível que durou duas horas no quintal da casa dele, e deixou as mulheres aterrorizadas e histéricas. Costumávamos dormir na mesma cama. O único homem da família que demonstrou algum carinho por mim. Hoje à noite vou revelo, pela primeira vez em sete anos, ele acaba de voltar do Missouri.

— E de que jeito você pretende enrolá-lo?

Ah, cara, não é nada disso, não quero enrolar ninguém, só quero saber como vai a família — eu tenho família, lembra? — e mais especificamente, Sal, quero que ele me conte coisas que já esqueci de minha infância e adolescência. Quero recordar/entende? Quero relembrar tudo! — Nunca vi Dean tão infeliz e excitado. Enquanto esperávamos pelo primo no bar, ele conversou horas com vários *hipsters* e sórdidos marginais, informando-se a respeito das novas gangues que circulavam pela cidade e dos agitos atuais. Depois, fez perguntas sobre Marylou, já que ela estivera em Denver recentemente. — Sal, quando era garoto e costumava vir até essa esquina para roubar moedas daquela banca de jornais, e com o dinheiro comprar um guisado de carne, aquele brutamontes que você está vendo ali só tinha ódio e ira em seu coração blindado, vivia se metendo em brigas horrorosas, lembro-me até das cicatrizes dele, até que agora, depois de anos e a-n-o-s de inércia e de permanência nesta esquina, ele parece finalmente amansado, mas sempre de pé exatamente naquele canto sujo; pelo jeito, ele se tornou singelo, atencioso, paciente com todos; tornou-se um *apêndice* da esquina, é parte dela agora. Está vendo como são as coisas? Então

chegou Sam, um sujeito de trinta e cinco anos, rijo, crespo, com as mãos ásperas e maltratadas de um trabalhador braçal. Dean ficou boquiaberto diante dele. — Não — disse Sam Brady —, não bebo mais.

— Está vendo? Está vendo? — sussurrou Dean ao meu ouvido. — Ele não bebe mais, e foi o maior beberrão da cidade; converteu-se, é religioso agora, foi o que me disse ao telefone, olhe só para ele, repare as mudanças pelas quais um homem pode passar... meu herói ficou tão estranho! — Sam Brady não confiava mais em seu jovem primo. Ele nos levou para dar uma volta em seu cupê velho e barulhento, e abriu o jogo imediatamente, dizendo o que pensava de Dean, sem rodeios.

— Escute, Dean, não acredito mais em você ou em qualquer outra coisa que você queira me dizer. Só vim vê-lo esta noite porque há um papel que quero que você assine, é para a família. Seu pai já não é mencionado entre nós, não temos mais nada a ver com ele e, lamento dizer, com você tampouco. — Olhei para Dean; seu rosto estava nublado.

— Tudo bem, tudo bem — disse ele. O primo continuou dando voltas de carro conosco, e até nos ofereceu sorvetes. Mesmo com tudo o que havia acontecido, Dean assediou-o com uma quantidade infindável de perguntas sobre o passado espectral, o primo respondeu e, por um momento, Dean quase recomeçou a suar, de tão excitado. Ah, por onde andava seu pai maltrapilho naquela triste noite? O primo nos largou sob as luzes melancólicas de um parque de diversões, na esquina da Alameda Boulevard com a Federal. Marcou um encontro com Dean, para a assinatura do tal papel na tarde seguinte, e se mandou. Disse a Dean que me sentia triste porque ninguém mais acreditava nele neste mundo.

— Mas não se esqueça de que acredito em você. Estou tremendamente chateado por causa daquela discussão estúpida que tivemos ontem à tarde.

Tudo bem, homem, de acordo — disse Dean. Curtimos juntos o parque de diversões. Carrosséis, rodas-gigantes, pipoca, roletas, serragem espalhada pelo chão, e centenas de garotos de Denver, que vagabundeavam metidos em seus *jeans* desbotados. A poeira se elevava até as estrelas, junto com todas as canções

deprimentes desta terra. Dean vestia uma Levis desbotada e uma camiseta justa, e parecia uma verdadeira personagem de Denver. Havia jovens motoqueiros, com visores e bigodes e jaquetas com tachas de metal, que davam suas voltas, blindados, e geralmente iam parar atrás das barracas com garotas gostosas de Levis e blusinhas apertadas. Viam-se ali também garotas mexicanas, e uma menininha encantadora com um metro de altura, uma anã, com o rosto mais lírico e bonito deste mundo, que se virou para sua companheira e disse: — Ei, vamos telefonar para o Gomez e cair fora. — Dean estancou, paralisado à vista dela. Era como se uma facada o tivesse atingido no peito, saída da escuridão da noite. — Homem, me apaixonei por ela, estou *apaixonado*... — Tivemos de segui-la um longo tempo. Finalmente, ela cruzou a auto-estrada para dar um telefonema na cabina de um motel. Dean fingiu que estava olhando um número qualquer na lista telefônica, mas na verdade estava espiando nervosamente, vidrado nela. Tentei iniciar uma conversa com suas lindas amigas, mas elas não nos deram a mínima bola. Gomez chegou num caminhão barulhento e levou-as, a todas. Dean ficou paralisado no meio da estrada, agarrando o próprio peito. — Ah, homem, quase morri. . .

— Porra, cara, por que você não falou com ela?

— Não pude, não consegui... — Decidimos comprar cervejas e ir escutar discos lá em cima, na casa d.a caipira Frankie. Pedimos carona com uma sacola cheia de latas de cerveja. A pequena Janet, a filha de treze anos de Frankie, era a menina mais linda do mundo, e já estava quase se tornando mulher, uma maravilhosa mulher. O melhor eram seus dedos longos, pontiagudos, sensíveis, que costumava usar ao falar, como a dança do Nilo de uma Cleópatra. Dean sentou-se no canto mais escuro da sala, olhando para ela com os olhos semicerrados e balbuciando: — *Yes, yes, yes!* — Janet, que estava avisada a respeito dele, voltou-se para mim, buscando proteção. Nos meses anteriores àquele mesmo verão, eu havia passado um bom tempo com ela, falando sobre livros e outras pequenas coisas nas quais ela estava interessada.

7

Não aconteceu nada naquela noite; fomos todos dormir. Em compensação, no dia seguinte aconteceu de tudo. Durante a tarde Dean e eu fomos ao centro de Denver para tratar de vários assuntos e ver, na agência de viagens, se conseguíamos um carro que nos levasse a Nova York. Já no fim da tarde, a caminho da casa de Frankie pela Broadway, Dean entrou numa loja de esportes, pegou uma bola de beisebol e saiu tranqüilamente, jogando-a de uma mão para a outra. Claro que ninguém notou; nunca se nota uma coisa dessas. Era uma tarde de calor sufocante. Ficamos jogando a bola de um lado para o outro enquanto seguíamos em frente. — Tenho certeza de que amanhã arranjaremos um carro na agência de viagens.

Uma mulher amiga me dera uma garrafa de uísque Old Grand-dad. Na casa de Frankie, começamos a bebê-la. Do outro lado de uma plantação de milho, que ficava atrás da casa, morava uma linda garota que Dean estava tentando conquistar desde nossa chegada. As complicações começaram a brotar como flores na pradaria. Ele jogou tantas pedras na janela dela, que a moça acabou se assustando. Enquanto bebíamos o uísque na sala em desordem, com todos os cães e brinquedos espalhados, e prosseguíamos nossa conversação nostálgica, Dean continuava a correr pela porta da cozinha, cruzando velozmente a plantação de milho para jogar pedras na janela e assobiar para a menina. De vez em quando, Janet ia atrás dele para espiar o que estava fazendo. De repente, Dean voltou, pálido. — Problemas, meu rapaz, problemas. A mãe da garota vem vindo aí com uma espingarda, e junto com ela vem uma turma inteira de colegiais, todos a fim de minha cabeça!

— Como é?! Onde eles estão?

— Do lado de lá da plantação, rapaz... — Dean estava tão bêbado que nem ligava. Saímos juntos e atravessamos a plantação de milho sob o luar. Vi um grupo de pessoas no caminho escuro.

— Lá vêm eles! — pude ouvi-los gritar.

— Esperem um pouco — falei. — Por favor, o que está acontecendo?

A mãe estava de tocaia atrás do grupo, empunhando uma espingarda enorme. — Esse seu amigo idiota já nos incomodou o suficiente. Não sou do tipo que chama a policia. Se ele voltar aqui, vou atirar, e atirarei para matar. — Os colegiais permaneciam em grupos, com os punhos cerrados. Eu também estava bêbado, e os levei a sério, mas mesmo assim consegui serenar os ânimos.

Falei: — Ele não vai incomodá-la mais. Vou ficar de olho nele. É meu irmão, e vai me ouvir. Por favor, abaixe a espingarda, não precisa se preocupar mais.

— Que não volte nunca mais! — disse ela com uma firmeza indignada, na escuridão. — Quando meu marido chegar em casa, vou mandá-lo atrás de vocês.

— Não precisa fazer isso; ele não vai incomodá-la mais, pode ter certeza. Agora fique calma, tudo ficará bem. — Atrás de mim, Dean blasfemava baixinho. A garota estava lá, tímida, espiando da janela de seu quarto. Eu conhecia aquelas pessoas de minha estada anterior, e eles confiaram em mim o suficiente para se acalmar um pouco. Peguei Dean pelo braço e o arrastei de volta para casa. Cruzamos assim o milharal enluarado.

— Iúpi! -— gritou ele. — Vou me embebedar hoje à noite. — Voltamos para Frankie e as crianças. De repente Dean ficou indignado com um disco que a pequena Janet estava escutando, e quebrou-o no joelho: era um disco de música sertaneja. Na casa, também havia um disco de Dizzy Gillespie que ele realmente admirava — *Congo blues*, com Max West na bateria. Eu o tinha dado a Janet na minha primeira estada, e agora eu lhe dizia, enquanto ela chorava, que pegasse o disco e o quebrasse na cabeça dele.

Foi exatamente o que ela fez. Dean cambaleou e entendeu tudo. Rimos todos. Estava tudo bem. Então, mamãe Frankie quis sair para beber cerveja nos bares da estrada. — Vamos logo! — gritou Dean. — Está vendo que merda? Se você tivesse comprado aquele carro que eu lhe mostrei na terça-feira, não teríamos que caminhar.

— Não gostei daquela merda de carro — berrou Frankie. Nhé, nhé, as crianças começaram a choramingar. E como uma imensa mariposa de asas cinzentas, a eternidade pousou densamente naquela sala maluca e escura, com o

papel de parede deprimente, o lampião cor-de-rosa, os rostos excitados. O pequeno Jimmy estava assustado; fiz o moleque dormir no sofá, e deixei um dos cães a seu lado. Embriagada, Frankie chamou um táxi e, de repente, quando estávamos esperando por ele, minha amiga telefonou para mim. Ela tinha um primo de meia-idade que simplesmente me odiava e, no início da tarde, eu havia escrito uma carta para Old Buli Lee, que estava na cidade do México, relatando minhas aventuras com Dean e em que circunstâncias estávamos passando aquela temporada em Denver. Escrevi: “Tenho uma amante que me dá uísque, dinheiro e grandes jantares”.

Estupidamente, dei a carta para que seu primo a colocasse no correio, logo depois de termos comido um frango assado. Ele abriu a carta, e depois de lê-la levou-a direto a ela, para provar que eu não passava de um gigolô. Agora, ali estava ela me telefonando, entre lágrimas, dizendo que nunca mais queria me ver. Então o primo, triunfante, pegou o telefone e começou a me chamar de filho da puta. Enquanto o táxi buzinava lá fora, e as crianças choravam, e os cães latiam, e Dean dançava com Frankie na calçada, e eu gritava ao telefone todos os palavrões concebíveis que pude imaginar, inventando até mesmo alguns novos, mandei ela e o primo à puta que os pariu, desliguei o telefone na cara deles e saí para curtir a noite, para me embebedar mais.

Saltamos do táxi tropeçando uns nos outros, entramos cambaleantes no bar, um bar caipira próximo às montanhas, e pedimos cervejas. Tudo estava ruindo, e para tornar a cena ainda mais frenética, havia um sujeito espástico, extasiado num canto do bar, e ele enroscou os braços em torno de Dean e começou a gemer com a boca quase colada ao rosto dele, e Dean pirou de vez, reiniciando seu ritual de suor e insanidade. Para adicionar um novo ingrediente à já intolerável confusão, Dean caiu fora, e num segundo roubava um carro no estacionamento ali em frente; deu a seguir uma rápida investida até o centro de Denver e de lá voltou com um novo carro, ainda melhor que o primeiro. De repente, olhei pela janela do bar e vi um grupo, pessoas e policiais reunidos no estacionamento, sob as luzes faiscantes de uma radiopatrulha, falando a respeito do carro roubado. — Tem alguém roubando carros a torto e a direito por aqui!

— dizia um dos guardas. Dean estava exatamente ali, atrás dele, dizendo: — Ah, sim, ah, sim. — Os policiais saíram para investigar. Dean retornou ao bar e ficou às voltas com o coitado do espástico — era apenas um garoto, tinha se casado naquele mesmo dia e estava tomando um tremendo porre, enquanto sua noiva o aguardava, sabe-se lá onde. — Ah, homem, esse cara é o sujeito mais fantástico do mundo! — urrou Dean. — Sal, Frankie, vou cair fora para arrumar um carro realmente bom desta vez, e sairemos todos para dar umas voltas, e Tony também — era o santo espástico —, vamos curtir um tremendo giro pelas montanhas. — E se mandou. Simultaneamente, um guarda entrou dizendo que um carro recém-roubado no centro de Denver estava parado no estacionamento. Todos discutiam, desconfiados. Pela janela, vi Dean saltar para dentro do carro mais próximo e sair voando com os pneus rangendo, sem que uma só pessoa o visse. Minutos mais tarde, estava de volta num carro completamente diferente, um conversível novo em folha. — Este, sim, é uma beleza — sussurrou ao meu ouvido. — O outro falhava demais. . . abandonei-o numa encruzilhada, e vi esta maravilha estacionada em frente a uma fazenda. Dei uma volta por Denver com ele. Vamos nessa, cara, vamos dar um giro por aí. — A amargura e a loucura de sua vida inteira em Denver estavam explodindo em olhares furiosos, descontrolados. Seu rosto estava vermelho, suado, viril e maldoso.

— Não, não quero saber de carros roubados.

— Ah, qual é, cara? Tony vem comigo, não vem? — E Tony — um magricela de cabelos negros e olhos puros, em gemidos de alma perdida — se escorou em Dean, porque começara a se sentir mal, e subitamente, por alguma sábia razão intuitiva, ficou aterrorizado com a presença do mesmo Dean, e, erguendo suas mãos para o céu, afastou-se rapidamente, com o horror estampado na face. Dean baixou a cabeça e fez gotejar seu suor indefectível. Saiu, entrou no carro e sumiu. Frankie e eu pegamos um táxi no estacionamento e decidimos ir para casa. Enquanto o táxi avançava pela infinitamente escura Alameda Boulevard, pela qual tantas vezes eu caminhara em muitas e muitas noites desiludidas nos primeiros meses daquele verão, sempre cantarolando e gemendo, e deliciando-me com as estrelas e deixando o sumo de meu coração pingar no

asfalto ainda escaldante, Dean surgiu atrás de nós, de repente, dirigindo o conversível roubado; buzinando sem parar, ele nos fechou a passagem, sempre gritando. O rosto do motorista empalideceu.

É apenas um amigo meu — falei. Dean ficou irritado conosco e disparou à frente, a uns cento e cinqüenta por hora, lançando uma bruma espectral pelo escapamento. Então, dobrou na rua de Frankie e estacionou em frente à casa; no instante seguinte saía de novo com os pneus rangendo e, fazendo um retorno brusco, se arrancou para a cidade, enquanto descíamos do táxi e pagávamos a tarifa. Segundos mais tarde, enquanto aguardávamos ansiosamente no quintal sombrio, ele voltou — e ainda por cima com outro carro —, levantando uma nuvem de poeira que cobriu a frente da casa; cambaleou direto até a cama, onde tombou pesadamente, como em coma alcoólica. E ali estava um carro roubado, estacionado bem em frente à nossa porta.

Tive de acordá-lo; não consegui fazer o carro pegar para abandoná-lo em algum lugar longe dali. Ele pulou fora da cama, de cuecas, e entramos juntos no carro, enquanto a criançada ria baixinho na janela, e lá fomos aos pulos e sacolejos pela estrada de terra batida, entre campos de alfafa, rompti-rompti, até que o carro não agüentou mais e morreu sob uma velha paineira ao lado do moinho. — Parou de vez — disse Dean, saindo do carro e pondo-se a caminhar naturalmente de volta para casa, mais ou menos um quilômetro além, de cuecas ao luar. Voltei junto, e fomos dormir. Tudo era uma horrível confusão, tudo o que acontecera em Denver, minha amante, os carros roubados, as crianças chorando, a pobre Frankie, a sala suja, com latas de cerveja esparramadas por todos os cantos, e eu, que tentava dormir. Um grilo me manteve desperto. À noite, naquela parte do oeste, as estrelas, como eu já as tinha visto no Wyoming, são enormes, como fogos de artifício, e tão solitárias quanto o príncipe do Dharma, que perdeu seu percurso ancestral, e viaja por todos os lugares, no espaço, na cauda da Ursa Maior, tentando reencontrá-lo. As estrelas giravam lentamente na noite, e então, muito antes do verdadeiro nascer do sol, uma grande claridade avermelhada surgiu ao longe, no descampado árido e cinzento,

lá para os lados do Kansas, enquanto os pássaros começavam a trinar sobre Denver.

8

— Acordamos com náuseas horríveis. A primeira coisa que Dean fez foi atravessar o milharal para ver se o carro estava em condições de nos conduzir até o leste. Eu me opus,, mas ele foi mesmo assim. Retornou pálido. — Cara, o carro pertence a um delegado, e qualquer delegacia de Denver conhece minhas impressões digitais, daquele ano em que roubei quinhentos carros. Você viu o que faço com eles, apenas dou algumas voltas, homem! Tenho que cair foral. Escute, vamos acabar enjaulados se não nos mandarmos daqui imediatamente. Você está certo! — falei; e começamos a arrumar nossas coisas tão rápido quanto podíamos. Despedimo-nos rapidamente da família caipira e nos arrancamos rumo à estrada protetora, onde ninguém nos reconheceria. A pequena Janet começou a chorar ao nos ver partir, ou ao me ver, ou sabe-se lá o quê — e Frankie foi delicada, e eu a beijei e pedi-lhe desculpas.

— Ele é mesmo um sujeito muito maluco — disse ela. — Realmente, me faz lembrar meu marido fujão. É exatamente como ele era. Só espero que meu Mickey não seja assim quando crescer, esses meninos, hoje em dia. . .

E dei adeus também para a pequena Lucy, que tinha um besouro na mão; o pequeno Jimmy dormia. Tudo isso em poucos segundos, numa adorável madrugada de domingo, enquanto saíamos aos trambolhões com nossa mísera bagagem. Adiantamo-nos o máximo possível. A cada segundo, temíamos que uma radiopatrulha surgisse de uma curva na estrada empoeirada e se lançasse vorazmente sobre nós.

— Se aquela mulher da espingarda nos descobrir, estamos fritos — disse Dean. — T*emos* que conseguir um táxi, só assim estaremos salvos. — Estávamos a ponto de acordar uma família da vizinhança rural para usar seu telefone, mas um cão nos manteve à distância. A cada minuto, as coisas ficavam

mais perigosas; o carro acabaria sendo encontrado em ruínas por um camponês madrugador. Uma velhinha adorável nos deixou usar seu telefone, e finalmente chamamos um táxi no centro de Denver, mas o táxi não apareceu. Arrastamo-nos estrada abaixo, arfando com o peso. da bagagem. O trânsito matinal começava, e cada carro nos parecia da polícia. De repente, vimos mesmo um camburão, e eu percebi que aquilo era meu fim, o fim de minha vida tal como eu a conhecia, e o início de um novo e horrível período de prisões e cárceres. Mas, na verdade, o camburão era nosso táxi, e daquele momento em diante voamos rumo ao leste.

Na agência de viagens soubemos de uma oferta inacreditável: procurava-se alguém para levar uma limusine Cadillac 1947 até Chicago. O dono tinha dirigido desde o México com sua família, e estava exausto; enfiou todos num trem, e ficou para resolver de que maneira seu palácio sobre rodas chegaria até Chicago. Tudo o que ele queria era ver meus documentos, e que o carro chegasse lá inteiro. Meus papéis lhe asseguraram que tudo correria bem. Disse-lhe que não se preocupasse. Alertei Dean: — E trate de se comportar com esse carro! — Dean saltitava de alegria diante de um veículo como aquele. Teríamos de esperar uma hora. Deitamo-nos na grama próxima à igreja onde, em 1947, eu tinha passado alguns momentos com os mendigos vagabundos, depois de acompanhar Rita Bettencourt até a casa dela, e ali adormeci de puro horror e exaustão, com o rosto voltado para os pássaros do entardecer. Na verdade, era como se estivessem tocando órgão em algum lugar. Dean saiu para dar umas bandas pela cidade. Conheceu uma garçonete, marcou encontro e ficou de apanhá-la naquela mesma tarde com o Cadillac; retornou célere para me acordar com as novidades. Eu já estava me sentindo melhor. Levantei-me para encarar novas complicações.

Quando o Cadillac chegou, Dean imediatamente se arrancou tinindo para “pôr gasolina”, e o cara da agência olhou para mim e perguntou: — Quando ele vai voltar? Os passageiros estão prontos para partir. — Mostrou-me dois garotos irlandeses de um colégio jesuíta do leste, que esperavam nos bancos duros, com suas malas ao lado.

— Ele só foi pôr gasolina, volta num instante. — Fui até a esquina e fiquei observando Dean, enquanto ele esperava a garçonete mudar de roupa no quarto

de hotel com o motor ligado; na verdade, de onde eu estava, podia vê-la frente ao espelho, arrumando-se, ajustando as meias de seda, e desejei poder acompanhá-los. Ela saiu correndo e saltou para dentro do Cadillac. Voltei para tranqüilizar o dono da agência e os passageiros. Parado na porta, vi, num relance, o Cadillac cruzar a Cleveland Place, enquanto Dean, exultante e de camiseta, agitava as mãos e conversava com a garota, curvado por sobre o volante, enquanto ela permanecia sentada, melancólica e orgulhosa ao lado dele. Foram a um estacionamento em plena luz do dia, pararam o Cadillac junto a um muro nos fundos (era um estacionamento onde Dean já trabalhara antes), e ali, ele garantiu, trepou com ela num instante; não apenas isso, mas também conseguiu persuadi-la a nos seguir para o leste assim que recebesse seu pagamento na sexta-feira; ela deveria pegar um ônibus e juntar-se a nós no apartamento de Ian MacArthur na Lexington Avenue, em Nova York. Ela concordou; chamava-se Beverly. Em meia hora, Dean voltou, deixou a garota no hotel, entre beijos, promessas e despedidas, e zuniu até a agência para apanhar sua tripulação ansiosa.

— Já não era sem tempo — disse o jeitoso chefe da agência. — Pensei que você tinha ido embora com o Cadillac.

Está tudo sob minha responsabilidade — tranqüilizei-o —, não se preocupe. — E eu disse isso porque Dean estava num estado tal de excitação, que qualquer um poderia perceber seu grau de loucura. Dean adquiriu um ar sóbrio e compenetrado, ajudando os garotos jesuítas com suas bagagens. Eles mal estavam sentados e eu nem bem havia me despedido de Denver, Dean já arrancava ferozmente, fazendo o poderoso motor funcionar com sua potência descomunal. Nem cinco quilômetros depois de Denver, o velocímetro se quebrou, porque Dean estava indo a mais de cento e setenta quilômetros por hora.

— Bem, sem velocímetro não posso saber a que velocidade estou indo. Vou tocar o pé na tábua até Chicago, e depois calcularemos pelo tempo. — Não parecíamos correr nem a cem por hora, mas todos os outros carros ficavam para trás, como moscas abatidas, naquela auto-estrada sem curvas que ia em direção a

Greeley.— Estamos nos dirigindo para o nordeste porque você simplesmente tem que conhecer Ed Wall e o rancho dele em Starling, Sal. Esta barca aqui é tão veloz que podemos fazer isso sem perder tempo, e ainda chegaremos a Chicago muito antes do trem do homem. — Aceitei a idéia. Começou a chover, mas Dean não arredou pé. Era um carro maravilhoso, a última das limusines no velho estilo, com uma estrutura esguia e alongada, pneus de banda branca, e provavelmente até com vidros à prova de bala. Os garotos jesuítas — do St. Bonaventura — iam, no banco de trás, festivos e felizes por se encontrarem a caminho, e não tinham a menor idéia da velocidade em que estávamos indo. Tentaram puxar assunto, mas Dean não respondeu nada, tirou a camiseta e continuou dirigindo, nu da cintura para cima. — Ah, essa tal de Beverly é uma garota e tanto... vai se encontrar comigo em Nova York... vamos nos casar assim que eu me divorciar de Camille... tudo está dando certo, Sal, nós estamos na estrada. Uau, pode crer! — Quanto mais rápido nos afastávamos de Denver, melhor eu me sentia. Realmente, estávamos voando. Escurecia quando saímos da auto-estrada em Junction e entramos numa estradinha de terra que nos conduziria ao rancho de Ed Wall, através das planícies lúgubres do leste do Colorado, em Coyote, no meio do nada. Mas continuava chovendo, a lama estava escorregadia, e por isso Dean reduziu para cento ,e vinte; pedi-lhe que reduzisse ainda mais, ao que ele respondeu: — Não se apavore, homem, você me conhece!

Desta vez não — garanti —, você está indo rápido demais. — Enquanto voávamos sobre aquele barro escorregadio surpreendeu-nos uma grande curva para a esquerda, e Dean agarrou o volante com firmeza, mas aquele carro enorme derrapou no lamaçal em que a estrada havia se transformado e dançou assustadoramente.

— Cuidado! — gritou Dean, que não estava nem aí e passava por um breve desentendimento com seu anjo da guarda, enquanto o Cadillac deslizava, parando só depois que sua traseira caiu num valo e a frente ficou atravessada na estrada. Um silêncio pesado se abateu sobre tudo. Podíamos ouvir o uivar furioso do vento. Estávamos no meio da pradaria selvagem. Havia uma fazenda

a uns quinhentos metros dali. Não conseguia parar de xingar, praguejar, blasfemar, de tão furioso e indignado que estava com Dean. Sem dizer uma só palavra, ele se dirigiu à fazenda sob a chuva, com um casaco, em busca de ajuda.

— É seu irmão?— perguntaram os garotos do banco de trás. — Ele é um demônio ao volante, não?... e, pelo que vem contando, também com as mulheres.

— Ele é doido mesmo — respondi —, e é meu irmão, sim. — Vimos Dean retornando no trator do fazendeiro. Eles prenderam o carro com correntes, e o fazendeiro nos tirou do valo. O carro estava coberto de lama, e um pára-choque de trás ficou arrasado. O fazendeiro nos cobrou cinco dólares. Suas filhas espiavam, sob a chuva miúda. A mais bonita, e a mais envergonhada também, escondia-se lá longe no campo e parecia ter boas razões para isso, já que era a mais linda garota que Dean e eu jamais havíamos visto em toda a nossa vida. Tinha dezesseis anos, a pele suave e rosada como. uma flor das planícies, olhos azulíssimos, um cabelo encantador, modesta e ágil como um antílope. A cada olhar nosso, ela estremecia. Estava ali, enquanto os fortes ventos que sopravam direto de Saskatchewan agitavam seus cabelos, formando anéis acima de sua cabeça graciosa. Ela corava sem parar.

Terminadas nossas lides com o fazendeiro, lançamos um último olhar para o anjo da pradaria e caímos fora, com mais calma agora, até que a escuridão nos envolveu por completo e Dean disse que o rancho de Ed Wall era logo ali. — Ah, uma garota como aquela me enlouquece, chega a me arrepiar — falei; — seria capaz de abandonar tudo e deixar minha vida nas mãos dela, e, se ela não me quisesse, eu simplesmente me jogaria no abismo do fim do mundo. — Os meninos jesuítas riram baixinho. Estavam sempre dizendo gracejos banais, ou aquele velho papo furado dos colégios do leste. Não tinham nada nos miolos, só algumas noções de um São Tomás de Aquino malcompreendido. Dean e eu simplesmente não dávamos bola para eles. Enquanto cruzávamos as planícies enlameadas, ele contava histórias sobre seus dias de *cowboy,* e apontava para um trecho da estrada onde passara uma manhã inteira cavalgando; assim que entramos na propriedade de Ed Wall, que era imensa, mostrou o local onde havia consertado as cercas, e também onde o velho Wall, o pai de Ed, costumava fazer

seu automóvel saltitar sobre os cocurutos nos gramados atrás de um bezerro desgarrado, gritando: “Peguem-no, peguem-no, porra!” — A cada seis meses ele precisava comprar um carro novo — contou Dean —, simplesmente não conseguia se preocupar com eles. Quando um novilho fugia, ele o perseguia de carro até a fonte mais próxima e, ali saltava e fazia o resto da perseguição a pé. Contava cada *cent* que lucrava e guardava tudo numa jarra. Que velho rancheiro maluco! Vou lhe mostrar os carros espatifados perto do dormitório dos rapazes. Foi para cá que vim em liberdade condicional, depois de minha última condenação. Era aqui que eu vivia quando escrevi aquelas cartas para Chad King que você leu. — Saímos da estrada e entramos numa trilha que serpenteava entre as pastagens de inverno. Um tristonho bando de vacas de focinho branco atravessou à frente de nossos faróis na noite escura. — Lá estão elas! As vacas de Wall. Jamais conseguiremos passar entre elas. Teremos que sair do carro e assustá-las. Ih! Ih! Ih! — Mas não foi preciso fazê-lo, bastou-nos avançar lentamente entre a manada, às vezes empurrando gentilmente as vacas com a frente do carro, enquanto o rebanho mugia como um mar revolto em torno do carro. Para além do turbilhão, vimos as luzes do rancho de Ed Wall. Ao redor dessa luz solitária perdia-se de vista a vastidão das planícies.

O tipo de escuridão — trevas absolutas! — que cai sobre uma pradaria como aquela é inconcebível para um habitante do leste. Não havia estrelas, nem lua, nem uma única luz, além do clarão distante da cozinha da sra. Wall. Para além das trevas abissais do pátio adivinhava-se uma vista infinita do mundo, que só poderia ser divisada depois do amanhecer. Depois de bater à porta e chamar por Ed Wall no escuro — ele estava ordenhando as vacas no curral —, dei uma pequena e cuidadosa caminhada na escuridão, seis metros e nada mais. Pensei ter ouvido coiotes. Wall disse que aquilo devia ser um dos cavalos selvagens de seu pai que relinchava ao longe. Ed Wall tinha mais ou menos nossa idade; era alto, esguio, lacônico, de dentes separados. Ele e Dean costumavam vadiar pelas esquinas da Curtis Street assobiando para as garotas. Ele nos conduziu delicadamente até sua sala sombria, soturna, com sinais evidentes de pouco uso,

e procurou até encontrar um candeeiro que acendeu, dizendo para Dean: — Que raio aconteceu com esse seu dedo?

— Dei um soco em Marylou, e o dedo acabou tão infeccionado que tiveram que amputar um pedaço.

— Por que cargas-d'água você fez isso? — Percebi que ele tinha sido uma espécie de irmão mais velho para Dean. Balançou a cabeça; o jarro de leite continuava a seus pés. — Você sempre foi um filho da puta de um desmiolado, mesmo.

Enquanto isso, na ampla cozinha da fazenda, sua jovem esposa nos preparou uma ceia magnífica. Pediu desculpas pelo sorvete de pêssego: — Não passa de uma mistura de nata e pêssegos congelados. — Claro que foi o único sorvete verdadeiro que comi em toda a minha vida. Ela começou servindo-nos com moderação e terminou com abundância; enquanto comíamos, novas delícias surgiam na mesa. Era uma loira bem-feita de corpo, mas, como todas as mulheres que vivem em espaços vastos, queixava-se da monotonia da região. Enumerou os programas de rádio que costumava escutar àquela hora da noite. Ed Wall permanecia sentado, calado, olhando para as próprias mãos. Dean comia vorazmente. Ele queria que eu fingisse ser dono do Cadillac, um rapaz muito rico, do qual ele era amigo e chofer. Mesmo assim, não conseguiu impressionar Ed Wall. Cada vez que o gado fazia um ruído no estábulo, ele levantava a cabeça e aguçava os ouvidos, atento.

— Bem, espero que vocês cheguem a Nova York sem problemas. — Longe de acreditar na lorota de que eu era dono do Cadillac, ele estava convencido de que Dean o havia roubado. Ficamos no rancho aproximadamente uma hora. Ed Wall tinha perdido a fé em Dean, como Sam Brady; olhava-o com o rabo do olho, quando olhava. Houvera dias excitados no passado, quando eles se arrastavam de braços dados pelas ruas de Laramie, no Wyoming, no final das colheitas, mas aquele tempo estava morto e enterrado.

Dean pulava convulsivamente na cadeira. — Bem, bem, acho que é melhor irmos andando, porque temos que estar em Chicago amanhã à noite e já perdemos algumas horas. — Os colegiais agradeceram delicadamente a Wall, e

lá fomos nós para a estrada. Voltei-me para ver as luzes da cozinha, que afundavam no mar da noite. Depois, virei-me para a frente.

9

Num piscar de olhos, estávamos de volta à estrada principal, e naquela noite vi todo o Estado de Nebraska desfilar diante de meus olhos. Cento e setenta quilômetros por hora, direto, sem escalas, cidades adormecidas, tráfego nenhum; um trem da Union Pacific deixado para trás, ao luar. Eu não estava nem um pouco assustado aquela noite; parecia-me algo perfeitamente normal voar a cento e setenta, conversando e observando todas as cidades do Nebraska — Ogallala, Gothenburg, Kearney, Grand Island, Columbus — sucedendo-se com uma rapidez onírica, enquanto seguíamos viagem. Era um carro magnífico; portava-se na estrada como um navio no oceano. Longas curvas graduais eram seu forte.

— Ah, homem, essa barca é um sonho — suspirava Dean.

— Pense no que poderíamos fazer se tivéssemos um carro assim. Sabia que existe uma estrada que cruza o México inteiro e vai até o Panamá?... talvez até o coração da América do Sul, onde os índios têm dois metros .de altura e mascam coca o tempo inteiro nas encostas das montanhas? *Yeah!* Curtiríamos o mundo inteiro num carro como este, você e eu, Sal, porque, na verdade, as estradas acabam conduzindo a todos os cantos do mundo. Não podem levar a outro lugar... certo? Aah, e daremos boas voltas pela velha Chi, dentro desta maravilha sobre rodas! Pense nisso, Sal, jamais pus meus pés em Chicago, jamais estive lá.

— Ao chegarmos num Cadillac como este, vão pensar que somos gângsteres.

— Exato! E as garotas! Poderemos ganhar garotas! Para dizer a verdade, Sal, decidi fazer esta viagem numa velocidade extra-especial, e então teremos uma noite inteira, quem sabe?, para dar algumas voltas nesta caranga. Portanto,

relaxe porque agora eu vou fundo, o tempo inteiro.

— Bem, a que velocidade você está indo agora?

Calculo que uns cento e setenta, por aí... mas nem dá para perceber. Ainda temos o Iowa inteiro pela frente, durante o dia, depois passarei voando pelo Illinois. — Os garotos dormiam, e nós fomos conversando a noite inteira sem parar. Era impressionante a maneira como Dean podia passar da maior loucura à paz total, uma paz que, acredito, estava definidamente associada a um carro veloz, uma praia a ser atingida o mais rapidamente possível, e uma mulher que o aguardasse no final da estrada, como se nada tivesse acontecido. — Agora fico sempre assim quando passo por Denver... não suporto mais aquela cidade. Pasma, asma, cataplasma, Dean é um fantasma, eh, eh. Zum! — Contei a ele que já tinha passado por aquela estrada do Nebraska, em 1947. Ele também. — Sal, quando eu estava trabalhando na lavanderia New Era, em Los Angeles, em 1944, depois de falsificar minha idade, fiz uma viagem até o autódromo de Indiana com a expressa determinação de assistir à clássica corrida do Memorial Day, pedindo carona de dia e roubando carros à noite, para ganhar tempo. Em Los Angeles, eu já tinha um Buick que custara míseros vinte dólares, meu primeiro carro, mas ele não tinha condições de passar por uma vistoria, já que estava sem faróis e sem freio; por isso, decidi que precisava de uma placa de fora do Estado, para dirigir sem ser incomodado, então vim até aqui para conseguir a tal da placa. Quando estava pedindo carona numa dessas insignificantes cidades de beira da estrada, com as placas escondidas sob o casaco, um xerife abelhudo, que me achou jovem demais para estar viajando de carona, me abordou no acostamento. Encontrou as placas e me enfiou numa prisão, junto com um delinqüente local que deveria estar num asilo e não num cárcere, já que não conseguia nem mesmo se alimentar (a mulher do xerife lhe dava comida na boca), e ficava o dia inteiro sentado, babando e gemendo. Depois das respectivas investigações — que incluíram encheções de saco do tipo sermão paternal, seguido de uma brutal reviravolta para me atemorizar com ameaças terríveis, o estudo de minha letra, etc. — e depois que fiz o mais magnífico discurso de minha vida para me ver livre, concluindo com a confissão de que tudo o que eu

dissera sobre roubos de carros era mentira, e que eu estava ali procurando por meu pai, que trabalhava numa fazenda das redondezas, ele me deixou partir. Claro que perdi as corridas. No outono seguinte, fiz outra vez o mesmo percurso para assistir ao jogo entre a Notre Dame e a Califórnia, em South Bend, Indiana — dessa vez sem problemas, mas, para dizer a verdade, Sal, só tinha a grana para a entrada, nem um *cent* a mais, e não comi absolutamente nada na ida e na volta, a não ser o pouco que conseguia mendigar de todos os tipos de malucos que ia cruzando pela estrada afora, e das putas também. Fui o único sujeito dos Estados Unidos da América que se sujeitou a tamanhas dificuldades somente para assistir a um jogo de beisebol.

Perguntei a ele quais tinham sido as circunstâncias de sua passagem por L.A. em 1944: — Fui preso no Arizona; essa prisão foi simplesmente a pior pela qual jamais passei. Tinha que escapar de qualquer jeito, e essa foi a mais extraordinária fuga de minha vida, falando de fugas de um modo geral, percebe? Rastejar pelas florestas e pelos pântanos — por todos os buracos daquela região montanhosa. Se fosse pego, o que me aguardava eram cassetetes de borracha, trabalhos forçados ou a assim chamada "morte acidental". Por isso, tive que caminhar pelo meio da floresta, evitando estradas, trilhas ou caminhos. Tinha que me livrar de minhas roupas de presidiário, e realizei o furto mais cuidadoso de toda a minha vida, roubando uma calça e uma camisa de um posto de gasolina na saída de Flagstaff; cheguei a L.A. dois dias depois, vestido de mecânico, e fui direto até a oficina mais próxima, arranjei um quarto, troquei de nome (Lee Buliay) e passei um ano excitadíssimo em L.A., que incluiu uma fascinante turma de novos amigos e garotas incríveis; a temporada terminou quando todos nós estávamos dirigindo pelo Hollywood Boulevard certa noite, e eu disse a um de meus camaradas que segurasse a direção enquanto eu beijava minha garota — era eu quem estava dirigindo, claro —, e ele *não me ouviu* e nos esborrachamos contra um poste, mas estávamos apenas a trinta por hora, e eu só quebrei o nariz. Você já viu meu nariz, não? — essa curvatura grega meio torta, aqui em cima. Depois disso, fui para Denver e encontrei Marylou numa lanchonete, nessa primavera. Rapaz, acredite, ela tinha quinze anos, vestia *jeans*

apertados e estava só esperando que alguém viesse e a conquistasse. Três dias e três noites de conversação inesgotável no Ace Hotel, terceiro andar, quarto do canto sudeste, um quarto repleto de lembranças sagradas. Ah, memória abençoada dos meus dias de juventude — ah, ela era tão singela, tão *nova*, humm, ahh! Mas, ei, olhe só na escuridão da noite: uau, uau, um bando de velhos vagabundos em volta da fogueira, na beira dos trilhos, que loucura! — Quase diminuiu a velocidade. — Nunca consigo saber se meu pai está ali ou não, entende? — Havia alguns tipos pelas trilhas, trôpegos, à beira da fogueira. — Nunca sei o que perguntar. Ele pode estar em qualquer lugar. — Seguimos em frente. Em algum lugar, atrás de nós ou à nossa frente, sob a noite imensa, numa moita qualquer, envolto num manto de trevas, jazia seu pai, completamente bêbado, sem dúvida alguma, com saliva a escorrer-lhe pelo queixo, calças molhadas, cera nos ouvidos, meleca no nariz, e talvez até um pouco de sangue ressequido nos cabelos desalinhados, banhado pelo luar irradiante.

Agarrei o braço de Dean. — Ah, rapaz, estamos indo para casa, pode crer! — Ele iria fixar residência em Nova York pela primeira vez na vida. Por isso, tinha arrepios, já não conseguia esperar mais.

— E pense, Sal, assim que chegarmos à Pensilvânia começaremos a ouvir outra vez aquele doido *bop* do leste, nos programas de rádio. Uau, vamos lá, vou pisar fundo nesta velha barca! — e aquele magnífico carro fazia o vento rugir em nossos ouvidos; fazia as planícies desdobrarem-se diante de nossos olhos como intermináveis rolos de papel. Suas rodas fabulosas lançavam faíscas flamejantes de asfalto derretido — uma barca imperial! Abri os olhos para me deparar com uma claridade incipiente: estávamos mergulhando naquela direção, em breve as cores tênues do amanhecer nos envolveriam por completo. O rosto duro e obstinado de Dean estava, como sempre, iluminado pelas luzes pálidas do painel, e denunciava sua típica e ossuda determinação.

— Ei, Pops, em que você está pensando?

— Ah-ah, ah-ah, no mesmo de sempre, é claro: garotas, mulheres, meninas!

Adormeci e acordei na atmosfera quente, seca, de uma manhã ensolarada no Iowa; Dean ainda estava dirigindo e não havia baixado a média; entrava nas curvas que serpenteavam entre as ondulantes várzeas cultivadas do Iowa no mínimo a cento e vinte, e nas retas mantinha os cento e setenta habituais, a não ser que o tráfego de ambos os lados o forçasse a reduzir e "arrastar-se" a míseros noventa quilômetros por hora. Quando havia uma mínima chance, ele se lançava em frente e ultrapassava meia dúzia de carros de uma só vez, deixando-os para trás numa nuvem de poeira. Um sujeito muito doido, com um Buick novíssimo, viu tudo isso acontecendo e decidiu competir conosco. Quando Dean estava prestes a ultrapassar um grupo de carros, o cara passou voando sem avisar, buzinando loucamente e fazendo piscar as luzes traseiras, num audacioso desafio. Como um pássaro sequioso, Dean arrancou atrás dele. — Espere — riu ele —, agora vou implicar com esse filho da puta durante uma dúzia de quilômetros. Olhe só! — Deixou o Buick distanciar-se um pouco, e depois acelerou e o abordou da forma mais indelicada possível. O louco do Buick indignou-se; acelerou até cento e sessenta. Tivemos então a chance de ver quem estava dirigindo. Parecia ser uma espécie de *hipster* de Chicago, que viajava com uma mulher velha o suficiente para ser — e provavelmente o era — sua mãe. Sabe Deus como ela deveria estar reclamando, mas ele competia ferozmente conosco. Seu cabelo era escuro, selvagemente desalinhado, um italiano louco da velha Chicago; vestia uma camisa esporte. Talvez estivesse pensando que fôssemos outra gangue de L.A. invadindo Chicago despreocupadamente, talvez fôssemos até homens de Mickey Cohen, afinal, a limusine parecia o refúgio ideal para uma quadrilha, e as placas eram da Califórnia. Mas talvez fosse apenas mais uma loucura da estrada; o que lhe interessava era a própria corrida. Ele fez de tudo para manter-se à nossa frente; realizava ultrapassagens arriscadíssimas em curvas fechadas, e mal teve tempo de desviar-se e retornar a seu lado da pista quando um imenso caminhão surgiu no sentido oposto e passou zunindo por ele. As coisas seguiram assim nos cento e cinqüenta quilômetros de estradas do Iowa, e a corrida estava tão interessante que nem sobrava tempo para sentir medo. Então, o maluco desistiu, parou num posto de gasolina,

provavelmente sob as ordens da velha, e, enquanto passávamos, ele nos acenou jovialmente. Lá íamos nós, Dean, nu da cintura para cima, eu, com os pés no painel, os colegiais, roncando no banco de trás. Paramos para tomar o café da manhã num boteco de estrada e fomos atendidos por uma senhora de cabelos brancos que nos serviu porções gigantescas de batatas fritas, enquanto os sinos repicavam na cidadezinha do lado. Depois, partimos outra vez.

— Dean, trate de não dirigir tão rápido assim durante o dia.

Não se preocupe, sei o que faço. — Fiquei trêmulo. Como o Anjo do Terrot, Dean ultrapassava longas filas de carros. Roçava seu pára-choque nos dos outros carros, desviava, inclinava-se, esticava o pescoço para ver além da curva seguinte, e então, a um toque seu, o Cadillac saltava como[1] uma cobra na hora do bote — ele ultrapassava sempre por um fio, e retornava para nosso lado da estrada enquanto os carros que vinham em sentido oposto quase se amontoavam uns sobre os outros, e eu sentia um calafrio na espinha. Já não conseguia agüentar mais tudo aquilo. No Iowa, é muito raro encontrar longas retas como as de Nebraska, e quando Dean finalmente as encontrava, retomava seus habituais cento e setenta quilômetros, e várias cenas que me lembravam 1947 relampejavam pela janela — uma longa reta na qual Eddie e eu ficamos encalhados muitas horas. Toda aquela velha estrada do passado rolava vertiginosamente, como se a taça da vida tivesse sido entornada e tudo houvesse enlouquecido subitamente. Meus olhos atônitos não podiam acreditar naquela espécie de pesadelo diurno.

— Porra, Dean, não suporto mais, vou pro banco de trás, já não consigo nem olhar.

Ih! Ih! Ih! — riu ele maquiavelicamente, ultrapassando um carro numa ponte estreita, lançando furiosos redemoinhos de poeira e rugindo em frente. Saltei para o banco de trás e me enrosquei para dormir. Um dos meninos passou para a frente; ele queria se divertir. A pavorosa certeza de que fatalmente iríamos bater com o carro naquela exata manhã me dominou por completo, e eu me atirei no chão do Cadillac, fechei os olhos e tentei dormir. Quando era marinheiro, costumava pensar nos vagalhões que se chocavam contra o casco do navio e nas

incomensuráveis profundezas lá embaixo — agora, eu podia sentir a estrada a apenas cinqüenta centímetros abaixo de mim, avançando a velocidades incríveis através do sofrido continente com aquele maluco ao volante. Quando fechava os olhos, sentia a estrada sendo devorada debaixo de mim pelo Cadillac. Quando os abria, podia ver sombras cintilantes das árvores deslizando com rapidez estonteante pelo chão do carro. Não havia escapatória. Resignei-me. E Dean ainda dirigia, não pensava em dormir até que chegássemos a Chicago. Ao entardecer, cruzamos mais uma vez a velha Des Moines. Ali, é claro, fomos contidos pelo fluxo intenso do tráfego, tivemos de diminuir a velocidade, e eu retornei ao banco da frente. Um acidente estranho, patético, nos atrasou um pouco mais. Um negro gordo estava dirigindo um Fusca à nossa frente, com a família inteira dentro; no pára-choque traseiro, ele levava um daqueles recipientes de água que se costumam vender para os turistas no deserto. O carro travou bruscamente; Dean, que vinha distraído conversando com os garotos no banco de trás, não percebeu, e nos chocamos com o Fusca, a dez por hora, estourando o recipiente, que mandou água para todo lado. Não aconteceu nada, apenas um pára-choque amassado. Dean e eu saímos do carro para falar com o homem. O resultado foi uma rápida troca de endereços e alguma conversa; Dean não tirou os olhos da mulher do cara, cujos maravilhosos seios morenos mal se escondiam atrás de uma blusa de algodão meio caída. — *Yass, yass.* — Demos o endereço de nosso barão de Chicago, e caímos fora.

Do outro lado de Des Moines, um carro policial nos seguiu com a sirene ligada e ordenou que estacionássemos no acostamento. — E agora, o que há?

O guarda desceu. — Vocês tiveram um acidente na entrada da cidade?

— Acidente? Quebramos o reservatório de água de um sujeito, só isso.

— Ele disse que um carro roubado, dirigido por um bando, chocou-se com o dele e fugiu. — Foi uma das únicas vezes que Dean e eu ouvimos falar de um negro que agia como um idiota. Aquilo nos surpreendeu tanto, que chegamos a gargalhar na cara do patrulheiro. Tivemos de segui-lo até o posto policial e passamos uma hora lá, atirados na grama, enquanto eles telefonavam para Chicago para falar com o dono do Cadillac e verificar nossa condição de

motoristas contratados. Segundo o guarda, o senhor barão falou: — Sim, o carro é meu, mas não me responsabilizo por nada que eles tenham feito.

— Tiveram um pequeno acidente em Des Moines.

— Sim, você já me disse isso; o que quero dizer é que não me responsabilizo por nada que eles possam ter feito no passado.

Tudo ficou acertado, e seguimos em frente. Cruzamos Newton, no Iowa, onde eu havia dado aquela caminhada numa madrugada longínqua de 1947. De tarde, passamos outra vez pela sonolenta, velha e entorpecida Davenport, e o Mississipi ressequido corria lentamente sobre seu leito de barro vermelho; e então Rock Island, mais alguns minutos de trânsito engarrafado, o sol dourado e visões instantâneas dos afluentes pequenos e encantadores, que serpenteavam vagarosamente sob árvores mágicas, entre as ondulações esverdeadas do Illinois, no meio da América. Outra vez a paisagem começava a lembrar o leste ameno e singelo. O Estado de Illinois desfraldava-se ante meus olhos num único e vasto movimento, que se prolongava enquanto Dean pisava fundo, mantendo sempre a mesma velocidade. Em sua fadiga, ele se arriscava cada vez mais nas ultrapassagens, progressivamente ousadas e temerárias. Numa ponte estreita que atravessava um desses lindos riachos, ele quase nos envolveu numa situação irremediável. Dois carros vagarosos à nossa frente já estavam sobre a ponte; do lado de lá da pista, vinha se aproximando um imenso caminhão, cujo motorista estava calculando aproximadamente quanto tempo os carros lentos levariam para vencer a ponte, e sua estimativa era de que, quando ele chegasse lá, a ponte já estaria livre. Não havia absolutamente espaço na ponte para o caminhão e qualquer outro carro que viesse na direção oposta. Atrás do caminhão surgiam, vez por outra, carros que espreitavam uma chance de ultrapassá-lo. Na frente dos carros vagarosos, arrastavam-se outros motoristas lerdos. A estrada estava lotada, e todo mundo louco para ultrapassar. Dean caiu sobre tudo isso a cento e setenta por hora, e nem hesitou. Ultrapassou os carros mais lentos, derrapou, quase bateu na balaustrada esquerda, mergulhou direto na sombra assustadora do impassível caminhão, gingou na hora exata para a direita, escapou da roda dianteira esquerda do caminhão, quase se engavetou no primeiro carro lento do

segundo grupo, cortou outra vez para a esquerda, e teve de retornar rapidamente para a mesma fila, já que outro carro saiu de trás do caminhão para espreitar a estrada, tudo isso em questão de segundos, num ritmo alucinante, veloz como um relâmpago, deixando para trás apenas uma nuvem de poeira, em vez de um acidente terrível que envolveria cinco carros, cada um despencando para um lado da ponte, e o enorme caminhão capotando no entardecer dourado e fatal do Illinois, com suas ondulantes planícies oníricas. Não conseguia tirar da cabeça a imagem do acidente que recentemente tirara a vida de um famoso clarinetista de *bop,* no Illinois, provavelmente num dia ensolarado como aquele. Retornei para o banco de trás.

Os garotos também resolveram ficar atrás. Dean estava decidido a chegar em Chicago antes do anoitecer. Na encruzilhada com uma linha férrea, apanhamos dois vagabundos, que contribuíram com algumas moedas para a gasolina. Momentos antes, estavam sentados em caixotes ao lado dos trilhos de trem, bebendo o último gole de uma garrafa de vinho barato, e agora se encontravam sentados numa limusine Cadillac toda enlameada, mas esplêndida e empertigada, dirigindo-se a Chicago com urgente impetuosidade. Na verdade, o velho que se sentou na frente, ao lado de Dean, jamais despregou os olhos da estrada, e os manteve praticamente congelados, e — posso assegurar — deveria estar rezando suas orações esfarrapadas de vagabundo. — Bem — diziam —, jamais imaginávamos que poderíamos chegar a Chicago tão rápido assim. — Ao atravessarmos as sonolentas cidades do Illinois, onde as pessoas estão cansadas de ver gangues de Chicago passando todos os dias em suas limusines, exatamente como nós, certamente oferecíamos um espetáculo estranho: todos com a barba por fazer, o motorista com o peito nu, dois vagabundos e eu no banco de trás, com a cabeça numa almofada, lançando um olhar arrogante para a atônita zona rural — exatamente como se formássemos uma nova gangue da Califórnia, chegando ávida por conquistar os despojos de Chicago; um bando desesperado que fugisse das prisões de Utah, escapando impetuosamente daquele árido mundo lunar. Quando paramos para colocar gasolina e tomar uma Coca-Cola, num posto qualquer de uma cidade pequena, as pessoas saíram de suas casas

para nos olhar, sem uma palavra — creio que estavam anotando mentalmente nossas características, para o caso de futuras informações. Ao tratar de negócios com a menininha que atendia no posto, Dean simplesmente enfiou sua camiseta até o pescoço, como um cachecol, bruscamente como sempre; em seguida, retornou ao carro e nos mandamos outra vez. Em breve, o dourado do pôr-do-sol se tornava púrpura, o último dos rios encantados passou, como num filme, e então surgiu lá longe, à nossa frente, uma tênue cortina de feltro: era a cinzenta fumaça de Chicago. Tínhamos viajado de Denver a Chicago, passando pelo rancho de Ed Wall — são mil oitocentos e oitenta quilômetros —, exatamente em dezessete horas, sem contar as duas horas na valeta, três no rancho e duas no posto policial de Newton, no Iowa: uma média de cento e vinte por hora, com um motorista apenas. Isso, sem dúvida, representa um recorde maluco.

10

A imensa Chicago brilhava à nossa frente. Mergulhamos naquele fulgor avermelhado e intenso e, de repente, lá estávamos nós na Madison Street, circulando entre hordas de vagabundos; vários deles ficavam esparramados pelas calçadas com os pés na sarjeta, centenas de outros rodopiavam pelas portas dos *saloons* ou pelos becos. — Atenção, olhos abertos à procura do velho Dean Moriarty, que, por acidente, poderá estar em Chicago agora! — Deixamos para trás os vagabundos daquela rua, e prosseguimos rumo ao centro de Chicago. Bondes rangiam, jornaleiros gritavam, meninas desfilavam com olhares arrebatadores, o cheiro de fritura e cerveja pairava no ar, neons piscavam. — Estamos numa cidade grande, Sal! Iúpi! — A primeira providência era estacionar o Cadillac num lugar retirado e escuro, e tomar um banho e nos preparar para a noite. Do outro lado da rua, em frente à ACM, encontramos um beco esguio entre muros de tijolos avermelhados, e ali mesmo enfiamos o Cadillac com o focinho apontado na direção da rua, pronto para partir a qualquer instante. Acompanhamos os colegiais até a ACM, onde alugaram um quarto e

deixaram que Dean e eu nos barbeássemos e tomássemos um banho quente; deixei minha carteira cair no vestíbulo, mas Dean a encontrou e já ia enfiando-a sorrateiramente na camisa, quando viu de quem era, tremendamente desapontado. Demos então adeus para os garotos, exultantes por terem conseguido chegar inteiros a Chicago, e saímos para comer numa lanchonete. Velha e escurecida Chicago, com seus tipos esquisitos, metade do leste, metade do oeste, podem ser vistos cuspindo no chão a caminho das fábricas. Na lanchonete, Dean passou o tempo inteiro alisando a barriga e observando tudo o que se desenrolava em volta. Quis puxar conversa com uma negra estranha, de meia-idade, que entrou no bar contando uma história triste — tinha pãezinhos mas não tinha dinheiro, será que lhe dariam um pouco de manteiga? Não deram, e ela, que entrara rebolando as cadeiras, saiu balançando o rabo. — Uhn! — fez Dean. — Vamos segui-la, vamos levá-la até o Cadillac, lá no beco. Faremos uma festa! — Mas deixamos essa idéia de lado e fomos direto para a North Clark, depois de uma volta no Loop, para curtir as boates e ouvir *bop.* E que noite aquela! — Ah, homem — disse-me Dean enquanto estávamos na frente do bar —, veja quanta vida flui pela rua, esses tipos enigmáticos do bairro chinês de Chicago. Que cidade estranha — uau, e aquela mulher debruçada na janela lá em cima, com as tetonas quase saindo para fora do roupão, olhando para a rua com olhões bem abertos. Ufa, Sal, temos que continuar até chegarmos lá.

— Chegarmos aonde, homem?

Não sei, mas temos que ir. — E então vimos um grupo de jovens músicos de *bop,* que desembarcavam dos carros com seus instrumentos na mão. Pararam em frente à boate e entraram; fomos atrás deles. Sentaram-se direto no palco e começaram a tocar. E lá estávamos nós! O líder era um tipo esbelto, arqueado, de cabelos revoltos e boca franzida, ombros estreitos, metido numa camisa esporte larga, de cabeça feita na noite suave, e um ar de autopiedade estampado em seu olhar; ele apanhou seu sax, franziu as sobrancelhas e começou a soprar um som *cool* e complexo, marcando o ritmo com o pé, com estilo, esquivando-se para se afastar dos outros — dizendo um “É com você” quase inaudível quando algum dos rapazes se lançava num solo. A seguir, lá estava Prez, um loiro rouco,

robusto, elegante como um *boxeur* sardento, cuidadosamente envolto num terno tropical quadriculado, e a gravata folgada para dar o tom exato de desalinho e indiferença, suando e agarrado ao sax, entrelaçado nele, tocando como se fosse o próprio Lester Young. — Veja só, rapaz, Prez tem as ansiedades técnicas de um músico comercial, daqueles que querem fazer muita grana com música, é o único que está bem vestido, e... repare como ele fica bravo quando desafina, mas o líder da banda, aquele gato maneiro, dá-lhe uns toques para não se importar com essas futilidades, e apenas tocar e tocar — o som em si e a exuberância compenetrada da música, isso é *tudo* o que importa! É um artista, sem dúvida, ele está orientando o jovem Prez, o *boxeur.* Mas agora, olhe só para os outros! — O sax-alto, o terceiro, estava nas mãos de um luminoso jovem negro, que lembrava Charlie Parker, um garoto de dezoito anos, com uma bocarra escancarada, mais alto do que os outros, e grave. Ergueu seu sax e gemeu calma e pensativamente, extraindo frases como pássaros, como se fosse o próprio Bird Parker, e deixando-as suspensas no ar com a lógica arquitetônica de Miles Davis. Eram os herdeiros dos grandes inovadores do *bop.*

Outrora fora Louis Armstrong, mandando ver nos lamaçais de Nova Orleans; antes dele, os músicos loucos que desfilavam nos feriados, e desfaziam as marchas marciais transformando-as em *ragtime.* Surgiu então o *swing,* e Roy Eldridge, vigoroso e viril, quase rebentava seu trompete ao arrancar dele sonoras ondas de poder, sutileza, astúcia e requinte lógicos — inclinado, com os olhos radiantes e um sorriso encantador, fazia gingar todo o universo do *jazz.* Chega então a vez de Charlie Parker, apenas um garoto no casebre de madeira de sua mãe em Kansas City, que soprava seu sax-alto todo remendado, entre as toras, praticando apenas nos dias de chuva, fugindo vez ou outra para ver a banda do velho Basie e de Benny Moten, que tinha Hot Lips Page e todo o resto — então, Charlie Parker saiu de casa e foi para o Harlem encontrar o louco Thelonious Monk e Gillespie, mais louco ainda —, Charlie Parker, que na mocidade se movia em círculos enquanto tocava. De certo modo mais moderno, mais inovador do que Lester Young, também nascido em Kansas City, aquele bobalhão singelo e sombrio, cuja música impregnou toda a história do *jazz* —

porque, ao erguer seu sax, retilíneo e horizontal, sempre colado à boca seca e calejada, ele tocava melhor do que qualquer outro; à medida que deixava o cabelo crescer, ia ficando mais preguiçoso e desleixado, deixando o sax à meia altura; até que ficou definitivamente apontado para baixo, e hoje, calçando seus sapatos de sola larga para não se desgastar nas calçadas dessa vida, Parker sustenta debilmente seu sax, mantendo-o sempre de encontro ao peito, soprando notas fáceis — *cool*, ainda assim. São estes os filhos da noite *bop* americana.

Flores mais exóticas ainda — pois, enquanto o negro do sax-alto divagava seu som com dignidade, por cima de todas as cabeças, o garoto loiro, alto e delgado da Curtis Street, em Denver, vestindo uns *jeans* presos por um cinto ornamentado, mamava no bocal de seu sax, esperando que os outros encerrassem seus solos; quando eles acabaram, foi a vez do garoto, e você tinha que olhar para todos os lados procurando saber de onde saía aquele som mágico, até descobrir que ele nascia ali, naqueles sorridentes lábios angelicais suavemente pousados no bocal, e era um solo fluente, sereno, melodioso — em conto de fadas sonoro, narrado por um sax-alto soberbo. Solitário como a própria América, um som visceral sob o manto da noite.

E quanto aos outros e toda a sonoridade que produziam? Bem, havia um baixista ruivo e hirsuto, de olhos loucos, que requebrava as ancas ao ritmo veloz de seus dedos ágeis, que corriam pelas cordas do instrumento; no clímax de seu solo, ele ganhava uma expressão surreal — boquiaberto, como se estivesse em transe. — Homem, esse tipo é capaz de obter o que quiser de sua garota. — O baterista melancólico, como aquele nosso *hipster* da Folsom Street em San Francisco, estava completamente absorto, com olhos vazios perdidos no espaço, mascando chiclete, um olhar subitamente desvairado, girando o pescoço num despudor reichiano, como numa espécie de êxtase complacente. O pianista — um italiano encorpado, que lembrava um jovem caminhoneiro de grandes mãos, produzia seu som denso e abrangente com uma satisfação rude, pensativa e genuína. Eles tocaram durante uma hora. Ninguém estava prestando atenção. Velhos vagabundos indiferentes da North Clark matavam o tempo no bar, prostitutas zangadas gritavam. Passavam chineses misteriosos. O barulho dos

cabarés interferia na audição, mas eles iam em frente. Lá fora, na calçada, surgiu uma aparição — era um garoto de seus dezesseis anos, com cavanhaque e um estojo de trombone. Magro como uma vara, com cara de maluco, queria juntar-se ao grupo e tocar. Os rapazes já o conheciam, e não estavam dispostos a perder tempo com ele. Mas o garoto deslizou pelo bar, sentou-se à mesa mais retirada e disfarçadamente puxou o trombone do estojo, levando-o aos lábios. Não lhe deram a menor chance. Ninguém sequer olhou para ele. O grupo encerrou o *show,* guardou seus instrumentos e caiu fora, para tocar em outra freguesia. Mas aquele magro garoto de Chicago não deixou por menos. Socou a mesa, escondido atrás de seus óculos escuros, levou o trombone aos lábios, sozinho no bar, soltou um "Boooogh!" e logo depois saiu correndo atrás dos músicos. Mas estes não queriam deixá-lo tocar — ele se comportava como um time de futebol da várzea atrás do posto de gasolina, que sonha disputar um campeonato oficial. — Todos esses caras moram com suas avós, igualzinho Tom Snark e nosso sax-alto, que era a cara do Carlo Marx — disse Dean. Aceleramos o passo atrás da banda. Eles entraram no clube de Anita O'Day, e ficaram tocando até as nove da manhã. Dean e eu estávamos lá, entre cervejas.

Nos intervalos, corríamos até o Cadillac e tentávamos descolar garotas, girando para cima e para baixo pelas ruas de Chicago. Nosso carro enorme, cheio, de cicatrizes, profético, aterrorizava-as. Em seu descontrolado frenesi, Dean dava marcha à ré de encontro aos hidrantes, e ria como um maníaco. Às nove horas da manhã, o carro era uma ruína completa; o freio já não funcionava mais, os pára-choques estavam completamente amassados, o câmbio rangia. Dean não conseguia mais brecar nos sinais fechados, o carro continuava tremendo convulsivamente e atravessava cruzamentos perigosos. Parecia uma velha bota enlameada, e não uma limusine flamejante. Pagara o preço da noite. — Ih! — exclamou Dean. — Os rapazes continuam tocando lá no Neets.

De repente, Dean encarou fixamente um canto escuro atrás do palco, e balbuciou:— Sal, Deus acaba de chegar.

Olhei. *George Shearing.* Como sempre, tinha a cabeça cega apoiada em sua mão pálida, com todos os poros do ouvido bem abertos, como o ouvido de

um elefante, sempre escutando os sons da noite americana; e rearranjando-os à sua maneira inglesa e noturna. Era preciso que ele começasse imediatamente. Ele tocou. Soprou milhares de refrões e estribilhos, uma \quantidade inumerável deles, com acordes encantadores, cada vez mais elevados, até que seu suor gotejou sobre o piano e todos o escutaram com reverência e temor. Depois de uma hora, conduziram-no para fora do palco. Ele retornou para seu canto escuro, o velho deus Shearing; os rapazes comentaram, desiludidos: — Já não resta mais nada, depois dele.

Mas o líder da banda, aquele sujeito esbelto e esguio, franziu as sobrancelhas e sentenciou: — Vamos tocar um pouco, mesmo assim.

Havia ainda algo a escutar. Sempre há mais, um pouco além, nunca acaba! Eles se contorceram na tentativa de novas frases musicais, depois das ousadas explorações do infinito universo sonoro de Shearing; isso exigia deles um esforço descomunal. Retorceram-se, enroscaram-se, sopraram com paixão. De vez em quando, um gemido preciso e harmonioso sugeria uma nova melodia, que algum dia poderia se transformar na única música do planeta Terra, enchendo de alegria os corações dos homens. Eles a encontravam momentaneamente, seguravam-na por frações de tempo e perdiam-na, contorcendo-se em busca do som puro e único, e voltavam a encontrá-lo, sorriam, gemiam — Dean suava em bicas e os incentivava: vamos lá, vamos lá. Às nove da manhã, todo mundo — músicos, garotas vestidas em *slacks*, garçons e até mesmo o trombonista magro e infeliz — caía fora do bar, mergulhando no imenso rugido diurno de Chicago, dispostos a dormir até que a noite selvagem do *bop* renascesse outra vez.

Dean e eu estremecemos, maltrapilhos. Já estava na hora de devolver o Cadillac para seu dono, que morava na Lake Shore Drive, num prédio de apartamentos finíssimo, com uma enorme garagem no subsolo onde trabalhavam negros encardidos de óleo. Dirigimos até lá e enfiamos aquele troço arruinado e enlameado no seu respectivo *box*. O mecânico nem reconheceu o Cadillac. Tivemos que lhe mostrar os papéis. Olhou para o carro e cocou a cabeça. Tínhamos de cair fora imediatamente. Foi o que fizemos. Pegamos um ônibus

até o centro de Chicago. Havíamos trazido o Cadillac até Chicago, conforme prometido... E jamais voltamos a ter notícias de nosso barão sobre o estado de seu carro, embora ele tivesse nossos endereços para queixas e reclamações.

11

Já era hora de seguir adiante. Pegamos um ônibus para Detroit. Nosso dinheiro estava acabando. Arrastamos nossa bagagem miserável pelo chão imundo da estação. Àquela altura, o curativo de Dean estava preto como carvão e todo desfeito. Estávamos ambos com a aparência desgastada e maltrapilha que seria de esperar depois de tudo o que aprontamos. Exausto, Dean caiu no sono no ônibus que rodava pelo Estado de Michigan. Puxei conversa com uma garota deslumbrante, meio caipira, com uma miniblusa decotada que revelava o início de seus seios, tostados pelo sol do interior. Mas ela era muito tolinha. Ficava falando do pôr-do-sol no campo, enquanto fritava pipocas na varanda. Isso poderia ter alegrado meu coração, mas, já que o coração dela absolutamente não se rejubilava com isso quando ela o contou, percebi que não restava nada de romântico, nesse episódio simplório, apenas o clima repressivo de quem é forçado a cumprir uma obrigação banal e corriqueira. — E o que mais você faz para se divertir? — Eu estava disposto a falar de namoro e sexo. Seus grandes olhos negros me fitaram, vazios, com uma espécie de contrariedade cujas raízes podiam ser encontradas nas angústias que afligiam gerações e gerações de seu próprio sangue, e cuja única causa era a repressão contínua de seus desejos mais óbvios — quaisquer que eles fossem, e todo mundo sabe quais eram. — O que você espera da vida? — Senti vontade de agarrá-la, de arrancar-lhe a resposta à força. Ela não tinha a menor idéia do que queria. Resmungou algo a respeito de certas tarefas, cinema, visitas à velha avó no verão, mas com o sonho de visitar o Roxy em Nova York, o tipo de vestido que ela usaria — algo parecido com o que usara na última Páscoa, uma touca branca, rosas, sapatilhas rosadas e um casaco de gabardine cor de alfazema. — O que você faz no domingo à tarde? —

perguntei. Ela ficava sentada na varanda. Os garotos passavam de bicicleta, paravam para conversar. Ela lia revistas em quadrinhos, deitava-se na rede. — O que você faz nas noites quentes de verão? — Ela ficava sentada na varanda, olhava os carros na estrada. Ela e a mãe faziam pipoca. — O que seu pai faz nas noites de verão? — Ele trabalhava, fazia serão na fábrica de caldeiras, passara a vida inteira sustentando a mulher e aturando seus desmandos, sem crédito ou adoração. — O que seu irmão faz nas noites de verão? — Ele dava umas voltas de bicicleta, ficava parado na porta da lanchonete. — O que ele está esperando? O que estamos esperando? O que queremos, todos nós? — Ela não tinha a menor idéia. Bocejou. Estava com sono. Era demais para mim. Ela jamais compreenderia. Ninguém poderia lhe explicar. Estava tudo acabado. Tinha dezoito anos, era quase encantadora, e estava perdida.

Em Detroit, esfarrapados e sujos, como se morássemos debaixo de uma ponte, Dean e eu deslizamos para fora do ônibus. Decidimos passar a noite nos cinemas pulgueiros que mantêm sessões contínuas na Skid Row. Estava frio demais para encarar um banco de praça. Hassel circulara pela Skid Row de Detroit, tinha curtido todas as barracas de tiro ao alvo, cinemas que jamais fechavam, os bares barulhentos, observando tudo com aqueles seus profundos olhos negros. O fantasma dele nos amedrontava. Nunca mais o encontraríamos na Times Square. Pensamos que, por acidente, o velho Dean Moriarty também podia estar ali — mas não estava. Por trinta e cinco centavos de dólar por cabeça, entramos num cinema decadente e maltratado, e nos esticamos no mezanino até de manhã, quando fomos escorraçados. As pessoas que estavam no cinema eram lamentáveis; negros surrados que tinham vindo do Alabama para trabalhar nas fábricas de automóveis, mas as ofertas de emprego eram apenas boatos; velhos vagabundos brancos, *hipsters* cabeludos que haviam chegado ao fim da linha e apenas bebiam vinho; putas baratas, casais ordinários, donas-de-casa desalentadas que não tinham nada para fazer, nem lugar aonde ir, ninguém em quem acreditar. Mesmo passando toda Detroit pela peneira, seria difícil reunir amostra mais exata da barra pesada da cidade — aquilo era o supra-sumo da escória. O filme principal era estrelado pelo *cowboy-cantor* Eddie Dean e seu

galante cavalo branco Bloop; o complemento do programa era um filme passado em Istambul, com George Raft, Sidney Greenstreet e Peter Lorre. Durante a noite, vimos seis vezes cada um dos filmes. Vimos os atores caminhando, dormindo, sentimos seus sonhos. Quando a manhã finalmente despontou, estávamos completamente impregnados pelo estranho Mito Cinzento do Ocidente e pelo misterioso Mito Negro do Oriente. Desde então, todos os meus atos têm sido automaticamente ditados ao meu subconsciente por essa horrível experiência osmótica. Vi Greenstreet, o grandalhão, lançar cem vezes seu sarcástico sorriso de escárnio; ouvi a chegada sinistra de Peter Lorre dezenas de vezes; estive junto com George Raft em suas angústias paranóicas; cavalguei e cantei com Eddie Dean, atirando inúmeras vezes nos ladrões de gado. As pessoas bebiam no gargalo das garrafas e olhavam ao redor no cinema escuro, procurando o que fazer, alguém com quem conversar. Todos carregavam uma culpa muda, silenciosa — ninguém dizia nada. No alvorecer cinzento, que arquejava fantasmagoricamente por trás das janelas do cinema, já abordando suas marquises, eu estava dormindo, com a cabeça apoiada no banco de madeira do assento, quando seis empregados encarregados da limpeza convergiram até mim com a produção total de lixo de todas as sessões, varrido naquela sala imunda, e que agora jazia ali, num acúmulo monumental bem à altura de meu nariz, enquanto eu roncava de boca escancarada e cabeça pendida — por pouco, eles não me varreram junto também. Tudo isso me foi contado por Dean, que observou a cena dez cadeiras atrás. Todas as baganas de cigarro, as garrafas, as caixas de fósforos, o lixo inteiro era varrido até aquele monte. Se tivessem me misturado àquilo, Dean jamais voltaria a me ver outra vez. Ele teria de percorrer os Estados Unidos, vasculhando cada depósito de lixo, de costa a costa, antes de me encontrar embrionariamente enroscado entre o lixo de minha vida, a vida dele e de todos os demais — os que tinham e os que não tinham nada a ver com isso. O que diria eu do fundo desse meu útero de imundície? — Ora, não me encha o saco, estou feliz aqui. Você me perdeu naquela noite em Detroit, em agosto de 1949. Que direito você tem de perturbar meus sonhos sórdidos nessa aconchegante lata de lixo? — Em 1942, fui protagonista de um dos mais

imundos dramas de todos os tempos. Nessa época, era marinheiro, e fui ao Café Imperial, na Scollay Square em Boston, para me embebedar; engoli sessenta copos de cerveja e me retirei para o banheiro, onde me enrosquei na privada e adormeci. No decorrer da noite, pelo menos uma centena de marinheiros e civis das mais variadas espécies arremessaram sobre mim a gentil carga de suas entranhas, até me deixarem irreconhecivelmente coberto. Mas no fundo, que diferença faz? — o anonimato no mundo dos homens é melhor do que a fama no céu, porque... o que é o céu, no fim das contas? E a terra, o que é? Ilusões, apenas ilusões.

Ao raiar o dia, Dean e eu saímos quebrados daquele antro de horror, e partimos em busca de um carro na agência de viagens. Depois de passarmos boa parte da manhã nos bares negros, caçando garotas e curtindo *jazz* nas vitrolas automáticas, penamos oito quilômetros dentro de um ônibus, com nossa bagagem absurda, até chegarmos à casa do homem que nos cobraria quatro dólares por cabeça por uma carona até Nova York. Era um sujeito de meia idade, loiro e de óculos, com esposa, filhos e uma boa casa. Esperamos no pátio enquanto ele se aprontava. Sua amável esposa, com vestido caseiro, nos ofereceu um café, mas estávamos ocupados demais conversando. A essa altura, Dean estava tão exausto e fora de si, que tudo o que via era pura delícia. Estava prestes a atingir mais um êxtase devoto. Suava, e o suor escorria em seu rosto extasiado. No instante em que embarcamos no Chrysler novinho e partimos para Nova York, o pobre homem compreendeu que havia apanhado dois maníacos, mas se esforçou ao máximo e foi se acostumando com o nosso jeito; quando passamos pelo Briggs Stadium, chegamos até a conversar sobre as possibilidades do Detroit Tigers no campeonato do próximo ano.

Cruzamos Toledo sob a névoa da noite e seguimos através do velho Ohio. Percebi que estava começando a cruzar e a recruzar as cidades da América, como um caixeiro viajante — viagens atribuladas, mercadorias de péssima qualidade, feijão apodrecendo no fundo da minha sacola de truques, comprador nenhum. Perto da Pensilvânia, o homem se cansou e Dean pegou o volante, dirigindo direto até Nova York; começamos a ouvir o programa de Symphony

Sid no rádio, com as últimas novidades do *bop* — estávamos penetrando na imensa e derradeira cidade da América. Chegamos lá de manhãzinha. Já havia uma multidão inquieta cruzando a Times Square, uma vez que Nova York não descansa jamais. Ao passarmos por lá, procuramos Hassel automaticamente.

Em uma hora, Dean e eu estávamos no novo apartamento de minha tia, em Long Island; ela estava tremendamente atarefada, discutia preços de serviço com pintores que eram amigos da família, enquanto subíamos as escadas vindos de San Francisco. — Sal — disse minha tia —, Dean pode ficar alguns dias aqui, mas depois terá que ir embora, está me entendendo? — A viagem estava encerrada. Naquela mesma noite, Dean e eu demos uma caminhada entre bombas de gasolina, pontes de linha férrea e lâmpadas nebulosas de Long Island. Lembro-me dele parado sob um poste de luz.

— Logo depois que passamos aquele outro poste ali atrás, Sal, eu ia contar uma coisa, mas agora decidi, parenteticamente, enveredar por outro assunto; logo que chegar mos ao próximo poste, eu retomo o assunto original, certo?

— Claro que estava certo. Estávamos tão acostumados a viajar, que precisamos percorrer toda Long Island para concluir que já não havia mais terra, apenas o oceano Atlântico, e não podíamos ir adiante — o continente acabara. Apertamos as mãos um do outro e decidimos ser amigos para sempre.

Menos de cinco noites depois, fomos a uma festa em Nova York e reencontrei uma garota chamada Inez; disse a ela que tinha um amigo que ela precisava conhecer. Eu estava bêbado e disse que ele era um *cowboy*. — Ah, sempre quis conhecer um *cowboy* de verdade — disse ela.

— Dean! — gritei na festa, uma celebração que incluía Ángel Luz Garcia, o poeta; Walter Evans; Victor Villanueva, o poeta venezuelano; Jimmy Jones, uma antiga paixão minha; Carlo Marx; Gene Dexter e muitos, muitos outros. —

Venha até aqui, homem. — Dean se aproximou timidamente. Uma hora depois, na bebedeira e sofisticação da festa (“Uma homenagem ao final do verão, sem dúvida”), ele estava ajoelhado no chão com o queixo pousado na barriga dela, suando, falando e prometendo tudo à garota. Ela era uma morena e tanto, bastante *sexy* — como dizia Garcia, parecia “saída de um quadro de

Degas”, e lembrava uma cocota parisiense. Em questão de dias, com algumas ligações interurbanas, ele já regateava com Camille os papéis necessários para o divórcio — assim, eles poderiam se casar. Não apenas isso, mas alguns meses depois Camille deu à luz o segundo filho de Dean, resultado de algumas noites mediúnicas no início do ano. Meses mais tarde, Inez também ganhava um bebê. Com um filho ilegítimo em algum lugar do oeste, Dean agora era pai de quatro crianças, e não tinha nenhum *cent;* sua vida era só confusão, êxtase e velocidade, como sempre. De modo que não fomos para a Itália.

Quarta Parte

1

Fiz algum dinheiro com a venda de meu livro. Paguei o aluguel de minha tia até o final do ano. Sempre que a primavera chega a Nova York, não consigo resistir ao cheiro de terra trazido pelo vento, desde Nova Jersey, do outro lado do rio, e tenho de partir. Foi o que fiz. Pela primeira vez em nossas vidas, despedi-me de Dean em Nova York. Ele trabalhava num estacionamento na Madison, esquina com a 40th. Como sempre, corria de um lado para outro com sapatos rotos, a camiseta e as calças frouxas, tendo de fazer tudo sozinho nos *rushes* sufocantes da hora do almoço.

Ao entardecer, quando normalmente ia visitá-lo, já não tinha nada para fazer. Ele ficava na barraca, contando os *tickets* e alisando a barriga. O rádio estava sempre ligado. — Rapaz, você tem que curtir aquele louco do Marty Glickman narrando jogos de basquete — bola-pipocando-no-gar-ra-fão-sai-o-arremesso-bate-na-tabela-rodopia-é-CESTA! — é o maior de todos! — Estava reduzido a prazeres simples como esse. Morava com Inez num quarto-e-sala sem água quente nos East Eighties. Quando chegava em casa, à noite, tirava a roupa suja de graxa do trabalho, vestia um *robe* de seda chinês que descia até o joelho e sentava-se na cadeira de balanço para provar um cachimbo cheio de maconha. Eram esses seus prazeres caseiros, sem contar um baralho de cartas pornográficas. — Ultimamente, tenho me concentrado nesta dama de ouros. Já percebeu onde está a mão dela? Aposto que não. Dê uma olhada e tente descobrir. — Queria me mostrar uma dama de ouros onde se via um sujeito alto e melancólico, deitado em cima de uma prostituta barata e tristemente lasciva, tentando uma posição nova. — Vá em frente, rapaz, já me servi dela muitas vezes. — Inez estava na cozinha, e olhou para a sala com um sorriso constrangido e reprovador. Mas tudo estava bem para ela. — Viu? Sacou, bicho? Essa é Inez. É só o que ela faz, põe a cabeça na porta e sorri daquele jeito. Ah, já conversamos e estamos combinados: neste verão, vamos viver em uma fazenda na Pensilvânia — uma caminhonete pra que eu possa dar umas voltas e curtir Nova York, de vez em quando, uma casa ampla e um monte de filhos nos

próximos anos. Ahum! Harrumf! Egad! — Saltou da cadeira e pôs na vitrola um disco de Willie Jackson, *Gator tail.* Ficou parado na frente da vitrola, batendo palmas, dançando, arqueando os joelhos no ritmo da música. — Uau! Que loucura! Quando ouvi esse disco pela primeira vez, pensei que ele ia morrer na noite seguinte, mas continua vivo, o filho da puta!

Era exatamente assim que ele havia vivido com Camille em Frisco, do outro lado do continente. O mesmo baú desgastado espreitava sob a cama, pronto para cair na estrada mais uma vez. Inez telefonava constantemente para Camille, e elas mantinham longas conversações. Segundo Dean, falavam de sua potência sexual. Trocavam cartas nas quais comentavam as excentricidades dele. Claro que ele era obrigado a mandar parte de seu salário mensal para sustentar Camille, pois do contrário acabaria passando seis meses na prisão. Para recuperar o dinheiro perdido, praticava golpes no estacionamento; na hora de dar o troco, era um artista de primeira grandeza. Certa vez, vi-o desejando "feliz Natal" a um sujeito bem-vestido, e o fez com tanto fervor que cinco dólares, num troco que deveria ser de vinte, foram aceitos sem despertar a menor suspeita. Saímos e gastamos o lucro no Birdland, a boate do *bop.* Lester Young estava no palco, com a eternidade pousada em suas enormes pestanas.

Certa noite, ficamos conversando na esquina da 47th Street com a Madison, às três da manhã. — Bem, Sal, que merda, realmente preferia que você não estivesse indo embora. Na verdade, pela primeira vez ficarei em Nova York sem meu velho companheiro... — E completou: — Em Nova York, estou apenas de passagem, meu lar é Frisco. Em todo esse tempo que estou aqui, não transei nenhuma garota a não ser Inez — só mesmo em Nova York isso poderia me acontecer. Que merda! Mas a simples idéia de atravessar outra vez esse horrível continente... Sal, há muito tempo não temos uma conversa séria. — Em Nova York estávamos sempre agitando todas, com multidões de amigos em festas ébrias. De alguma maneira, aquilo parecia não mais combinar com Dean. À noite, encolhido sob a chuva miúda e fria na deserta Madison Avenue, ele se parecia mais consigo mesmo. — Inez me ama; disse que posso fazer o que quiser, não haverá o menor problema. Pois é, cara, a gente envelhece e os

problemas se acumulam. Um dia você e eu acabaremos percorrendo becos ao pôr-do-sol, revirando latas de lixo.

— Quer dizer que acabaremos como velhos vagabundos?

— Por que não, bicho? Claro que sim, se quisermos assim. Não há problema algum em acabar dessa maneira. Basta passar a vida sem interferir nos desejos dos outros, inclusive os políticos e os ricos, sem se envolver jamais com esses anseios angustiados, aprimorando sua ação pelo não-fazer, que ninguém o incomodará e você seguirá em frente, livre, leve e solto... pra fazer o que quiser! — Concordei. Ele estava tomando decisões taoísticas, e de uma maneira simples e direta. — Qual é sua estrada, homem?... a estrada do místico, a estrada do louco, a estrada do arco-íris, a estrada marítima, qualquer estrada... Há sempre uma estrada em qualquer lugar, pra qualquer pessoa, em qualquer circunstância. Como, onde, por quê? — Concordamos gravemente, sob a chuva. — Merda, e temos que nos cuidar, Sal. Se você perder o pique, não será mais um homem — tem de fazer o que manda o doutor. Falando sério, Sal, não me importa onde eu more, meu baú está sempre preparado sob a cama, estou sempre pronto para partir ou ser posto na rua. Decidi abrir mão de tudo. Você me viu quebrar a cara, tentando de tudo, sacrificando-me o tempo inteiro, e *nós sabemos* que isso não leva a lugar nenhum; sacamos a vida, Sal... sabemos como domá-la, sabemos que o negócio é continuar sempre a caminho, curtindo o que pintar da velha maneira tradicional. Afinal, de que outra maneira poderíamos curtir? *Nós* sabemos isso. — Suspirávamos sob a chuva. Chovia a cântaros em todo o vale do Hudson, naquela noite. Os grandes píeres daquele rio largo como o mar estavam encharcados, os velhos desembarcadouros dos navios a vapor de Poughkeepsie estavam encharcados, a velha Split Rock Pond e suas nascentes estavam encharcadas, o monte Vanderwhacker também.

— E assim — disse Dean —, vou seguindo em frente como a vida quer, para onde ela me conduz. Recentemente, escrevi para meu velho — ele está na prisão em Seattle... Um dia desses recebi a primeira carta dele em muitos anos.

— É mesmo?

— Sim, sim. Ele disse que, assim que puder ir a Frisco, quer conhecer o

bebbê... escrito com dois bês. Encontrei uma espelunca que cobra apenas treze dólares por mês na East Fortieth; se eu mandar dinheiro para ele, ele quer vir morar em Nova York... se conseguir chegar até aqui. Nunca falei muito de minha irmã, mas você sabe que eu tenho uma linda irmãzinha, menina ainda. Também gostaria que ela viesse morar comigo.

— Onde está ela?

— Pois é, esse é o problema, não sei... ele vai tentar achá-la, o velho, mas você sabe o que ele fará realmente...

— Então ele foi pra Seattle?

— Sim, direto para a prisão.

— Por onde ele andava antes?

— Texas, Texas... portanto, você está vendo, minha alma, o jeito que as coisas são, minha posição nisso tudo... notou que estou mais calmo?

— Sim, é verdade. — Dean tinha se acalmado em Nova York. Ele queria continuar conversando. Estávamos morrendo de frio na noite gelada. Marcamos um encontro na casa de minha tia antes de minha viagem.

Veio no domingo seguinte, à tarde. Eu tinha uma TV em casa. Nós a ligamos para ver um jogo, ligamos o rádio para ouvir outro, e ficávamos sempre trocando para um terceiro, para ficarmos ligados em tudo ao mesmo tempo. — Lembra, Sal, Hodges está em segundo no Brooklyn, portanto, enquanto esse reserva está entrando no Phillies, vamos mudar para o Giants contra Boston, e é bom lembrar que DiMaggio ainda tem três bolas e o *pitcher* está lustrando seu bastão, temos de descobrir imediatamente o que aconteceu com Bobby Thompson desde que o deixamos há trinta segundos com um homem em terceiro!

Mais tarde, fomos jogar beisebol com alguns garotos num campo ao lado da linha férrea de Long Island. Também jogamos basquete, e tão freneticamente que os meninos diziam: — Calma, não precisam se matar. — Eles saltitavam agilmente à nossa volta, e nos venciam com a maior facilidade. Dean e eu suávamos. A certa altura, ele caiu de cara no chão de cimento. Ofegávamos, bufávamos na tentativa de tirar a bola das mãos deles; eles giravam o corpo e

saíam jogando. Outros imprimiam uma arrancada veloz e atiravam a bola por sobre nossas cabeças. Pulávamos em direção à cesta como loucos, e os garotos se limitavam a levantar os braços, tirar a bola de nossas mãos suadas e driblar-nos sem a menor dificuldade. Éramos como músicos de programas de calouros, tentando jogar basquete contra Stan Getz e Cool Charlie. Pensaram que fôssemos loucos. Dean e eu voltamos para casa jogando a bola um para o outro, cada qual de um lado da rua, na calçada. Tentamos jogadas extra-especiais, saltando sobre arbustos e correndo rente aos postes. Quando um carro passou, corri ao lado dele e joguei a bola para Dean, quase raspando no pára-choque, que desapareceu velozmente a centímetros de minha coxa. Ele se jogou e apanhou-a, rolou na grama e atirou-a de volta para mim por cima do caminhão do padeiro, estacionado ao lado da calçada. Consegui pegá-la com minha mão carnuda e a joguei de volta para Dean, que rapidamente se jogou para trás, caindo de costas no meio de uma cerca viva. De volta à minha casa, Dean pegou sua carteira, pigarreou e entregou à minha tia os quinze dólares que lhe devia, desde aquela vez que fomos multados por excesso de velocidade em Washington. Ela ficou inteiramente surpresa e agradecida. Tivemos um jantar maravilhoso. — Bem, Dean, espero que você tome conta do bebê que está a caminho, e permaneça casado desta vez.

— Sim, sim, é claro.

— Você não pode ficar viajando pelo país, fazendo filhos desse jeito. Esses coitadinhos vão crescer desamparados. Tem que dar aos guris uma chance na vida. — Ele olhava para os sapatos, balançando a cabeça. Despedimo-nos num entardecer úmido e dourado, num viaduto que passava sobre uma superauto-estrada.

— Tomara que você esteja em Nova York quando eu voltar — falei. — Só espero que algum dia nos seja possível morar na mesma rua com nossas famílias, e juntos nos tornarmos dois velhos e experimentados veteranos.

— Pode crer, bicho... sabe que eu chego a rezar pra que isso aconteça, pensando nas complicações em que já nos metemos, nas confusões que ainda estão por vir, e sua tia sabe disso, por isso fica tentando me colocar nos eixos. Eu

não queria esse novo bebê, Inez insistiu, nós brigamos. Sabia que Marylou se casou com um vendedor de carros usados em Frisco, e que também está grávida?

É. Estamos todos no mesmo caminho. — Ondulações no lago do vácuo era o que eu deveria ter dito. O fundo do mundo é de ouro, mas o mundo está de cabeça para baixo. Ele me mostrou uma foto de Camille com o novo bebê, uma menininha. A sombra de um homem obscurecia a menina na calçada ensolarada, duas enormes pernas tristes. — O que é isso?

— Ah, é apenas Ed Dunkel. Ele voltou para Galatea, estão em Denver agora. Passaram o dia tirando fotos.

Ed Dunkel, cuja compaixão passava despercebida como a compaixão dos santos. Dean me mostrou outras fotos. De repente, percebi que aquelas eram fotografias que nossos filhos olhariam algum dia, com espanto, pensando que seus pais tinham levado vidas ordeiras, tranqüilamente, tudo conforme o figurino, e aqueles instantâneos o comprovariam, homens orgulhosos e trabalhadores, que haviam percorrido as insípidas calçadas da vida sem sequer sonhar com a loucura esfarrapada, com a balbúrdia devassa de nossas rotas vidas reais, de nossa noite vigente, o inferno disso tudo e a estrada do pesadelo sem sentido. Tudo isso num vazio sem começo nem fim. Ah, a santa ignorância dessas pobres crianças! — Tchau, tchau! — Dean se afastou sob o entardecer rubro. Locomotivas fumegavam, lançando seus turbilhões de fumaça e cinza sobre ele. Sua sombra o seguia, distorcendo seu andar habitual, seu jeito de ser e seus pensamentos também. Virou-se e acenou para mim, tímida e recatadamente. Então, iniciou seu *show* de despedida, saltitou espalhafatosamente, gritou algo que não ouvi. Corria em círculos, cada vez mais próximo do parapeito de concreto da ponte da linha férrea. Fez um derradeiro sinal. Acenei também. De repente, curvou-se em direção à sua própria vida, e desapareceu de vista rapidamente. Encarei friamente o vazio de meus dias. Também tinha um caminho horrivelmente longo a percorrer.

2

Na meia-noite seguinte, cantando esta pequena canção:

“Lar em Missoula,
Lar em Truckee,
Lar em Opelousas,
Não há lar para mim.
Lar na velha Medora,
Lar em Wounded Knee,

Lar em Ogallala,
Não terei lar até o fim”,

peguei o ônibus para Washington; matei o tempo dando umas voltas pela cidade, desviei-me do caminho para ver a Blue Ridge, ouvir o pássaro de Shenandoah e visitar a tumba de Stonewall Jackson; ao poente, lá estava eu cuspindo no rio Kanawha e caminhando pela noite caipira de Charleston, na Virgínia Ocidental; à meia-noite Ashland, no Kentucky, e uma garota solitária sob a marquise encardida de um cinema fechado. O sombrio e enigmático Ohio; Cincinnati ao alvorecer. Então, os campos de Indiana outra vez; e St. Louis, como sempre encoberta pelas grandes nuvens do vale do entardecer. Dragas enlameadas e as toras de Montana, barcos a vapor em reforma, sinais antigos e carcomidos, a relva e pedaços de cordas na beira do rio. Um poema sem fim. Missouri noite adentro, os campos do Kansas, o gado noturno do Kansas disperso por secretas amplitudes, cidades de caixote com um oceano em cada esquina; alvorecer em Abilene. As pastagens do leste do Kansas transformam-se nos áridos desertos de sua região ocidental, subindo mansamente as colinas da noite do oeste.

Henry Glass estava comigo no ônibus. Tinha embarcado em Terre Haute, em Indiana, e agora dizia para mim: — Já contei que odeio essa roupa que estou vestindo, ela é horrível... mas isso não é tudo! — Mostrou uns papéis. Acabara

de ser libertado da penitenciária federal de Terre Haute; fora condenado por roubo e venda de carros em Cincinnati. Um jovem de vinte anos, cabelos encaracolados. — Assim que chegar em Denver, vou pendurar esses trapos no prego e arranjarei um par de *jeans.* Sabe o que fizeram comigo na prisão? Me puseram na solitária com uma Bíblia; eu me sentava nela sobre o chão de pedra; quando viram o que eu estava fazendo levaram-na embora e trouxeram outra, de bolso, minúscula. Não podia me sentar nela, então li-a de cabo a rabo. Velho e Novo Testamento. Eh, eh... — Dava-me cotoveladas, mascando balas — sempre estava comendo balas, porque seu estômago fora arruinado na prisão e agora não suportava outro alimento. — Há passagens muito loucas nessa tal de Bíblia, está sabendo? — Em seguida, ele me explicou o que significa "sugerir". — Um sujeito que está prestes a ser libertado e começa a falar sobre a data em que vai sair da prisão, para os que ainda têm que ficar mais, está "sugerindo". Nós o pegamos pelo pescoço e gritamos: "Pare de *sugerir* para *mim"*. Péssimo hábito, sugerir... está entendendo?

— Não vou sugerir nada, Henry.

— Quando alguém sugere para mim, minhas narinas se dilatam, perco a cabeça, sou capaz de matar. Sabe por que passei a vida inteira na prisão? Porque perdi a cabeça quando tinha treze anos. Eu estava no cinema com um garoto, e ele soltou uma piadinha sobre minha mãe... você sabe, aquela palavra suja... eu puxei meu canivete para lhe cortar o pescoço, e o teria matado se não nos tivessem separado à força. O juiz perguntou: "Você sabia o que estava fazendo quando atacou seu amigo?" "Sim senhor, Vossa Eminência, eu sabia, queria matar aquele filho da puta, e ainda quero." E assim, em vez da liberdade condicional, mandaram-me direto para o reformatório. Fiquei com hemorróidas por passar tanto tempo sentado na solitária. Nunca queira parar numa penitenciária federal, são as piores. Porra, seria capaz de passar a noite inteira falando, há tanto tempo não converso com ninguém! Não imagina o quanto me senti *bem* saindo daquele inferno. E você, em que estava pensando, sentado naquele ônibus e cruzando Terre Haute?

— Estava apenas tocando o barco em frente.

— Bem, eu estava cantando. Vim para junto de você porque fiquei com medo de sentar perto de uma garota. Tenho medo de enfiar as mãos no vestido delas. Tenho que dar um tempo...

— Outra passagem pela prisão, e você ficará apodrecendo lá pelo resto da vida. É melhor ir com calma a partir de agora.

— É o que pretendo fazer, o único problema é que minhas narinas se dilatam e já não sei o que estou fazendo.

Estava a caminho do Colorado, onde iria morar com o irmão e a cunhada; eles tinham arranjado um emprego para ele. A passagem fora paga pelos federais; estava em liberdade condicional. Aquele era um jovem rebelde como Dean o havia sido; seu sangue fervia demais para que pudesse se controlar, suas narinas se dilatavam, mas ele não possuía aquela estranha santidade natural para escapar de seu destino férreo.

— Segure minha barra e não deixe minhas narinas se dilatarem, certo, Sal? Talvez assim eu consiga chegar são e salvo à casa de meu irmão.

Quando desembarcamos em Denver, peguei-o pelo braço e percorremos a Larimer Street para empenhar a roupa do presídio. Antes que abríssemos a boca, o velho judeu já havia percebido do que se tratava. — Não quero essa porcaria; recebo roupas assim todos os dias dos garotos de Canyon City.

Toda a Larimer Street estava infestada por ex-presidiários, que tentavam vender suas grosseiras roupas listradas recebidas na porta da prisão. Com aqueles trapos enfiados numa sacola de papel sob o braço, Henry desfilou pelas ruas com os *jeans* novos em folha e uma camisa esporte. Fomos para o velho bar de Dean, o Glenarm — no caminho, ele jogou a roupa numa lata de lixo —, e logo telefonamos para Tim Gray. Já era noite.

— Você? — disse Tim Gray, com uma risadinha. — Já estou indo para aí.

Em dez minutos, ele entrou saltitante no bar, junto com Stan Shephard. Ambos haviam viajado pela França, e agora estavam terrivelmente desapontados com a mediocridade de suas vidas em Denver. Logo se apaixonaram por Henry e pagaram cervejas para ele. Ele começou a gastar a torto e a direito o pouco dinheiro que trouxera da penitenciária.

Lá estava eu, de volta à amena e escura noite de Denver, com seus becos sagrados e casas malucas. Começamos a rodar os bares da cidade, botecos da West Colfax e bares negros da Five Points — um passeio na barra pesada da cidade. Havia anos Stan Shephard estava esperando pela chance de me conhecer, e agora, pela primeira vez, ali estávamos nós com a iminente possibilidade de uma aventura. — Sal, desde que voltei da França não tenho a menor idéia do que fazer da vida. É verdade que você está indo para o México? Porra, posso ir com você? Posso conseguir cem dólares agora, e assim que chegar lá me inscreverei para uma bolsa na universidade da Cidade do México.

Tudo bem, ficou combinado — Stan iria comigo. Era um garoto de Denver, esguio, tímido, com cabelos rebeldes, um largo sorriso de vigarista e gestos lentos e suaves, como Gary Cooper. “Porra!”, dizia, enfiando os polegares no cinto e trotando pelas calçadas, balançando de um lado para o outro, sempre com leveza. Estava de saco cheio do avô. O velho se opusera à sua viagem à França, e agora era contrário à sua ida ao México. Por causa da briga com o avô, Stan estava se transformando num vagabundo que perambulava sem destino pelas calçadas de Denver. Naquela noite, depois de beber tudo a que tínhamos direito e impedir Henry de dilatar as narinas no Hot Shoppe, na Colfax, Stan se arrastou até o quarto de Henry no hotel do Glenarm, decidido a passar a noite lá. — Merda... não posso nem sequer chegar tarde em casa... meu avô começa a brigar comigo, e depois investe contra minha mãe. Juro, Sal, tenho que cair fora de Denver, senão vou acabar pirado.

Bem, fiquei na casa de Tim Gray, e mais tarde Babe Rawlins arranjou um quartinho bem transado num subsolo para mim; nós nos reuníamos lá em festanças noturnas que se repetiram durante uma semana inteira. Henry sumiu, foi para a casa do irmão e jamais voltamos a vê-lo, jamais soubemos se alguém tinha “sugerido” para ele desde então, ou se ele voltou a ser encarcerado em grades de ferro ou se continua livre, agitando loucamente pela noite.

Tim Gray, Stan, Babe e eu passamos uma semana inteira de tardes magníficas nos maravilhosos bares de Denver, onde as garçonetes vestem *slacks* justos e circulam com olhares tímidos e apaixonados, não aquele tipo de

garçonete carrancuda e abrupta, mas garçonetes que se apaixonam pelos clientes e mantêm casos breves e explosivos, e se ofendem, suam e sofrem de bar em bar; durante as noites dessa mesma semana, íamos ouvir *jazz* no Five Points e nos embebedávamos em dois bairros negros, tagarelando até as cinco da manhã em meu quarto subterrâneo. O sol do meio-dia geralmente nos encontrava estendidos na grama do quintal de Babe, entre crianças de Denver que brincavam de mocinho e bandido e se atiravam sobre nós, saltando da copa das cerejeiras em flor. Eu estava curtindo uma temporada exuberante, e o mundo inteiro abria-se à minha frente, porque eu não tinha sonhos. Stan e eu conspirávamos para fazer com que Tim Gray viesse conosco, mas Tim estava encalhado em sua vidinha em Denver.

Eu me preparava para o México quando, sem mais aquela, Denver D. Doll me telefonou certa noite: — Bem, Sal, adivinhe quem está vindo para Denver! — Eu não tinha a menor idéia. — Ele já está a caminho, a notícia chegou através de minha rede de informantes. Dean comprou um carro e está chegando para se encontrar com você. — Subitamente, tive uma visão de Dean como um anjo ardente, trêmulo e aterrador, latejando pela estrada em minha direção em velocidade estonteante, perseguindo-me pelas planícies como o Viajante Encapuçado, jogando-se sobre mim. Vi sua face gigantesca e determinada acima da pradaria, com um esgar louco e olhos flamejantes; vi suas asas; vi seu velho calhambeque, cujas rodas desprendiam milhares de furiosas faíscas; vi o rastro incandescente que elas deixavam, marcando sua trilha; na verdade, elas definiam o próprio trajeto, por entre o milharal, através das cidades, destruindo pontes, secando os rios. Aproximava-se do oeste como uma onda de furor, como a ira em si. Sabia que Dean havia pirado outra vez. Não havia mais possibilidade de mandar dinheiro para suas mulheres, se ele sacara suas economias do banco para comprar aquele carro. Queimara as pontes, simplesmente. Atrás dele, fumegavam ruínas lúgubres. Precipitava-se para o oeste, rodando outra vez pelo horrível e aflito continente. Nós nos preparamos apressadamente para recebê-lo. As notícias informavam que ele iria me levar para o México.

— Será que ele vai me deixar ir junto? — perguntou Stan, perplexo.

— Vou falar com ele — respondi, sinistramente. Não sabíamos o que pensar.— Onde ele vai dormir? — O que vai comer? Há alguma garota disponível para ele? — Era como se esperássemos a chegada de Gargântua; alguns preparativos deveriam ser feitos, tais como alargar as valetas de Denver e refazer determinadas leis, a fim de que a cidade comportasse a carga sofrida de seus êxtases ardentes.

3

Dean chegou como num filme antigo. Eu estava na casa de Babe, num entardecer dourado. Antes, uma palavra sobre a casa. Sua mãe estava fora, na Europa. A tia-governanta chamava-se Charity; tinha sessenta e cinco anos, e era lépida e faceira como uma galinha. Na família Rawlins, que se espalhava por todo o oeste, ela era sempre mandada de um lado para o outro, de casa em casa, e geralmente acabava se tornando útil. Tivera meia dúzia de filhos. Todos haviam-na abandonado. Era velha, mas estava interessada em tudo o que dizíamos e fazíamos. Sacudia a cabeça, entristecida, quando bebíamos grandes goles de uísque na sala de estar. — Você poderia ir até o quintal para fazer isso, meu caro jovem. — No andar de cima, naquele verão, a casa tinha se transformado numa espécie de pensão, pois ali morava um cara chamado Tom, que estava perdidamente apaixonado por Babe. Era de Vermont, vinha de família rica, diziam, e tinha uma carreira esperando por ele e tudo o mais, mas preferia ficar onde Babe estava. À noite, ele se sentava na sala com o rosto vermelho escondido por trás do jornal, e cada vez que dizíamos alguma coisa, escutava mas não dava sinal de vida. Corava sempre que Babe falava. Quando o forçávamos a baixar o jornal, olhava para nós com tédio e sofrimento incalculáveis. — Uhn? Ah, sim, acho que sim — era o que geralmente balbuciava... apenas isso e nada mais. Charity sentava-se em seu canto, tricotando e nos observando com seus olhos de pássaro. Sua tarefa era agir como uma verdadeira governanta; estava ali para impedir que disséssemos palavrões.

Babe ficava sentada no diva, sorridente e debochada. Tim Gray, Stan Shephard e eu ficávamos atirados nas poltronas. O pobre Tom passava por sua sessão de tortura noturna. De repente, levantava-se e, bocejando, dizia: — Bem, mais uma noite, mais um dólar, durmam bem — e desaparecia escada acima. Babe não lhe dava a menor bola, não se interessava por ele como amante. Estava apaixonada por Tim Gray; como uma enguia, ele escapulia das investidas dela. Quando estávamos sentados exatamente as sim, numa tarde ensolarada, à espera do jantar, Dean estacionou seu carro aos pedaços diante da casa e saltou, vestido num terno de *tweed,* sob o qual usava um colete com corrente para o relógio.

— Hup, hup — ouvi lá fora, na rua. Ele estava com Roy Johnson, que acabara de voltar de Frisco com sua mulher Dorothy, e estava morando em Denver outra vez. Dunkel e Galatea Dunkel também, o mesmo com Tom Snark. Estavam todos outra vez em Denver. Fui até o alpendre. — Bem, meu garoto — disse Dean, esticando sua mão enorme.

— Vejo que deste lado da corda está tudo bem, hem? Alô, alô, alô — disse a todos. Nós o apresentamos a Charity. — Ah, olá, como vai? Aqui está meu amigo Roy Johnson, que teve a gentileza de me acompanhar, harrumph! egad! kaffükaff! Major Hoople, *sir* — ele disse, estendendo a mão para Tom Snark, que observava a cena, espantado. — *Yass, yass.* Bem, Sal, meu velho, a quantas estamos? Quando nos mandamos para o México? Amanhã à tarde? Muito bem, muito bem. A-hã! E agora, Sal, tenho exatamente dezesseis minutos para chegar à casa de Ed Dunkel, onde vou recuperar meu velho relógio de ferroviário, que pretendo empenhar na Larimer Street antes do final do expediente, e enquanto isso, tão rápida e perfeitamente quanto o tempo permitir, vou verificar se por acidente meu pai não está no Jiggs' Buffet ou em outro bar, e logo a seguir tenho um encontro com o barbeiro que Doll sempre me aconselhou a freqüentar. Como pode ver, não mudei ao longo de todos esses anos, continuo com a mesma política... coff! coff!... Às seis *em ponto*... em ponto, certo?... quero que você esteja exatamente aqui, porque vou passar correndo para apanhá-lo para uma rápida passagem pela casa de Roy Johnson, para ouvir Gillespie e outros discos variados do *bop,* uma hora de descontração antes de qualquer outro agito

noturno, que você, Tim, Stan e Babe possam ter planejado para hoje, independentemente de minha chegada que, incidentalmente, ocorreu há quarenta e cinco minutos no meu velho Ford 37, que vocês podem ver estacionado ali fora; aproveitei também para dar uma parada em Kansas City para ver meu primo, não Sam Brady, o mais moço... — E enquanto falava tudo isso, ia rapidamente trocando de roupa; tirou o paletó e ficou apenas com a camiseta; transferiu seu relógio para a outra calça, no vestíbulo da sala, fora da vista dos outros, e tirou roupas do fundo de seu velho e desgastado baú.

— Inez? — perguntei. — O que aconteceu em Nova York?

— Oficialmente, Sal, viajei para conseguir um divórcio no México, mais barato e rápido do que qualquer outro. Até que enfim consegui a concordância de Camille, e está tudo bem, tudo está ótimo, tudo está certo, sabemos que não há o menor motivo de preocupação, certo, Sal?

Bem, tudo certo, estou sempre pronto para seguir Dean, e acabamos concordando com os novos planos; preparamo-nos para a grande noite que se aproximava, e foi uma noite inesquecível! Havia uma festa na casa do irmão de Ed Dunkel. Dois de seus outros irmãos ,eram motoristas de ônibus. Sentiam-se estupefatos com tudo o que estava acontecendo. Fora servida uma ceia fantástica, doces e drinques. Ed Dunkel parecia próspero e feliz. — Bem, você está com Galatea agora?

— Sim, senhor — respondeu Ed. — Claro que sim. E estou prestes a ingressar na Universidade de Denver, eu e Roy, sabia?

— Para estudar o quê?

— Ah, sociologia e todo esse campo, entende? Porra, a cada dia que passa Dean fica mais louco, não acha?

— Sem dúvida, sem dúvida.

Galatea Dunkel estava lá. Queria conversar com alguém, mas Dean era o dono da festa. Ficava representando em frente de Shephard, Tim, Babe e eu; estávamos sentados nas cadeiras da cozinha, de costas para a parede. Ed Dunkel rondava nervosamente atrás dele. Seu pobre irmão fora jogado para segundo plano. — Hup! Hup! — dizia Dean, puxando sua própria camisa, alisando a

barriga, pulando sem parar. — Bem, é o seguinte... estamos todos juntos agora, e os anos se desenrolaram separadamente para cada um de nós, e no entanto, vocês percebem que ninguém mudou profundamente. Isso é verdadeiramente impressionante, a dura... durabilidade... e, para provar isso, tenho aqui um baralho com o qual posso prever com bastante exatidão todos os acontecimentos futuros. — Era o baralho pornográfico. Dorothy e Roy Johnson estavam sentados em seu canto, rígidos. Então, de repente, Dean ficou calmo e quieto, e veio sentar-se numa cadeira da cozinha entre Stan e mim; ficou olhando fixamente para a frente, empedernido num assombro canino, sem prestar atenção a ninguém, simplesmente tirando o time de campo por um instante para adquirir mais energia. Se o tocassem, ele balançaria como um rochedo suspenso à beira de um precipício. Podia rolar montanha abaixo, arrebentando tudo o que cruzasse seu caminho, ou balançar como uma simples rocha. Então, o rochedo explodiu, transformado em flor, e seu rosto se iluminou com um sorriso encantador; ele olhou ao redor como um homem que desperta de um sono hibernai, e disse: — Ah, olhe só quanta gente simpática ao meu redor. Não é ótimo, Sal? Bem, como eu estava contando a Min outro dia desses, bem, urp, ah, sim! — Levantou-se e atravessou o quarto, de mão estendida para um dos motoristas de ônibus que estava na festa: — Como vai? Meu nome é Dean Moriarty. Sim, eu me lembro bem de você. Tudo em ordem? Ótimo, ótimo. Olhe só que bolo maravilhoso. Ah, posso comer um pouquinho? Só eu? Um miserável como eu? — A irmã de Ed disse que sim. — Ah, que maravilha! As pessoas são tão simpáticas! Bolos e petiscos deliciosos sobre a mesa, tudo por amor a essas pequenas e doces alegrias momentâneas, e petiscos refinados. Humm, ah, sim, excelente, esplêndido, harrumph, egad! — E ele ficou no meio da sala, trôpego, comendo seu bolo e olhando para todos com espanto; tudo o que via o surpreendia. As pessoas conversavam em grupos espalhados pela sala, e ele disse: — Tudo bem. Está certo! — Um quadro na parede chamou sua atenção, deixando-o teso, imóvel, rígido. Aproximou-se para ver melhor, recuou, parou, deu um salto, queria observá-lo de todos os ângulos e alturas possíveis. Arrancou a camiseta, de tão excitado. — Porra! — Não fazia idéia da impressão que estava

causando na sala, mas de qualquer maneira não se importava com isso. As pessoas começaram a encarar Dean com sentimentos maternais e paternais estampados em seus rostos. Era finalmente um Anjo, como sempre soube que se tornaria; mas, como qualquer Anjo, era também acometido de raivas e rancores, e naquela noite, depois da festa e de nossa ida ao bar do Windsor, como uma única e turbulenta gangue, Dean acabou ficando frenética, seráfica e demoniacamente bêbado.

O Windsor, o incrível hotel da corrida do ouro de Denver, e sob muitos aspectos de extremo interesse — ainda se podiam ver os buracos de bala na parede do grande *saloon* —, outrora também tinha sido o lar de Dean. Ele tinha vivido ali com seu pai, num dos quartos dos andares de cima. Não era um turista. Bebia agora naquele mesmo *saloon* como o fantasma de seu próprio pai; esvaziava copos de vinho, cerveja e uísque como água. Seu rosto estava agora purpúreo e suarento; ele bramiu e urrou, cambaleou, cruzou a pista de dança ziguezagueando, chocando-se com desprezíveis freqüentadores dos cabarés do oeste que dançavam com garotas vulgares; tentou tocar piano e abraçou ex-presidiários, conversando aos berros com eles, na zoeira do bar. Enquanto isso, todos os participantes de nossa festa particular estavam sentados em duas mesas imensas, colocadas lado a lado. Lá estavam Denver D. Doll, Dorothy e Roy Johnson, uma garota de Buffalo, no Wyoming, que era amiga de Dorothy, Stan, Tim Gray, Babe, eu, Ed Dunkel, Tom Snark e vários outros, treze ao todo. Doll estava se divertindo a valer; pegou uma máquina que servia amendoins, colocou-a na mesa à sua frente e não parava de enfiar moedas nela, comendo amendoins aos milhares. Sugeriu que todos escrevêssemos algumas coisas num cartão-postal para Carlo Marx, em Nova York. Escrevemos só loucuras. O som dos violinos ressoava pela noite da Larimer Street. — Não é o maior barato? — berrava Doll. No banheiro dos homens, Dean e eu esmurramos a porta e tentamos quebrá-la com porradas vigorosas, mas ela tinha três centímetros de espessura. Quebrei meu dedo médio, e só o percebi no dia seguinte. Estávamos estupidamente bêbados. Em determinado momento, nossa mesa ficou coberta com cinqüenta copos de cerveja. Tudo o que tínhamos a fazer era circular em

torno dela e dar um gole em cada um. No vestíbulo, do lado de fora do *saloon*, velhos garimpeiros se sentavam apoiados em suas bengalas, com um olhar sonhador, sob o enorme e antigo relógio-cuco. Nos grandes dias do passado, eles haviam experimentado aquela mesma efervescência. Tudo rodopiava. Em cada canto havia uma festa diferente. Aconteceu uma festa até mesmo num castelo para o qual fomos todos nós — menos Dean, que desaparecera. Nesse castelo, sentamo-nos numa távola enorme do *hall* e conversamos aos gritos. Havia piscina e grutas no jardim. Finalmente, encontrara o castelo onde a grande serpente do mundo estava prestes a se levantar.

Então, tarde da noite, lá estávamos Dean, eu, Stan Shephard, Tim Gray, Ed Dunkel e Tom Snark num único carro, com uma infinidade de possibilidades à nossa frente. Fomos para o bairro mexicano, para o Five Points, demos todas as voltas possíveis. Stan Shephard estava muito louco, não cabia em si de satisfação. Ficava gritando: — *Porra!* São todos uns filhos da *puta!* — num tom de voz agudo, batendo os joelhos. Dean estava encantado com ele. Repetia tudo o que o outro dizia, bufava, enxugava o suor que lhe escorria pelo rosto. — Vamos curtir todas viajando para o México com esse Stan, Sal! Pode crer! — Era nossa última noite na sagrada Denver, e ela transcorreu vibrante e inesquecível. Tudo terminou regado a vinho, sob a luz de candelabros, no porão, enquanto Charity circulava no andar de cima, de camisola e com uma lanterna na mão. Havia um crioulo conosco agora. Chamava-se Gomez. Gravitava no Five Points, absolutamente despreocupado. Quando o vimos, Tommy Snark o chamou: — Ei, você se chama Johnny?

Gomez recuou e passou por nós outra vez: — Você tem coragem de repetir essa pergunta?

— Perguntei se você não é o cara que chamam de Johnny.

Gomez flutuou alguns instantes e tentou outra vez: — serei assim tão parecido? Acontece que estou fazendo o máximo para ficar parecido com Johnny, mas não consigo encontrar a fórmula.

— Uau, *homem!* Junte-se a nós — disse Dean, e Gomez saltou para dentro do carro e caímos fora. Sussurrávamos histericamente em meu porão, para não

criar complicações com os vizinhos. Às nove da manhã, todos já tinham ido embora, exceto Dean e Shephard, que ainda tagarelavam como maníacos. As pessoas acordavam para tomar o café da manhã e ouviam estranhas vozes subterrâneas que repetiam: — É isso aí! Pode crer! — Babe preparou um enorme *breakfast.* Já era hora de zarparmos para o México.

Dean levou o carro ao posto mais próximo, e pediu uma revisão completa. Era um velho Ford 1937, com a porta do lado direito sem dobradiça, apenas amarrada à lataria. O banco direito da frente também estava quebrado, e quem se sentava ali ficava inclinado para trás com a cara erguida, fitando o forro esfarrapado. — Iremos até o México como Min e Bill — disse Dean —, aos trancos e barrancos, com o carro trôpego, tossindo e falhando; vamos levar dias e dias. — Olhei o mapa: um total de mais de mil e seiscentos quilômetros, a maior parte no Texas até a fronteira com Laredo, e mais mil e duzentos quilômetros através do México inteiro até a enorme cidade, próxima à rachadura do istmo e às escarpas do Oaxaca. Não conseguia sequer imaginar aquela viagem. Seria sem dúvida a mais fabulosa de todas! Não mais a velha rota leste-oeste, mas o *sul* mágico! Tivemos uma visão do hemisfério ocidental inteiro, que formava uma imensa e suntuosa curvatura até a Tierra del Fuego, e nós mesmos flutuávamos acima daquela longa curva do mundo e mergulhávamos nos trópicos, em paragens exóticas, outros mundos. — Homem, finalmente encontraremos AQUILO que tanto buscamos, nessa viagem nós o conquistaremos definitivamente! — disse Dean com fé definitiva. Deu uns tapinhas em meu braço: — Espere e verá! Huuu! Hiii!

Fui com Shephard encerrar o último de seus assuntos em Denver, e conheci seu pobre avô, que ficou estarrecido na soleira da porta, choramingando. — Stan, Stan, Stan.

— Que foi, vô?

— Não vá embora.

— Já está decidido, *tenho* que ir; por que você sempre faz essas cenas? — O velho tinha cabelos grisalhos, grandes olhos amendoados e um pescoço tenso, de louco.

— Stan — dizia simplesmente —, não vá embora. Não faça seu velho avô chorar. Não me deixe sozinho outra vez.

— Fiquei de coração partido com aquela cena patética.

— Dean — disse o velho, dirigindo-se a mim —, não me roube meu Stan. Eu costumava levá-lo ao parque quando ele era menino, e mostrava os cisnes para ele. Mais tarde, sua irmãzinha se afogou no mesmo lago. Não quero que você leve meu menino.

— Não — disse Stan —, estamos indo agora. Adeus. — Suas pernas não lhe obedeciam.

O avô o agarrou pelo braço. — Stan, Stan, Stan, não vá embora, não vá, não vá.

Fugimos de cabeça baixa, e o velho permaneceu baqueado na soleira da porta de sua casa suburbana em Denver, com enfeites na porta e a sala atravancada de tanta mobília. Branco como um lençol, continuava chamando por Stan. Algo paralisara seus movimentos, e ele não esboçava um só gesto para deixar o umbral, murmurando “Stan”, seguido de um “Não vá embora”, olhando-nos com aflição enquanto dobrávamos a esquina.

— Meu Deus, Stan, não sei o que dizer.

— Não ligue! — gemeu Stan. — Ele é sempre assim. Encontramos a mãe de Stan num banco, onde ela estava sacando dinheiro para o filho. Era uma mulher encantadora, de cabelos brancos mas de aparência ainda bastante jovem. Ela e o filho ficaram parados sobre o chão de mármore do banco, conversando em surdina. Stan vestia uma roupa leve, com blusão e tudo, e sem dúvida parecia mesmo a caminho do México. Abandonaria sua doce existência em Denver para partir com Dean, como um fogoso principiante. Dean dobrou a esquina gingando a passos largos, e nos encontrou na hora combinada. A sra. Shephard insistiu em nos pagar um café.

— Cuidem bem de meu Stan — disse ela —, pode acontecer de tudo naquele país.

— Cuidaremos todos uns dos outros — falei. Stan e a mãe saíram caminhando à frente, enquanto eu e o maluco do Dean seguíamos atrás; Dean

falava nas inscrições gravadas nas portas dos banheiros do leste e do oeste.

— São completamente diferentes; no leste escrevem piadas e anedotas estúpidas, e referências óbvias, dados escatológicos simplórios e desenhos medíocres; no oeste, as pessoas só escrevem seus nomes, Red O'Hara, Blufftown Montana esteve aqui, a data, tudo muito solene, como, digamos, Ed Dunkel... e a razão dessa diferença é a enorme solidão que tudo modifica, assim que se cruza o Mississipi. — Bem, à nossa frente estava um sujeito solitário. A mãe de Shephard era uma mulher adorável, mas odiava ver o filho partir; no entanto, sabia que ele tinha de ir. Percebi que ele queria era fugir do avô. Ali estávamos os três — Dean procurava pelo pai, o meu estava morto, Stan fugia do avô, e juntos mergulhávamos na noite da América. Beijou a mãe entre a multidão apressada da 17th; ela entrou num táxi e acenou com a mão para nós. Adeus, adeus.

Fomos de carro até a casa de Babe, e demos tchau para ela. Tim iria de carro conosco até sua casa, na periferia da cidade. Babe estava linda naquele dia, com seu cabelo longo, loiro e sueco, suas sardas que resplandeciam ao sol. Parecia-se exatamente com a garota que fora na infância. Seus olhos estavam nublados. Talvez viesse nos encontrar mais tarde, ela e Tim — mas não apareceram. Adeus, adeus.

Zarpamos. Deixamos Tim Gray no sítio dele, na pradaria à.saída da cidade; voltei os olhos para observá-lo, o estranho Tim Gray, com uma mão apoiada no varal de secar roupa, ficando para trás até sumir tragicamente na distância, na lonjura das planícies.

Apontávamos nosso ruidoso focinho em direção ao sul, dirigindo-nos a Castle Rock, no Colorado; o sol já caía enorme e vermelho, e as rochas das montanhas, viradas para o oeste, lembravam as paredes de uma cervejaria do Brooklyn, num crepúsculo de novembro. Lá em cima, nas sombras purpúreas da rocha, via-se alguém caminhando, caminhando. Alguém que não podíamos ver, talvez aquele velho de cabelos brancos que eu pressentira nos picos, anos antes: Zacatecan Jack. Mas ele se aproximava cada vez mais de mim, pelas minhas

costas. E Denver, como a cidade de sal, ia se dissolvendo no ar, até sumir de vista.

4

Estávamos em maio. Como podiam as tardes amenas e familiares do Colorado, com suas fazendas e diques de irrigação e pequenos vales sombrios — lugares onde a molecada vai nadar —, produzir um inseto como o que picou Stan Shephard? Seu braço estava apoiado na janela e seguíamos em frente, conversando animadamente, quando um inseto pousou em seu braço, fincando o ferrão e fazendo-o soltar um grito. Surgira do fundo de uma ensolarada tarde americana. Stan puxou o braço para dentro e arrancou o ferrão, e em poucos minutos seu braço começou a inchar e a doer. Dean e eu não conseguíamos compreender como aquilo acontecera. A única coisa a fazer era esperar e ver se o inchaço diminuía. Ali estávamos nós, a caminho das desconhecidas terras do sul, depois de deixar a pobre e envelhecida cidade natal de nossa infância, quando um estranho, exótico e febril inseto se levantou de pântanos misteriosos e corrupções desconhecidas para inocular o temor em nossos corações. — O que foi isso?

— Nunca ouvi falar num inseto por essas bandas capaz de produzir um inchaço como esse.

— Merda! — Aquilo parecia um mau agouro, e fez com que toda a nossa viagem parecesse sinistra e amaldiçoada. Seguimos em frente, apesar de tudo. O braço de Stan piorou. Paramos no primeiro hospital, onde lhe aplicaram uma injeção de penicilina. Passamos por Castle Rock e entramos em Colorado Springs sob o mando da noite. A enorme sombra do pico Pike agigantava-se à nossa frente. Deslizamos pela estrada de Pueblo. — Pedi carona milhares e milhares de vezes nesta estrada — disse Dean. — Certa noite, escondi-me exatamente ali, atrás daquela cerca de arame farpado, e fiquei subitamente aterrorizado, sem razão aparente.

Decidimos que todos contariam suas histórias, mas um por um, e Stan seria o primeiro. — Temos um longo caminho pela frente — preambulou Dean —, portanto deve se esforçar e agir com todo o cuidado e indulgência possíveis, tratando de relembrar cada mínimo detalhe que puder... e ainda assim não conseguirá contar tudo. Mas calma, calma. — Dean advertia Stan, que já havia começado a falar. — Você deve relaxar também. — Stan mergulhou na história de sua vida, enquanto nós mergulhávamos na escuridão da estrada, sempre em frente. Começou contando suas experiências na França, mas, para contornar dificuldades cada vez maiores, voltou atrás e recomeçou desde o princípio, recordando sua infância nas ruas de Denver. Ele e Dean conversaram sobre a época em que se viam, zunindo de bicicleta pelas calçadas. — Tem um lance que você se esqueceu, tenho certeza. . . a Garagem Arapahoe, lembra? Joguei a bola até você, que a rebateu para mim com o punho, e ela foi cair no bueiro, lembra? No tempo em que estávamos no primário, recorda? — Stan estava trêmulo e febril. Queria contar absolutamente tudo para Dean. Agora, Dean era o árbitro, o ancião, o juiz, o ouvinte, que aprovava, escutava e assentia. — Sim, sim, prossiga, por favor. — Cruzamos Walsenburg; subitamente, passamos também por Trinidad, onde, em algum lugar, à beira da estrada, em frente a uma fogueira, num acampamento, cercado por um bando de antropólogos, Chad King — como outrora — estaria contando também a história de sua vida, sem sequer imaginar que naquele exato instante estávamos passando pela estrada, a caminho do México, contando nossas próprias histórias. Ah, triste noite americana! Enfim, estávamos no Novo México; beirando as rochas arredondadas de Raton, paramos numa cantina, famintos até o âmago do estômago, loucos por um hambúrguer. Enrolamos alguns em guardanapos, guardando-os para comê-los no outro lado da fronteira. — O Estado do Texas inteiro se espalha verticalmente à nossa frente, Sal — disse Dean. — Da outra vez, nós o cruzamos horizontalmente. A distância é mais ou menos a mesma. Dentro de poucos minutos, estaremos no Texas, e amanhã a essa mesma hora ainda não teremos saído dele, mesmo dirigindo sem parar. Pense nisso, homem!

Seguimos em frente. Através da imensa planície noturna, vimos a primeira cidade do Texas, Dalhart, pela qual eu já passara em 1947. Estendia-se cintilante acima do chão negro da terra. Ao luar, a terra inteira não passava de ermos e charnecas. A lua estava agora no horizonte. Ela subiu, cresceu, enferrujou-se, empalideceu e sumiu atrás de nosso carro; a estrela da manhã surgiu, e o orvalho começou a gotejar no pára-brisa. Lá íamos nós, rolando. Depois de Dalhart — casas-caixotes que formavam uma cidade insignificante e às moscas —, deslizamos até Amarillo, aonde chegamos de manhã, circulando entre relvas agitadas ao sabor do vento, que não muito tempo antes ondulavam entre tendas de pele de búfalo. Agora, havia postos de gasolina e *jukeboxes* nova sem folha, modelo 1950, com enormes ornamentações na fachada e aberturas ávidas por moedas de dez *cents* e músicas pavorosas. Em todo o percurso desde Amarillo até Childress, Dean e eu esmagamos Stan com os enredos intermináveis de todos os livros que havíamos lido nos últimos anos — fora ele quem pedira, queria aprender. Em Childress, sob o sol escaldante, dobramos diretamente rumo ao sul, por uma estrada sem importância, avançando vertiginosamente entre extensões abismais em direção a Paducah, Guthrie e Abilene, no Texas. Dean precisava dormir, e Stan e eu nos sentamos no banco da frente e dirigimos. O velho carro aquecia, arfava, arrefecia. E imensas rajadas de vento arenoso sopravam sobre nós, vindas de trêmulos espaços desérticos e bruxuleantes. Stan foi em frente, contando histórias sobre Monte Carlo e Cagnes-sur-Mer, e sobre lugares límpidos e azulados próximos a Menton, onde pessoas morenas circulam entre paredes claras de alvas construções.

O Texas é inconfundível: entramos lentamente em Abilene, e despertamos para olhar a cidade. — Uau, imagine só viver nesse lugar, a milhares de quilômetros de qualquer cidade grande. Hoop, hoop, a velha cidade de Abilene, onde embarcavam vacas e chafurdavam as galochas e se bebia sem parar. Ei, vocês, cuidado aí! — berrou Dean, com a cabeça para fora da janela e a boca contorcida como W. C. Fields. Pouco estava ligando para o Texas ou para qualquer outro lugar. Texanos de rosto avermelhado não deram a menor bola para Dean, e continuaram percorrendo apressadamente suas calçadas

escaldantes. Paramos para comer numa estrada no lado sul da cidade. O crepúsculo parecia a um milhão de quilômetros de distância quando prosseguimos rumo a Coleman e Brady — o coração do Texas, um ermo interminável de moitas espinhosas e aridez, com uma casa ocasional aqui, outra ali, na margem de um rio sedento, e desvios esburacados e poeirentos de oitenta quilômetros e um calor asfixiante. — O velho México e seus adobes estão muito distantes ainda — disse Dean com voz sonolenta, no banco traseiro —, portanto, continuem metendo bronca, garotos, e ao amanhecer estaremos beijando *señoritas*, porque esse velho Ford roda mesmo, desde que saibam lidar com ele... com exceção da parte traseira, que está prestes a cair, mas não nos preocupemos com isso até chegarmos ao nosso destino. — E voltou a dormir.

Peguei a direção e dirigi até Fredericksburg, e ali estava eu outra vez, cruzando o velho mapa exatamente no mesmo lugar onde Marylou e eu ficamos de mãos dadas, numa manhã nevada de 1949; e onde estava Marylou agora? — Toque, amigo — gritou Dean num sonho; aposto que ele sonhava com o *jazz* de Frisco, ou talvez com o mambo mexicano, que estava à nossa espera. Stan não parava de falar; Dean lhe dera corda na noite anterior, e agora ele desembestara. Naquele instante, estava na Inglaterra relatando as aventuras por que passara na estrada inglesa, entre Londres e Liverpool, com cabelos longos e as calças rasgadas e estranhos caminhoneiros britânicos conduzindo-o pelas penumbras do vácuo europeu. Estávamos todos com os olhos vermelhos, por conta do vento arenoso do velho Texas. Sentíamos um frio na barriga, todos nós, porque sabíamos que estávamos cada vez mais perto, ainda que lentamente. O carro gemia, arrastando-se a uns sessenta quilômetros por hora, num esforço supremo. A partir de Fredericksburg, iniciamos a descida do grande platô do oeste. Insetos chocavam-se contra nosso pára-brisa. — Estamos entrando no território do calor, rapazes, a terra dos ratos do deserto e da tequila. E é a primeira vez que mergulho tão longe assim no sul do Texas — disse Dean, encantado. — Puta merda! É aqui que meu velho vem passar o inverno, ah, vagabundo esperto!

De repente, fomos envolvidos por um calor absolutamente tropical, no sopé de uma colina de oito quilômetros de comprimento, e no topo dela

vislumbramos o tremeluzir lento e ritmado da velha San Antônio. A sensação era de que tudo aquilo, na verdade, ficava em território mexicano. Ás casas à beira da estrada eram diferentes, os postos de gasolina, velhos e malcuidados, a iluminação, mais escassa. Extasiado, Dean pegou o volante e nos conduziu até San Antônio. Penetramos na cidade, apreciando a desolação de barracos decrépitos, barracos mexicanos, de madeira, sem porão e com cadeiras de balanço alquebradas que balouçavam na varanda; fantasmagórico, tudo aquilo. Paramos num posto de gasolina inverossímil para lubrificar nosso velho Ford. Mexicanos circulavam por ali, sob a luz calorenta de lâmpadas recobertas pelos insetos do verão do vale; aproximavam-se do balcão refrigerado e pegavam cervejas, atirando as moedas para o empregado. Famílias inteiras perambulavam nessa atividade primordial. Por todo canto havia barracões, árvores contorcidas e o aroma selvagem de canela no ar. Frenéticas adolescentes mexicanas apareciam por ali, com seus namorados. — Uau! — suspirou Dean. — *Si, mañana!* — A música nos invadia de todos os cantos, e todos os tipos de música. Estávamos quase fora. da América e, no entanto, definitivamente nela, e justamente onde ela é mais louca. Carangos com motores envenenados rugiam pela estrada. San Antônio, ah, aah!

— Agora, rapaziada, escutem... vamos dar um tempo aqui e festejar, pelas ruas de San Antônio, e então descolaremos um hospital para tratar do braço de Stan, enquanto você e eu, Sal, daremos umas voltas por aí para curtir essas ruas todas... Olhem só quantas casas do outro lado da rua, dá pra ver o que está se passando na sala da frente, aquelas filhas todas deitadas no sofá, melindrosas, lendo a *True Love,* iuu! Vamos nessa!

Demos umas voltas sem qualquer objetivo, e logo perguntamos onde ficava o hospital mais próximo. Era perto do centro da cidade onde tudo parecia mais lustroso e americano, alguns semi-edifícios, muito neon e farmácias de grandes cadeias, mas, mesmo assim, alguns carros saídos das trevas dos arredores da cidade disparavam pelas ruas centrais, como se simplesmente não houvesse leis de trânsito. Paramos no estacionamento do hospital, e fui junto com Stan procurar um enfermeiro enquanto Dean ficava no carro para trocar de

roupa. O *hall* do hospital estava repleto de mulheres mexicanas pobres, algumas delas grávidas, outras doentes, ou acompanhando suas crianças doentes. Era muito triste. Pensei na pobre Terry, e fiquei me perguntando o que estaria fazendo agora. Stan teve de esperar uma hora inteira até que um enfermeiro se dignasse a examinar seu braço inchado. A infecção que ele pegara tinha um nome, mas nenhum de nós dois sequer conseguiu pronunciá-lo. Deram-lhe uma injeção de penicilina.

Enquanto isso, Dean e eu saímos para curtir as ruas mexicanas de San Antônio. O ar era perfumado e ameno — na verdade, o mais ameno que jamais respirei —, e escuro, enigmático, efervescente. Silhuetas repentinas de garotas com lenços brancos surgiam, saídas do fundo da noite fervilhante. Dean tinha calafrios, e não dizia uma única palavra — Ah, tudo isso é maravilhoso demais para fazer o que quer que seja! — sussurrou. — Vamos só flutuar por aí e ver tudo a que temos direito. Olhe! Olhe! Um bilhar muito louco de San Antônio. — Entramos. Uma dúzia de garotos jogavam em três mesas, todos mexicanos. Dean e eu compramos umas Cocas, pusemos níqueis numa *jukebox* e imediatamente ela começou a tocar músicas trepidantes de Wynonie Blues Harris e Lionel Hampton e Lucky Millinder. Entretanto, Dean chamava minha atenção para a efervescência do ambiente:

— Olhe só, homem, olhe com o canto do olho, enquanto ouvimos Wynonie soprando seus *blues* e também enquanto respiramos o ar ameno, como você não pára de chamá-lo... Olhe aquele garoto, o aleijado, aquele que está jogando na mesa 1, o bobo da corte, a vida inteira foi o palhaço da turma. Os outros são implacáveis, mas o amam.

O garoto aleijado era uma espécie de anão deformado, com um rosto enorme e lindo, um rosto grande demais, no qual reluziam dois imensos olhos orvalhados. — Percebe, Sal, um Tom Snark mexicano de San Antônio, a mesma história pelo mundo inteiro. Olhe como enfiam o taco no rabo dele, ah, ah, ah! Escute as risadas dele. Percebe, ele quer vencer de qualquer jeito. Olhe! Olhe! — Observamos o angélico deformado tentar uma tabela. Errou. Os outros gargalharam. — Ah, cara — balbuciou Dean —, continue olhando. —

Agarraram o anão pelo pescoço e o giraram vamos o cheiro de bilhões de *tortillas* fumegantes sob o manto abafado da noite. Não tínhamos a menor idéia de como seria o México realmente. Estávamos outra vez no nível do mar, e quando tentamos comer uns petiscos, mal conseguimos engoli-los. Mesmo assim, enrolei tudo nuns guardanapos, e guardei-os para a viagem. Sentíamo-nos infelizes e soturnos. Mas tudo mudou quando cruzamos a misteriosa ponte sobre o rio, e pela primeira vez nossas rodas rodaram oficialmente em solo mexicano, embora aquilo não passasse de uma trilha até a alfândega. O México começava logo além da rua. Olhávamos para tudo, estarrecidos. Para nosso espanto, tudo se parecia exatamente com o México. Eram três da manhã, e grupos de sujeitos com chapéu de palha e calças brancas vadiavam, escorados nas paredes de lojas ordinárias.

— Olhem só aqueles ali! — murmurou Dean. — Uh! suspirou, com êxtase —, esperem aí, esperem aí. — Os guardas alfandegários mexicanos se aproximaram, sorridentes. Solicitaram gentilmente que tirássemos nossa bagagem do carro. Nós a tiramos. Não conseguíamos despregar os olhos da rua, do lado de lá. Estávamos loucos para saltar para o outro lado e nos perder naquelas ruas espanholas. Era apenas Nuevo Laredo, mas para nós parecia a sagrada Lhasa. - Cara, esses sujeitos passam a noite inteira em claro, e em pé — segredou Dean. Apressamo-nos em regularizar nossos papéis. Fomos aconselhados a não beber água da torneira, agora que havíamos cruzado a fronteira. Os mexicanos examinaram nossas bagagens indolentemente. Não tinham a menor aparência de guardas fronteiriços. Eram meigos e indolentes. Dean não conseguia parar de encará-los. Virou-separa mim: — Olhe só como são os *policiais* neste país. Parece um sonho. — Então, chegou a hora de trocar dinheiro. Vimos grandes pilhas de pesos sobre uma mesa, e aprendemos que oito deles equivaliam a um dólar americano, mais ou menos. Trocamos quase toda a grana e, deliciados, recheamos nossos bolsos com grandes maços de notas.

5

Então, viramos nossos rostos para o México, com timidez e encanto, enquanto dúzias daqueles garotos mexicanos nos espiavam, sob a aba misteriosa de seus chapéus noturnos. Atrás deles, ouvia-se música e viam-se restaurantes abertos a noite inteira, cujas portas deixavam escapar azuladas nuvens de fumaça. — Pffffiu! — assobiou Dean mansamente.

— Prontinho! — sorriu o oficial mexicano. — Tudo certo com vocês, rapazes. Sigam em frente. Bem-vindos a *Méhico.* Divirtam-se. Cuidem do dinheiro. Dirijam com cuidado. Estou falando isso porque gostei de vocês. Sou Red, todos me chamam de Red; qualquer coisa, perguntem por Red. Não comam porcarias. Não se metam em complicações. Não é difícil curtir *Méhico.*

Pode crer! — trovejou Dean, e lá fomos nós, penetrando, com leveza e suavidade, na noite aconchegante do México. Deixamos o carro estacionado e, ombro a ombro, avançamos os três pela rua espanhola, circulando entre luzes opacas e sonolentas. Velhos sentavam-se em cadeiras, nas varandas da noite — pareciam *junkies* orientais ou sábios oráculos. Ninguém estava realmente olhando para nós, mas todos pareciam atentos ao que estávamos fazendo. Dobramos direto à esquerda, mergulhamos numa *lanchería* fumegante e nos deparamos com o som de violões caipiras, reproduzido por *jukeboxes* americanas dos anos 30. Motoristas de táxi em mangas de camisa e *hipsters* mexicanos metidos em chapéus de palha sentavam-se nas banquetas em torno do balcão, devorando horrorosas porções de *tortillas*, feijão, tacos, sei lá o quê. Compramos três cervejas geladas — *cerveza*, como se diz lá —, por trinta centavos mexicanos, o equivalente a dez *cents* americanos. Também compramos maços de cigarros mexicanos, seis centavos cada! Contemplávamos, pasmados, nosso maravilhoso dinheiro mexicano, que nunca terminava, e brincávamos com ele, olhando para os lados e sorrindo para todos. Atrás de nós se derramava a América inteira, e tudo aquilo que Dean e eu sabíamos sobre a vida, e sobre a vida na estrada. Finalmente, havíamos descoberto a terra mágica que ficava no final da estrada, e ainda não conseguíamos sequer imaginar as dimensões

daquela magia. — *Pensem* nessa rapaziada de pé a noite inteira — suspirou Dean. — E agora pensem no imenso continente que se estende à nossa frente, com as enormes montanhas da Sierra Madre, que já vimos nos filmes, e o emaranhado das selvas e um vasto pia to desértico, tão grande quanto o nosso, prolongando-se até a Guatemala e sabe mais aonde, uau! Que faremos? Que faremos? Vamos em frente! — Saímos e voltamos para o carro. Um último *flash* da América, sob a cintilância das luzes da ponte do rio Grande; depois, voltando-lhe as costas, mergulhamos na aventura.

Instantaneamente, estávamos no deserto, e não se via uma luz ou um carro em oitenta quilômetros de planícies. Justamente naquela hora, a aurora despontava sobre o golfo do México, iluminando os cactos *yucca* e imensos cactos solenes como órgãos de igreja. — Como é selvagem este país! — gritei. Dean e eu estávamos completamente atentos e despertos. Em Laredo, eu mais parecia um moribundo. Stan, que já havia viajado por outros países, dormia calmamente no banco de trás. Dean e eu sentíamos que o México inteiro se desenrolava à nossa frente.

— Agora, Sal, estamos deixando tudo para trás, e entramos numa nova fase, desconhecida e misteriosa. Todos esses anos, essas complicações, esses baratos todos... e agora *isso!* De modo que o negócio é deixar tudo para lá e apenas seguir em frente, com a cara para fora da janela, os cabelos ao vento, assim, e *compreenderemos* esse mundo genuína e verdadeiramente, como os outros americanos antes de nós não conseguiram fazer... eles estiveram aqui, não estiveram? A guerra do México! Atravessaram o país com canhões.

— Essa estrada — contei-lhe — também era a rota dos velhos foras-da-lei americanos, que costumavam cruzar a fronteira rumo à velha Monterrey, portanto, se você olhar para este deserto descolorido e imaginar o fantasma de um velho bandoleiro de Tombstone em sua longe cavalgada rumo ao desconhecido, perceberá que...

É o mundo! — urrou Dean. — Meu Deus! — uivou, batendo no volante. — É o mundo, verdade! Podemos seguir até a América do Sul, se houver estrada. Pense nisso! *Puta* que o pariu! Puta *merda!* — Zumbimos em frente. O

alvorecer espalhou-se rapidamente, e começamos a ver as areias brancas do deserto e algumas cabanas fortuitas perdidas no horizonte. Dean reduzia a velocidade para observá-las, ao longe. — Cabanas gastas e maltratadas, cara. Das verdadeiras, do tipo que você só encontra no Vale da Morte, e ainda piores. Este povo não está aí para as *aparências!* — A primeira cidade digna de constar no mapa que apareceria à frente era Sabinas Hidalgo. Seguíamos ansiosamente em direção a ela. — E a estrada é igualzinha à estrada americana — exclamou Dean — com uma única e louca diferença, se você ainda não percebeu: a sinalização é em quilômetros, e aponta a distância até a cidade do México. Veja, é a única cidade deste mundo, por isso todas as estradas e rotas conduzem para lá... — A metrópole ficava a setecentos e sessenta e sete milhas dali; em quilômetros, eram mais de mil. — Porra, tenho que continuar! — gritou Dean. Por instantes, fechei os olhos de completa exaustão, e fiquei apenas ouvindo Dean bater com o punho cerrado contra o volante e exclamar “Porra”, “Que barato!”, “Ah, que país!” e “Sim”. Chegamos em Sabinas Hidalgo às sete horas da manhã, depois de cruzar apenas desertos. Diminuímos a velocidade por completo, para apreciar o quadro. Acordamos Stan no banco traseiro. Empertigamo-nos em nossos lugares para curtir cada detalhe. A rua principal era lamacenta e esburacada. De ambos os lados, viam-se velhas fachadas de adobe caindo aos pedaços. Burros carregados passavam pelas ruas. Mulheres descalças nos observavam por trás de umbrais sombrios. A rua estava repleta de pessoas a pé que começavam um novo dia no interior do México. Velhos com bigodes ancestrais nos encaravam. Três jovens americanos rotos e barbados, ao invés de turistas bem-vestidos, despertavam neles um interesse incomum. Rodamos lentamente pela avenida principal, a uns quinze por hora, absorvendo tudo. Enquanto dávamos esse giro, um grupo de garotas seguia a pé à nossa frente; quando as ultrapassamos, uma delas disse: — Para onde vão, rapazes?

Virei-me para Dean, atônito: — Ouviu o que ela disse?

Dean estava tão surpreso que continuou dirigindo, dizendo: — Sim, ouvi o que ela disse, ah, certamente ouvi o que ela disse, oh, aí, ui, nem sei o que fazer, é tudo tão excitante, estou encantado com esse mundo matinal, com sua leveza.

Chegamos ao paraíso, finalmente. Não poderia ser melhor, mais maneiro, mais fantástico... nada mais!

— Bem, vamos voltar e apanhá-las.

Sim — disse ele, e continuou dirigindo em frente, a dez por hora. Estava perplexo, não precisava agir como teria agido na América. — Há milhões delas ao longo dessa estrada! — disse. Portanto, jamais fez aquele retorno, e nunca voltou a passar pelas garotas. Elas iam trabalhar nas plantações; sorriam para nós. Dean as encarava com os olhos empedrados. — Porra — suspirava, para tomar fôlego. — Ah! É bom demais para ser verdade. Garotas, garotas. E particularmente agora, Sal, nas condições e no estado em que me encontro, estou observando o interior destas casas enquanto passamos por elas... estes portais encantadores, você olha através deles e vê colchões de palha espalhados pelo chão e criancinhas morenas que dormem sobre eles, quase acordadas, inquietas; seus pensamentos emergem da sonolenta mente ainda vazia, os corpos levantam-se de um sono ancestral, as mães preparam o café da manhã, cozinham em panelões de ferro, e veja só as persianas que eles usam nas janelas e os velhos, ah, os *velhos* são demais, são formidáveis, e ninguém enche o saco de ninguém! Aqui não há *suspeitas*, temores, desconfianças... nada disso. Todos são maneiros, leves e soltos... olham no olho dos outros com esse olhar castanho e direto e não falam nada, apenas olham! Todas as qualidades humanas estão ali, implícitas nesse olhar. Agora pense em todas as histórias estúpidas que já ouvimos sobre o México, gringos sonolentos e todo esse lixo... aquela porcaria sobre *chicanos* e tudo o mais... e tudo o que encontramos aqui são essas pessoas sinceras e gentis, que jamais enchem o saco. Estou encantado com tudo isso! — Treinado na estrada crua da noite, Dean viera ao mundo para observá-lo. Por isso, inclinava-se ao volante e olhava para ambos os lados, rodando lentamente. Na saída de Sabinas Hidalgo, paramos para pôr gasolina. Ali, uma espécie de conselho local de velhos rancheiros com bigodes de pontas retorcidas reunia-se animadamente, entre bombas de gasolina antiquadas, gargalhando e conversando. Mais longe, entre as plantações, um velho arava a terra com um

burro, atrelado num arado de madeira. O sol erguia-se puro, iluminando atividades puras e ancestrais da vida humana.

Pegamos a estrada para Monterrey. Monstruosas montanhas com cumes nevados se elevavam à nossa frente; íamos direto em direção a elas. Havia uma estrada estreita que serpenteava entre elas e um desfiladeiro que nos daria passagem. Em questão de minutos, ultrapassamos o deserto e começamos a subir em direção ao vento ameno da Sierra, por uma estranha estrada que tinha uma murada de pedra do lado do precipício, e grandes inscrições com nomes de políticos pintados a cal na rocha viva, do outro lado da faixa — ALEMAN! Não cruzamos ninguém naquela estrada das alturas. Ela serpenteava entre as nuvens, e nos conduziu para o grande platô que ficava no topo. Além desse platô, a grande cidade industrial de Monterrey lançava sua fumaça cinzenta aos céus azuis, com suas enormes nuvens alvas do golfo inscritas na abóbada do dia como novelos de lã. Entrar em Monterrey é como entrar em Detroit, beirando as longas paredes desnudas das fábricas, exceto pelos burros que pastam ao sol na grama ali em frente, e a visão súbita das grossas paredes de adobe das casas da cidade, entre as quais circulavam milhares de *hipsters* duvidosos, a maioria escorada em portais sombrios, e prostitutas debruçadas nas janelas, e lojas esquisitas que deveriam vender qualquer espécie de mercadoria, e calçadas estreitas apinhadas como se estivéssemos em Hong Kong. — Uff! — uivou Dean —, e tudo isso sob o sol do trópico. Já percebeu como o sol mexicano age, Sal? Ele deixa a gente de cabeça feita! Uau, quero seguir em frente. Esta estrada está me pirando... — Ameaçamos dar uma parada na efervescência de Monterrey, mas Dean queria chegar à Cidade do México num tempo extra-curto, e além disso sabia que a estrada se tornaria ainda mais fascinante, especialmente adiante, sempre adiante. Dirigia como um demônio, e jamais descansava. Stan e eu estávamos loucos para curtir aquele fervilhante mercado persa, mas tivemos de desistir e nos enroscamos no banco de trás para dormir. Fora de Monterrey, olhei para o alto e vi duas montanhas gêmeas imensas e grotescas para além da velha Monterrey, refúgio dos foras-da-lei.

À nossa frente ficava Montemorelos, uma nova descida rumo às planuras abafadas. Tudo se tornava cada vez mais escaldante e estranho. Dean simplesmente teve de me acordar, para que eu visse o que se deparava à nossa frente. — Olhe, Sal, *você não* pode perder isso! — Avançávamos entre pântanos e, do lado da estrada, a intervalos regulares, surgiam mexicanos estranhos vestidos de farrapos, caminhando pelo acostamento com machadinhas dependuradas nas cordas que lhes serviam de cinto; alguns deles cortavam moitas espinhosas. Todos paravam para nos ver passar, com um olhar difuso e sem expressão. Entre o emaranhado ressequido de moitas víamos, de vez em quando, cabanas africanas de bambu, meras cabanas de bambu. Garotas enigmáticas; escuras como a lua, nos espiavam de misteriosos umbrais verdejantes. — Ah, homem, queria parar para curtir um pouco essas coisinhas queridas — choramingou Dean —, mas observe como os coroas... a mãe idosa ou o velho pai... estão sempre por perto... geralmente nos fundos, a uns cem metros, apanhando gravetos e lenha, cuidando dos rebanhos. Elas nunca estão a sós. Nunca ninguém está a sós neste país! Enquanto você dormia, fiquei curtindo esta estrada e esta nação, ah, se pudesse contar todas as coisas que pensei, homem! — Ele suava. Seus olhos estavam rajados e rubros, e loucos, e também ternos e suaves — tinha encontrado gente como ele. Deslizamos através da interminável região dos pântanos, à velocidade constante de setenta quilômetros por hora. — Sal, acho que a paisagem não vai se modificar tão cedo. Se você quiser dirigir, eu vou dormir. Peguei a direção e dirigi, embebido em meus próprios sonhos, passando por Linares, a calorenta, plana e abafada região pantanosa, os alagadiços do rio Soto la Marina, próximo a Hidalgo, e adiante. Um imenso e verdejante vale tropical surgiu à minha frente, recortado por inúmeras plantações regulares. Grupos de homens nos observaram passar, reunidos ao lado de uma velha ponte enferrujada. O rio aquecido fluía, ardente. Então, subimos a novas altitudes, e a região desértica e inculta ressurgiu. A cidade de Gregoria estava à frente. Os rapazes dormiam e eu estava ao volante, sozinho em minha eternidade; a estrada era uma imensa linha reta. Não era como dirigir pela Carolina, ou pelo Texas, ou pelo Arizona, ou pelo Illinois; dirigia

num mundo selvagem rumo a lugares onde finalmente aprenderíamos algo sobre a vida verdadeira, entre os lavradores indígenas deste mundo, a origem, a raça essencial da humanidade básica, primitiva e chorosa, disseminada numa faixa que se estende ao redor de *toda a* saliência *equatorial do planeta,* desde a Malásia (a longa unha da China) até o grande subcontinente indiano, passando pela Arábia e pelo Marrocos, cruzando os próprios desertos e selvas do México, flutuando acima das ondas da Polinésia para chegar ao Sião místico da Túnica Amarela, sempre em círculos, em círculos, de modo que se pode ouvir a mesma lamúria nostálgica desde as muralhas arruinadas de Cádiz até vinte mil quilômetros mais além, nas profundezas de Benares, a Capital do Mundo. Aquelas pessoas eram indubitavelmente índias, e não tinham absolutamente nada a ver com os tais de Pedros e Panchos da idiota tradição civilizada norte-americana. Tinham as maçãs do rosto salientes, olhos oblíquos, gestos nobres; não eram bobos, não eram palhaços; eram grandes e graves indígenas, a fonte básica da humanidade, os pais dela. As ondas são chinesas, mas a terra é coisa dos índios. Tão essencial como as rochas no deserto são os índios no deserto da "história". E eles sabiam disso, enquanto passávamos, americanos endinheirados e ostensivos, numa excursão fugaz pelo reinado de suas terras sagradas; eles sabiam quem era o pai e quem era o filho desta primitiva vida terrestre. Porque, quando a destruição chegar ao mundo da "história" e o Apocalipse indígena retornar, como tantas vezes já fez, essas pessoas vão continuar olhando para o mundo dessa mesma maneira, de dentro de suas grutas, no México ou em Bali, onde tudo começou, e onde Adão foi amamentado e aprendeu a compreender. Eram esses meus pensamentos cósmicos, enquanto eu dirigia em direção à escaldante e entorpecida cidade de Gregoria. Pouco antes, em San Antônio, eu havia prometido a Dean, por gozação, arranjar uma garota para ele. Era uma aposta e um desafio. Logo que estacionei o carro num posto de gasolina, perto da entrada da ensolarada Gregoria, um garoto atravessou a estrada de pés descalços, carregando um enorme protetor de pára-brisas, para saber se eu desejava comprá-lo. — Gosta? Sessenta pesos. *Habla espanol¿ Sesenta pesos.* Meu nome Victor.

— Nah — disse eu, gracejando. — Compro *señorita.*

— Claro, claro! — disse ele, excitado. — Arranjo garotas, qualquer hora. Mas agora está quente demais — acrescentou, com ares de náusea. — Dia quente, garotas ruins. Espere até a noite. Gosta protetor?

Eu não queria saber do protetor, mas fiquei a fim das garotas. Acordei Dean. — Ei, homem, no Texas garanti que iria arranjar uma garota pra você... tudo bem, estique esse corpo e acorde, rapaz; já temos garotas esperando por nós.

— O quê? O quê? — gritou, levantando-se, ávido como uma ave de rapina. — Onde? Onde?

— Este menino, Victor, vai nos mostrar onde.

— Bem, então vamos lá, vamos lá! — Dean saltou fora e apertou a mão de Victor. Havia um grupo de garotos vadiando por ali, em volta do posto, metade de pés descalços, todos com imensos *sombreros* de palha. — Ah, homem — disse-me Dean —, que maneira deliciosa de passar a tarde. É muito mais *maneiro* do que nos bilhares de Denver. Victor, você nos arranja essas garotas? Onde? *Adonde¿* — perguntou em espanhol. — Está vendo, Sal, estou falando espanhol.

— Pergunte-lhe se ele nos arranja um "chá". Ei, garoto, você consegue *ma-ri-ju-ana?*

O cara assentiu, discretamente. — Claro, homem. Qualquer hora.

— Iuupii! Uau! Hoo! — exclamou Dean. Ele estava completamente desperto e saltitante naquela sonolenta rua mexicana. — Vamos nessa! — Distribuí Lucky Strikes (cigarros mexicanos, fortíssimos e sem filtro) entre os garotos. Eles estavam nos curtindo bastante, principalmente a Dean. Cochichavam, com as mãos em conchas, ao ouvido uns dos outros, falando sobre aquele americano muito louco. — Dê uma olhada, Sal, estão falando sobre nós e nos curtindo. Ah, meu Deus, que mundo maluco! — Victor entrou no carro, juntou-se a nós e caímos fora. Stan Shephard estava dormindo e roncava. . . acordou para aquelas loucuras.

Cruzamos a cidade até o outro lado, saímos no deserto e pegamos uma estradinha esburacada que fez o carro sacolejar como nunca. A casa de Victor ficava à frente. Era apenas uma caixa retangular de adobe, assentada no início das áridas planícies de cactos, rodeada por algumas árvores, com uns sujeitos que se espreguiçavam e vadiavam pelo quintal.

— Quem são eles? — perguntou Dean, excitadíssimo.

— Meus irmãos. Minha mãe mora aí também. Minha irmã também. Sou casado, moro na cidade.

— Mas e sua mãe? — inquiriu Dean. — O que ela diz da *marijuana?* — Ah, ela a colhe pra mim. — E, enquanto esperávamos no carro, Victor saiu, voou até a casa e falou rapidamente com uma velha, que prontamente se virou e foi até o quintal, nos fundos, e começou a recolher tufos de maconha colhidos dos pés e postos para secar sob o sol implacável do deserto. Enquanto isso, os irmãos de Victor sorriam para nós, sob a copa das árvores. Queriam nos conhecer, mas ainda levariam algum tempo para se levantar e arrastar-se até o carro. Victor voltou, sorrindo singelamente.

— Homem — murmurou Dean —, este Victor é o mais incrível, desvairado e singelo sujeito que jamais encontrei em toda a minha vida. Dê uma olhada no andar malicioso, suave que ele tem. Não é preciso andar afobado por aqui. — A brisa do deserto, constante e abafada, seguia soprando. Estava quente demais.

— Vê como é quente? — perguntou Victor, sentando-se no banco da frente ao lado de Dean e apontando para a capota escaldante do Ford. — Você fuma *marijuana,* calor acaba. Espere pra ver.

— Claro — disse Dean, ajeitando seus óculos escuros.

— Claro que eu espero, meu caro Victor.

Então, o irmão mais alto de Victor se aproximou, com uma folha de jornal recheada de erva. Depositou-a no colo de Victor e se recostou na porta do carro com naturalidade, sorrindo e dizendo: — Olá! — Dean assentiu com a cabeça e sorriu para ele, satisfeito. Ninguém falava; era ótimo assim. Victor começou a enrolar a maior bomba que eu jamais vira. Com sossegada habilidade (usando

papel de embrulho marrom), apertou um tremendo baseado, equivalente a um rechonchudo Corona — um charuto de chá! Era uma verdadeira tora! Dean fitava-a, com olhos que saíam das órbitas. Victor acendeu-a despreocupadamente e colocou-a na roda. Tragar aquela coisa era o mesmo que se inclinar sobre uma chaminé e aspirar. Arranhava a garganta como uma nuvem causticante. Demos todos uma bola e exalamos nossos cogumelos atômicos praticamente ao mesmo tempo. Instantaneamente, ficamos chapadíssimos. O suor se enregelou em nossas frontes e, subitamente, era como se estivéssemos na praia, em Acapulco. Olhei pela janela de trás do carro, e outro irmão de Victor — o mais estranho deles, uma espécie de índio peruano, alto, largo, com um poncho sobre os ombros — estava escorado num poste, sorridente, tímido demais para aproximar-se e trocar um aperto de mãos. Parecia que o carro estava cercado de irmãos, pois do lado de Dean surgiu mais um. Começou então uma sucessão de coisas estranhas. Todos estavam tão chapados que as formalidades usuais foram dispensadas, e nos concentramos nos assuntos de interesse imediato; restava apenas aquela situação estranha, com americanos e mexicanos fumando maconha juntos sob o sol causticante do deserto, e, mais do que isso, a estranheza de ver de uma distância mínima as faces, os poros da pele, os calos dos dedos e as maçãs dos rostos, geralmente envergonhados, de um outro mundo. Os irmãos indígenas começaram a falar sobre nós, fazendo comentários em vozes baixas; podíamos vê-los olhando para nós, avaliando, comparando impressões mútuas, ou corrigindo-se e modificando suas opiniões: “Blá, blá, blá”; enquanto isso, Dean, Stan e eu fazíamos comentários sobre eles em inglês. — Dê uma olhada naquele irmão arisco lá atrás, aquele que não se moveu do poste no qual está encostado, e não diminuiu em nada a intensidade tímida de seu sorriso maravilhoso. E este aqui, à minha esquerda, mais velho, mais seguro de si, mas melancólico, como se estivesse metido numa enrascada, como se não passasse de um vagabundo na cidade, enquanto Victor é respeitavelmente casado. . . é um genuíno faraó egípcio, não há dúvida! Estes caras são maneiros *mesmo!* Jamais vi algo assim. E estão falando sobre nós, discutindo, tentando nos enquadrar em suas categorias mentais nativas, percebem? Exatamente como

nós, mas com uma diferença, típica deles... provavelmente estão se concentrando na maneira como estamos vestidos — assim como nós também, para dizer a verdade —, mas se concentram na estranheza das coisas que possuímos dentro deste carro, e em nossa maneira esquisita de rir, tão diferente da deles, e talvez até mesmo em nosso cheiro, também tão pouco semelhante ao deles. No entanto, daria meu braço direito para saber o que eles estão dizendo sobre a gente. — E Dean tentou descobrir: — Ei, Victor, cara... o que seu irmão acabou de dizer?

Victor pousou seus imensos e nostálgicos olhos morenos em Dean: — *Yeah, yeah.*

— Não, *você* não entendeu minha pergunta. O que os garotos estão dizendo?

— Ah — respondeu Victor, profundamente perturbado —, não gostou *marijuana?*

— Ah, sim, sim, é demais! O que vocês estão *falando?*

— Falar? Claro, falar. Gosta México? — Era difícil o entendimento — de cabeça feita sob o sol do deserto e sem uma língua comum. Então, todos ficaram quietos, calmos e muito loucos outra vez, gozando a brisa árida do deserto e curtindo individualmente suas próprias idéias raciais e nacionais, idéias cósmicas de elevada eternidade.

Já era tempo de sair em busca das garotas. Os irmãos retornaram a seus respectivos lugares sob as árvores, a mãe nos observou de seu portal ensolarado, e regressamos lentamente ao centro da cidade, aos solavancos.

Mas agora aquele sacolejar já não era desagradável; foi a mais aprazível, graciosa e trepidante jornada do mundo, como se estivéssemos navegando sob o azul ondulado do mar; no rosto de Dean resplandecia uma aura dourada e incomum, e ele nos alertou para que mentalizássemos, pela primeira vez na vida, os movimentos vibrantes das molas do carro, e curtíssemos a viagem. Sacolejávamos para cima e para baixo, e até Victor entendeu tudo e gargalhou. Então, apontou para a esquerda, mostrando que caminho deveríamos pegar para chegarmos até as garotas, e Dean, com olhos reluzentes, encarou a nova trilha com encanto indescritível; fez a curva com requinte e delicadeza, conduzindo-

nos com lentidão e segurança em direção ao nosso destino, dizendo incrível e grandiloqüentemente: — Sim, é claro! Não há a menor sombra de dúvida! Decididamente, cara! Ah, é verdade! Uff, pish, posh, você diz coisas maravilhosas para mim! Claro! Pode crer! Por favor, vá em frente! — A tudo isso, Victor respondia com a sonora e magnífica eloqüência espanhola. Por um único e doido instante, pensei que Dean estivesse entendendo tudo o que ele falava por mera iluminação pessoal, e uma súbita genialidade adivinhatória intuitiva, inconcebivelmente inspirada por sua felicidade abrangente e radiante. Naquele instante, também, ele estava tão parecido com Franklin Delano Roosevelt — uma ilusão provocada por meus olhos flamejantes e meu cérebro flutuante —, que me levantei do assento e engoli em seco, perplexo. Entre miríades de partículas luminescentes e celestiais, que luziam interminavelmente ao redor de tudo o que se movia, tive de me esforçar para distinguir a verdadeira fisionomia de Dean — ele parecia Deus! Eu estava tão chapado que tive de recostar a cabeça no banco do carro. A trepidação do Ford provocava calafrios de êxtase em meu corpo inteiro. A simples idéia de olhar pela janela e ver o México — que àquela altura já era algo diferente em minha cabeça — era como retroceder da frente de um baú de tesouros gloriosamente enigmático e cintilante, que você simplesmente não consegue encarar com medo de magoar seus olhos: eles se virariam para dentro de suas cavidades oculares! — As jóias e as riquezas, às vezes, são reluzentes demais para serem vistas de uma só vez. Engoli em seco mais uma vez. Vi torrentes de ouro que fluíam pelo céu e atravessavam o forro esfarrapado da capota de nosso velho carro, cruzando meus globos oculares e, na verdade, fluindo para dentro deles; elas estavam em todos os lugares. Pela janela, vi ruas escaldantes e ensolaradas e uma mulher parada na entrada de sua casa, e pensei que ela estava escutando cada palavra que dizíamos e sacudia a cabeça gravemente — rotineiras visões paranóicas provocadas pelo chá! Mas as torrentes de ouro derretido persistiam. Por um longo tempo, perdi a consciência da parte mais rasteira de minha mente, e só a recobrei algumas horas depois, quando levantei os olhos do fosso e do fogo, como despertando de um sono milenar, ou saindo do vácuo rumo a um sonho, e eles me disseram que

estávamos parados em frente à casa de Victor e ele já estava ali, na porta do carro, com seu filhinho nos braços, mostrando-o para nós.

— Olhem meu bebê; nome dele Pérez, seis meses de idade!

Uau — fez Dean com a face ainda alterada, revelando sinais de inequívoca iluminação, supremo prazer e bem-aventurança —, é a criança mais linda que já vi. Olhem esses olhos. Agora, Sal e Stan — disse-nos ele, com um ar sério e singelo —, quero que observem es-pe-ci-al-mente os olhos desse bebê mexicano, filho do nosso maravilhoso amigo Victor, e notem como ele amadurecerá, e então o fulgor de sua alma vai reluzir através dessas janelas espirituais que são seus olhos, e olhos tão encantadores assim são indicadores seguros e proféticos, revelam a mais luminosa e adorável de todas as almas. — Foi um belo discurso. E era um belo bebê. Victor olhava seu anjo, enternecido. Todos nós desejávamos ter um filho assim. Tão forte era a intensidade com que perscrutávamos a alma daquela criança, que ela sentiu algo e fez uma careta, que resultou em lágrimas amargas e uma espécie desconhecida de amargura, que não tínhamos meios de serenar porque penetrava muito profundamente em inumeráveis mistérios e na própria eternidade. Tentamos de tudo; Victor acariciou-o no pescoço e o embalou, Dean arrulhou, eu estiquei a mão e acariciei seu tenro braço. O choro aumentou. — Ah — suspirou Dean —, estou terrivelmente sentido porque o deixamos triste, Victor.

— Ele não está triste, bebê chora assim. — No portal, atrás de Victor, tímida demais para mostrar-se, via-se sua pequena esposa descalça, aguardando com ternura ansiosa que seu bebê fosse recolocado em seus braços morenos e gentis. Victor, depois de mostrar seu reluzente rebento, embarcou novamente no carro, e orgulhosamente apontou para a direita.

— Sim — disse Dean, e fez o carro deslizar naquela direção, conduzindo-nos através de estreitas ruas argelinas, com rostos que surgiam de todos os lados e nos observavam com tranqüila curiosidade. Chegamos ao bordel. Era um magnífico prédio de estuque, dourado pelo sol. Na rua, recostados nas persianas de madeira das janelas do bordel, viam-se dois policiais de calças largas, sonolentos e de saco cheio, que nos dirigiram olhares de fugaz interesse

enquanto entrávamos, e permaneceram ali durante as três horas em que pintamos e bordamos sob seus narizes; lá estavam quando saímos, ao crepúsculo, e, seguindo o conselho de Victor, demos o equivalente a vinte e quatro *cents* para cada um deles — só para manter as aparências.

E as garotas que haviam lá dentro! Algumas ficavam recostadas nos sofás do outro lado da pista de dança, outras bebericavam no bar comprido que havia à direita. No centro da sala, via-se um pequeno arco que conduzia a minúsculos barracos de madeira, verdadeiros cubículos, que se pareciam com as cabinas onde se troca de roupa nas praias públicas. Esses cubículos ficavam fora, no quintal ensolarado. Atrás do balcão do bar via-se o proprietário, um sujeito moço que caiu fora assim que lhe dissemos que gostaríamos de ouvir mambo; retornou célere com uma pilha de discos, a maioria de Pérez Prado, e colocou-os na vitrola. Em um segundo, a cidade de Gregoria inteira podia escutar a festa que se desenrolava na *sala de baile.* Ali mesmo, no *hall,* o estrondo ensurdecedor da música — pois essa é a maneira correta de se ouvir uma vitrola, e é justamente para isso que elas foram feitas — era tão intenso que chocou profundamente a Dean, a Stan e a mim porque, num instante, compreendemos que nunca nos haviam permitido ouvir música tão alto quanto queríamos, e era tão alto assim que queríamos ouvi-la. O mambo zunia e ressoava como um corpo palpável em nosso redor. Em poucos minutos, metade da cidade estava parada nas janelas do bordel, observando *los americanos* dançar com as garotas. Permaneciam aos grupos na calçada imunda, lado a lado com os policiais, recostados com naturalidade e nostálgica indiferença... *Más mambo jambo, Chattanooga de mambo, Mambo número ocho* — todas essas tremendas peças ecoavam na tarde dourada e misteriosa, como o som que provavelmente será ouvido no último dia deste mundo, antes da Segunda Vinda. Os trompetes pareciam desprender uma sonoridade tão aguda e elevada, que imediatamente imaginei-os sendo escutados no próprio deserto — onde originalmente aquelas trombetas surgiram, de qualquer forma. Os tambores eram uma loucura. O ritmo do mambo é semelhante ao da *conga* do Congo, o rio mágico da África e do mundo; na verdade, é o próprio ritmo do mundo. *Um-tá,* ta-pu-pum — *um-tá,* ta-pu-pum.

As ressonâncias melódicas do piano derramavam-se sobre nós, como uma chuva vinda do alto-falante. Os gritos do líder da banda eram como arquejos anônimos no ar parado da tarde mexicana. O coro final dos trompetes, simultaneamente acompanhados pelo clímax dos tambores de conga e dos bongôs, no incrível e piradíssimo disco de Chattanooga, enregelaram Dean, deixando-o rijo e paralisado por um momento, até que, depois de um calafrio, ele recomeçou a desprender seu suor indefectível; então, quando os trompetes ressoaram seus ecos palpitantes no ar sonolento e pegajoso, como numa caverna ou numa tumba, seus olhos se dilataram e saltaram das órbitas, como se ele tivesse visto o Diabo em pessoa, e ele apertou-os com força. Eu mesmo me sentia sacudido como um fantoche por aquela sonoridade latina retumbante; observei as mesmas luzes que havia visto antes, tremeluzindo no ritmo do som daquelas trombetas, e tremi em minhas botas.

No velocíssimo *Mambo jambo,* dançamos freneticamente com as garotas. Em nosso delírio, começamos a discernir suas personalidades variadas. Eram garotas incríveis. Estranhamente, a mais exuberante e desenfreada era morena, mas vinha da Venezuela — tinha apenas dezoito anos! Parecia de boa família. O que ela estava fazendo prostituindo-se no México, com aquela idade, aquela pele macia e aquele jeito singelo, só Deus sabia. Algum desgosto terrível a tinha levado a isso. Bebia desesperadamente, engolia novos drinques, enquanto ainda parecia estrangulada pelo anterior. Entornava um copo atrás do outro, pois a idéia também era fazer-nos gastar o máximo possível. Vestindo uma camisola tênue no amplo entardecer, ela dançou freneticamente com Dean, implorando para que ele lhe fizesse de tudo. Dean estava tão chapado que não sabia em que se concentrar, se nas garotas ou no mambo. Eles desapareceram na direção dos cubículos ensolarados. Fui assaltado por uma garota gorda e desinteressante, com um cãozinho, e ela ficou chateada comigo quando antipatizei com seu cão porque ele ficava tentando me morder o tempo inteiro. Ela se comprometeu a levá-lo para o quintal, mas, quando retornou, eu já havia sido fisgado por outra garota, mais gostosa mas não ideal, que se grudou ao meu pescoço como uma sanguessuga. Eu estava tentando me livrar dela e abrir caminho até uma garota

de dezesseis anos, sentada do outro lado da sala, que olhava melancolicamente para o próprio umbigo, através de uma abertura em seu vestido puído e pequeno. Não consegui. Stan tinha arranjado uma gatinha de quinze anos, com pele escura cor de amêndoa e um vestido quase que inteiramente desabotoado. Era uma loucura! Pelo menos vinte homens se acotovelavam na janela, observando tudo.

A certa altura, a mãe dessa garotinha de cor — de cor, não, mas intensamente morena — entrou para manter um breve e triste diálogo com a filha. Quando vi aquilo, fiquei envergonhado demais para tentar abordar a que me interessava. Deixei a sanguessuga me arrastar para os fundos, onde, como num sonho, sob a ressonância e o clamor de mais alto-falantes, fizemos a cama *nhec-nhec* ranger durante meia hora. Era apenas um quarto quadrado, onde havia persianas de tabuinhas e sem forro, uma imagem de um santo num canto, um bidê no outro. De todos os lados, as garotas gritavam: — *Água, água caliente!* Stan e Dean tinham sumido de vista. Minha garota cobrou trinta pesos, mais ou menos uns três dólares e meio, e mendigou dez pesos extra, contando uma história comprida sobre alguma coisa. Eu ainda não sabia o valor do dinheiro mexicano; tudo o que sabia era que possuía um milhão de pesos. Atirei o dinheiro para ela e voltamos correndo para dançar. Uma multidão ainda maior espremia-se na rua. Os policiais pareciam de saco tão cheio quanto sempre. A venezuelana gostosa que estava com Dean me arrastou para outro estranho bar, que aparentemente pertencia ao bordel, já que ficava no mesmo prédio. Ali, um sujeito alto e magro lavava os copos e conversava com um velho que retorcia as pontas de seu bigode milenar; estavam discutindo alguma coisa. E também ali os alto-falantes despejam mambos aos trovões. Parecia que o mundo inteiro estava ligado. Venezuela se enroscou em meu pescoço e me pediu um drinque. O balconista magro não queria servi-la. Ela implorou e tornou a implorar, e, quando ele a serviu, ela emborcou tudo de uma só vez — não apenas para se aproveitar de mim, já que pude perceber um desgosto profundo em seus pobres olhos, encovados e perdidos. — Vá com calma, *baby* — disse pra ela. Tinha de ampará-la no topo do banco, pois ela estava sempre escorregando. Nunca vi uma mulher capaz de se embriagar tanto, e ela tinha apenas dezoito anos. Paguei-lhe

mais um drinque. Em agradecimento, ela ficava passando a mão pelas minhas calças. Sugeria de tudo. Mas eu não tinha peito para encará-la. Minha primeira garota tinha trinta anos, e cuidava muito melhor de si mesma. Enquanto Venezuela deslizava e sofria em meus braços, tive desejos de arrastá-la para os fundos, despi-la e apenas conversar com ela — disse isso a mim mesmo. Na verdade, delirava de tesão por ela e pela outra gatinha morena.

Pobre Victor, enquanto isso ele ficara escorado de costas no balcão cromado do bar, balançando-se no seu banco, satisfeito por ver seus três amigos americanos esbaldando-se. Pagávamos drinques para ele. Seus olhos brilharam para uma mulher, mas ele não aceitou nenhuma, permaneceu fiel à sua esposa. Dean lhe passava algum dinheiro. Naquele turbilhão de loucura, percebi o que Dean estava aprontando. Ele estava tão fora de si que não me reconheceu quando o encarei. — *Yeah! Yeah!* — era tudo o que ele dizia. Parecia que aquilo jamais teria fim. Era como um longo e espectral sonho árabe, num entardecer rubro de outra vida — Ali Babá, as ruelas estreitas, cortesãs perfumadas! Corri de volta para o quarto com a mesma garota. Dean e Stan trocaram de par na segunda vez; saímos de cena por alguns instantes, e os espectadores tiveram de esperar novamente pela continuação do *show*. O fim da tarde se aproximava, refrescante e solene.

Em breve, os mistérios da noite cairiam sobre aquela encantadora cidade de Gregoria. Nem um só instante o mambo cessou, fremia como uma interminável jornada na selva. Eu não conseguia despregar os olhos daquela gatinha morena, estava apaixonado por sua maneira elegante de andar, e a elegância continuava visível mesmo quando aquele sujeito sisudo do bar a reduzia a tarefas menores, como servir-nos os drinques ou varrer o quintal. De todas as garotas de lá, era a que mais precisava de dinheiro; talvez, naquela hora, sua mãe tivesse vindo apanhar uma grana com ela para dá-la a seus irmãozinhos famintos. Os mexicanos são pobres. Jamais, jamais me ocorreu aproximar-me dela e lhe dar algum dinheiro. Tinha a impressão de que ela o apanharia com solene ar de desprezo — e o desprezo de pessoas assim simplesmente me aterroriza. Em minha loucura, eu estava verdadeiramente apaixonado por ela, e

assim permaneci durante as poucas horas em que aquilo tudo durou; sentia a mesma dor inconfundível e a punhalada de sempre em meu cérebro, os mesmos sinais, o mesmo sofrimento mudo, e, acima de tudo, a mesma relutância e o mesmo temor na hora de tentar a abordagem. O estranho é que Dean e Stan também fracassaram na tentativa de conquistá-la. Sua irrepreensível dignidade era o que a fazia pobre num fantástico bordel. Em determinado momento, vi Dean inclinar-se para ela como uma estátua prestes a tombar, e o desapontamento trespassou seu rosto quando ela o olhou fria e imperiosamente — então, ele parou de alisar a própria barriga, engoliu em seco e finalmente baixou a cabeça. Porque ela era a rainha.

Victor agarrou fortemente nossos braços, sob o furor da música e do álcool, e fez sinais frenéticos.

— Qual é o grilo? — Ele tentava de tudo para nos explicar. Então, correu até o bar e apanhou a conta das mãos do proprietário, que lhe lançou um olhar furioso, e a trouxe até nós para que a víssemos. A conta já passava dos trezentos pesos, ou trinta e seis dólares, o que é muita grana em qualquer cabaré. Mesmo assim, não nos acalmamos, não estávamos dispostos a ir embora; apesar de exaustos, queríamos continuar curtindo aquelas garotas adoráveis naquele estranho paraíso árabe, que finalmente havíamos encontrado no fim da dura, dura estrada. Mas a noite estava caindo, e tínhamos de pôr um ponto final naquela orgia; Dean pressentiu isso e começou a franzir as sobrancelhas e a pensar, tentando se endireitar, até que eu finalmente abordei a idéia de que tínhamos de cair fora. — Tanta coisa à nossa frente, homem, isso aqui não fará a menor diferença.

— Certo! — berrou Dean, com olhos vidrados, virando-se para a sua venezuelana. Ela tinha capotado finalmente, e jazia deitada num banco de madeira com as pernas brancas aparecendo sob a combinação de seda. A platéia da janela aproveitou-se da exibição; por trás deles, as sombras rubras do fim da tarde começavam a se alongar, e ao longe ouvi o choro de um bebê num súbito instante de silêncio — afinal, eu estava no México e não no paraíso, em meio a uma orgia pornográfica de haxixe e fantasias realizadas.

Cambaleamos porta afora, mas nos esquecemos de Stan; corremos de volta para apanhá-lo, e o encontramos cumprimentando charmosamente as putas da noite que estavam começando a chegar. Ele queria começar tudo de novo. Quando está bêbado, ele se move tão pesadamente quanto um homem de três metros de altura, e é impossível separá-lo de mulheres. Especialmente mulheres enroscadas em seu pescoço como hera no jardim. Ele insistia em ficar — queria experimentar as novas, estranhas e por certo mais experientes *señoritas* do turno da noite. Dean e eu o agarramos pelo cangote e o arrastamos para fora. Ele acenou profusamente, despediu-se de todos com a maior euforia — das garotas, dos policiais, da multidão, das crianças nas calçadas; jogou beijos em todas as direções, sob ovações de toda a cidade de Gregoria, e, cambaleando orgulhosamente entre a multidão, tentou falar para transmitir-lhes sua alegria e seu amor por tudo o que fora maravilhosamente bom naquele delicioso entardecer da vida. Todos riam; alguns lhe davam tapinhas nas costas. Dean correu, deu quatro pesos para os policiais, apertou-lhes as mãos, sorriu-lhes e inclinou a cabeça diante deles. Então, saltou no carro, e as garotas que havíamos conhecido, até Venezuela, que havia acordado especialmente para a despedida, se aglomeraram em torno do carro, insinuantes em suas vestes transparentes, e nos deram adeus e nos beijaram, e Venezuela até chorou — ainda que não por nós, mas também um pouco por nós, e isso já era suficiente. Meu amor moreno e obscuro desaparecera no interior sombrio do bordel. Estava tudo acabado. Caímos fora e deixamos a alegria e as celebrações para trás, recobertas por centenas de pesos, e de fato aquilo não parecia ter sido um mau dia de trabalho. O mambo obsessivo nos acompanhou durante uns quarteirões. Estava tudo acabado. — Adeus, Gregoria! — gritou Dean, jogando beijos.

Victor estava orgulhoso de nós e orgulhoso de si próprio. — Agora vocês querem um banho? —- ele perguntou. Sim, todos nós queríamos um bom banho.

E ele nos conduziu para o lugar mais estranho do mundo: um balneário vulgar, no estilo americano, que ficava a uns dois quilômetros da cidade, à beira da estrada, cheio de garotos que chapinhavam numa piscina e chuveiros dentro de um prédio de pedra; o banho custava apenas alguns *cents*, com direito a sabão

e toalha. Além disso, também um melancólico parque infantil com gangorras, balanços e um carrossel arruinado, que, sob o sol rubro do entardecer, adquiriu uma aparência espectral e magnífica. Stan e eu pegamos as toalhas e mergulhamos numa ducha gelada, da qual saímos plenamente revigorados e refrescados. Dean não se deu ao trabalho de tomar um banho, e nós o vimos ao longe, naquele triste parque, caminhando de braços dados com o bom Victor, em conversas volúveis e prazerosas, inclinando-se para dar mais ênfase a determinado assunto e socando a palma de sua própria mão excitadamente. Eles seguiam de braços dados em seu passeio. Estava chegando a hora de nos despedirmos de Victor, por isso Dean estava aproveitando a oportunidade para ficar alguns momentos sozinho com ele, a fim de inspecionar o parque e dar uma vista de olhos em tudo naquele balneário, e curtir os trejeitos de Victor como só Dean sabe fazer.

Agora que tínhamos de partir, Victor estava muito triste. — Quando voltarem a Gregoria, me procuram?

— Claro, homem! — disse Dean. Ele chegou a prometer que levaria Victor para os States, se ele quisesse. Victor disse que teria de refletir.

— Tenho mulher e filho... não tenho dinheiro... vou pensar. — Seu belo sorriso, singelo e polido, fulgurava ao crepúsculo enquanto acenávamos para ele de dentro do carro. Atrás dele viam-se a escura e estranha silhueta do parque e as crianças da piscina.

6

Imediatamente depois de Gregoria, a estrada começou a descer; árvores enormes se erguiam de ambos os lados da pista, e entre as árvores, à medida que escurecia, escutávamos o ruído ensurdecedor de bilhões de insetos — um som agudo e infindável. — Uff — suspirou Dean, e acendeu os faróis, mas eles não estavam funcionando. — O quê? O quê? Mais essa, agora? Merda! — blasfemou e esmurrou o painel. — Ah, raios, teremos de atravessar essa selva sem faróis,

imaginem que coisa horrorosa, só poderei ver alguma coisa quando passar outro carro, mas por aqui simplesmente jamais passam carros! Portanto, também não há luzes. Ah, meu Deus, o que faremos?

— Ora, vamos em frente. Ou será que devemos voltar?

— Não, jamais! Vamos em frente! Consigo ver um pedacinho de estrada. Vamos nessa! — Mergulhamos naquele abismo de trevas, uma escuridão primordial, entre o ruído estrepitoso dos insetos; sentimos um cheiro rançoso, quase podre, e nos lembramos que o mapa indicava que, logo abaixo de Gregoria, começava o Trópico de Câncer.

— Estamos num novo trópico. Não estranhem o cheiro. Respirem fundo. — Pus a cabeça para fora da janela; insetos se esborrachavam contra minha cara; quando o vento soprou em meus ouvidos, percebi um silvo intenso. De repente, os faróis começaram a funcionar novamente e lançaram sua luminosidade à frente, iluminando a estrada solitária, que serpenteava entre sólidas muralhas de árvores retorcidas e arqueadas, enormes, com mais de trinta metros de altura.

— Filhos da *puta!* — gritou Stan no banco de trás. — Puta *merda!* — Ele continuava muito louco. De repente, percebemos que estava tão chapado, que a selva e as complicações todas não faziam a menor diferença para seu espírito alvissareiro. Começamos a rir, todos nós.

— Foda-se! Vamos mergulhar nessa merda, vamos dormir nela esta noite, vamos! urrou Dean. — O velho Stan está certo, o velho Stan não está nem aí. Continua com a cabeça feita por causa daquelas mulheres, daquela maconha e daquele mambo do outro mundo... tão incompreensível para nossa musicalidade americana, tão estridente que meus ouvidos continuam zumbindo... uau! Ele está tão doido que realmente não sabe o que faz! — Arrancamos nossas camisetas e rodamos pela selva, com o peito nu. Não se viam cidades, povoados, vilas, nada, apenas a selva, a selva interminável, quilômetros e quilômetros de mata espessa, sempre para baixo, cada vez mais quente, úmido e abafado, os insetos crepitavam mais alto, a vegetação tornava-se mais espessa, estranha, espectral, o cheiro era cada vez mais desagradável, até que nos acostumamos com tudo e passamos a gostar do exótico cenário nativo. — Gostaria de ficar totalmente nu e

rolar na grama desta selva — disse Dean. — E é exatamente o que farei, assim que encontrar um lugar apropriado. — Então, surgida do nada, a cidade de Limón apareceu à nossa frente, um povoado na selva, luzes opacas ofuscadas pela mata, sombras escuras, céus imensos acima de nós, e grupos de homens encostados nas paredes de casebres de madeira — uma encruzilhada tropical!

Paramos numa suavidade inimaginável. Estava tão quente quanto no interior do forno de uma padaria de Nova Orleans, numa noite de junho. Rua acima e rua abaixo, famílias inteiras, em cadeiras na varanda, conversavam na penumbra; de vez em quando, surgiam algumas garotas, mas eram moças demais e estavam apenas curiosas para ver que aparência tínhamos. Estavam sujas e de pés descalços. Ficamos escorados no alpendre de madeira de um armazém de secos e molhados, entre sacos de farinha e abacaxis frescos que apodreciam entre as moscas do balcão. Via-se um lampião a óleo ardendo na noite espessa, e lá fora apenas umas poucas luzes pardas, que cintilavam palidamente aqui e ali; todo o resto era escuro, escuro, escuro. Àquela altura, é claro, estávamos tão fatigados que tínhamos de dormir de qualquer maneira, por isso, entramos com o carro numa estradinha e estacionamos nos arredores da cidade. Estava tão estupidamente quente que era impossível dormir. Então, Dean pegou uma manta e, estendendo-a na areia macia e quente da beira da estrada, jogou-se sobre ela. Stan estava esticado no banco da frente do Ford, com as duas portas escancaradas na tentativa de apanhar alguma corrente de ar, mas não havia o menor sopro de brisa. Atirado no banco de trás, eu sofria num lago de suor. Saí do carro e cambaleei sob a escuridão. Instantaneamente, a cidade inteira fora para a cama, e o único ruído era o latido dos cães. Como eu podia dormir? Milhares de mosquitos já nos haviam picado no peito, nos braços, nos tornozelos. Logo em seguida, tive uma idéia brilhante: saltei na capota de aço do carro e me estiquei de costas sobre ela. Ainda não soprava brisa alguma, mas o aço tinha um elemento de frescor que enxugou o suor de minhas costas, e então, esmagando milhares de insetos que formavam uma crosta nelas, percebi como a selva engole a gente, como a gente se torna parte dela! Estendido sobre a capota do carro, olhar para o céu escuro era o mesmo que estar trancado dentro de um

baú numa noite de verão. Pela primeira vez na vida, o clima não era algo que me envolvia, me acariciava, me enregelava ou me fazia suar — mas sim uma parte de mim mesmo! A atmosfera e eu nos tornamos a mesma coisa. Uma chuva suave de uma infinidade de insetos microscópicos rodopiava em meu rosto enquanto eu cochilava, e, por incrível que pareça, produzia uma sensação extremamente agradável e acariciante. O céu ainda estava opaco, sem estrelas, completamente oculto e pesado. Poderia ficar ali a noite inteira, com a face voltada para ele, e não seria diferente de estar sob uma espessa cortina de veludo negro. Insetos mortos se misturavam ao sangue que escorria das picadas de meu corpo; os mosquitos vivos procuravam melhores posições; comecei a sentir uma coceira insuportável, fedendo como se meu próprio cheiro fosse tão repugnante, podre e quente quanto o da própria selva — fedia assim da cabeça aos pés. Claro que eu estava descalço. Para diminuir o calor, enfiei de novo minha camiseta coberta de insetos e me deitei outra vez. Uma mancha mais escura na escuridão da estrada mostrava onde Dean estava dormindo. Podia ouvi-lo roncar. Stan roncava também.

Ocasionalmente, uma luz pálida fulgurava na cidade: era o xerife fazendo suas rondas com uma lanterna fraca e falando sozinho na noite selvagem. Então, vi seu facho de luz balançando-se em nossa direção, e pude ouvir seus passos ressoando suavemente no tapete de areia e relva. Ele parou e iluminou o carro. Sentei-me na capota e encarei-o. Numa voz queixosa, quase quérula e realmente querubínica, ele perguntou: — *Dormiendo¿* — apontando para Dean estirado na estrada. Sabia que aquilo queria dizer algo como “dormir”.

— *Si, dormiendo.*

— *Bueno, bueno* — disse para si mesmo e, com tristeza e relutância, virou-se, retornando a sua patrulha solitária. Deus jamais brindou a América com uma polícia tão encantadora como aquela. Nenhum inquérito, nenhum alvoroço, nenhuma suspeita: era o guardião da cidade adormecida, e ponto final.

Retornei a minha cama de aço e me estiquei de braços abertos. Nem sequer sabia se acima de mim havia galhos retorcidos ou as imensidões do céu, e isso não fazia a menor diferença. Abri a boca e aspirei profundamente o ar da

selva. Aquilo não era ar, nunca o seria — era apenas a emanação palpável e vivida das árvores e dos pântanos. Fiquei acordado. Os galos começaram a anunciar a chegada da aurora. Mesmo assim, não havia vento, nem brisa, nem orvalho, apenas o peso do próprio Trópico de Câncer, que nos mantinha esmagados na superfície da Terra, onde tremíamos e à qual pertencíamos. Nos céus não havia o menor sinal do alvorecer. De repente, escutei cães latindo furiosamente na escuridão, e ouvi então o débil clip-clop dos cascos de um cavalo. Ele se aproximava cada vez mais. Que doida espécie de cavaleiro noturno era aquele? Então, vislumbrei a seguinte aparição: um cavalo selvagem, branco como um fantasma, surgiu trotando pela estrada direto em direção a Dean. Atrás dele, cães uivavam e latiam. Não conseguia vê-los, eram velhos cães da selva, mas o cavalo era alvo como a neve, e imenso, quase fosforescente e facilmente visível. Não temi por Dean. Ò cavalo o viu, trotou bem ao lado de sua cabeça, passou pelo carro como se ele fosse uma embarcação fenícia, relinchou mansamente e continuou em direção à cidade, perseguido pelos cães, mergulhando outra vez na floresta, e tudo o que pude ouvir foi o som cada vez mais distante de seus cascos, desaparecendo debilmente na mata espessa. Os cães desistiram e se sentaram, lambendo a si próprios. O que era aquele cavalo? Que espírito mítico, que fantasma? Quando Dean acordou, contei-lhe tudo. Ele achou que era apenas um sonho. Então, lembrou-se vagamente de que também havia sonhado com um cavalo branco, e eu lhe assegurei que não fora apenas sonho. Stan Shephard despertou lentamente. Ao menor movimento, suávamos profusamente. Continuava escuro como breu. — Vamos cair fora, com o carro em movimento teremos um pouco de ar! — balbuciei. — Estou morrendo assado!

— Pode crer! — Rodamos para fora da cidade, e continuamos seguindo a longa e louca estrada que fazia esvoaçar nossos cabelos. A aurora surgiu rapidamente numa névoa cinzenta, revelando pântanos densos atolados de ambos os lados da estrada, com suas árvores sombrias e soturnas que se inclinavam, retorcidas, acima daquele lodo enigmático. Por instantes, a estrada seguiu lado a lado com a linha férrea. A estranha antena da estação de rádio de

Ciudad Mante surgiu à nossa frente, como se estivéssemos no Nebraska. Encontramos um posto de gasolina e enchemos o tanque, enquanto os últimos insetos noturnos da floresta se jogavam contra as lâmpadas, como um disforme corpo negro, e caíam agonizantes aos nossos pés, contorcendo-se em grupos, alguns com asas de uns bons quatro centímetros, libélulas assustadoramente grandes, capazes de devorar pássaros, e milhares de mosquitos, horrendos, indescritíveis — insetos de todas as espécies. Eu saltava para lá e para cá, louco de medo deles; acabei dentro do carro com os pés entre as mãos, olhando aterrorizado para o chão, onde eles se contorciam entre nossas rodas. — Vamos nessa! — gritei. Dean e Stan não estavam nem aí para os insetos; beberam calmamente um refrigerante de laranja e jogaram as garrafas no chão. As camisas e calças deles, como as minhas, estavam ensopadas de sangue, e recobertas por milhares de insetos mortos. Cheirávamos como nossas próprias roupas.

— Puxa, estou começando a gostar desse cheiro — disse Stan. — Já não consigo sentir meu cheiro verdadeiro.

— É um cheiro estranho, mas é bom — retrucou Dean. — Não vou trocar de camisa até chegarmos à Cidade do México. Quero absorver esse odor e me lembrar dele para sempre. — Assim, caímos fora outra vez, abanando nossos rostos calorentos e incrustrados.

Então, as montanhas ergueram-se à nossa frente, completamente verdes. Depois dessa subida, estaríamos outra vez no grande planalto central, prontos para seguir em frente até a Cidade do México. Num instante, ascendemos a uma altitude de mil e quinhentos metros, percorrendo desfiladeiros nebulosos de onde podíamos vislumbrar rios amarelos e fumegantes, dois quilômetros abaixo. Era o grande rio Montezuma. Os índios ao longo da estrada começaram a parecer realmente estranhos. Formavam sua própria e orgulhosa nação; índios das montanhas, afastados de tudo exceto da Rodovia Pan-Americana, que cortava suas terras. Eram baixos, entroncados, morenos, com os dentes estragados; carregavam pesos enormes às costas. Entre imensas ravinas, cobertas de vegetação impenetrável, víamos terras cultivadas em encostas íngremes. Os

índios percorriam essas encostas para cima e para baixo, trabalhando duro na colheita e na semeadura. Dean dirigia a dez por hora para vê-los. — Uau, nunca pensei que isso existisse! — Lá em cima, no pico mais alto — tão alto quanto o cume das montanhas Rochosas —, vimos uma plantação de bananas. Dean saiu do carro para apontar para ela, e ficou circulando pela estrada, alisando a barriga. Estávamos numa saliência do rochedo, onde uma cabana com telhado de sapé se debruçava sobre o precipício do mundo. O sol filtrava-se entre a bruma de seda dourada, que obscurecia o sonolento Montezuma, fluindo dois quilômetros mais além.

No quintal em frente ao casebre, uma indiazinha de três anos de idade estava parada com o dedo na boca, olhando para nós com imensos olhos castanhos. — Provavelmente, ela nunca viu um carro estacionar aqui em toda a sua vida! — suspirou Dean. — Alô, menininha. Como vai? Você gosta da gente? — criancinha desviou o olhar timidamente e fez um beicinho. Começamos a falar e ela se pôs a nos examinar, sem tirar o dedo da boca. — Uh, gostaria de dar alguma coisa para ela. *Pensem nisso,* nascer e passar a vida inteira nessa saliência de rocha. . . e ela representa tudo quanto você conhece do mundo e da vida! O pai dela provavelmente está dependurado nessas encostas, seguro por uma corda, colhendo abacaxis nas grotas, ou então cortando lenha debruçado acima do precipício, num ângulo de oitenta graus. Ela jamais, jamais sairá daqui, e nunca conhecerá nada do mundo exterior. É uma nação! Pensem só como deve ser selvagem o chefe deles. Provavelmente, quanto mais afastados da estrada, mais selvagens e estranhos esses índios ficam, *yeah!* Afinal, a Rodovia Pan-Americana só civilizou essa nação parcialmente, apenas a parte que morava junto da estrada. Observem as gotas de suor na testa dela. — Dean apontou-as com uma careta de dor. — Não é um suor como o nosso, é oleoso e *sempre está* ali, porque faz calor o ano *inteiro* e ela nada sabe do não-suor, nasceu com suor e com suor morrerá! — Reluzindo naquela pequena face, o suor era viscoso, espesso, não corria; simplesmente, permanecia ali e cintilava como azeite de oliva. — O que isso deve provocar em suas almas! Seus anseios, seus conceitos, seus desejos mais íntimos e secretos têm de ser bem diferentes dos

nossos! — Dean dirigia boquiaberto, estupefato, a vinte por hora, ávido por avistar todo e qualquer ser humano naquela estrada. Continuamos subindo e subindo.

Enquanto subíamos, o ar ficava mais frio e montanhoso, e as meninas índias à beira da estrada usavam xales na cabeça e nos ombros. Acenavam desesperadamente para nós; paramos para ver o que era. Queriam nos vender pequenos pedaços de cristal de rocha. Seus olhões inocentes e castanhos nos fitavam com uma intensidade tão espiritual, que não podíamos sentir o menor desejo sexual por elas; além do mais, eram muito jovens, algumas tinham apenas onze anos, mas pareciam ter quase trinta. — Olhem só para esses olhos! — murmurou Dean. Eram como os olhos da Virgem Maria quando criança. Podíamos ver neles o olhar luminoso, terno e repleto de perdão de Jesus; e elas nos olhavam fixamente. Esfregávamos nossos irrequietos olhos azuis e anglo-saxões, e olhávamos outra vez para elas. Continuavam ali, penetrando-nos com aquele lampejo hipnótico e melancólico do fundo de suas almas indígenas e indômitas. Quando falavam, tornavam-se, de alguma maneira, histéricas e estúpidas. Em silêncio, voltavam a ser elas mesmas. — Só muito *recentemente,* desde que a estrada foi construída, há dez anos, elas aprenderam a vender esses cristais. . . até então, essa nação inteira deve ter sido *silenciosa!*

As meninas se aglomeravam ao redor do carro. Uma delas, particularmente audaciosa, segurou o braço suado de Dean. Falava na sua língua nativa: — Ah, sim, ah, sim, minha querida — respondia Dean com ternura e certa tristeza. Saiu do carro e foi revirar seu velho baú no porta-malas — o mesmo velho e torturado baú americano —, e apanhou seu relógio de pulso. Mostrou-o para a criança. Ela exibiu um sorriso resplandecente. As outras a cercaram, atônitas. Então, na mãozinha da menina, Dean procurou “o menor, mais puro e singelo cristal, que ela apanhou pessoalmente para mim nas montanhas”. Encontrou um, do tamanho de um morango. E lhe estendeu o relógio de pulso, fazendo-o balançar. Suas bocas se arredondaram como bocas de pequenas cantoras de um coral mirim. A menininha felizarda apertou o relógio contra o peito, acima da manta esfarrapada e suja. As outras cercaram

Dean, alisaram-no, agradeceram. Ele permaneceu parado entre elas, com seu rosto áspero e duro voltado para os céus, olhando em direção ao desfiladeiro seguinte, e parecia o Profeta que chegara para elas. Voltou para o carro. Elas odiaram nos ver partir. Por um longo tempo, enquanto subíamos em direção ao íngreme e estreito desfiladeiro, elas nos acenaram e correram atrás do carro. Fizemos uma curva e as perdemos de vista, mas mesmo assim elas continuaram correndo atrás de nós. — Ah, isso me racha o coração — choramingou Dean, batendo no peito. — Durante quanto tempo elas seriam capazes de sustentar essa lealdade e todo esse espanto? O que vai acontecer com elas? Será que nos seguiriam até a Cidade do México, se fôssemos devagar o suficiente?

— Sim — respondi, porque tinha certeza disso.

Atingimos as vertiginosas alturas da Sierra Madre oriental. As bananeiras reluziam douradas sob a névoa. Imensas nuvens de neblina se acumulavam no fundo dos precipícios. Lá embaixo, o Montezuma serpenteava como uma linha dourada, recortando o tapete verde-fosco da selva. Estranhas cidades do topo do mundo, na beira da estrada, ficavam para trás, onde índios envoltos em mantas nos observavam sob a aba de chapéus e *rebozos*. A vida era densa, escura, antiga. Observavam Dean — sério e insano, agarrado a seu volante enfurecido — com olhos de falcão. Todas as mãos estendiam-se à nossa passagem. Eles haviam descido de lugares ainda mais altos, de negras montanhas, para estender as mãos para algo que — pensavam — a civilização poderia lhes oferecer, e não imaginavam a profunda desilusão que ela continha. Não sabiam que havia uma bomba capaz de destruir todas as estradas e pontes, reduzindo-as a escombros fumegantes, e que algum dia nós seríamos tão pobres quanto eles, estendendo as mãos exatamente da mesma maneira. Nosso velho Ford, um Ford do sonho americano dos anos 30, aquele antiquado símbolo da prosperidade do irmão implacável do norte, passava pipocando entre eles e sumia numa nuvem de poeira.

Tínhamos chegado às imediações do último platô. Agora, o sol fulgurava e luzia dourado, o ar era azulado e cristalino, e o deserto, com seus rios ocasionais, apenas um excesso difuso de areia e mansidão entre vastos espaços escaldantes,

pontilhados por sombras súbitas de árvores bíblicas. Agora, Dean dormia e Stan dirigia. Surgiram pastores, vestidos como nos tempos ancestrais, em rústicas túnicas flutuantes; as mulheres estavam arqueadas sob o peso de feixes dourados de linho, e os homens empunhavam cajados. Sob grandes e solitárias árvores do deserto tremeluzente, os pastores sentavam-se como num conselho abafado, e os carneiros rodopiavam sob o sol, erguendo grandes nuvens de poeira. — Homem, homem — gritei para Dean —, acorde para ver os pastores, levante-se para olhar com seus próprios olhos o mundo dourado de onde veio Jesus.

Ele ergueu a cabeça, viu tudo num relance reluzente sob o longo sol do entardecer, e voltou a dormir. Quando acordou, descreveu a cena com uma riqueza impressionante de detalhes e disse: — Ah, cara, estou feliz por você ter me acordado. Ah, Deus, que farei? Para onde irei? — Alisou a barriga, olhou para o céu com olhos vermelhos, e quase chorou.

O fim de nossa jornada estava próximo. Dos dois lados da estrada derramavam-se vastas planícies; um vento ameno, nobre, soprava entre imensos bosques ocasionais e sobre antigas missões, cujas paredes iam se tornando rosa como salmões sob o sol poente. As nuvens estavam próximas, enormes e róseas. — A Cidade do México ao lusco-fusco! — Conseguimos! Um total de três mil quilômetros, desde os quintais do entardecer de Denver até aquela vasta região bíblica do mundo, e agora estávamos quase chegando ao fim da linha.

— Vamos trocar nossas camisetas cheias de insetos?

— Não, vamos entrar na cidade com elas. — E entramos na Cidade do México.

Do topo de uma elevação montanhosa, vimos, lá embaixo, a Cidade do México estendida em sua cratera vulcânica, lançando aos céus sua poluição cinzenta e suas primeiras luzes crepusculares. Zunimos estrada abaixo, entramos pela Avenida Insurgentes e fomos direto até o centro da cidade, na Reforma. Meninos jogavam futebol em campos longos e tristes, levantando nuvens de poeira. Motoristas de táxi nos abordavam de dentro de seus carros, e perguntavam se queríamos garotas. Não, não queríamos garotas. Grandes e desordenadas favelas de adobe se esparramavam pela periferia da cidade; víamos

figuras solitárias percorrendo becos sombrios. Em breve, a noite cairia. Então, a cidade ergueu seu intenso rugido noturno e, de repente, lá estávamos nós passando por cafeteiras lotadas, teatros cintilantes e luzes de todas as espécies. Rapagões gritavam para nós, cheios de malícia. Mecânicos descalços passavam, desleixados, com ferramentas e estopas sujas de grava metidos nos bolsos de seus macacões sebosos e puídos. Loucos motoristas índios de pés descalços nos davam fechadas, ultrapassavam-nos e buzinavam o tempo inteiro, tornando o trânsito ainda mais frenético e desorganizado. O barulho era inacreditável. Os carros mexicanos não usam silencioso. As buzinas soam ensurdecedoras e ininterruptamente. — Uau. O negócio é tomar cuidado! — dizia Dean, mas continuava enfiando nosso velho Ford no fluxo desordenado do trânsito e brincando com os outros carros. Dirigia como um índio. Chegamos à rótula mais movimentada da Avenida Reforma, e Dean ficou dirigindo em torno dela e de suas oito avenidas laterais, que vomitavam milhares de carros naquele cruzamento fervilhante, carros vindos de todos os lados, da esquerda, da direita, *izquierda*, da frente, de trás, e ele saltitava e urrava ao volante. — Uau, esse é o trânsito com o qual sempre sonhei. Todo mundo *mete bronca!* — Uma ambulância com a sirena ligada surgiu de repente. As ambulâncias americanas aceleram, reduzem a velocidade, ziguezagueiam entre o trânsito com a sirene uivando; as ambulâncias do grande mundo dos lavradores indígenas simplesmente avançam a cento e vinte por hora pelas ruas da cidade, e todos têm de abrir caminho; não param nem diminuem em hipótese alguma, para nada e para ninguém, num vôo direto entre o denso turbilhão do tráfego urbano. Os motoristas eram índios também. As pessoas, até velhas caducas, tentavam apanhar ônibus que nunca paravam, passando superlotados por pontos mais cheios ainda. Jovens comerciantes da Cidade do México corriam em grupos e saltavam dentro de ônibus em movimento — parecia uma espécie de aposta. Os motoristas dos ônibus eram sarcásticos e dementes, estavam descalços, vestiam apenas uma camiseta suada, dirigiam prostrados e deprimidos, curvados sobre o volante lento e enorme. Imagens de santos reluziam vermelhas nas cabinas de seus ônibus. As luzes internas desses ônibus eram pálidas e esverdeadas, e

iluminavam debilmente rostos morenos e fatigados, enfileirados em bancos de madeira.

No centro da Cidade do México, milhares de *hipsters* metidos em desmazelados chapéus de palha e casacos rasgados, com longas lapelas, jogados sobre o peito nu, percorriam a artéria principal; alguns vendiam crucifixos ou maconha pelos becos, outros se ajoelhavam em velhas missões que ficam ao lado de tablados, onde se desenrolavam espetáculos de variedades tipicamente mexicanos. Alguns becos eram cobertos de cascalho, tinham esgoto a céu aberto e conduziam em direção a bares do tamanho de guarda-roupas, embutidos nas paredes de adobe. A gente tinha de saltar sobre a vala da sarjeta para entrar e pedir um drinque. No fundo da valeta, jazia um antigo lago asteca. Saía-se do bar com as costas junto à parede, deslizando assim até a rua principal. Em todos os bares serviam café misturado com rum e noz-moscada. O mambo onipresente ressoava de todas as paredes. Centenas de prostitutas se alinhavam de encontro aos muros de ruas escuras e tortuosas, e seus olhos melancólicos e lascivos cintilavam para nós sob o manto da noite. Perambulávamos num sonho febril. Comemos bifes esplêndidos por quarenta e oito *cents* numa estranha *lanchería* mexicana azulejada, com gerações inteiras de tocadores de marimba postados reverentemente em frente a uma marimba — havia também violeiros ambulantes e velhos que tocavam trompete pelos cantos. Passeávamos em meio ao cheiro azedo dos botecos imundos que vendiam *pulque;* também serviam sucos de cacto em copos d'água, dois *cents* cada. Nada se detinha; as ruas vividas fervilhavam dentro da noite. Mendigos dormiam enrolados em cartazes de publicidade arrancados de *outdoors.* Famílias inteiras de maltrapilhos se sentavam nas sarjetas, tocando pequenas flautas e gargalhando noite afora. Seus pés descalços e calejados atravessavam-se à nossa frente. Seus candeeiros ardiam — o México inteiro era um vasto campo de refugiados. Pelas esquinas, velhas enrugadas cortavam cabeças de vaca cozidas, enrolavam os pedaços em *tortillas* com molho picante e serviam-nos, em pequenos guardanapos de papel-jornal. Aquela era uma cidade incrível e definitivamente selvagem, habitada pelos meigos lavradores indígenas, com seu furor indomável. Sabíamos que

algum dia iríamos encontrar exatamente aquilo no final da estrada. Dean a percorria como um zumbi, com os braços caídos, boquiaberto, os olhos reluzentes, na liderança daquela sagrada excursão imperfeita, que se prolongou até a madrugada e terminou num terreno baldio na companhia de um menino com um chapéu de palha, que ria e tagarelava e queria jogar bola conosco, já que nada acabava.

Então, peguei febre e fiquei delirante e inconsciente. Disenteria. Escapei do turbilhão negro que envolvia minha mente, e percebi que estava de cama, a três mil metros acima do nível do mar, no topo do mundo; descobri que tinha vivido toda uma vida e muitas outras naquela mesma pobre casca atomística de minha carne, e tive todos os sonhos. Vi Dean inclinado por sobre a mesa da cozinha. Isso foi muitas noites depois, e ele já estava deixando a Cidade do México. — O que você vai fazer, homem?

— Pobre Sal, pobre Sal, adoeceu. Stan vai tomar conta de você. Agora escute com atenção, se sua doença o permitir: consegui me divorciar de Camille, e estou voltando para Inez em Nova York esta noite, se o carro agüentar.

— Tudo de novo, cara?

Tudo de novo, meu camarada. Tenho que voltar para minha vida. Gostaria de poder ficar com você. Reze para que eu volte. — Contorci-me em minhas eólicas e gemi. Quando abri os olhos novamente, o nobre e corajoso Dean olhava para mim, parado ao lado de seu velho e traquejado baú. Já não sabia mais quem ele era, e ele percebeu isso, e compadeceu-se e puxou o cobertor sobre meus ombros. — Sim, sim, sim. Tenho que me mandar agora. Meu caro e febril Sal, adeus. — E ele se foi. Doze horas mais tarde, na tristeza imensa de minha febre, finalmente compreendi que ele havia ido. Àquela altura, ele estava voltando sozinho, passando por aquela zona bananeira montanhosa, no meio da noite.

Quando melhorei, percebi que era um rato insensível, mas tive de ponderar a impossível complexidade da vida dele, e o fato de que fora forçado a me abandonar lá, doente, para retornar às suas esposas e espantos. — Tudo bem, Dean, meu velho, não direi nada.

Quinta Parte

Dean partiu da Cidade do México, visitou Victor em Gregoria e empurrou aquele velho carro até Lake Charles, Louisiana, antes que a parte traseira caísse na estrada, como ele sempre soube que algum dia haveria de cair. Então, telegrafou para Inez, pediu-lhe uma passagem aérea e voou o resto do trajeto. Quando chegou a Nova York, com os papéis do divórcio em mãos, ele e Inez foram imediatamente para Newark e se casaram, e então, naquela mesma noite, garantindo que tudo estava bem e que não havia nenhuma razão para se preocupar, esforçando-se para dar um enfoque lógico a uma situação que só lhe inspirava uma angústia inestimável e presságios pesarosos, saltou num ônibus e voltou a cruzar mais uma vez o pavoroso continente, até San Francisco, para reencontrar Camille e as duas filhinhas. Portanto, já fora casado três vezes, divorciara-se duas e atualmente vivia com sua segunda esposa.

No outono, eu próprio parti da Cidade do México de volta ao lar e, certa noite, exatamente na fronteira de Laredo, em Dilley, no Texas, eu estava naquela estrada tórrida, sob a lâmpada de um poste contra a qual se esborrachavam milhares de moscas, quando, de repente, vindas das trevas ao meu redor, pegadas solitárias retumbaram a meu lado, e eis que, subitamente, surgiu à minha frente um velho alto, com cabelos brancos esvoaçantes e uma mochila nas costas; ao ver-me, enquanto passava, disse: — Lamente-se pelo homem — para voltar a mergulhar nas trevas de onde havia saído. Aquilo fora um presságio de que eu deveria completar a pé minha peregrinação pelas sombrias estradas da América? Relutei e apressei-me para chegar logo a Nova York, certa noite, quando dei por mim, estava numa rua escura de Manhattan, e gritava para a janela de um apartamento onde achava que meus amigos estavam dando uma festa. Então, uma linda garota pôs a cabeça na janela e perguntou: — Sim? Quem é?

— Sal Paradise — disse eu, e ouvi meu próprio nome ressoar na rua melancólica e vazia.

— Suba! — gritou ela. — Estou fazendo um chocolate quente. — Então, subi e lá estava ela, a garota com o olhar inocente, puro e singelo pela qual eu havia procurado tanto, tanto tempo. Prometemos amar-nos loucamente.

Planejamos emigrar para San Francisco no inverno, levando nossa mobília maltratada e nossos desgastados pertences pessoais, tudo amontoado em algum caminhão velho e alquebrado. Escrevi a Dean e lhe contei tudo. Ele respondeu com uma carta imensa, dezoito mil palavras, contando tudo sobre sua infância em Denver, e garantindo que estava vindo para escolher pessoalmente o caminhão e dirigi-lo até Frisco. Tínhamos seis semanas para juntar dinheiro, e começamos a trabalhar economizando cada *cent.* De qualquer maneira, Dean chegou subitamente, cinco semanas e meia adiantado, e ninguém tinha grana nenhuma para realizar o plano.

Eu fizera uma caminhada noturna, solitário, e voltei para contar a minha garota tudo o que tinha pensado durante o passeio. Ela estava parada na penumbra de nosso minúsculo quarto-e-sala com um sorriso esquisito. Falei milhares de coisas para ela quando, subitamente, senti uma quietude estranha no quarto, e vi um livro gasto em cima do rádio. Sabia que era o Proust eternamente sagrado e crepuscular, de Dean. Como num sonho, pude vê-lo avançando sorrateiramente, saindo do *hall* escuro na ponta dos pés, apenas de meias. Não conseguia dar uma só palavra. Apenas ria e saltitava, gaguejava e agitava as mãos e dizia: — Ah... ah... escute só, ouça isso. — Escutamos com atenção. Mas ele esqueceu o que ia dizer. — Escute... a-hã. Olhe só, caro Sal... querida Laura... eu vim... eu fui... espere aí... ah, sim. — E olhou com pesar lastimoso para as próprias mãos. — Não posso falar mais nada... vocês compreendem o que quero dizer... o que eu deveria falar. Mas ouçam!

— Todos ouvíamos. Ele estava escutando os sons da noite.

— Sim — sussurrou, solene e respeitoso. — Vocês entendem... não há motivo para falar... além do mais...

— Mas por que você veio com tanta antecedência?

Ah — balbuciou, olhando para mim como pela primeira vez —, com tanta antecedência, sim. Bem, nós... todos nós sabemos que... quer dizer, não sei! Vim de trem... vagões de carga... vagões de segunda classe... bancos duros e ruins... usei meus passes ferroviários... ah, o Texas... toquei flauta o tempo todo. — Pegou sua nova flauta de madeira e tocou algumas notas agudas, saltitantes, só

de meias. — Está vendo? — disse. — Mas é claro, Sal, em breve já poderei falar tanto quanto sempre e, na verdade, tenho muitas coisas para dizer com essa minha mente insaciável, tenho lido e relido esse Proust exuberante, o trajeto inteiro através da nação, sacando milhares de coisas que nunca tenho TEMPO de contar, e AINDA nem sequer falamos a respeito do México e de nossa separação atribulada... mas não será necessário falarmos absolutamente agora, certo?

— Certo, não falaremos agora. — E ele começou a contar a história de tudo o que fizera em L.A. depois da volta, com todos os detalhes: sua visita a uma família, o jantar que partilhara com eles, as conversas com o pai, os filhos, as filhas — como eles eram, o que comeram, a mobília, suas idéias, seus interesses, o fundo de suas almas; precisou de três horas de pormenorizada elucidação, e depois de concluir tudo isso, completou: — Ah, mas o que eu REALMENTE queria contar se passou muito tempo depois... no Arkansas, cruzando o Estado de trem... tocando flauta... jogando cartas com os rapazes, meu baralho pornográfico... faturando uma grana, solando umas melodias... uns marinheiros escutaram, sonolentos. Longa, longa e solene viagem, cinco dias e cinco noites, só para VER você, Sal.

— E Camille?

— Ela me deu permissão, é claro... está aguardando meu retorno. Camille e eu acertamos as contas. Está tudo certo entre nós.

— E Inez?

Eu... eu quero que ela volte comigo para Frisco e que more do outro lado da cidade... não acha? Ela ainda não sabe que vim. — Mais tarde, num súbito momento de assombro e admiração, ele comentou: — Bem, sabe como é, é claro que eu queria ver você e sua linda garota... estou feliz por vocês... eu amo você, sempre o amei. — Ele ficou uns três dias em Nova York e começou a se preparar apressadamente para a viagem de volta, de trem, com os passes ferroviários, disposto a cruzar outra vez o imenso continente, cinco dias e cinco noites, vagões poeirentos e horríveis bancos de madeira, e, como não tínhamos dinheiro algum para comprar o caminhão, é claro que não poderíamos acompanhá-lo. Passou uma noite com Inez, explicando, suando, discutindo, e

então ela o enxotou. Chegou uma carta para ele, aos meus cuidados. Eu a li. Era de Camille. "Meu coração se partiu quando vi você cruzar os trilhos com sua sacola às costas. Rezo e imploro para que você retorne são e salvo... Quero que Sal e sua amiga venham morar na mesma rua que nós... Sei que tudo dará certo, mas não consigo deixar de me preocupar... Dean querido, estamos no fim da primeira metade do século. Você será bem-vindo para passar a outra metade conosco. Esperamos por você. Beijos e muito amor. (Assinado) Camille, Amie e Little Joanie." Portanto, finalmente Dean estava reconciliado, e havia se estabelecido com sua mulher mais constante, mais amarga e a que melhor o conhecia — Camille —, e dei graças a Deus por ele.

A última vez que o vi foi em circunstâncias estranhas e tristes. Depois de dar várias voltas ao mundo em diferentes navios, Remi Boncceur retornou a Nova York. Quis que ele conhecesse Dean. Eles realmente se encontraram, mas Dean já não conseguia falar, e Remi lhe deu as costas. Remi havia conseguido as entradas para o concerto de Duke Ellington no Metropolitan Opera, e insistiu para que Laura e eu o acompanhássemos e à sua namorada. Remi estava mais gordo e melancólico, mas ainda era um cavalheiro perfeito e formal, e queria que tudo corresse *como convém,* conforme enfatizou várias vezes. Assim, conseguiu que seu agente nos levasse de Cadillac para o concerto. Era uma gélida noite de inverno. O Cadillac estava estacionado e pronto para partir. Dean permanecia do lado de fora com sua sacola, pronto para ir para Penn Station e cruzar a nação.

— Adeus, Dean — disse eu —, realmente gostaria de não precisar ir a esse concerto.

— Será que posso ir de carona até a 40th Street com vocês? — sussurrou. — Quero ficar junto com você o máximo possível, meu rapaz, e além do mais está frio pra cacete aqui em Nova York... — Segredei o pedido a Remi. Não, não, Dean não poderia nos acompanhar; Remi gostava de mim, mas não de meus amigos idiotas. Mais uma vez, eu já estava começando a estragar suas noitadas bem-planejadas, como fizera no Alfredo em San Francisco, com Roland Major, em 1947.

Absolutamente fora de cogitação, Sal! — Pobre Remi, mandara confeccionar uma gravata especial para aquela noite: nela estavam impressas reproduções das entradas para o concerto, com os nomes Sal, Laura, Remi e Vicki, sua garota, junto com várias piadas fracas e alguns de seus ditados favoritos, como: “Não se pode ensinar novas melodias para um velho maestro’’.

Portanto, Dean não podia ir de carona até a cidade conosco, e a única coisa que pude fazer foi sentar-me no banco de trás do Cadillac e acenar para ele. O agente que estava ao volante também não queria nada com Dean. Esfarrapado, num sobretudo fora de moda que havia comprado numa loja de roupas usadas, especialmente para enfrentar as gélidas temperaturas do leste, virou-se e caminhou solitário pela calçada invernal, e a última visão que tive dele foi quando dobrou a esquina da Seventh Avenue, com os olhos voltados para a rua que se prolongava à sua frente, vazia e palidamente iluminada. A pobre Laura, minha garota, para quem eu havia contado tudo a respeito de Dean, quase começou a chorar.

— Ah, nós não deveríamos deixá-lo partir dessa maneira. Que faremos?

O velho Dean se foi, pensei, e disse alto e bom som: — Tudo bem, isso não é problema para ele. — E lá fomos nós assistir ao concerto triste e absurdo, para o qual, é claro, eu não tinha estômago, e o tempo inteiro fiquei pensando em Dean, que voltaria a pegar aquele trem e rodaria cinco mil quilômetros de terra medonha e colossal, sem jamais saber o motivo pelo qual viera, exceto para me ver.

Assim, na América, quando o sol se põe, eu me sento no velho e arruinado cais do rio olhando os longos, longos céus acima de Nova Jersey, e consigo sentir toda aquela terra crua e rude se derramando numa única, inacreditável e elevada vastidão, até a costa oeste, e a estrada seguindo em frente, todas as pessoas sonhando naquela imensidão, e em Iowa eu sei que agora as crianças devem estar chorando na terra onde deixam as crianças chorar, e você não sabe que Deus é a Ursa Maior? A estrela do entardecer deve estar morrendo e irradiando sua pálida cintilância sobre a pradaria, reluzindo pela última vez antes da chegada da noite completa, que abençoa a terra, escurece todos os rios,

recobre os picos e oculta a última praia, e ninguém, ninguém sabe o que vai acontecer a qualquer pessoa, além dos desamparados andrajos da velhice. Penso então em Dean Moriarty, penso no velho Dean Moriarty, o pai que jamais encontramos, penso em Dean Moriarty.

1

[1] Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

O AUTOR E SUA OBRA

Em 1957, Jack Kerouac publicava "On the road" e iniciava uma revolução cultural nos Estados Unidos. O livro tornou-se o manifesto da geração beat, *que rompia com o conformismo do* american way of life *e pregava a busca de experiências autênticas, um compromisso selvagem e espontâneo com a vida até seus mais perigosos limites. Diante de uma sociedade que aniquilava o indivíduo, os* beatniks *queriam uma consciência nova, libertada de padrões, escolhiam a marginalidade, o encontro do êxtase através das drogas, a liberdade sexual, a manifestação das angústias, a procura da aventura no contato com o outro lado da América: os vagabundos, os desesperados, a estrada que não leva a lugar nenhum.*

Jean Louis Lébris de Kerouac, um dos profetas dessa rebelião, nasceu em Lowell, Massachusetts, EUA, no dia 12 de março de 1922. Descendente de uma família de franco-canadenses, Jack Kerouac recebeu uma educação católica e, graças a suas virtudes como atleta, ganhou uma bolsa para estudar na Universidade de Colúmbia. Para Kerouac, um rapaz do interior, Nova York representou um choque pela sua sofisticação e enorme energia. No campus, conheceu o poeta Allen Ginsberg, também estudante, e William Burroughs, formado em Harvard. Os três iriam se tornar os principais representantes da geração beat.

Por intermédio de Burroughs, Kerouac tomou contato com escritores como Kafka, Céline, Spengler e Wilhelm Reich. Os três amigos passaram a conviver com a barra-pesada da Times Square, e Kerouac começou a experimentar maconha e benzedrina, vivendo parte do tempo num apartamento perto da universidade e outra parte com a família no bairro de Queens. Mas a grande influência de sua vida foi o encontro com Neal Cassady, um jovem que

vivia perambulando pelos Estados Unidos, uma espécie de libertário apocalíptico. Em 1947, Kerouac resolveu sair pelo mundo e pegou a estrada. Sobrevivia com pequenos bicos aqui e ali, buscando a companhia fraternal dos vagabundos, dos trabalhadores itinerantes, dos caroneiros e da bebida. Em 1951, concluía "On the road", com suas longas frases em que descartava o uso da pontuação. E Ned Cassady aparecia no livro transformado no personagem Dean Moriarty.

No ano anterior, Kerouac havia publicado seu primeiro romance, "The town and the city". Em seguida, vieram "The Dar mas Bums" (1958), "O subterrâneo" (1958, já traduzido), "Doctor Sax" (1959), "Lonesome traveller" (1960), "Desolate angels" (1965). Mas nenhum desses livros atingiu a repercussão e o vigor de "On the road". Para muitos críticos, Kerouac repetia-se com pequenas variações biográficas, e a sua busca de uma prosa espontânea tornara-se uma fórmula.

Esse grande rebelde existencial possuía idéias políticas conservadoras. Num de seus últimos textos, indagava-se como podia ter despertado contestadores ferozes como Allen Ginsberg, Timothy Leary e Abbie Hoffman. Kerouac foi sempre um individualista, e suas inquietações voltavam-se para a descoberta de um "eu" mais autêntico. Essa busca parece tê-lo encaminhado em direção ao budismo. Inadaptado até o fim, Kerouac isolou-se completamente nos últimos anos de sua vida. Recluso, dividia uma casa com sua mãe em St. Petersburg, na Flórida. Bebia compulsivamente, via televisão horas a fio, pintava quadros repletos de Cristos tristes e usava uma grande cruz no peito: tinha retornado à religião de sua infância, o catolicismo. A 12 de outubro de 1969, com quarenta e sete anos, Jack Kerouac morria de uma hemorragia estomacal provocada pelo excesso de bebida. No vigésimo quinto aniversário da publicação de "On the road", os grandes nomes da beat generation *como Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti, Gregory Corso, Carl Solomon, William Burroughs e Michael McClure reuniram-se na Universidade do Colorado para homenagear Kerouac, o grande companheiro de viagem. William Burroughs*

declarou: "Tudo é permitido, nada é real. O legado de Kerouac é o da ternura". Em 1972, foi publicado seu último livro, "Visions of Cody".

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups-beta.google.com/group/digitalsource